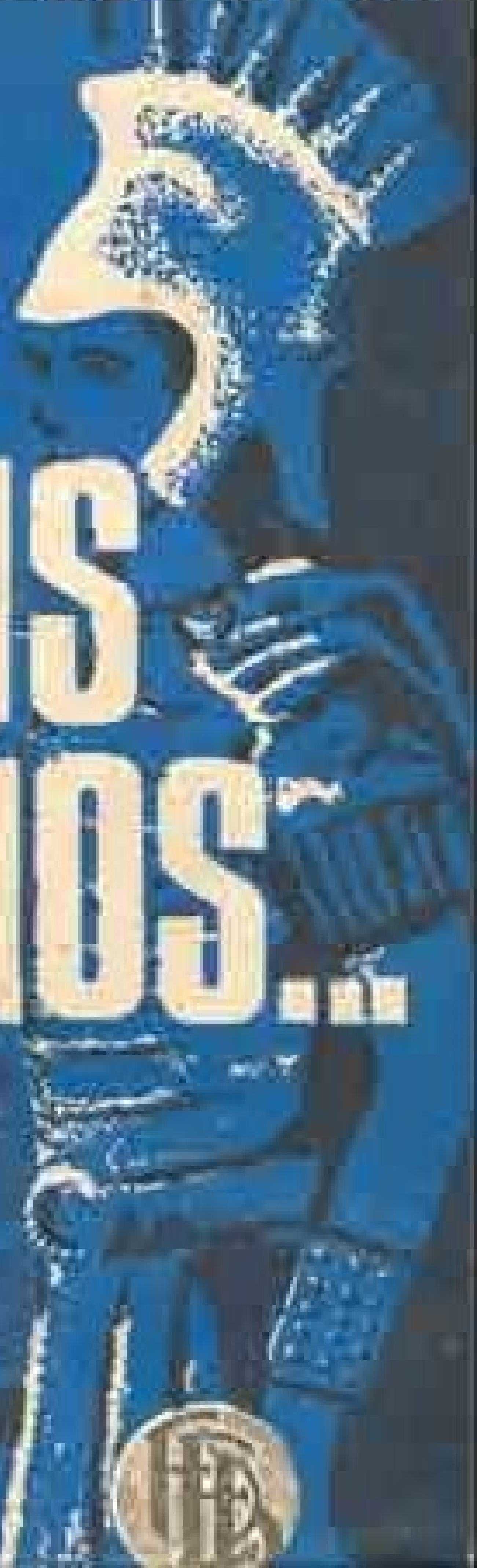
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

HÁ DOIS MIL ANOS...

romance de
EMMANUEL



Francisco Candido Xavier

Há Dois Mil Anos

(Romance de Emmanuel)

FEB

Ha Dois Mil Anos...

Salette

Produção mediunica de
FRANCISCO CANDIDO XAVIER

PARNASO DE ALÉM TUMULO
Coletanea de poesias — br. 7$; enc. .... 10$000

CRONICAS DE ALÉM TUMULO
Ditada por Humberto de Campos — br. 5$; enc. 8$000

EMMANUEL
Mensagens ditadas pelo mesmo — br. 4$; enc. 7$000

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PATRIA DO EVANGELHO
Ditado por Humberto de Campos — br. 4$; enc. 7$000

HA DOIS MIL ANOS
Romance ditado por Emmanuel — br. 7$ enc. .. 10$000

NOVAS MENSAGENS
Ditadas por Humberto de Campos — br. 4$; enc. 6$

50 ANOS DEPOIS
Romance ditado por Emmanuel — br. 7$; enc. 10$000

A CAMINHO DA LUZ
Ditado por Emmanuel — br. 4$; enc. .... 7$000

O CONSOLADOR
Ditado por Emmanuel — br. 5$; enc. .... 8$000

BÔA NOVA
Ditado por Humberto de Campos

NOTA — Os pedidos do interior devem ser feitos acompannados da respectiva importancia e mais o porte (1 livro 1$; diversos $500 por volume); ou então pelo Serviço de Reembolso, que significa o pagamento da encomenda sómente no áto de retira-la do correio.

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

HA DOIS MIL ANOS...

Romance de Emmanuel

2ª Edição — 5 a 10 Milhares

1941

Livraría Editora da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro — Brasil

Francisco Cândido Xavier

Há dois mil anos...

Romance
de
EMMANUEL

*

Ao caro Wantuil, com a imensa gratidão e profunda amizade de todos os dias.
Chico
Pedro Leopoldo, 14-10-58

7ª EDIÇÃO

Do 48º ao 55º milhar

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Departamento Editorial)
Rua Figueira de Melo, 410 e Avenida Passos, 30
Rio de Janeiro

Imp. Of. "Reformador"

ÍNDICE

NA INTIMIDADE DE EMMANUEL

AO LEITOR

Leitor, antes de penetrares o limiar desta história, é justo apresentemos à tua curiosidade algumas observações de Emmanuel, o ex-senador Públio Lentulus, descendente da orgulhosa "gens Cornélia", recebidas dêsse generoso espírito, na intimidade do grupo de estudos espiritualistas de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais.

Através destas observações ficarás conhecendo as primeiras palavras do autor, a respeito desta obra, e suas impressões mais íntimas, no curso do trabalho, que foi levado a efeito de 24 de outubro de 1938 a 9 de fevereiro de 1939, segundo as possibilidades de tempo do seu médium e sem perturbar as outras atividades do próprio Emmanuel, junto aos sofredores que frequentemente o procuram, e junto ao esfôrço de propaganda do espiritismo cristão na Pátria do Cruzeiro.

Em 7 de setembro de 1938, afirmava êle em pequena mensagem íntima aos seus amigos incarnados: —

> — "Algum dia, se Deus mo permitir, falar-vos-ei do orgulhoso patrício Públio Lentulus, afim de algo aprenderdes nas dolorosas experiências de uma alma indiferente e ingrata.
>
> Esperemos o tempo e a permissão de Jesús."

Emmanuel não esqueceu a sua promessa. Com efeito, em 21 de outubro do mesmo ano, voltava a recordar, em outro comunicado familiar:

— "Se a bondade de Jesús nos permitir, iniciaremos o nosso esfôrço, dentro de alguns dias, esperando eu a possibilidade de grafarmos as nossas lembranças do tempo em que se verificou a passagem do Divino Mestre, sôbre a face da Terra.

Não sei se conseguiremos tão bem, quanto desejamos, semelhante intento. De antemão, todavia, quero assinalar minha confiança na misericórdia do Nosso Pai de Infinita Bondade."

De fato, em 24 de outubro referido, recebia o médium Xavier a primeira página dêste livro e a 25 do mesmo mês, Emmanuel voltava a dizer: —

— "Iniciamos, com o amparo de Jesús, mais um despretencioso trabalho. Permita Deus que possamos levá-lo a bom termo.

Agora verificareis a extensão de minhas fraquezas no passado, sentindo-me, porém, confortado em aparecer com toda a sinceridade do meu coração, ante o plenário de vossas conciências. Orai comigo, pedindo a Jesús para que eu possa completar êsse esfôrço, de modo que o plenário se dilate, além do vosso meio, afim de que a minha confissão seja um roteiro para todos."

Durante todo o esfôrço de psicografia, o autor dêste livro não perdeu ensejo de ensinar a humildade e a fé a quantos o acompanham. Em 30 de dezembro de 1938, comentava, em nova mensagem íntima:

— "Agradeço, meus filhos, o precioso concurso que me vindes prestando. Tenho-me esforçado, quanto possível, para adaptar uma história tão antiga ao sabor das expressões do mundo moderno, mas, em relatando a verdade, somos levados a penetrar, antes de tudo, na essência das cousas, dos fatos e dos ensinamentos.

Para mim essas recordações têm sido muito suaves, mas também muito amargas. Suaves pela rememoração das lembranças amigas, mas profundamente dolorosas, considerando o meu coração empedernido, que não soube aproveitar o minuto radioso que soara no relógio da minha vida de espírito, ha dois mil anos.

Permita Jesús que eu possa atingir os fins a que me propús apresentando nêsse trabalho, não uma lembrança interessante acêrca de minha pobre personalidade, mas tão somente uma experiência para os que hoje trabalham na semeadura e na seara do Nosso Divino Mestre."

De outras vezes, Emmanuel ensinava aos seus companheiros incarnados a necessidade de nossa ligação espiritual com Jesús, no desempenho de todos os trabalhos. No dia 4 de janeiro de 1939, grafava êle esta prece, em comunicado íntimo, ainda com respeito às suas memórias do passado remoto:

— "Jesús, Cordeiro Misericordioso do Pai de todas as graças, são passados dois mil anos e minha pobre alma ainda revive os seus dias amargurados e tristes!...

Que são dois milênios, Senhor, no relógio da Eternidade?

Sinto que a tua misericórdia nos responde em suas ignotas profundezas... Sim, o tempo é o grande tesouro do homem e vinte séculos, como vinte existências diversas, podem ser vinte dias de provas, de experiências e de lutas redentoras.

Só a tua bondade é infinita! Somente a tua misericórdia pode abranger todos os séculos e todos os sêres, porque em Ti vive a gloriosa síntese de toda a evolução terrestre, fermento divino de todas as culturas, alma sublime de todos os pensamentos.

Diante de meus pobres olhos, desenha-se a

velha Roma dos meus pesares e das minhas quedas dolorosas... Sinto-me ainda envolto na miséria de minhas fraquezas e contemplo os monumentos das vaidades humanas... Expressões políticas, variando nas suas características de liberdade e de fôrça, detentores da autoridade e do poder, senhores da fortuna e da inteligência, grandezas efémeras que perduram apenas por um dia fugaz!... Tronos e púrpuras, mantos preciosos das honrarias terrestres, togas da falha justiça humana, parlamentos e decretos supostos irrevogáveis!... Em silêncio, Senhor, viste a confusão que se estabelecera entre os homens inquietos e, com o mesmo desvelado amor, salvaste sempre as criaturas no instante doloroso das ruínas supremas... Déste a mão misericordiosa e imaculada aos povos mais humildes e mais frágeis, confundiste a ciência mentirosa de todos os tempos, humilhaste os que se consideravam grandes e poderosos!...

Sob o teu olhar compasivo, a morte abriu suas portas de sombra e as falsas glórias do mundo foram derruidas no torvelinho das ambições, reduzindo-se todas as vaidades a um acêrvo de cinzas!...

Ante minhalma surgem as reminiscências das construções elegantes das colinas maravilhosas; vejo o Tibre que passa, recolhendo os detritos da grande Babilônia imperial, os aquedutos, os mármores preciosos, as térmas que pareciam indestrutíveis... Vejo ainda as ruas movimentadas, onde uma plebe miserável espera as graças dos grandes senhores, as esmolas de trigo, os fragmentos de pano para resguardarem do frio a nudez da carne.

Regorgitam os circos... Ha uma aristocracia do patriciado observando as provas elegantes do Campo de Marte e, em tudo, nas vias mais humildes até os palácios mais suntuosos, fala-se de César, o Augusto!...

Dentro dessas recordações, eu passo, Senhor, entre farraparias e esplendores, com o meu orgulho miserável! Dos véus espessos de minhas sombras, também eu não te podia ver, no Alto, onde guardas o teu sólio de graças inexgotáveis...

Enquanto o grande Império se desfazia, em suas lutas inquietantes, trazias o teu coração no silêncio e, como os outros, eu não percebia que vigiavas!

Permitiste que a Babél romana se levantasse muito alto, mas, quando viste que se ameaçava a própria estabilidade da vida no planeta, disseste: — "Basta! São vindos os tempos de operar-se na seara da Verdade!" E os grandes monumentos, como as estátuas dos deuses antigos, rolaram de seus pedestais maravilhosos! Um sôpro de morte varreu as regiões infestadas pelo virus da ambição e do egoísmo desenfreado, despovoando-se, então, a grande metrópole do pecado. Ruiram os circos formidandos, caíram os palácios, enegreceram-se os mármores luxuosos...

Bastou uma palavra tua, Senhor, para que os grandes senhores voltassem às margens do Tibre, como escravos misérrimos!... Perambulamos, assim, dentro da nossa noite, até o dia em que uma nova luz brotava em nossas conciências. Foi preciso que os séculos passassem, para aprendermos as primeiras letras de tua ciência infinita, de perdão e de amor!...

E aquí estamos, Jesús, para louvar-te a grandeza! Dá que possamos recordar-te em cada passo, ouvir-te a voz em cada som distraído do caminho, para fugirmos da sombra dolorosa!... Estende-nos as tuas mãos e fala-nos ainda do teu Reino!... Temos uma sêde imensa daquela água eterna da vida que figuraste no ensinamento à Samaritana...

Exército de operários do teu Evangelho,

> nós nos movemos sob as tuas determinações suaves e sacrossantas! Ampara-nos, Senhor, e não nos retires dos ombros a cruz luminosa e redentora, mas ajuda-nos a sentir, nos trabalhos de cada dia, a luz eterna e imensa do teu Reino de paz, de concórdia e de sabedoria, em nossa estrada de luta, de solidariedade e de esperança!..."

Em 8 de fevereiro último, véspera do término da recepção dêste livro, agradecia Emmanuel o concurso de seus companheiros incarnados, em comunicado familiar, do qual destacamos algumas frases:

> — "Meus amigos, Deus vos auxilie e recompense. O nosso modesto trabalho está a terminar. Poucas páginas lhe restam e eu vos agradeço de coração.
>
> Reencontrando os espíritos amigos das épocas mortas, sinto o coração satisfeito e confortado, em verificando a dedicação de todos ao firme pensamento de evolução, para a frente e para o alto, pois não é sem uma razão de ser que hoje laboramos na mesma oficina de esfôrço e boa vontade.
>
> Jesús ha de recompensar a quota de esfôrço amigo e sincero que me prestastes e que a sua infinita misericórdia vos abençôe é a minha oração de sempre."

Aquí ficam algumas das anotações íntimas de Emmanuel, fornecidas na recepção dêste livro. A humildade dêsse generoso espírito vem demonstrar que no plano invisível ha também necessidade de esfôrço proprio, de paciência e de fé para as realizações.

As notas familiares do autor são um convite para que todos nós saibamos orar, trabalhar e esperar em Jesús Cristo, sem desfalecimentos na luta que a bondade divina oferece-nos para o nosso resgate, no caminho da redenção.

Pedro Leopoldo, 2 de março de 1939.

HA DOIS MIL ANOS...

PRIMEIRA PARTE

I

DOIS AMIGOS

Os últimos clarões da tarde haviam caído sôbre o casario romano.

As águas do Tibre, ladeando o Aventino, deixavam retratados os derradeiros reflexos do crepúsculo, enquanto nas ruas estreitas passavam liteiras apressadas, sustidas por escravos musculosos e lépidos.

Nuvens pesadas amontoavam-se na atmosfera, anunciando aguaceiros próximos e as últimas janelas das residências particulares e coletivas fechavam-se, com estrépito, ao sôpro forte dos primeiros ventos da noite.

Entre as construções elegantes e sóbrias, que exibiam mármores preciosos, no sopé da colina, um edifício havia que reclamava a atenção do forasteiro pela singularidade das suas colunas severas e majestosas. Uma vista de olhos ao seu exterior indicava a posição do proprietário, dado o aspecto caprichoso e imponente.

Era, de fato, a residência do senador Públio Lentulos Cornelius, homem ainda moço, que, à maneira da época, exercia no Senado funções legislativas e judiciais, de acôrdo com os direitos que lhe competiam, como descendente de antiga família de senadores e cônsules da República.

O Império, fundado com Augusto, havia limitado os

poderes senatoriais, cujos detentores não exerciam nenhuma influência direta nos assuntos privativos do govêrno imperial, mas mantivera a hereditariedade dos títulos e dignidades das famílias patrícias, estabelecendo as mais nítidas linhas de separação das classes, na hierarquia social.

São sete horas da noite de um dia de maio de 31 da nossa éra. Públio Lentulus, em companhia do seu amigo Flamínio Severus, reclinado no triclínio, termina o jantar, enquanto Lívia, a espôsa, expede ordens domésticas a uma jóvem escrava etrusca.

O anfitrião era um homem relativamente jóvem, aparentando menos de trinta anos de idade, não obstante o seu perfil orgulhoso e austero, aliado á túnica de ampla barra purpúrea, que impunha certo respeito a quantos se lhe aproximavam, contrastando com o amigo que, revestindo a mesma indumentária de senador, deixava entrever idade madura, iluminada de cãs precoces, em penhor, de bondade e experiência da vida.

Deixando a jóvem senhora entregue aos cuidados domésticos, ambos se dirigiram ao peristilo, por buscarem um pouco de oxigênio da noite cálida, embora o aspécto ameaçador do firmamento denunciasse chuva iminente.

— "A verdade, meu caro Públio — exclamava Flamínio, pensativo — é que te consomes a olhos vistos. Trata-se de uma situação que precisa modificar-se sem perda de tempo. Já recorreste a todos os facultativos no caso de tua filhinha?

— "Infelizmente — retorquia o patrício com amargura — já lancei mão de todos os recursos ao nosso alcance. Ainda nêstes últimos dias, minha pobre Lívia levou-a a distrair-se em nossa vivenda do Tibur, procurando um dos melhores médicos da cidade, que afirmou tratar-se de um caso sem solução na ciência dos nossos dias. O facultativo não chegou a positivar o diagnóstico, certamente em razão da sua comiseração pela doentinha e pelo nosso paternal desespêro; mas, segundo nossas observações, acreditamos que o médico de Tibur presume tratar-se de um caso de lepra.

— Semelhante presunção é atrevida e absurda!

— Entretanto, se podemos estabelecer uma dúvida com relação aos nossos antepassados, sabes que Roma está cheia de escravos de todas as regiões do mundo e são êles o instrumento de nossos trabalhos de cada dia.

— E' verdade... — concordou Flamínio com amargura.

Um laivo de perspectivas sombrias transparecia na fronte dos dois amigos, enquanto as primeiras gôtas de chuva satisfaziam a sêde das roseiras floridas, que enfeitavam as colunas graciosas e claras.

— E o pequeno Plínio? — perguntou Públio, como desejoso de proporcionar novo rumo á conversação.

— Êsse, como sabes, continúa sadío, demonstrando ótimas disposições. Calpúrnia atrapalha-se, a cada momento, para satisfazer-lhe os caprichos dos doze anos incompletos. Ás vezes, é voluntarioso e rebelde, contrariando as observações do velho Parménides, só se entregando aos exercícios da ginástica quando muito bem lhe apraz; no entanto, tem grande predileção pelos cavalos. Imagina que, num momento de irreflexão própria da idade, burlando toda a vigilância do irmão, concorreu a uma tirada de bigas realizada nos treinos comuns de um estabelecimento esportivo do Campo de Marte, obtendo um dos lugares de maior destaque. Quando contemplo meus dois filhos, lembro-me sempre da tua pequena Flávia Lentulia, porque bem sabes dos meus propósitos para o futuro, no sentido de estreitar os antigos laços que prendem as nossas famílias.

Públio ouvia o amigo, calado, como se a inveja lhe espicaçasse o coração carinhoso de pai.

— Todavia — revidou — apesar de nossos projétos, os áugures não favorecem nossas esperanças, porque a verdade é que a minha pobre filha, com todos os nossos cuidados, parece mais uma dessas infelizes criaturinhas atiradas ao Velabro.

— Contudo, confiemos na magnanimidade dos deuses...

— Dos deuses? — repetiu Públio com mal disfarçado desalento. A propósito dêsse recurso imponderável,

tenho escogitado mil teorias no cérebro fervilhante. Ha tempos, em visita á tua casa, tive ocasião de conhecer mais intimamente o teu velho liberto grego. Parménides falou-me da sua mocidade e permanência na Índia, dando-me conta das crenças hindús, com as suas cousas misteriosas da alma. Acreditas que cada um de nós possa regressar, depois da morte, ao teatro da vida, em outros corpos?

— De modo algum — replicou Flamínio energicamente — Parménides, não obstante o seu carater precioso, leva muito longe as suas divagações espirituais.

— Entretanto, meu amigo, começo a pensar que êle tem razão. Como poderiamos explicar a diversidade da sorte nêste mundo? Por que a opulência dos nossos bairros aristocráticos e as misérias do Esquilino? A fé no poder dos deuses não consegue elucidar êsses problemas torturantes. Vendo minha desventurada filhinha com a carne dilacerada e apodrecida, sinto que o teu escravo está com a verdade. Que teria feito a pequena Flávia, nos seus sete anos incompletos, para merecer tão horrendo castigo das potências celestiais? Que alegria poderiam encontrar as nossas divindades nos soluços de uma criança e nas lágrimas dolorosas que nos calcinam o coração? Não será mais compreensível e aceitável que tenhamos vindo de longe com as nossas dívidas para com os poderes do Céu?

Flamínio Severus meneou a cabeça, como quem deseja afastar uma dúvida, mas, retomando o seu aspécto habitual, obtemperou com firmeza:

— Fazes mal em alimentar semelhantes conjeturas no teu fôro íntimo. Nos meus quarenta e cinco anos de existência não conheço crenças mais preciosas do que as nossas, no culto venerável dos antepassados. E' preciso considerares que a diversidade das posições sociais é um problema oriundo da nossa arregimentação política, a única que estabeleceu uma divisão nítida entre os valores e os esforços de cada um, em face da miséria espiritual dos outros povos; quanto á questão dos sofrimentos, convem lembrar que os deuses podem experimentar nossas virtudes morais, com as maiores amea-

ças á enfibratura do nosso ânimo, sem que necessitemos adotar os absurdos princípios dos egípcios e dos gregos, princípios, aliás, que já os reduziram ao aniquilamento e ao cativeiro. Já ofereceste algum sacrifício no templo, depois de tão angustiosas dúvidas?

— Tenho sacrificado aos deuses, segundo os nossos hábitos, — respondeu Públio compungidamente — e ninguém mais que eu se orgulha das gloriosas virtudes de nossas tradições familiares. Entretanto, minhas observações não surgem tão somente a propósito da filhinha. Ha muitos dias, ando torturado com o espantoso enigma de um sonho.

— Um sonho? Como pode a fantasia modificar, dêsse modo, o valor de um patrício?

Públio Lentulus recebeu a pergunta mergulhado em profundas cismas. Seus olhos parados presumiam devorar uma paisagem que o tempo distanciara no transcurso dos anos.

A chuva, agora, em bategas pesadas, caía continuadamente, fazendo os mais fortes transbordamentos do implúvio e representando-se na piscina que enfeitava o páteo do peristilo.

Os dois amigos haviam-se recolhido a um largo banco de mármore, reclinando-se nos estofos orientais que o forravam, prosseguindo na palestra amistosa.

— Sonhos ha, — prosseguiu Públio — que se distinguem da fantasia, tal a sua expressão de realidade irretorquível.

Voltava eu de uma reunião no Senado, onde havia-mos discutido um problema de profunda delicadeza moral, quando me sentí presa de inexplicável abatimento.

Recolhí-me cêdo e, quando parecia divisar, junto de mim a imagem de Témis, que guardamos no altar doméstico, considerando as singulares obrigações de quem exerce as funções da justiça sentí que uma fôrça extraordinária selava-me as palpebras cançadas e doloridas. No entanto, via outros lugares, reconhecendo paisagens familiares ao meu espírito, das quais me havia esquecido inteiramente.

Realidade ou sonho, não o sei dizer, mas vi-me reves-

tido das insignias de cônsul, ao tempo da República. Parecia-me haver retrocedido á época de Lúcio Sergius Catilina, pois via-o ao meu lado, bem como a Cícero, que se me figuravam duas personificações, do mal e do bem. Sentia-me ligado ao primeiro através de laços fortes e indestrutíveis, como se estivesse vivendo a época tenebrosa da sua conspiração contra o Senado e participando, com êle, da trama ignominiosa que visava a mais íntima organização da República. Prestigiava-lhe as intenções criminosas, aderindo a todos os seus projéctos com a minha autoridade administrativa, assumindo a direção de reuniões secretas, onde decretei assassinatos nefandos... Num relâmpago, reviví toda a tragédia, sentindo que minhas mãos estavam nodoadas do sangue e das lágrimas dos inocentes. Contemplei, atemorizado, como se estivesse regressando involuntariamente a um pretérito obscuro e doloroso, a rede de infâmias perpetradas com a revolução em boa hora esmagada pela influência de Cícero, e o detalhe mais terrível é que eu havia assumido um dos papéis mais importantes e salientes na ignominia... Todos os quadros hediondos do tempo passaram, então, á frente dos meus olhos espantados e ensandecidos...

Todavia, o que mais me humilhava nessas visões do passado culposo, como se a minha personalidade atual se envergonhasse de semelhantes reminiscências, é que me prevalecia da autoridade e do poder para, aproveitando a situação, exercer as mais acerbas vinganças contra inimigos pessoais, contra quem expedia ordens de prisão, sob acusações mais terríveis. E, ao meu coração desalmado não bastava o recolhimento dos inimigos aos calabouços infectos, com a consequente separação dos afétos mais raros e mais doces, da família. Ordenei a execução de muitos na escuridão da noite, acrescendo a circunstância de que a muitos adversários políticos mandei arrancar os olhos, na minha presença, contemplando-lhes os tormentos com a frieza brutal das vindítas cruéis!... Ai de mim, que espalhava a desolação e a desventura em tantas almas, porque um dia, os oprimidos se lembraram de eliminar o verdugo cruél!

Depois de toda a série de escândalos que me afastaram do Consulado, sentí o término dos meus átos infames e misérrimos, frente á turba inconciente e furiosa, que me condenou ao terrível suplício do estrangulamento, experimentando, então, todos os tormentos e as angústias da morte...

O mais interessante, porém, é que reví o inenarrável instante da minha passagem pelas águas escuras do Aqueronte, quando me parecia haver descido aos lugares sombrios do Averno, onde não penetram as claridades dos deuses. A grande multidão de vítimas acercou-se, então, de minhalma angustiada e sofredora, reclamando justiça e reparação e rebentando em clamores e soluços que me pareciam no recóndito do coração.

Por quanto tempo estive, assim, prisioneiro dêsse martírio indefinível? Não sei dizê-lo. Apenas me recordo haver lobrigado a figura celeste de Lívia, que, no seio dêsse turbilhão de pavores, estendia-me as mãos fúlgidas e carinhosas.

Figurava-se que minha espôsa era-me familiar de épocas remotissimas porque não hesitei um instante em lhe tomar as mãos suaves, que me conduziram a um tribunal onde se alinhavam figuras estranhas e venerandas. Cãs respeitáveis aureolavam o semblante sereno dêsses juizes do céu, emissários dos deuses para o julgamento dos homens da terra. A atmosfera caracterizava-se por uma estranha leveza, cheia de luzes cariciosas que iluminavam, perante todos os presentes, os meus pensamentos mais secretos.

Lívia devia ser o meu anjo-tutelar nêsse conselho de magistrados intangíveis, porque a sua dextra pairava sôbre a minha cabeça, como a impôr-me resignação e serenidade, afim de ouvir as sentenças supremas.

Desnecessário será dizer-te do meu espanto e do meu receio, diante dêsse tribunal que eu desconhecia, quando a figura daquele que me pareceu a sua autoridade central dirigiu-me a palavra, exclamando:

— Públio Lentulus, a justiça dos deuses, na sua misericórdia, determina a tua volta ao turbilhão das

lutas do mundo, para que laves as nódoas de tuas culpas nos prantos remissores. Viverás numa época de maravilhosos fulgores espirituais, lutando com todas as provações e dificuldades, não obstante o berço de ouro que te receberá ao renasceres, afim-de que edifiques a tua conciência denegrida nas dores que purificam e regeneram!... Feliz de ti se bem souberes aproveitar a oportunidade bendita da rehabilitação pela renúncia e pela humildade... Hemos determinado que serás poderoso e rico, para que o teu desprendimento dos caminhos humanos seja mais valioso para os teus mentores espirituais, no instante preciso. Terás a inteligência e a saúde, a fortuna e a autoridade, como ensanchas á regeneração integral de tua alma, porque chegará um momento em que serás compelido a desprezar todas as riquezas e todos os valores sociais, se bem souberes preparar o coração para a nova senda de amor e humildade, de tolerância e perdão, que será rasgada, em breves anos, á face escura da Terra!... A vida é um jôgo de circunstâncias que todo o espírito deve entrosar para o bem, no mecanismo do seu destino. Aproveita, pois, essas possibilidades que a misericórdia dos deuses coloca ao serviço da tua redenção. Não desprezes o chamamento da verdade, quando soar a hora do testemunho e das renúncias santificadoras... Lívia seguirá contigo pela via dolorosa do aperfeiçoamento, e nela encontrarás o braço amigo e protetor para os dias de provações ríspidas e acerbas. O essencial é a tua firmeza de ânimo no caminho escabroso, purificando a tua fé e as tuas obras, na reparação do passado delituoso e obscuro!...

Á essa altura, a voz altiva do patrício ia-se tornando angustiada e dolorosa. Amargas comoções íntimas represavam-se-lhe no coração, atormentado por incoercível desalento.

Flamínio Severus ouvia-o com interêsse e atenção, rebuscando o meio mais fácil de lhe desvanecer impressões tão penosas. Sentia ímpetos de desviar-lhe o curso dos pensamentos, arrancando-lhe o espírito daquele mundo de emoções impróprias da sua formação intelectual, apelando para a sua educação e para o seu

orgulho; mas, ao mesmo tempo, não conseguia sopitar as próprias dúvidas íntimas, em face daquele sonho cuja nitidez e aspécto de realidade o deixavam aturdido. Compreendia que era necessário restabelecer o seu próprio ânimo fraterno, entendendo que a lógica da brandura deveria ser o escudo de suas palavras, para esclarecimento do amigo que êle mais considerava um irmão.

Foi assim que, pousando a mão esguia e branca nos seus ombros, perguntou com amável doçura:

— E depois, que mais viste?

Públio Lentulus, sentindo-se compreendido, recobrou energias novas e continuou:

— Depois das exortações daquele juiz severo e venerando, não mais lobriguei o vulto de Lívia a meu lado, mas, outras criaturas graciosas, envolvidas em pépluns que me pareciam de neve translúcida, confortando-me o coração com os seus sorrisos acolhedores e bondosos.

Atendendo-lhes ao apêlo carinhoso, sentí que meu espírito regressava á Terra.

Observei Roma, que já não era bem a cidade do meu tempo; um sôpro de beleza estava reconstituindo a sua parte antiga, porque notei a existência de novos circos, teatros suntuosos, térmas elegantes e palácios encantadores, que meus olhos não haviam conhecido antes.

Tive ocasião de ver meu pai entre os seus papiros e pergaminhos, estudando os processos do Senado, tal qual se verifica hoje conosco e, depois de implorar a bênção dos deuses, no altar doméstico de nossa casa, experimentei uma sensação de angústia no recesso de minhalma. Pareceu-me haver sofrido dolorosa comoção cerebral e fiquei adormentado numa vertigem indefinível...

Não sei descrever literalmente o que se passou, mas despertei com febre alta, como se aquela digressão do pensamento pelos mundos de Morfeu me houvesse trazido ao corpo dolorosa sensação de cansaço.

Ignoro o teu julgamento, em face desta confidência amargurada e penosa, mas desejaria me explicasses algo a respeito.

— Explicar-te? — obtemperou Flamínio tentando imprimir á voz uma tonalidade de convicção enérgica. Bem sabes do respeito que me inspiram os áugures do tempo, mas, afinal, o que te ocorreu não pode passar, simplesmente, de um sonho e não ignoras como devemos temer a fantasia dentro de nossas perspectivas de homens práticos. Por sonharem excessivamente os atenienses ilustres, transformaram-se em escravos misérrimos, constituindo uma obrigação de nossa parte o reconhecimento da bondade dos deuses que nos concederam o senso da realidade, necessário ás nossas conquistas e triunfos. Seria lícito renunciasses ao amor de ti mesmo e á posição de tua família, tão somente levado pela fantasia?

Públio deixou que o amigo discorresse abundantemente sôbre o assunto, recebendo-lhe as exortações e conselhos, mas, depois, tomando-lhe as mãos generosas, exclamou angustiado:

— Meu amigo, eu seria indigno da magnanimidade dos deuses se me deixasse conduzir ao sabor dos acontecimentos. Um simples sonho não me daria margem a tão dolorosas conjeturas, mas a verdade é que ainda te não disse tudo.

Flamínio Severus franziu o sobrolho, rematando:

— Ainda não disseste tudo? Que significam estas afirmativas?

No seu íntimo generoso, uma dúvida angustiosa fôra já implantada com a descrição detalhada daquele sonho impressionante e doloroso, e era com largo esfôrço que o seu coração fraternal trabalhava por ocultar ao amigo as penosas emoções que intimamente o atormentavam.

Públio, mudo, tomou-lhe do braço, conduzindo-o ás galerias do toblínio localizado a um canto do peristilo, nas proximidades do altar doméstico, onde oficiavam os afétos mais puros e mais santos da família.

Os dois amigos penetraram o escritório e a sala do arquivo com profundo sinal de respeitoso recolhimento.

A um canto, dispunham-se em ordem numerosos pergaminhos e papiros, enquanto que, nas galerias

avultavam retratos de cêra, de antepassados e avoengos da família.

Públio Lentulus tinha os olhos húmidos e voz trêmula, como se profundas emoções o dominassem naquelas circunstâncias. Aproximando-se de uma imagem de cêra, entre as muitas que aí se enfileiravam, chamou a atenção de Flamínio com uma simples palavra:

— Reconheces?

— Sim, — respondeu-lhe o amigo estremecendo — reconheço esta efigie. Trata-se de Públio Lentulus Sura, teu bisavô paterno, estrangulado ha quasi um século, na revolução de Catilina.

— Faz precisamente noventa e quatro anos que o pai de meu avô foi eliminado nessas tremendas circunstâncias — exclamou Públio com énfase, como quem está de posse de toda a verdade. Repara bem os traços desta figura para verificares a semelhança perfeita que existe entre mim e êsse longínquo antepassado. Não estaria aqui a chave do meu sonho doloroso?

O nobre patrício observou a notável identidade de traços fisionómicos daquela efígie morta com o semblante do amigo presente. Suas vacilações atingiram o auge, em face daquelas demonstrações alucinantes. Ia elucidar o assunto, encarecendo a questão da linhagem e da hereditariedade, mas o interlocutor, como se adivinhasse os mínimos detalhes de suas dúvidas, antecipou o julgamento, exclamando:

— Eu também participei de todas as hesitações que ferem o teu raciocínio, lutando contra a razão, antes de aceitar a tése de nossas conversações desta noite. A semelhança pela imagem, ainda a mais extrema, é natural e é possível; isso, porém, não me satisfaz plenamente. Expedi, nestes últimos dias, um dos servos de nossa casa, á Taormina, em cujas adjacências possuimos uma antiga habitação, onde se guardava o arquivo do extinto, que fiz transportar para aqui.

E num movimento de quem estava certo de todos os seus conceitos, revirava nas mãos nervosas vários documentos, exclamando:

— Repara êstes papiros! São notas de meu bisaxô,

acêrca dos seus projétos no Consulado. Encontrei nêste acervo de pergaminhos diversas minutas de sentenças de morte, as quais já havia observado nas minhas digressões do sonho inexplicável... Confronta estas letras! Não se parecem com as minhas? Que desejaríamos mais, além destas provas caligráficas? Ha muitos dias, vivo êste obscuro dilema no íntimo do coração... Serei eu Públio Lentulus Sura, reincarnado?

Flamínio Severus deixou pender a fronte, com indisfarçável inquietação e indizível amargura.

Numerosas haviam sido as provas da lucidez e da lógica do amigo. Tudo conspirava para que o seu castelo de explicações desmoronasse, fragorosamente, diante dos fatos consumados, mas procuraria novas fôrças, afim-de salvaguardar o patrimônio das crenças e tradições dos seus maiores, tentando esclarecer o espírito do companheiro de tantos anos.

— Meu amigo, — murmurou, abraçando-o — concordo contigo, em face dêstes acontecimentos alucinantes. O fato é dos que empolgam o espírito mais frio, mas não podemos arriscar nossas responsabilidades no rumo incerto das primeiras impressões. Se êle nos parece a realidade, existem as realidades imediatas e positivas, aguardando o nosso concurso ativo. Considerando as tuas ponderações e acreditando mesmo na veracidade do fenômeno, não acredito devamos mergulhar o raciocínio nêstes assuntos misteriosos e transcendentes. Sou avêsso a essas perquirições, certamente em virtude das minhas experiências da vida prática. Concordando, de modo geral, com o teu ponto de vista, recomendo-te não estendê-lo além do círculo de nossa intimidade fraternal, mesmo porque, não obstante a propriedade de conceitos com que me dás testemunho da tua lucidez, sinto-te cançado e abatido nêsse torvelinho de trabalhos do ambiente doméstico e social.

Fez uma pausa nas suas observações comovidas, como quem raciocinasse procurando um recurso eficaz para remediar a situação, e exclamou com doçura:

— Poderias descançar um pouco na Ásia Menor, levando a família para essa estação de repouso.

Existem alí regiões de clima adorável, que operariam, talvez, a cura de tua filhinha, restabelendo simultaneamente as tuas fôrças orgânicas. Quem sabe? Esquecerias o tumulto da cidade, regressando mais tarde ao nosso meio, com energias novas. O atual Procônsul da Judéia é nosso amigo. Poderiamos harmonizar vários problemas do nosso interêsse e de nossas funções, porquanto não me será difícil obter do Imperador uma dispensa dos teus trabalhos no Senado, de modo a continuares recebendo os subsídios do Estado enquanto permaneceres na Judéia. Que julgas a respeito? Poderias partir tranquilo, pois eu tomaria a meu cargo a direção de todos os teus negócios em Roma, zelando pelos teus interêsses e pelas tuas propriedades.

Públio deixou transparecer no olhar uma chama de esperança e como quem estivesse examinando, intimamente, todas as razões favoráveis ou contrárias á execução do projéto, ponderou:

— A idéia é providencial e generosa, mas a saúde de Lívia não me autoriza a tomar uma resolução pronta e definitiva.

— Por que?"

— Esperamos, para breve o segundo rebento do nosso lar.

— E quando esperas êsse advento?

— Dentro de seis mêses.

— Interessa-te a viagem depois do inverno próximo?

— Sim.

— Pois bem: estarás, então, na Ásia Menor, precisamente daqui a um ano.

Os dois amigos reconheceram que a palestra havia sido longa.

Cessára o aguaceiro. O firmamento esplendia de constelações lavadas e límpidas.

Iniciara-se já o tráfego das carroças barulhentas, gritos pouco amáveis dos seus condutores, porque na Roma imperial as horas do dia eram reservadas, de modo absoluto, ao tráfego dos palanquins patrícios e ao movimento dos pedestres.

Flamínio despediu-se comovidamente do amigo, re-

tomando a liteira suntuosa, com o auxílio dos seus escravos decididos e hercúleos.

Públio Lentulus tão logo se viu só, encaminhou-se ao terraço onde corriam céleres as brisas da noite alta.

A' claridade do luar opulento, contemplou o casario romano espalhado pelas colinas sagradas da cidade gloriosa. Espraiou os olhos na paisagem noturna, considerando os problemas profundos da vida e da alma, deixando pender a fronte, entristecido. Incoercível tristeza dominava-lhe o coração voluntarioso e sensível, enquanto uma onda de amor próprio e de orgulho lhe sopitava as lágrimas íntimas, do coração atormentado por angustiosos e doloridos pensamentos.

II

UM ESCRAVO

Desde os primeiros tempos do Império, a mulher romana havia-se entregado á dissipação e ao luxo excessivo, em detrimento das obrigações santificadoras do lar e da família.

A facilidade na aquisição de escravos empregados nos serviços mais grosseiros como nos mais elevados mistéres de ordem doméstica, inclusive os da própria educação e instrução, havia determinado grande quéda moral no equilíbrio das famílias patrícias, porquanto, a disseminação dos artigos de luxo vindos do Oriente, aliada á ociosidade, amolecera as fibras de energia e de trabalho das matronas romanas, encaminhando-as para as frivolidades da indumenta, para as intrigas amorosas, a preludiar a mais completa desorganização da família no esquecimento de suas tradições mais apreciáveis.

Contudo, algumas casas haviam resistido heroicamente a essa invasão de fôrças perversoras e criminosas.

Mulheres havia, no tempo, que se orgulhavam do padrão das antigas virtudes familiares, de quantas as

haviam antecedido no labor construtivo das gerações de tantas almas sensíveis e nobres.

As espôsas de Públio e Flamínio eram dêsse número. Criaturas inteligentes e valorosas, ambas fugiam da onda corrutôra da época, representando dois simbolos de bom-senso e simplicidade.

As últimas expressões do inverno já haviam desaparecido, no ano de 32, entornando pela terra, quente e alegre, uma taça imensa de perfumes e de flores.

Num dia claro e ensolarado, vamos encontrar Lívia e Calpurnia, na residência da primeira, em amável palestra, enquanto dois rapazelhos desenham, distraídamente, a um canto da sala.

As duas senhoras organizam aprestos de viagem, corrigindo defeitos de algumas peças de lã e trocando impressões íntimas, á meia voz, em tom amigo e discreto.

Em dado momento, os dois meninos alcançam um dos quartos contíguos, enquanto Lívia chama a atenção da amiga, nêstes termos:

— Os teus pequenos não têm hoje os exercícios habituais?

— Não, minha boa Lívia, — respondeu Calpurnia com delicadeza fraternal, adivinhando-lhe as intenções — não só Plínio, mas também Agripa consagraram o dia de hoje á doentinha. Adivinho as tuas vacilações e escrúpulos maternos, considerando a boa saúde dos nossos filhinhos; mas, os teus receios são infundados...

— Sabem os deuses, todavia, como tenho vivído nêstes últimos tempos, desde que ouví a opinião franca e sincera do médico de Tibur. Bem sabes que para êle o caso de minha filha é mal doloroso e sem cura. Desde então, toda a minha vida tem sido uma série de preocupações e pesadêlos. Tomei todas as providências para que a pequena fôsse isolada do círculo de nossas relações, atendendo aos imperativos da higiene e á necessidade de circunscrevermos, com o nosso próprio esfôrço, a moléstia terrível.

— Mas, quem te diz que o mal é incurável? Acaso semelhante opinião proveiu da palavra infalível dos

deuses? Não sabes quanto é enganosa a conciência dos homens?

Ha tempos, ambos os meus filhinhos adoeceram com febre insidiosa e destruidora. Chamados os médicos, observei que êles se revesavam no mistér de salvar os dois enfermos, sem resultados apreciáveis. Depois, refletí melhor na providência dos céus e, imediatamente, ofereci um sacrifício no templo de Castor e Polux, salvando-os de morte certa. Graças á essa providência, hoje os vejo sorridentes e felizes.

Agora que não tens somente a pequena Flávia, mas tambem o pequenino Marcus, aconselho-te fazeres o mesmo, recorrendo aos deuses gêmeos.

— E' verdade, minha boa Calpurnia, assim farei antes de nossa partida próxima.

— E por falar na viagem, como te sentes em face desta mudança imprevista?

— Bem sabes que tudo farei pela tranquilidade de Públio e pela nossa paz doméstica. Ha muito tempo noto Públio abatido e doente, em razão de suas lutas exaustivas ao serviço do Estado. Jovial e expansivo, de tempos a esta parte tornou-se taciturno e irritadiço. Enerva-se com tudo e por tudo, acreditando eu que a saúde precária de nossa filhinha contribúa decisivamente para a sua misantropia e mau humor.

Considerando essas razões disponho-me, com satisfação, acompanhá-lo á Ásia Menor, pesando-me apenas no íntimo a circunstância de ser obrigada, ainda que temporariamente, a afastar-me da tua intimidade e dos teus conselhos.

— Folgo de assim te ouvir, porque a nós nos compete examinar a situação daqueles que o nosso coração elegeu para companheiros de toda a vida, tudo envidando por suavisar-lhes os aborrecimentos do mundo.

Públio é um bom coração, generoso e idealista, mas, como patrício descendente de família das mais ilustres da República, é vaidoso em demasia. Homens dessa natureza requerem grande senso psicológico da mulher, sendo justo e necessário que aparentes igualdade abso-

luta de sentimentos, de modo a poderes conduzí-lo sempre pelo melhor caminho.

Flamínio deu-me a conhecer todas as circunstâncias da tua permanência na Judéia, mas alguns detalhes existem que eu ainda desconheço. Ficarás, de fato, em Jerusalém?

— Sim. Públio deseja que nos fixemos na mesma residência do seu tio Sálvio, em Jerusalém, até que possamos eleger o melhor clima do país, de maneira a beneficiar a saúde de nossa filhinha.

— Está bem — exclamou Calpurnia assumindo ares da maior discreção — em face da tua inexperiência, sou obrigada a esclarecer o teu espírito, considerando a possibilidade de quaisquer complicações futuras.

Lívia surpreendeu-se com a observação da amiga, mas, toda ouvidos, revidou impressionada:

— Mas, que queres dizer?

— Sei que não tens um conhecimento mais acurado dos parentes de teu marido, que ha tanto tempo se conservam ausentes de Roma — murmurou Calpurnia com as minudências características do espírito feminino — e constitúe um dever de amizade aclarar o teu espírito, afim-de não te conduzires com demasiada confiança por onde passares.

O pretor Sálvio Lentulus, que ha muitos anos foi destituido do govêrno das províncias e agora tem simples atribuições de funcionário junto do atual Procônsul da Judéia, não é bem um homem idêntico a teu marido, que, se tem certos defeitos de família, é um espírito muito fraco e muito sincero. Eras muito jovem quando se verificaram acontecimentos deploráveis em nosso ambiente social, com referência ás criaturas com quem agora vais conviver. A espôsa de Sálvio, que ainda deve ser uma mulher moça e bem cuidada, é irmã de Cláudia, mulher de Pilatos, a quem teu marido vai recomendado, em caminho da alta administração da província.

Em Jerusalém vais encontrar tôda essa gente, de costumes bem diferentes dos nossos, e precisas pensar

que vais conviver com criaturas dissimuladas e perigosas.

Não temos o direito de reprovar os atos de ninguém, a não ser em presença daqueles que consideramos culpados ou passíveis de recriminações, mas devo prevenir-te que o Imperador foi compelido a designar essa gente para serviços no exterior, considerando graves assuntos de família, na intimidade da Côrte.

Que os deuses me perdôem as observações da ausência, mas é que, na tua condição de romana e mulher de um senador ainda jovem, serás homenageada pelos nossos conterrâneos distantes, homenagens que receberás em sociedade como ramalhetes de rosas cheios de perfume, mas também cheios de espinhos...

Lívia ouviu a amiga, entre espantada e pensativa, exclamando em voz discreta, como quem quisesse desfazer uma dúvida:

— Mas, o pretor Sálvio não é um homem já idoso?

— Estás enganada. E' um pouco mais moço que Flamínio, mas os seus apuros de cavalheiro fazem da sua personalidade um tipo de soberba aparência.

— Como poderei levar a bom termo os meus deveres, no caso de me cercarem as perfídias sociais, tão comuns em nosso tempo, sem agravar o estado espiritual de meu espôso?

— Confiemos na providência dos deuses — murmurou Calpurnia, deixando transparecer a fé magnífica do seu coração maternal.

Mas, as duas não conseguiram prosseguir na conversação. Um ruído mais forte denunciava a aproximação de Públio e Flamínio, que atravessavam o vestíbulo, procurando-as.

— Então? — exclamou Flamínio bem humorado, assomando á porta, com um sorriso malicioso. Entre a costura e a palestra, deve sofrer a reputação de alguém, nesta sala, porque já dizia meu pai que uma mulher sózinha pensa sempre na família; mas, se está com outra, pensa logo nos... outros.

Um riso sadío e geral corôou as suas palavras alegres, enquanto Públio exclamava contente:

— Estejamos sossegados, minha Lívia, porque tudo está pronto e a nosso inteiro contento. O Imperador prontificou-se a auxiliar-nos generosamente com as suas ordens dirétas, e, daqui a três dias, uma galera nos esperará nas cercanias de Óstia, de modo a viajarmos tranquilamente.

Lívia sorriu satisfeita e confortada, enquanto do apartamento da pequena Flávia assomavam duas cabeças risonhas, preparando-se Flamínio para receber nos braços, de uma só vez, os dois filhinhos:

— Venham cá, ilustres marôtos! Porque fugiram ontem das aulas? Hoje recebi queixa do ginásio, nêsse sentido, e estou muito contrariado com êsse procedimento. . .

Plínio e Agripa ouviram a reprimenda paterna, desapontados, respondendo o mais velho com humildade:

— Mas, papai, eu não sou culpado. Como o senhor sabe, o Plínio fugiu dos exercícios, obrigando-me a saír para procurá-lo.

— Isso é uma vergonha para você, Agripa — exclamou Flamínio, paternalmente — sua idade não permite mais a participação nas traquinadas de seu irmão.

Ia a cêna, nessa altura, quando Calpurnia interveiu apaziguando:

— Tudo está muito certo, porém, temos de resolver o assunto em casa, porque a hora não comporta discussões entre pai e filhos.

Ambos os meninos foram beijar a mão materna, como se lhe agradecessem a intervenção carinhosa e, daí a minutos, despediam-se as duas famílias, com a promessa de Flamínio, no sentido de acompanhar os amigos até Óstia, nas proximidades da foz do Tibre, no dia do embarque.

Decorridas aquelas setenta e duas horas de azáfama e preparativos, vamos encontrar nossos personagens numa galera confortável e elegante, nas águas de Óstia, onde ainda não existiam as construções do pôrto ali criado mais tarde por Cláudio.

Plínio e Agripa ajudavam a acomodar a pequena enferma no interior, instigados pelos pais, que os pre-

paravam desde cêdo para as delicadezas da vida social, enquanto Calpurnia e Lívia instruiam uma serva, a respeito da instalação do pequenino Marcus. Públio e Flamínio trocavam impressões, á distância, ouvindo-se a recomendação do segundo, que elucidava o amigo confidencialmente:

— Sabes que os súditos conquistados ao Império muitas vezes nos olham com inveja e despeito, tornando-se preciso nunca desmerecermos da nossa posição de patrícios.

Algumas regiões da Palestina, segundo os seus próprios conhecimentos, estão infestadas de malfeitores e é necessário estejas precavído contra êles, principalmente na tua marcha em demanda de Jerusalém. Leva contigo, tão logo aportes com a família, o maior número de escravos para a tua garantia e dos teus, e, na hipótese de um ataque, não hesites em castigar com severidade e aspereza.

Públio recebeu a exortação, atenciosamente, e, daí a minutos, movimentavam-se ambos no interior da nave, onde o viajante interpelava o chefe dos serviços:

— Então, Aulus, tudo está pronto?

— Sim, Ilustrissimo. Apenas aguardamos as vossas ordens para a partida. Quanto aos nossos trabalhos, podeis ficar tranquilo, porque escolhi a dêdo os melhores cartagineses para o serviço de remos.

Com efeito, começaram ali as últimas despedidas. As duas senhoras abraçavam-se com lágrimas enternecidas e afetuosas, enquanto se expressavam promessas de perene lembrança e votos aos deuses pela tranquilidade geral.

Derradeiros abraços comovidos e largava a galera suntuosa, onde a bandeira da aguia romana tremulava orgulhosa, ao sôpro suave das virações marinhas. Os ventos e os deuses eram favoráveis, porque, em breve, ao esfôrço hercúleo dos escravos no rítmo dos remos poderosos, os viajantes contemplavam de longe a fita esverdeada da costa italiana, como se avançassem da massa líquida para as vastidões insondáveis do Infinito.

Transcorria a viagem com o máximo de serenidade e de calma.

Públio Lentulus, não obstante a beleza da paisagem na travessia do Mediterrâneo e a novidade dos aspéctos exteriores, considerada a monotonia dos seus afazeres na vida romana, junto dos numerosos processos do Estado, trazia o coração cheio de sombras.

Debalde a espôsa procurou aproximar-se do seu espírito irritado, buscando tanger os assuntos delicados de família, com o fim de conhecer e suavisar os íntimos dissabores. Experimentava a impressão de que caminhava para emoções decisivas no desenrolar de sua existência. Conhecia uma parte da Ásia Menor, porque, na primeira mocidade havia servido, por um ano, na administração de Esmirna, de modo a integrar-se, da melhor maneira no mecanismo dos trabalhos do Estado, mas não conhecia Jerusalém, onde o esperavam como legado do Imperador, em face da solução de vários problemas administrativos de que fôra incumbido junto ao govêrno da Palestina.

Como encontraria o tio Sálvio, mais moço que seu pai? Ha muitos anos não o via pessoalmente; entretanto, êle era pouco mais velho do que êle próprio. E aquela Fúlvia, leviana e caprichosa, que desposára no torvelinho dos seus numerosos escândalos sociais, tornando-se quasi uma criatura indesejável no seio da passado, abstendo-se, todavia, de comunicar á mulher as suas penosas espectativas. Refletindo, igualmente, na situação da espôsa e dos dois filhinhos, encarava com ansiedade os primeiros obstáculos á sua permanência na Judéia, na qualidade de patrícios, mas também como estrangeiros, considerando que as amizades que os aguardavam eram incertas e problemáticas.

Entre as suas cismas e as preces da espôsa, estava a terminar a travessia do Mediterrâneo, quando chamou a atenção do seu servo de confiança, nêstes termos:

— Coménio, dentro em pouco estaremos ás portas de Jerusalém; mas antes que isso se verifique, temos de realizar uma pequena marcha, depois do ponto de desembarque, reclamando-se muito cuidado de minha

parte, com relação ao transporte da família. Esperam-se alguns representantes da administração da Judéia, certamente acompanhados dos teus cuidados, pois vamos aportar a uma região para mim desconhecida e estrangeira. Reúne todos os servos sob as tuas ordens, de modo a garantirmos absoluta segurança pelo caminho.

— Senhor, contai com o nosso desvelo e dedicação — respondeu o servidor, entre respeitoso e comovido.

No dia imediato, Públio Lentulus e comitiva desembarcavam num pequeno pôrto da Palestina, sem incidentes dignos de menção.

Esperavam-no, além do legado do Procônsul, alguns litores e numerosos soldados pretorianos, comandados por Sulpício Tarquinius, munido de todos os aprestos e elementos exigidos para uma viagem tranquila e confortável, pelas estradas de Jerusalém.

Após o necessário repouso, a caravana pôs-se a caminho, parecendo antes uma expedição militar que o transporte de uma simples família através das estações periódicas de descanço.

As armaduras dos cavalos, os capacetes romanos reluzindo ao sol, os trajes bizarros, palanquins enfeitados, animais de tração e os carros pesados da bagagem, davam idéia de uma expedição de triúnfo, embora atarefada e silenciosa.

Ia a caravana a bom termo, quando, nas proximidades de Jerusalém, ocorre um imprevisto. Um corpo sibilante cortou o ar fino e claro, alojando-se no palanquim do senador, ouvindo-se ao mesmo tempo um grito estridente e lamentoso. Minúscula pedra ferira levemente o rosto de Lívia, determinando grande alarme na massa enorme de servos e cavaleiros. Entre os carros e os animais que param assustados, numerosos escravos rodeiam os senhores, buscando, com precipitação, inteirar-se do acontecido. Sulpício Tarquinius num golpe de vista dá largas ao galope da montada, buscando prender um jovem que se afastava, receoso, das margens do caminho. E, culpado ou não, foi um rapaz dos

seus dezoito anos apresentado aos viajantes para a punição necessária.

Públio Lentulus recordou a recomendação de Flamínio, momentos antes da partida e, sopitando os seus melhores sentimentos de tolerância e generosidade, resolveu prestigiar a sua posição e autoridade aos olhos de quantos houvessem de lhe seguir a permanência naquele país estrangeiro.

Ordenou providências imediatas aos litores que o acompanhavam, e ali mesmo, ante as claridades mordentes do sol a pino e sob o olhar espantado de algumas dezenas de escravos e centuriões numerosos, determinou que vergastassem sem comiseração o rapaz pela sua leviandade.

A cêna era desagradável e dolorosa.

Todos os servos acompanhavam, compungidos, o estalar do chicote no dorso semi-nú daquele homem ainda moço, que gemia, em soluços dolorosos, sob o látego despótico e cruél. Ninguém ousou contrariar as ordens impiedosas, até que Lívia não conseguindo contemplar por mais tempo a rudeza do espetáculo, pediu ao espôso, em voz súplice:

— Basta, Públio, porque os direitos da nossa condição não traduzem deveres de impiedade...

O senador considerou, então, a sua severidade excessiva e rigorosa, ordenou a suspensão do castigo doloroso, mas, a uma pergunta de Sulpício, quanto ao novo destino do infeliz, falou em tom rude e irritado:

— Para as galéras!...

Os presentes estremeceram, porque as galéras significavam a morte ou a escravidão para sempre.

O desventurado amparava-se exámine, nas mãos dos centuriões que o rodeavam, porém, ao ouvir as três palavras da sentença condenatória, deitou ao seu orgulhoso juiz um olhar de ódio supremo e de supremo desprêzo. No âmago de sua alma coriscavam relâmpagos de vingança e de cólera, mas a caravana pôs-se novamente a caminho, entre o ruído dos carros pesados e o tilintar das armaduras, ao movimento dos cavalos fogosos e irriquetos.

A chegada a Jerusalém ocorreu sem outros fatos dignos de nota.

A novidade dos aspéctos e a diversidade das criaturas é que impressionaram os viajantes no seu primeiro contacto com a cidade, cuja fisionomia, com raras mudanças, no decurso de todos os séculos, foi sempre a mesma, triste e desolada, preludiando as paisagens ressequidas do deserto.

Pilatos e sua mulher encontravam-se nas solenidades de recepção ao senador que ia, como legado de Tibério, junto da administração da província, encarnando o princípio da lei e da autoridade.

Sálvio Lentulus e a espôsa, Fúlvia Prócula, receberam os parentes com aparato e prodigalidade. Homenagens numerosas foram prestadas a Públio Lentulus e sua mulher, salientando-se que Lívia, fôsse em razão das advertências de Calpurnia ou em vista de sua acuidade psicológica, reconheceu logo que naquele ambiente não palpitavam os corações generosos e sinceros dos seus amigos de Roma, experimentando, no íntimo, dolorosa sensação de amargura e ansiedade. Verificára, com satisfação, que a sua pequena Flávia havia melhorado, não obstante a viagem exhaustiva, mas, ao mesmo tempo, torturava-se percebendo que Fúlvia não possuia amplitude de coração para acolhê-los sempre com carinho e bondade. Notára que, em lhe apresentando a filhinha enfêrma, a patrícia vaidosa fizera um movimento institivo de recúo, afastando sua pequena Aurélia, filha única do casal, do contacto com a família e apresentando pretextos inaceitáveis. Bastou um dia de permanência naquele lar estranho, para que a pobre senhora compreendesse a extensão das angústias que a esperavam ali, calculando os sacrifícios que a situação exigiria do seu coração sensível e carinhoso.

E não era somente o quadro familiar, nos seus detalhes impressionantes, que lhe torturava a mente trabalhada de espectativas pungentes e angustiosas. Deparando-se-lhe Pôncio Pilatos, no próprio momento de sua chegada, sentira, no íntimo, que havia encontrado um rebelde e poderoso inimigo.

Fôrças ignoradas do mundo intuitivo falavam ao seu coração de mulher, como se vozes do plano invisível lhe preparassem o espírito para as provas aspérrimas dos dias porvindouros. Sim, porque a mulher, símbolo do santuário do lar e da família, na sua espiritualidade pode, muitas vezes, numa simples reflexão, devassar misterios insondáveis dos caracteres e das almas, na teia espessa e sombria das reincarnações sucessivas e dolorosas.

Públio Lentulus, ao contrário, não experimentou as mesmas emoções da companheira. A diversidade do ambiente modificara-lhe um tanto as disposições íntimas, sentindo-se moralmente confortado em face da tarefa que lhe competia desempenhar no cenário novo de suas atividades de homem de Estado.

No segundo dia de permanência na cidade, tão logo regressára da primeira visita ás instalações da Torre Antônia, onde se aquartelavam contingentes das fôrças romanas, observando os movimentos dos casuistas e dos doutores, no templo famoso de Jerusalém, foi procurado por um homem humilde e relativamente moço, que apresentava como credencial, tão somente, o coração aflito e carinhoso de pai.

Obedecendo mais aos imperativos de ordem política que ao sentimento de generosidade do coração, o senador quebrou as etiquetas do momento, recebendo-o no seu gabinete privado, disposto a ouví-lo.

Um judeu, pouco mais velho que êle próprio, em atitude de respeitosa humildade e expressando-se dificilmente, de modo a fazer-se compreendido, falou-lhe nestes termos:

— Ilustrissimo senador, sou André, filho de Gioras, operário modesto e paupérrimo, não obstante numerosos membros de minha família terem atribuições importantes no Templo e no exercício da Lei. Ouso vir até vós reclamando o meu filho Saúl, prêso ha três dias, por vossa ordem e remetido diretamente para o cativeiro perpétuo das galéras... Peço-vos clemência e caridade na reparação dessa sentença de terríveis efeitos para a estabilidade da minha casa pobre... Saúl é o

meu primogênito e nêle deponho tôda a minha esperança paternal... Reconhendo-lhe a inexperiência da vida, não venho inocentá-lo da culpa, mas apelar para a vossa clemência e magnanimidade, em face da sua ignorância de rapaz, jurando-vos, pela Lei, encaminhá-lo doravante pela estrada do dever austeramente cumprido...

Públio recordou a necessidade de fazer sentir a autoridade da sua posição, revidando com o orgulho característico das suas resoluções:

— Como ousa discutir as minhas determinações, quando guardo a conciência de haver praticado a justiça? Não posso modificar as minhas deliberações, estranhando que um judeu ponha em dúvida a ordem e a palavra de um senador do Império, formulando reclamações desta natureza.

— Mas, senhor, eu sou pai...

— Se o és, por que fizeste de teu filho um vagabundo e um inútil?

— Não posso compreender os motivos que levaram meu pobre Saúl a comprometer-se dessa maneira, mas juro-vos que êle é o braço-forte dos meus trabalhos de cada dia.

— Não me cabe examinar as razões do teu sentimento, porque a minha palavra está dada irrevogavelmente.

André de Gioras mirou Públio Lentulus de alto a baixo, ferido na sua emotividade de pai e no seu sentimento de homem, esfusiando de dôr e de cólera reprimida. Seus olhos húmidos traíam íntima angústia em face daquela recusa formal e inapelável, mas, desprezando todos os convencionalismos humanos, falou com orgulhosa firmeza:

— Senador, eu desci da minha dignidade para implorar a vossa compaixão, mas aceito a vossa recusa ignominiosa!...

Acabais de comprar, com a avareza do coração, um inimigo eterno e implacável!... Com os vossos poderes e prerrogativas, podeis eliminar-me para sempre, seja reduzindo-me ao cativeiro ou condenando-me a perecer

de morte infame; mas eu prefiro afrontar a vossa soberbia orgulhosa!... Plantastes, agora, uma árvore de espinhos cujo fruto, um dia, amargará sem remédio o vosso coração duro e insensível, porque a minha vingança pode tardar, mas como a vossa alma inflexível e fria, ela será também indefectível e tenebrosa!...

O judeu não esperou a resposta do seu interlocutor amargamente emocionado com a veemência daquelas palavras, saíndo do recinto a passo firme e de rosto erguido, como se houvesse obtido os melhores resultados da sua curta e decisiva entrevista.

Num misto de orgulho e ansiedade, Públio Lentulus experimentou, naquele instante, as mais variadas gamas de sentimento a dominar-lhe o coração. Desejou determinar a prisão imediata daquele homem que lhe atirara em rosto as mais duras verdades, experimentando, simultaneamente, o desejo de chamá-lo a si, prometendo-lhe o regresso do filho querido, a quem protegeria com o seu prestígio de homem de Estado; mas a voz sumiu-se-lhe na garganta, naquele complexo de emoções que de novo lhe roubára a paz e a serenidade. Dolorosa opressão paralisou-lhe as cordas vocais, enquanto no coração angustiado repercutiam as palavras candentes e amarguradas.

Uma série de reflexões penosas enfileirou-se no seu mundo íntimo, assinalando os mais fortes conflitos de sentimentos. Também êle não era pai e não procurava reter os filhinhos perto do coração? Aquele homem possuia as mais fortes razões para considerá-lo um espírito injusto e perverso.

Recordou o sonho inexplicável que, relatado a Flamínio, fôra a causa indiréta da sua vinda para a Judéia e considerou as lágrimas de compunção que derramára, em contacto com o turbilhão de lembranças perniciosas da sua existência passada, em face de tantos crimes e desvios.

Retirou-se do gabinete com a solução mental da questão em fóco, determinando que trouxessem o jóvem Saúl á sua presença, com a urgência que o caso requeria, afim-de recambiá-lo á casa paterna e modificando, dessa

forma, as penosas impressões que havia causado ao pobre André. Suas ordens foram expedidas sem delongas e, todavia, esperava-o desagradável surpresa, com as informações dos funcionários a quem competia a realização de semelhantes serviços.

O jóvem Saúl desaparecera do cárcere, fazendo crer numa fuga desesperada e imprevista. Os informes foram transmitidos á autoridade superior, sem que Públio Lentulus viesse a saber que os maus servidores do Estado negociavam, muitas vezes, os prisioneiros jóvens com os ambiciosos mercadores de escravos, que operavam nos centros mais populosos da capital do mundo.

Informado de que o prisioneiro se evadira, o senador sentiu a conciência aliviada das acusações que lhe pesavam no íntimo. Afinal, pensou, tratava-se de um caso de somenos importância, porquanto o rapaz, distante do cárcere, procuraria imediatamente a casa paterna; e, consolidando a sua tranquilidade, expediu determinações aos dirigentes do serviço da ordem, recomendando se abstivessem de qualquer perseguição ao foragido, a quem se levaria, oportunamente, o indulto da lei.

O caminho de Saúl, todavia, fôra bem outro.

Em quasi todas as províncias romanas funcionavam célebres agrupamentos de malfeïtores, que, vivendo á sombra da máquina do Estado, haviam-se transformado em mercadores de conciências.

O moço judeu, na sua juventude promissora e sadia, fôra vítima dessas criaturas desalmadas. Vendido clandestinamente a poderosos escravocratas de Roma, em companhia de muitos outros, foi embarcado no antigo pôrto de Joppé, com destino á capital do Império.

Antecipando-nos na cronologia de nossas narrativas, vamos encontrá-lo, daí a mêses, num grande tablado, perto do Fórum, onde se alinhavam, em penosa promiscuidade, homens, mulheres e crianças, quasi todos em míseras condições de nudez, tendo cada qual um pequeno cartaz pendurado ao pescoço. Olhos chispando sentimentos ultrizes, lá se encontrava Saúl, semi-nú, um barrete

de lã branca a cobrir-lhe a cabeça e com os pés descalços levemente untados de gêsso.

Junto daquela massa de criaturas desventuradas, passeava um homem de ar ignóbil e repulsivo, que exclamava em voz gritante para a multidão de curiosos que o rodeava:

— Cidadãos, tende a bondade de apreciar... Como sabeis, não tenho pressa em dispôr da mercadoria, porque não devo a ninguém, mas aqui estou para servir aos ilustres romanos!...

E, detendo-se no exame dêsse ou daquele infeliz, prosseguia na sua arenga grosseira e insultuosa:

— Vêde êste mancebo!... E' um exemplar soberbo de saúde, frugalidade e docilidade. Obedece ao primeiro sinal. Atentai bem para o aprumo da sua carne firme. Doença alguma terá fôrça sôbre o seu organismo.

Examinai êste homem! Sabe falar o grego corretamente e é bem feito da cabeça aos pés!...

Nêsses pruridos de negocista, continuou a propaganda individual, em face da multidão de compradores que o assediava, até que tocou a vez do jóvem Saúl, que deixava transparecer, no aspécto miserável, os seus ímpetos de cólera e sentimentos tigrinos:

— Atentai bem nêste mancebo! Acaba de chegar da Judéia, como o mais belo exemplar de sobriedade e saúde, de obediência e de fôrça. E' uma das mais ricas amostras dêste meu lote de hoje. Reparai na sua mocidade, ilustres romanos!... Dar-vô-lo-ei ao preço reduzido de cinco mil sestércios!...

O jóvem escravo contemplou o mercador com a alma esfervilhando ódio e alimentando, intimamente, as mais ferozes promessas de vingança. Seu semblante judeu impressionou a multidão dos que estacionavam na praça, naquela manhã, porque um intenso movimento de curiosidade lhe cercou a figura interessante e originalissima.

Um homem destacou-se da multidão, procurando o mercador a quem se dirigiu, á meia voz, nêstes termos:

— Flaccus, meu senhor necessita de um rapaz elegante e forte para as bigas dos filhos. Êsse jóvem me interessa. Não o darias ao preço de quatro mil sestércios?

— Vá lá, — murmurou o outro em tom de negócio — meu interêsse é bem servir a ilustre clientela.

O comprador era Valerio Brutus, capataz dos serviços comuns da casa de Flamínio Severus, que o incumbira de adquirir um escravo novo e de boa aparência, destinado ao serviço das bigas dos filhos, nos grandes dias das festas romanas.

Foi assim que, imbuido de sentimentos ignóbeis e deploráveis, Saúl, o filho de André, foi introduzido, pelas fôrças do destino, junto de Plínio e de Agripa, na residência da família Severus, no coração de Roma, ao preço miserável de quatro mil sestércios.

III

EM CASA DE PILATOS

A secura da natureza, onde se ergue Jerusalém, proporciona á cidade célebre uma beleza melancólica, tocada de angustiosa monotonia.

Ao tempo do Cristo, o seu aspécto era quasi o atual, como hoje se observa. Apénas a colina de Mizpa com as suas tradições suaves e lindas, representava um recanto verde e alegre, onde descansavam os olhos do forasteiro, longe da aridez e da ingratidão das paisagens.

Todavia, devemos registar que, na época da permanência de Públio Lentulus e de sua família, Jerusalém acusava novidades e esplendores de uma vida nova. As construções herodianas pululavam nos seus arredores, revelando um novo senso estético, por parte de Israél. A predileção pelos monolitos talhados na rocha viva, característica do antigo povo israelita, fôra substituida pelas adaptações do gôsto judeu ás normas gregas, renovando as paisagens interiores da cidade famosa. A jóia maravilhosa era, porém, o templo, tôdo novo, da época de Jesús. Sua reconstrução fôra determinada por Herodes, no ano de 21, notando-se que os pórticos leva-

ram oito anos a edificar-se e considerando-se, ainda, que os detalhes da obra grandiosa, continuados vagarosamente no curso do tempo, somente ficaram concluidos pouco ântes da época de sua completa destruição.

Nos páteos imensos, reunia-se, diariamente, a aristocracia do pensamento israelita, localizando-se ali o fórum, a universidade, o tribunal e o templo supremos de tôda uma raça.

Os próprios processos civís, além das discussões engenhosas de ordem teológica, ali recebiam as decisões derradeiras, resumindo-se no templo imponente e grandioso tódas as ambições e atividades de uma pátria.

Os romanos, respeitando a filosofia religiosa dos povos estranhos, não participavam das téses sutis e dos sofismas debatidos e examinados todos os dias, mas a Torre Antônia, onde se aquartelavam as fôrças armadas do Império, dominava todo o recinto, facilitando a fiscalização constante de todos os movimentos dos sacerdotes e das massas populares.

Públio Lentulus, após o incidente do prisioneiro, que continuava a considerar como episódio sem importância, retomava uma certa serenidade para o desempenho de suas obrigações consuetudinárias. Os aspéctos áridos de Jerusalém tinham, para seus olhos cansados, um encanto novo, no qual o pensamento repousava das numerosas e intensas fadigas de Roma.

Quanto á Lívia, guardava o coração voltado para os seus afétos distantes, anilsando a aridez dos espíritos ao alcance do seu convívio. Como por um milagre, a pequena Flávia havia melhorado, observando-se notável transformação das feridas que lhe cobriam a epiderme. Mas, as atitudes hostís de Fúlvia, que lhe não perdoava a simplicidade encantadora e os dotes preciosos de inteligência, sem perder ensejo para jogar-lhe em rosto pequeninas indirétas, por vezes irónicas e mordentes, deixavam-lhe o espírito aturdido num turbilhão de espectativas alucinantes. Semelhantes acontecimentos eram desconhecidos do marido, a quem a pobre senhora se abstinha de relatar os seus mais íntimos desgostos.

Êsses fatos, porém, não eram os elementos que mais

contribuiam para acabrunhá-la naquele ambiente de penosas incertezas.

Fazia uma semana que se encontravam na cidade e notava-se que, contrariando talvez seus hábitos, Pôncio Pilatos comparecia diariamente á residência do pretor, a pretexto de sua predileção pela palestra com os patrícios recentemente chegados da côrte. Horas a fio eram empregadas nêsse mistér, mas Lívia, com as secretas intuições da sua alma, compreendia os pensamentos inconfessáveis do governador a seu respeito, recebendo de espírito prevenido os seus madrigais amáveis e alusões menos dirétas.

Nessas aproximações de sentimentos que prenunciam a preamar das paixões, via-se também a contrariedade de Fúlvia, tocada de venenoso ciúme em face da situação que a atitude de Pilatos ia criando. Por detrás daqueles bastidores brilhantes do cenário da amizade artificial, com que foram recebidos, Públio e Lívia deveriam compreender que existia um pântano de paixões inferiores, que, certo, procuraria tisnar a tranquilidade de suas almas. Não entenderam, todavia, os detalhes da situação e penetraram de espírito confiante e ingênuo no caminho escuro e doloroso das provações que Jerusalém lhes reservava.

Reafirmando incessantes obséquios e multiplicando gentilezas, Pilatos fez questão de oferecer um jantar, no qual toda família se reconfortasse e a fraternidade e a alegria fôssem perfeitas.

No dia aprazado, Sálvio e Públio, acompanhados pelos seus, compareciam á residência senhorial do governador, onde Cláudia igualmente os esperava com um sorriso bondoso e acolhedor.

Lívia estava pálida, no seu traje simples e despretensioso, sendo de notar que, contra tôda a espectativa do espôso, fizera questão de levar a filhinha doente, no pressuposto de que o seu cuidado materno representasse alguma cousa contra as pretensões do conquistador que o seu coração de mulher adivinhava através das atitudes indiscretas e atrevidas do anfitrião daquela noite.

O jantar servia-se em condições especialissimas, se-

gundo os hábitos mais rigorosos e elegantes da côrte.

Lívia estava aturdida, com aquelas solenidades a desdobrarem-se nos mais altos requintes da etiqueta romana, costumes êsses oriundos de um meio do qual ela e Calpurnia sempre se haviam afastado, na sua simplicidade de coração.

Uma falange numerosa de escravos se movimentava em tôdas as direções, como verdadeiro exército de servidores, em face de tão reduzido número de comensais.

Depois dos pratos preparados, chegam os vocatores recitando os nomes dos convivas, enquanto os infertores trazem os pratos, dispostos com singular simetria. Os convidados recostam-se então no triclínio, forrado de penugens setinosas e pétalas de flores. As carnes são trazidas em pratos de ouro e os pães em açafates de prata, multiplicando-se os servos para todos os mistéres, inclusive aqueles que deviam provar as iguarias, afim-de se certificar do seu paladar, para que fôssem servidas com o máximo de confiança. Os copeiros servem um falerno precioso e antigo, misturado de aromas, em taças incrustadas de pedras preciosas, enquanto outros servos os acompanham apresentando, em galhetas de prata, a água tépida ou fria, ao sabor dos convidados. Junto dos leitos, onde cada comensal deve recostar-se molemente, conservam-se escravos jóvens, trajados com apuro e ostentando na fronte um turbante gracioso, braços e pernas semi-nús, cada qual com a sua função definida. Alguns agitam nas mãos longos ramos de mirto, afugentando as moscas, enquanto outros, curvados aos pés dos convivas, são obrigados a limpar discretamente os sináis da sua gula e intemperança.

Quinze serviços diferentes sucederam-se através dos esfôrços dos escravos dedicados e humildes, quando, após o repasto, brilham os salões com centenas de tochas, ouvindo-se agradáveis sinfonias. Servos jovens e bem postos executam dansas apaixonadas e voluptuosas em homenagem aos seus senhores, mimoseando-lhes os sentimentos inferiores com a sua arte exótica e espontânea e, somente não foi levado a efeito um número de gladiadores, segundo o costume nos grandes banquetes da

côrte, porque Lívia, de olhos súplices, pedira que poupassem naquela festa o doloroso espetáculo do sangue humano.

Aquela noite era das mais cálidas de Jerusalém, motivo por que, findos o jantar e cerimônias complementares, a caravana de amigos, acompanhada agora de Sulpício Tarquinius, se dirigia para o terraço amplo e bem posto, onde jovens escravas faziam deliciosa música do Oriente.

— Não julgava encontrar em Jerusalém uma noite patrícia como esta — exclamou Públio, sensibilizado, dirigindo-se ao governador com respeitosa cortezia. Devo á vossa bondade fidalga e generosa a satisfação de reviver o ambiente e a vida inesquecíveis da côrte, onde os romanos distantes guardam o coração e o pensamento.

— Senador, esta casa vos pertence — replicou Pilatos com intimidade. Ignoro se a minha sugestão ser-vos-á agradável, mas só teriamos razão para agradecer aos deuses, se nos concedesseis a honrosa alegria de vos hospedar aqui, com os vossos dignos familiares. Acredito que a residência do pretor Sálvio não vos oferece o necessário confôrto e, acrescendo a circunstância do íntimo parentesco que liga minha mulher á espôsa de vosso tio, sinto-me á vontade para fazer êste oferecimento, sem quebra de nossos costumes, em sociedade.

— Lá isso não, exclamou por sua vez o pretor, que acompanhára atento a gentileza da oferta. Eu e Fúlvia nos opomos á realização dessa medida — e, acenando confiante para a consorte, terminava a sua ponderação — não é verdade, minha querida?

Fúlvia, porém, deixando transparecer uma ponta de contrariedade, redarguiu, com surpresa de todos os presentes:

— De pleno acôrdo. Públio e Lívia são nossos hóspedes efetivos; contudo, não podemos esquecer que o objetivo de sua viagem se prende á saúde da filhinha, objeto de todas as nossas preocupações no momento, sendo justo que os não privemos de qualquer recurso que se venha a verificar, a favor da pequena enfêrma...

E, dirigindo-se instintivamente para o banco de

mármore onde descansava a doentinha, exclamou com escândalo geral:

— Aliás, esta menina representa uma séria preocupação para todos nós. Sua epiderme dilacerada acusa sintomas invulgares, recordando...

Mas, não conseguiu terminar a exposição de seus receios escrupulosos, porque Claúdia, alma nobre e digna, constituindo uma antítese da irmã que o destino lhe havia dado, compreendendo a situação penosa que os seus conceitos iam criando, adiantou-se-lhe redarguindo:

— Não vejo razões que justifiquem êsses temores; suponho a pequena Flávia muito melhor e mais forte. Quero crer, até, que bastará o clima de Jerusalém para a sua cura completa.

E avançando para a doentinha, como quem desejasse desfazer a dolorosa impressão daquelas observações indelicadas, tomou-a nos braços osculando-lhe o rosto infantil, coberto de tons violáceos de mal disfarçadas feridas.

Lívia, que trazia o semblante afogueado pela humilhação das palavras de Fúlvia, recebeu a gentileza como um bálsamo precioso para as suas inquietações maternas; quanto a Públio, amargamente surpreendido, considerou a necessidade de rehaver a sua serenidade e energia máscula, dissimulando o desgôsto que o espisódio lhe causara, retomando a direção da palestra, sobremaneira comovido:

— E' verdade, amigos. A saúde da minha pobre Flávia representa o objéto primordial da nossa longa viagem até aqui. Resolvidos os problemas do Estado, que me trouxeram a Jerusalém, já ha alguns dias que examino a possibilidade de me localizar em qualquer região do interior, de modo que a filhinha possa recuperar o precioso equilíbrio orgânico, aspirando um ar mais puro.

— Pois bem, — replicou Pilatos com segurança — em assuntos de clima, sou aqui um homem entendido. Ha seis anos que me encontro nestas paragens em função do meu cargo e tenho visitado quasi todos os recantos da província e das regiões vizinhas, tendo motivos

para afiançar que a Galiléia está em primeiro plano. Sempre que posso repousar dos labores intensos que aqui me prendem, busco imediatamente a nossa vila dos arredores de Nazaré, para gozar a serenidade da paisagem e as brisas deliciosas do seu lago imenso. Concordo em que a distância é muito longa, mas a verdade é que, se permanecesse nas cercanias da cidade, nas minhas estações de repouso, perderia o tempo, atendendo ás socilitações incessantes dos rabinos do templo, sempre a braços com inumeráveis pendências. Ainda agora, Sulpício terá de partir, a-fim-de superintender alguns trabalhos de reparação da nossa residência, pois tencionamos seguir para ali dentro de pouco tempo, a refazer as energias esgotadas na luta cotidiana.

Já que a minha hospedagem não vos será necessária em Jerusalém, quem sabe teremos o prazer de hospedar-vos, mais tarde, na vila a que me refiro?

— Nobre amigo, — exclamou o senador agradecido — devo poupar-vos tanto trabalho, mas, ficar-vos-ei imensamente grato se o vosso amigo Sulpício providenciar em Nazaré para aquisição de uma casa confortável e simples, que me sirva, reformando-a de conformidade com os nossos hábitos familiares, e onde possamos residir despreocupadamente por alguns mêses.

— Com o máximo prazer.

— Muito bem — atalhou Cláudia com bondade, enquanto Fúlvia mal dissimulava venenoso despeito — ficarei incumbida de adaptar a nossa boa Lívia á vida campestre, onde a gente se sente tão bem em contacto diréto com a natureza.

— Desde que se não transformem em judias... — disse o senador bem humorado, enquanto todos sorriam alegremente.

Nêste comenos, ouvindo os detalhes dos serviços que lhe seriam confiados em dias próximos, Sulpício Tarquinius, homem da confiança do governador, sentiu-se com liberdade de intervir no assunto, exclamando, com surpresa para quantos o ouviam:

— E por falar de Nazaré, já ouviste falar do seu profeta?

— ?

— Sim — continuou — Nazaré possúe agora um profeta que vem realizando grandes cousas.

— Que é isso, Sulpício? — perguntou Pilatos ironicamente — pois não sabes que dos judeus nascem profetas todos os dias? Acaso as lutas no templo de Jerusalém se verificam por outra cousa? Todos os doutores da Lei se consideram inspirados pelo Céu e cada qual é dono de uma nova revelação.

— Mas, êsse, senhor, é bem diferente.

— Estarás, acaso, convertido a uma nova fé?

— De modo algum, mesmo porque compreendo o fanatismo e a obsecação dessas miseráveis criaturas; mas fiquei realmente intrigado com a figura impressionante de um galileu ainda moço, quando passava, ha alguns dias, por Cafarnaum.

Ao centro de uma praça, acomodada em bancos improvisados, feitos de pedra e de areia, vi considerável multidão que lhe ouvia a palavra, em êxtases de admiração comovida. . .

Eu também, como se fôra tocado de fôrça misterioso e invisível, sentei-me para ouví-lo.

De sua personalidade, extraordinária de beleza simples, vinha um "não sei quê", dominando a turba que se aquietava, de leve, ouvindo-lhe as promessas de um eterno reinado. . . Seus cabelos esvoaçavam ás brisas da tarde mansa, como se fôssem fios de luz desconhecida nas claridades serenas do crepúsculo; e de seus olhos compassivos parecia nascer uma onda de piedade e comiseração infinitas. Descalço e pobre, notava-se-lhe a limpeza da túnica, cuja brancura casava-se á leveza dos seus traços delicados. Sua palavra era como um cântico de esperança para todos os sofredores do mundo, suspenso entre o céu e a terra, renovando os pensamentos de quantos o escutavam. . . Falava de nossas grandezas e conquistas como se fôssem cousas bem miseráveis, fazia amargas afirmativas acêrca das obras monumentais de Herodes, em Sebasto, asseverando que acima de

Cesar está um Deus Todo Poderoso, providência de todos os desesperados e de todos os aflitos... No seu ensinamento de humildade e amor, considera tôdos os homens como irmãos bem amados, filhos dêsse Pai de misericórdia e justiça, que nós não conhecemos...

A voz de Sulpício estava saturada dêsse tónus emocional, característico dos sentimentos filhos da verdade.

O auditório se contagiara da comoção de sua narrativa, escutando-lhe a palavra com o maior interêsse.

Pilatos, todavia, sem perder o fio de suas vaidades de governador, interrompeu-o exclamando:

— Tôdos irmãos! Isso é um absurdo. A doutrina de um Deus único não é novidade para nós outros, nesta terra de ignorantes; mas, não podemos concordar com êsse conceito de fraternidade irrestrita. E os escravos? e os vassalos do Império? Onde ficam as prerrogativas do patriciado?

O que mais me admira, porém — exclamou com ênfase, dirigindo-se particularmente ao narrador — é que sendo tu um homem prático e decidido, te tenhas deixado levar pelas palavras loucas dêsse novo profeta, misturando-se com a turba para ouví-lo. Não sabes que a anuência de um lictor pode significar enorme prestígio para as idéias dêsse homem?

— Senhor — respondeu Sulpício desapontado — eu próprio não saberia explicar a razão de minhas observações daquela tarde. Considerei, igualmente, de pronto, que as doutrinas por êle prégadas são subversivas e perigosas, por igualarem os servos aos senhores, mas observei também as suas penosas condições de pobreza, considerando por seus discípulos e seguidores como um estado alegre e feliz, o que, de algum modo, não constitúe motivo de receio para as autoridades provinciais.

Além disso, essas pregações não prejudicam os camponeses, porque são feitas geralmente nas horas de ócio e descanço, no intervalo dos trabalhos de cada dia, notando-se igualmente que os seus companheiros prediletos são os pescadores mais ignorantes e mais humildes do lago.

— Mas, como te deixaste empolgar assim por êsse homem? — retornou Pilatos com energia.

— Enganai-vos, quanto a isso — respondeu o lictor, mais senhor de si — não me sinto impressionado, como supondes, tanto assim que, notando-lhe a originalidade simples e formosa, não lhe reconheço privilégios sobrenaturais e acredito que a ciência do Império elucidará o fato que vou narrar, respondendo á vossa arguição do momento.

Não sei se conheceis Coponio, antigo centurião destacado na cidade a que me referí, mas cumpre-me colocar-vos a par do fato por mim observado. Depois que a voz do profeta de Nazaré havia deixado uma doce quietude na paisagem, o meu conhecido apresentou-lhe o filhinho moribundo, implorando a sua caridade para a criança que agonizava. Vi-o a elevar os olhos radiosos para o firmamento, como se obsecrasse a benção dos nossos deuses e, depois, notei que suas mãos tocavam o menino, que, por sua vez, parecia haver experimentado um choque de vida nova, levantando-se de súbito, a chorar e buscando o carinho paterno, após descansar no profeta os olhinhos enternecidos...

— Mas, até centuriões já se metem com os judeus nas suas perlengas? Preciso comunicar-me com as autoridades de Tiberíade, sôbre êsses fatos — exclamou o governador visivelmente contrariado.

— O caso é curioso — disse Públio Lentulus, intrigado com a narrativa.

— A verdade, contudo, meu amigo — objetou Pilatos dirigindo-se a êle — é que nestas paragens nascem religiões todos os dias. Êste povo é muito diverso do nosso, reconhecendo-se-lhe visível deficiência de raciocínio e de senso prático. Um governador, aqui, não pode deixar-se empolgar pelas figuras e sim manter rígidos os princípios, no sentido de salvaguardar a soberania inviolável do Estado. E' por êsse motivo que, atendendo ás sábias determinações da séde do govêrno, não me detenho nos casos isolados, para tão sómente ponderar as razões dos sacerdotes do Sinhédrio, que representam o órgão do poder legítimo, apto a harmonizar

conosco a solução de todos os problemas de ordem política e social.

Públio dava-se por satisfeito com o argumento, mas as senhoras presentes, com exceção de Fúlvia, pareciam fundamente impressionadas com a descrição de Sulpício, inclusive a pequenina Flávia, que lhe bebera as palavras com o máximo de curiosidade infantil.

Um véu de preocupações obscurecera a vérve de todos os presentes, mas o governador não se resignou com a atitude geral, exclamando:

— Ora esta! Um lictor que, em vez de fazer a justiça a nosso bem, age contra nós próprios, obscurecendo o nosso ambiente alegre, merece severa punição por suas narrativas inoportunas!...

Um riso geral seguiu-lhe a palavra ruidosa e leve, enquanto rematava:

— Desçamos ao jardim para ouvir nova música, desanuviando o coração dêsses aborrecimentos imprevistos.

A idéia foi aceita com geral agrado.

A pequena Flávia foi instalada pela dona da casa num apartamento confortável e, em poucos minutos, os presentes se dividiam em três grupos distintos, através das alamedas do jardim, enfeitado de tochas brilhantes, ao som de músicas caprichosas e lascivas.

Públio e Cláudia falavam da paisagem e da natureza; Pilatos multiplicava gentilezas junto de Lívia, enquanto Sulpício se colocava ao lado de Fúlvia, tendo o pretor Lentulus resolvido permanecer no arquivo, examinando algumas obras de arte.

Distanciando-se propositadamente do grupo, o governador notava a palidez da sua companheira que, naquela noite, se lhe figurava mais sedutora e mais bela.

O respeito que a sua formosura discreta lhe infundia nalma parecia aumentar, naquela hora, o ardor do coração apaixonado.

— Nobre Lívia — exclamou com emoção — não posso guardar por mais tempo os sentimentos que as vossas virtudes cheias de beleza me inspiraram. Sei da natural repulsa de vossa alma digna, em face de mi-

nhas palavras, mas lamento que não me compreendais o coração tocado dessa admiração que me avassala!...

— Também eu — revidou a pobre senhora com dignidade e energia espontâneas — lastimo haver inspirado ao vosso espírito semelhante paixão. Vossas palavras me surpreendem amargamente, não só porque partem de um patrício revestido das elevadas responsabilidades de procurador do Estado, como por considerar a amizade confiante e nobre que vos consagra o meu espôso.

— Mas, em assuntos do coração — atalhou êle solícito — não podem prevalecer as formalidades da convenção política, mesmo as mais elevadas. Tenho dos meus deveres a mais alta compreensão e sei encarar a solução de todos os problemas do meu cargo, mas não me recordo onde vos teria visto antes!... a realidade é que, ha uma semana, tenho o coração dilacerado e oprimido... Encontrando-vos, parecia deparar-se-me uma imagem adorada e inesquecida. Tudo fiz por evitar esta cêna desagradável e penosa, mas, confesso que uma fôrça invencível me confunde o coração!...

— Enganai-vos, senhor! Entre nós não pode existir outro laço, além do inspirado pelo respeito á identidade de nossas condições sociais. Se tendes em tão alta conta as vossas obrigações de ordem política, não deveis olvidar que o homem público deve cultivar as virtudes da vida privada, incentivando, em si mesmo, a veneração e a incorrutibilidade da própria conciência.

— Mas, a vossa personalidade me faz esquecer todos êsses imperativos. Onde vos teria visto, afinal, para que me sentisse empolgado desta maneira?

— Calai-vos, pelos deuses! — murmurou Lívia, assustada e empalidecida. Nunca vos vi, antes de nossa chegada a Jerusalém, e apélo para o vosso cavalheirismo de homem, afim-de me poupardes estas referências que me amarguram!... Tenho razões para crer na vossa ventura conjugal, junto de uma mulher digna e pura, tal como a vejo, reputando uma loucura as propostas que as vossas palavras me deixam entrever...

Pilatos ia prosseguir na sua argumentação, quando

a pobre senhora, amargamente surpreendida, sentiu-se desfalecer. Debalde mobilizou ela as suas energias vitais, com o fim de evitar o delíquio.

Presa de singular abatimento, encostou-se a uma árvore do jardim, onde se desenrolava a palestra que acabámos de ouvir. Receando as consequências, o governador tomou-lhe a mão delicada e mimosa, torturado pelos seus inconfessáveis pensamentos, mas, ao seu contacto ligeiro, a natureza orgânica de Lívia parecia reagir com decisão e inquebrantável firmeza.

Recobrando as fôrças, fez com a cabeça um leve sinal de agredecimento, enquanto Públio e Cláudia se acercavam de ambos, renovando-se a palestra geral, com a satisfação de todos.

Todavia, a cêna provocada pela indiscreção do governador não ficou circunscrita apenas aos dois atores que a viveram intensamente.

Fúlvia e Sulpício acompanharam-na em seus mínimos detalhes, através dos claros abertos na ramagem sombria.

— Ora esta! — exclamou o lictor para a companheira, observando as minudências da palestra que acabamos de descrever. — Então, já perdeste as bôas graças do procurador da Judéia?

A essa pergunta, Fúlvia, que por sua vez não tirava os olhos da cena, estremeceu convulsivamente, dando guarida aos mais largos sentimentos de ciúme e despeito.

— Não respondes? — continuava Sulpício, gozando o espetáculo. Por que me recusas tantas vezes, se tenho para oferecer-te um sentimento profundo de dedicação e lealdade?

A interpelada continuou em silêncio, no seu posto de observação, rugindo de cólera íntima, quando viu que o governador guardava, entre as suas, a mão exámine da companheira, pronunciando palavras que seus ouvidos não escutavam, mas os seus sentimentos inferiores presumiam adivinhar naquele colóquio inesperado.

Tão logo, porém, Cláudio e Públio figuraram no

cenário, Fúlvia voltou-se para o companheiro, murmurando com voz cava:

— Acederei a todos os teus desejos, se me auxiliares num cometimento.

— Qual?

— O de levarmos ao senador, em tempo oportuno, o conhecimento da infidelidade de sua mulher.

— Mas, como?

— Primeiramente, evitarás a instalação de Públio em Nazaré, para levá-la mais distante, de modo a dificultar as relações entre Lívia e o governador, por ocasião de sua ausência de Jerusalém, porque estou adivinhando que ela desejará transferir-se para Nazaré em breves dias. Em seguida, procurarei interferir, pessoalmente, de maneira que sejas designado para proteger o senador na sua estação de repouso e, investido nêsse cargo, encaminharás os acontecimento para consecução de nossos planos. Isso feito, saberei recompensar teus esfôrços e bons serviços de sempre, com a minha dedicação absoluta.

O lictor ouviu a proposta, silenciando, indeciso. Mas a interlocutora, como se estivesse ansiosa por selar a aliança sinistra, obtemperou em voz firme:

— Tudo combinado?

— De pleno acôrdo!... — respondeu Sulpício já resoluto.

E as duas personificações do despeito e da lascívia reuniram-se á caravana fraterna, com a máscara das alegrias aparentes, depois de concluido o pacto tenebroso.

As últimas horas foram consagradas ás despedidas, dentro da afabilidade exterior do convencionalismo social.

Lívia absteve-se de relatar ao espôso a cêna penosa da véspera, considerando, não sómente a sua necessidade de repouso íntimo, como também a importância social das personalidades em jôgo, prometendo a si mesma evitar, a todo transe, qualquer expressão menos digna, no terreno do escândalo pelas palavras.

IV

NA GALILÉIA

No dia imediato a êsses acontecimentos, ás primeiras horas da manhã, Públio Lentulus foi procurado, na intimidade do seu gabinete particular, por Fúlvia, que se lhe dirigiu, criminosamente, nêstes termos:

— Senador, o ascendente de nossas ligações familiares obriga-me a procurar-vos para tratar de um assunto desagradável e doloroso, mas, nas minhas experiências de mulher, cumpre-me aconselhá-lo a resguardar sua espôsa da insídia dos próprios amigos, pois que, ainda ontem tive oportunidade de surpreendê-la em íntimo colóquio com o governador...

O interpelado estranhou aquela atitude insólita, grosseira, contrária a todos os seus métodos de homem de bem.

Repeliu dignamente a investida, encarecendo a nobreza moral da sua companheira, passando Fúlvia a relatar-lhe, com os mais exaltados floreios de sua imaginação doentia, a cena da véspera, nas suas mínimas minudências.

O senador ficou pensativo, mas sentiu-se com a precisa coragem moral para repelir a insinuação caluniosa.

— Pois bem — disse ela, terminando a sua denúncia — muito longe levais a vossa confiança e bôa fé. Um homem nunca perde por ouvir os conselhos da experiência feminina. A prova de que Lívia caminha na estrada larga da prevaricação tê-la-eis muito breve, porquanto ela ha de preferir a partida imediata para Nazaré, onde o governador buscará encontrá-la.

E dizendo-o, retirou-se apressadamente, deixando o senador algo desalentado e compungido, pensando nos corações mesquinhos que o rodeavam, porque, no tribunal da conciência não se sentia disposto a aceitar idéia que viésse conspurcar a valorosa nobreza de sua mulher.

Imenso véu de sombras cobriu-lhe o espírito sensível e afetuoso. Sentiu que, em Jerusalém, conspiravam contra êle todas as fôrças tenebrosas do seu destino, experimentando um vasto deserto no coração.

Ali, não encontraria a palavra prudente e generosa de um amigo como Flamínio, com quem pudesse desabafar as suas profundas mágoas:

Absôrto nessas meditações angustiosas, não viu que as pétalas das horas rodopiavam incessantes, nos torvelinhos do tempo. Só muito depois percebeu o vozerio de um dos serviçais de confiança, vindo a saber que Sulpício Tarquinius lhe solicitava o obséquio de uma entrevista particular, pedido a que atendeu com o máximo de atenção.

Admitido ao interior do gabinete, o lictor referiu-se, sem preâmbulos, aos fins da visita, explicando com desembaraço:

— Senador, honrado com a vossa confiança no caso de vossa transferência para uma estação de repouso, venho sugerir-vos o arrendamento de rica propriedade pertencente a um nosso compatrício, nos arredores de Cafarnaum, encantadora cidade da Galiléia, situada no caminho de Damasco. E' verdade que já escolhestes Nazaré, mas, ao longo da planície de Esdrelon, as casas confortáveis são muito raras, acrescendo que serieis obrigado a enormes dispêndios em serviços de remodelação e benfeitorias. Em Cafarnaum, porém, o caso é diferente. Tenho ali um amigo, Caio Gratus, decidido a arrendar por tempo indeterminado a sua esplêndida vila, que é uma herdade provida de todo o confôrto, com pomares preciosos, num ambiente de absoluto sossêgo.

O governador ouvia o preposto de Pilatos, como se o espírito lhe pairasse noutra parte; mas, como se tivesse a atenção súbitamente despertada, exclamou, na atitude de quem argumenta consigo mesmo:

— De Jerusalém a Nazaré, temos setenta milhas... Onde fica Cafarnaum?...

— Muito distante de Nazaré — obtemperou o lictor com segunda intenção.

— Está bem, Sulpício — respondeu Públio com ares de quem tomou uma resolução íntima — estou muito agradecido pela tua gentileza, que não esquecerei de recompensar em tempo oportuno. Aceito a tua sugestão, que reputo sensata, mesmo porque, de fato, não me pode interessar a aquisição definitiva de qualquer imóvel na Galiléia, atenta a necessidade de regressar a Roma, dentro em breve. Ficas autorizado a concluir o negócio, porquanto me louvo nas tuas informações decansando, confiadamente, no teu conhecimento do assunto.

Secreta satisfação transpareceu nos olhos de Sulpício, que se despediu com fingido reconhecimento.

Públio Lentulus descansou novamente os cotovelos na mesa de trabalho, submerso em profundas cismas.

Aquela sugestão de Sulpício chegava no instante psicológico de suas angustiosas cogitações, porque, em face dessa nova providência, conseguiria instalar a família longe de qualquer influência da casa do procurador da Judéia, salvando assim a sua reputação dos salpicos ignominiosos da maledicência.

A denúncia de Fúlvia, todavia, desdobrava sucessivas preocupações no seu íntimo. Fôsse pelo inopinado da calúnia, ou pelo espírito de perversidade com que a mesma fôra urdida, o seu pensamento mergulhou em ansiosas espectativas.

A' noite daquele mesmo dia, após o jantar, vamos encontrá-lo a sós com Lívia, no terraço da residência do pretor, que, por sua vez, se ausentara de casa por algumas horas, em companhia dos seus familiares, para atender a imperativos de certas pragmáticas.

Notando-lhe no rosto os sináis evidentes de íntimas contrariedades, rompeu a espôsa com a encantadora intimidade do seu coração feminino:

— Querido, pesa-me ver-te assim, dobrado ao jugo de tamanhos desgostos, quando esta longa viagem deveria restituir-nos a tranquilidade necessária ao desenvolvimento dos teus encargos... Ouso pedir que apresses a nossa mudança de Jerusalém para um ambiente mais calmo, onde nos sintamos mais a sós, fóra deste círculo de criaturas cujos hábitos não são os nossos, e cujos

sentimentos desconhecemos. Quando partiremos para Nazaré?...

— Para Nazaré? — repetiu o senador, com voz irritada e sombria, como se o tocasse o espinho venenoso do ciúme, lembrando, involuntariamente, as acusações infundadas de Fúlvia.

— Sim, — prosseguiu Lívia, súplice e carinhosa — pois não foram essas as providências ontem aventadas?

— E' verdade, querida! — exclamou Públio, já pesaroso, voltando a si dos maus pensamentos que havia abrigado, por um instante — mas, resolvi depois instalarmo-nos em Cafarnaum, contrariando as últimas decisões...

E, tomando a si a mão da companheira, como se buscasse um bálsamo para a alma ferida, sussurrou-lhe de manso:

— Lívia, és tudo o que me resta nêste mundo!... Nossos filhos são flores da tua alma, que os deuses nos deram para minha alegria!... Perdôa-me, querida... Ha quanto tempo tenho vivido absôrto e taciturno, esquecendo o teu coração sensível e carinho! Parece-me estar despertando agora de um sono muito doloroso e muito profundo, mas despertando com a alma receosa e oprimida. Andam-me no íntimo, amargurados vaticínios... Temo perder-te, quando quisera encerrar-te no peito, guardando-te no coração eternamente... Perdôa-me...

Enquanto ela o contemplava, surpresa, seus lábios sequiosos lhe cobriam as mãos de beijos ardentes. E não foram apenas os ósculos afetuosos que brotaram nêsse transbordamento de afêtos. Uma lágrima lhe gotejou dos olhos cansados, misturando-se ás flôres da sua afeição.

— Que é isso, Públio? Choras? — exclamou Lívia, enternecida e angustiada.

— Sim! Sinto os gênios do mal cercando-me o coração e a mente. Meu íntimo está povoado de visões sombrias, prenunciando o fim da nossa felicidade, mas eu sou um homem e sou um forte... Querida, não me negues a tua mão para atravessarmos juntos o caminho da vida, porque, contigo, vencerei o próprio impossível!...

Ela estremeceu, em face dessas observações, que lhe não eram familiares.

Num relance, retrocedeu á noite anterior, considerando o atrevimento do governador, que dignamente repelira, experimentando, ao lado da aflição pelo companheiro, uma soberana tranquilidade de conciência e, tomando ligeiramente as mãos do espôso, levou-o a um canto do terraço, onde se postou á frente de uma harpa harmoniosa e antiga, cantando baixinho, como se a sua voz, naquela noite, fôsse o gorgeio de uma cotovia apunhalada:

Porque eu sou tua esperança,
"Alma gêmea da minh'alma,
Flôr de luz da minha vida,
Sublime estrêla, caída
Das belezas da amplidão!...
Quando eu errava no mundo
Triste e só, no meu caminho,
Chegaste, devagarinho,
E encheste o meu coração.
Vinhas na bênção dos deuses,
Na divina claridade,
Tecer-me a felicidade,
Em sorrisos de esplendor!...
És meu tesouro infinito,
Juro-te eterna aliança,
Como és tôdo o meu amor!"

Tratava-se de uma composição do seu espôso, na mocidade tão ao gôsto da juventude romana, dedicada a ela própria e que o seu talento musical guardava sempre, para circunstâncias especiais do seu sentimento.

Naquele instante, porém, sua voz tinha tonalidades diferentes, como se houvera encerrado na garganta uma toutinegra divina, exilada dos prados brilhantes do paraiso.

Na última nota, tocada de tristeza e angústia indefiníveis, Públio tomou-a brandamente de encontro ao peito forte e resoluto, como se quisesse reter, para sem-

pre, no coração, a sua jóia de inimaginável pureza.

Agora, era Lívia a chorar copiosamente nos braços do companheiro, que a beija nos transportes de sua alma leal e, por vezes, impulsiva.

Depois daquele arroubo emotivo, Públio sentiu-se desanuviado e satisfeito.

— Por que não regressarmos a Roma quanto antes? — perguntou Lívia, como se o seu espírito estivesse clarificado por luzes proféticas, com relação aos dias futuros. Junto dos filhinhos, retomariamos nossas obrigações habituais, cientes de que a luta e o sofrimento estão em todos os lugares e de que toda alegria significa, nêste mundo, uma bênção dos deuses!...

O senador ponderou a proposta da companheira, estabelecendo a análise de toda a situação no seu íntimo e obtemperando, por fim:

— Tua observação é justa e providencial, minha querida, mas, que diriam os nossos amigos, quando soubessem que, depois de tantos sacrifícios com a viagem, haviamos resolvido a permanência de apenas uma semana, em região tão distante? E a nossa doentinha? Seu organismo não tem reagido de modo eficaz, em contacto com o novo clima? Estejamos confiantes e tranquilos. Apressarei a partida para Cafarnaum e, em breves dias, estaremos em novo ambiente, segundo os nossos desejos.

Assim aconteceu, efetivamente.

Reagindo ás vibrações perniciosas do meio, Públio Lentulus providenciou a solução de todos os problemas atinentes á mudança, fazendo ouvidos moucos ás indirétas de Fúlvia, enquanto Lívia, escudando-se na superioridade de sua alma, buscava isolar-se dentro do pequeno mundo de amor dos dois filhinhos, fugindo á presença do governador que não desistira dos seus assédios, junto de quem a figura nobre de Cláudia sabia despertar, em todos a mais sincera simpatía.

Duas servas foram admitidas ao serviço do casal, na perspectiva de sua transferência para Cafarnaum; não que fôssem indispensáveis ao desdobramento das atividades domésticas, em face dos servos numerosos trazidos de Roma; contudo, o senador examinara a utilidade des-

sa providência, considerando que êle e a família viriam a necessitar de um contacto mais diréto com os costumes e dialétos do povo, reconhecida a circunstância de que ambas conheciam a Galiléia.

Ana e Semele, recomendadas por vários amigos do pretor, foram recebidas ao serviço de Lívia, que as acolheu com bondade e simpatía.

Trinta dias se passaram nos preparativos da projetada viagem.

Sulpício Tarquinius, estimulado pelas vantagens dos próprios interêsses materiais, não perdeu ensanchas de captar a plena confiança do senador, organizando a propriedade com minúcias de atenção e gentileza, provocando o contentamento e o elogio de todos.

Nas vésperas da partida, Públio Lentulus compareceu ao gabinete de Pilatos, para o agradecimento das despedidas.

Depois de saudá-lo cordialmente, exclamou o governador com forçada jovialidade:

— E' pena, caro amigo, que as circunstâncias o conduzam para Cafarnaum, quando esperava ter a satisfação de retê-lo nas vizinhanças de nossa casa, em Nazaré. Mas, enquanto permanecer na Galiléia, em vez de minhas habituais visitas a Tiberíade, procurarei o norte para nos avistarmos.

Públio manifestou-lhe sua gratidão e reconhecimento e, quando se preparava para sair, o procurador da Judéia continuou, em tom afetuoso e conselheiral:

— Senador, não só como responsável pela situação dos patrícios na província, como também na qualidade de amigo sincero, não posso deixá-lo partir á mercê do acaso, tão somente na companhia de escravos e servos de confiança. A cabo de designar Sulpício, homem que me merece inteira confiança, para dirigir os serviços de segurança que vos são devidos. Além dêle, mais um lictor e alguns centuriões partirão para Cafarnaum, onde permanecerão ás suas ordens.

Públio agradeceu cortezmente, sentindo-se confortado com o oferecimento, embora a presença do governador lhe causasse pouca simpatía íntima.

Afinal, terminados os aprestos de viagem, a compacta caravana se pôs em movimento, atravessando os territórios de Judá e as montanhas verdes da Samária, em demanda da sua estação de destino.

Alguns dias foram gastos através das estradas que contornam muitas vezes as águas leves e límpidas do Jordão.

Prestes a chegar a Cafarnaum, á distância de meio quilômetro de caminho, entre árvores frondosas, junto ao lago de Genezaré, uma herdade imponente aguardava os nossos personagens para a sua estação de repouso.

Sulpício Tarquinius desvelara-se nas mais íntimas minudências, no que dizia com o bom gôsto da época.

A propriedade estava situada numa pequena elevação do terreno, rodeada de árvores frutíferas dos climas frios, pois, ha dois mil anos, a Galiléia, hoje transformada em poeirento deserto, era um paraiso de verdura. Nas suas paisagens maravilhosas, desabrochavam flôres de todos os climas. Seu lago imenso, formado pelas águas cristalinas do rio sagrado do Cristianismo, era talvez a mais piscosa bacia em todo o mundo, descansando as suas vagas mansas e preguiçosas ao pé dos arbustos ricos de seiva, cujas raízes se tocavam do perfume agreste dos eloendros e das flores silvestres. Nuvens de aves cariciosas cobriam, em bandos compactos, as suas águas feitas de um prodigioso azul celeste, hoje encarceradas entre rochedos adustos e ardentes.

Ao norte, as eminências nevosas do Hermon figuravam-se em linhas alegres e brancas, divisando-se ao ocidente as alevantadas planícies da Gaulonitida e do Pereu, envolvidas de sol, formando, juntas, um grande socalco que se alonga de Cesaréia de Felipe para o sul.

Uma vegetação maravilhosa e única, operando a emanação incessante do ar mais puro, temperava o calor da região, onde o lago hoje se localiza, muito abaixo do nível do Mediterrâneo.

Públio e sua mulher sentiram uma onda de vida nova, que seus pulmões respiravam a longos haustos.

Entretanto, o mesmo não acontecia á pequenina

Flávia, cujo estado geral piorava ao extremo, contra todas as previsões.

Agravaram-se as feridas que lhe cobriam o corpo magrinho e a pobre criança não conseguia mais arredar pé do leito, onde se conservava em profunda prostação.

Acentuava-se, dêsse modo, a angústia paterna que, embalde, recorreu a todos os recursos para melhorar as condições da doentinha.

Um mês havia transcorrido em Cafarnaum, onde, mais em contacto com os dialétos do povo, já não lhes era desconhecida a fama das obras e das pregações de Jesús.

Vezes inúmeras, pensou Públio em dirigir-se ao taumaturgo, afim-de solicitar a sua intervenção a favor da filhinha, atendendo a um apêlo secreto do coração. Reconhecia no íntimo, porém, que semelhante atitude representava uma humilhação para a sua posição política e social, aos olhos dos plebeus e vassalos do Império, examinando as consequências que poderiam advir de tal procedimento.

Não obstante essas ponderações, permitia que numerosos servos de sua casa assistissem, aos sábados, ás pregações do proféta de Nazaré, inclusive Ana, que se tomára de respeitosa veneração por aquele a quem os humildes chamavam Mestre.

Dêle teciam os escravos as mais encantadoras histórias, nas quais o senador nada via, além dos arrebatamentos instintivos da alma popular, se bem não deixasse de o surpreender a opinião lisonjeira de um homem como Sulpício.

Uma tarde, porém, os padecimentos da pequenina haviam atingido ao auge. Além das feridas que, de muitos anos, se haviam multiplicado no corpinho gracioso, outras úlceras surgiram nas regiões da epiderme antes violáceas, transformando-lhe os órgãos delicados numa pústula viva.

Públio e Lívia, intimamente desolados, aguardavam um fim próximo.

Nêsse dia, após o jantar muito simples, Sulpício

demorou-se até mais tarde, a pretexto de confortar o senador com a sua presença.

E' assim que vamos encontrá-los ambos no terraço espaçoso, onde Públio lhe fala nêstes termos:

— Meu amigo, que me diz dêsses rumores aqui propalados a-cêrca-do profeta de Nazaré? Habituado a não dar ouvidos á palavra ignorante do povo, gostaria de ouvir novamente as suas impressões sôbre êsse homem extraordinário.

— Ah! sim, — diz Sulpício como quem se esfórça por se lembrar de alguma cousa: intrigado com aquela cêna que ha tempos presenciei e que tive ocasião de relatar na residência do governador, tenho procurado seguir as atividades dêsse homem, na medida das minhas possibilidades de tempo.

Alguns compatrícios nossos o têm na conta de um visionário, opinião que compartilho no que se refere ás suas prédicas, cheias de parábolas incompreensíveis, mas não no que respeita ás suas obras, que nos tocam o coração.

O povo de Cafarnaum anda maravilhado com os seus milagres e posso assegurar-vos que, em tôrno dêle já se formou uma comunidade de discípulos dedicados, que se dispõem a seguí-lo por toda parte.

— Mas, afinal, que ensina êle ás multidões? — perguntou Públio interessado.

— Prega alguns princípios que ferem as nossas mais antigas tradições, como, por exemplo, a doutrina do amor aos próprios inimigos e a fraternidade absoluta entre todos os homens. Exorta os ouvintes a buscarem o reino de Deus e a sua justiça, mas não se trata de Júpiter, o senhor de nossas divindades; ao contrário, fala de um Pai misericordioso e compassivo, que nos segue do Olimpo e para quem estão patentes as nossas idéias mais secretas. De outras vezes, o proféta de Nazaré se expressa a-cêrca dêsse reino do céu com apólogos interessantes e incompreensíveis, nos quais ha reis e princípes criados pela sua imaginação sonhadora, que nunca poderiam ter existido.

O piór, todavia, — rematou Sulpício, emprestando

grave entono ás palavras — é que êsse homem singular, com êsses princípios de um novo reino, avulta na mentalidade popular como um príncipe surgido para reivindicar prerrogativas e direitos dos judeus, dos quais, talvez, queira assumir a direção algum dia...

— Que providência adotam as autoridades da Galiléia, no exame dessas idéias revolucionárias? — obtemperou o senador com maior interêsse.

— Aparecem já os primeiros indícios de reação, por parte dos elementos mais ligados a Antipas. Ha alguns dias, quando passei por Tiberíade, notei que se formavam algumas correntes de opinião, no sentido de levar o assunto á consideração das altas autoridades.

— Bem se vê — exclamou o senador — que se trata de um simples homem do povo, a quem o fanatismo dos templos judaicos encheu de pruridos de reivindicações injustificáveis. Suponho que a autoridade administrativa nada tem a recear de semelhante pregador, mestre de uma humildade e fraternidade incompatíveis com as conquistas contemporâneas. Por outro lado, em ouvindo de tua boca a descrição dos seus feitos, sinto que êsse homem não póde ser uma criatura tão vulgar, como vimos supondo.

— Desejaríeis conhecê-lo mais de perto? — perguntou Sulpício com atenção.

— De modo algum — respondeu Públio, alardeando superioridade. Tal cometimento de minha parte viria quebrar a compostura dos deveres que me competem como homem de Estado, desmoralizando-se a minha autoridade perante o povo. Aliás, considero que os sacerdotes e pregadores da Palestina deveriam fazer estágios de trabalho e de estudo, na séde do govêrno imperial, afim-de renovar-se êsse espírito de profetismo que aqui se observa em tôda a parte. Em contacto com o progresso de Roma, haveriam de reformar suas concepções íntimas a-cêrca-da vida, da sociedade, da religião e da política.

Enquanto os dois mantêm essa palestra sôbre a personalidade e os ensinos do mestre de Nazaré, penetremos no interior da casa.

No quarto da doentinha, vamos encontrar Lívia e Ana, pensando as feridas que lhe cobriam a epiderme, agora transformadas em uma só úlcera generalizada.

Ana, coração bondoso e meigo, pouco mais velha que sua senhora, se havia transformado em companheira prediléta, no círculo dos seus afazeres domésticos. Naquele deserto de corações, era naquela serva inteligente e afetuosa que a alma sensível de Lívia encontrara um oásis para as confidências e lutas de cada dia.

— Ah! senhora — exclamava a serva, com sincero carinho a lhe transparecer dos olhos e dos gestos — guardo no coração uma profunda fé nos milagres do Mestre, acreditando mesmo que, se levassemos esta criança para receber a bênção de suas mãos, sarariam as chagas e ela ressurgiria para o seu amor maternal... Quem sabe?

— Infelizmente — respondeu Lívia, com ponderação e tristeza — eu não me atreveria a lembrar essa providência, conciente de que Públio haveria de recusá-lá, dada a nossa posição social; mas, francamente, desejaria ver êsse homem caridoso e extraordinário de que sempre me falas.

— Ainda no último sábado, senhora, — respondeu a serva animada pelas palavras de simpatia que acabava de ouvir — o proféta de Nazaré recebeu nos braços numerosas crianças.

Ao sair da barca de Simão, nós o esperávamos em massa, para lhe beber os ensinos consoladores. Precipitámo-nos para êle, ansiosos todos de receber ao mesmo tempo os sagrados eflúvios da sua presença confortadora, mas, nêsse dia, muitas mães compareceram á prédica conduzindo os filhinhos, que se confundiam em algazarra ensurdecedora, como um bando de passarinhos inconcientes. Simão e mais alguns discípulos começaram a repreender severamente os meninos, afim-de-que não perdessemos o encanto suave e doce das palavras do Mestre. Mas, quando menos esperavamos, sentou-se — Êle na pedra costumeira e exclamou com indizível ternura: — Deixai vir a mim os pequeninos, porque o reino do céu lhes pertence. Houve, então, um prodigioso

silêncio entre os ouvintes de Cafarnaum e os peregrinos que haviam chegado de Corazin e de Madála, enquanto aqueles petizes trêfegos acorriam ao seu regaço amoroso, beijando-lhe a túnica com indefinível alegria.

Muitas crianças eram enfêrmas que as mães conduziam ás pregações do lago, para que se curassem de mazelas antigas, ou de doenças consideradas incuráveis...

— O que me contas é de uma beleza edificante — exclamou Lívia, profundamente emocionada — entretanto, possuindo á mão todos os recursos materiais, sinto que não poderei receber os altos benefícios do teu Mestre.

— E é pena, senhora, porque muitas mulheres de posição o acompanham na cidade. Não somos apenas os mais humildes que comparecemos ás suas predicações, mas númerosas senhoras de destaque em Cafarnaum, espôsas de funcionários de Herodes e de publicanos, assistem ás lições carinhosas do lago, confundindo-se com os pobres e os escravos. E o proféta não desdenha a ninguém. A todos convida para o reino de Deus e sua justiça. Contrariamente a todos os enviados do céu, que conhecemos, êle esquiva-se dos favorecidos da sorte, para manter relações com as criaturas mais infelizes, considerando a todos como irmãos muito amados do seu coração...

Lívia escutava a palavra da serva com atenção e embevecimento. A figura daquele homem famoso e bom exercia atração singular no seu espírito.

E, enquanto seus grandes olhos expressavam o maior interêsse pelas narrações encantadoras e simples da serva leal, não reparavam ambas que a doentinha as acompanhavam com aguçada curiosidade, característica das almas infantís, não obstante a febre alta que lhe devorava o organismo.

Nêste comenos, o senador, após as despedidas de Sulpício, busca o apartamento da pequena enfêrma, satisfazendo á sua ansiedade paternal.

Diante dêle, calam-se as duas mulheres, entregando-se tão somente aos afazeres que as retinham junto ao leito da pequenina, agora gemendo doloridamente.

Públio Lentulus debruçou-se sôbre o leito da filha, com os olhos razos de pranto.

Brincou com as suas mãosinhas mirradas e feridas, fazendo-lhe festas, com o coração tocado de infinita amargura.

— Filhinha, que queres hoje para dormir melhor? — perguntou com a voz estrangulada, arrancando lágrimas dos olhos de Lívia.

Comprar-te-ei muitos brinquedos e muitas novidades... Dize ao papai o que desejas...

Um suor copioso empastava as excrecências ulcerosas da doentinha, que deixava transparecer á pergunta paterna.

— Fala, filhinha — murmurava Públio sufocado, observando-lhe o desejo de expressar qualquer resposta.

Buscarei tudo o que quiseres... Mandarei á Roma um portador, especialmente para trazer todos os teus brinquedos...

Ao cabo de visível esfôrço, pôde a pequenina murmurar com voz cansada e quasi imperceptível:

— Papai... eu quero... o proféta... de Nazaré...

O senador baixou os olhos, humilhado e confundido em face do imprevisto daquela resposta, enquanto Lívia e Ana, como se fôssem tocadas por fôrça invisível e misteriosa, pelo inopinado da cena, escondiam o rosto inundado de pranto.

V

O MESSIAS DE NAZARÉ

O dia seguinte amanheceu trazendo as mais sérias preocupações a Públio e sua família.

Ainda cêdo, vamos encontrá-lo em íntimo colóquio com a espôsa, que se lhe dirige em voz súplice e afetuosa:

— Considero, querido, que devias atenuar um pouco os rigores da posição em que o destino nos colocou, procurando êsse homem generoso, para benefício de nossa

filha. Todos se referem ás suas ações, empolgados pela sua bondade edificadora e eu acredito que o seu coração se apiedará da nossa desditosa situação.

O senador ouviu-a apreensivo e preocupado, exclamando afinal:

— Pois bem, Lívia; acederei aos teus desejos, mas só a angústia que nos vai nalma me faz transigir, de maneira tão rude, com os meus princípios.

Não procederei, todavia, conforme sugeres. Irei sozinho á cidade, como se me encontrasse em hora de simples entretenimento, passando pelo trecho do caminho que nos conduz ás margens do lago, sem chegar ao cúmulo de abordar pessoalmente o profeta, de modo a não descer da minha dignidade social e política, e, no caso de sobrevir alguma circunstância favorável, far-lhe-ei sentir o prazer que nos causaria a sua visita, com o fim de reanimar a nossa doentinha.

— Muito bem! — disse Lívia entre confortada e agradecida — guardo nalma a mais sincera e profunda fé! Vai sim, querido!... Ficarei rogando a bênção dos céus para a nossa iniciativa. O proféta que agora surge como verdadeiro médico das almas, saberá que atrás da tua posição de senador do Império, ha corações que sofrem e choram!...

Públio notou que a espôsa se exaltava nas suas considerações, deixando-se conduzir pelo que julgava um excesso de fraqueza e pieguismo; entretanto, nada lhe admoestou a respeito, em face das amarguras do momento, suscetível de desvairar o cérebro mais forte.

Deixou que as horas movimentadas do dia se escoassem com as claridades do poente e, quando o crepúsculo entornava as suas meias-tintas na paisagem maravilhosa, saíu, fingindo distração e alheamento, como se desejasse conhecer de perto a antiga fonte da cidade, motivo de atração para todos os forasteiros.

Após haver percorrido uns trezentos metros de caminho, encontrou transeuntes e pescadores, que se recolhiam e o encaravam com mal disfarçada curiosidade.

Uma hora passou sôbre as suas amargas cogitações íntimas.

Um velário imenso de sombras invadia toda a região, cheia de vitalidade e de perfumes.

Onde estaria o proféta de Nazaré naquele instante? Não seria uma ilusão a história dos seus milagres e da sua encantadora magia sôbre as almas? Não seria um absurdo procurá-lo ao longo dos caminhos, abstraindo-se dos imperativos da hierarquia social? Em todo caso, deveria tratar-se de um homem simples e ignorante, dada a sua preferência por Cafarnaum e pelos pescadores.

Dando curso ás idéias que lhe fluiam da mente incendiada e abatida, Públio Lentulus considerou dificílima a hipótese do seu encontro com o mestre de Nazaré.

Como se entenderiam?

Não lhe interessára o conhecimento minucioso dos dialétos do povo e, certamente, Jesús lhe falaria no aramaico, comumente usado na bacia do Tiberíades.

Profundas cismas entornavam-lhe do cérebro para o coração, como as sombras do crepúsculo que precediam áquela noite.

O céu, porém, áquela hora, era de um azul maravilhoso, enquanto as claridades opalinas do luar não haviam esperado o fechamento absoluto do leque imenso da noite.

O senador sentiu o coração perdido num abismo de cogitações infinitas, ouvindo-lhe o palpitar descompassado no peito opresso. Dolorosa emoção lhe compungia agora as fibras mais íntimas do espírito. Apoiara-se, insensivelmente, num banco de pedras enfeitado de silvas e deixara-se ali ficar, sondando o ilimitado do pensamento.

Nunca experimentara sensação idêntica, senão no sonho memorável, relatado unicamente a Flamínio.

Recordava-se dos menores feitos da sua vida terrestre, afigurando-se-lhe haver abandonado, temporariamente, o cárcere do corpo material. Sentia um profundo êxtase, diante da natureza e das suas maravilhas, sem saber como expressar a admiração e reconhecimento aos poderes celestes, tal a clausura em que sempre mantivera o coração insubmisso e orgulhoso.

Das águas mansas do lago de Genesaré parecia-lhe

emanarem suavíssimos perfumes, casando-se deliciosamente ao aroma agreste da folhagem.

Foi nêsse instante que o espírito, como se estivesse sob o império de estranho e suave magnetismo, ouviu passos brandos de alguém que buscava aquele sítio.

Diante de seus olhos ansiosos, estacara uma personalidade inconfundível e única. Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fôssem fios castanhos, levemente dourados por uma luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.

Públio Lentulus não teve dificuldade em identificar aquela criatura impressionante, mas, no seu coração marulhavam ondas de sentimentos que, até então, lhe eram ignorados. Nem a sua apresentação a Tibério, nas magnificências de Capri, lhe haviam imprimido tal emotividade ao coração. Lágrimas ardentes rolaram-lhe dos olhos que, raras vezes, haviam chorado, e uma fôrça misteriosa e invencível fê-lo ajoelhar-se na relva lavada em luar. Desejou falar, mas tinha o peito sufocado e oprimido. Foi quando, então, num gesto de doce e soberana bondade, o meigo nazareno caminhou para êle, qual visão concretizada de um dos deuses de suas antigas crenças e, pousando carinhosamente a dextra na sua fronte, exclamou em linguagem encantadora, que Públio entendeu perfeitamente, como se ouvisse o idioma patrício, dando-lhe a inesquecível impressão de que a palavra era de espírito para espírito, de coração para coração:

— Senador, porque me procuras — e, espraiando o olhar profundo na paisagem, como se desejasse que a sua voz fôsse ouvida por todos os homens do planeta, rematou com serena nobreza: Fôra melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, para que pudesses adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição soberana da fé e da humildade... Mas, eu não vim ao mundo para derrogar as leis supremas da natu-

reza e venho ao encontro do teu coração desfalecido!...

Públio Lentulus nada pôde exprimir, além das suas lágrimas copiosas, pensando amargamente na filhinha; mas o proféta, como se prescindisse das suas palavras articuladas, continuou:

— Sim... não venho buscar o homem de Estado, superficial e orgulhoso, que só os séculos de sofrimento podem encaminhar ao regaço de meu Pai; venho atender ás súplicas de um coração desditoso e oprimido e, ainda assim, meu amigo, não é o teu sentimento que salva a filhinha leprosa e desvalida pela ciência do mundo, porque tens ainda a razão egoística e humana; é, sim, a fé e o amor de tua mulher, porque a fé é divina... Basta um raio só de suas energias poderosas para que se pulverizem todos os monumentos das vaidades da Terra...

Comovido e magnetizado, o senador considerou, intimamente, que seu espírito pairava numa atmosfera de sonho, tais as comoções desconhecidas e imprevistas que se lhe represavam no coração, querendo crer que os seus sentidos reais se achavam travados num jôgo incompreensível de completa ilusão.

— Não, meu amigo, não estás sonhando... — exclamou meigo e enérgico o Mestre, adivinhando-lhe os pensamentos. — Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos êrros clamorosos, encontras, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a vida.

"Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora, ou daqui a alguns milênios... Se o desdobramento da vida humana está subordinado ás circunstâncias, és obrigado a considerar que elas existem de toda a natureza, cumprindo ás criaturas a obrigação de exercitar o poder da vontade e do sentimento, buscando aproximar seus destinos das correntes do bem e do amor aos semelhantes.

"Sôa para teu espírito, nêste momento, um minuto glorioso, se conseguires utilizar a tua liberdade para que seja êle, em teu coração, doravante, um cântico de amor, de humildade e de fé, na hora indeterminável da redenção, dentro da eternidade...

"Mas, ninguém poderá agir contra a tua própria conciência, se quiseres desprezar indefinidamente êste minuto ditoso!

"Pastor das almas humanas, desde a formação dêste planeta, ha muitos milênios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!..."

Públio fitou aquele homem extraordinário, cujo desassombro provocava admiração e espanto.

Humildade? que credenciais lhe apresentava o proféta para lhe falar assim, a êle senador do Império, revestido de todos os poderes diante de um vassalo?

Num minuto, lembrou a cidade dos césares, coberta de triúnfos e glórias, cujos monumentos e poderes acreditava, naquele momento, fôssem imortais.

— Todos os poderes do teu império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseráveis...

"As magnificências dos césares são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sábios, como todos os guerreiros são chamados, no momento oportuno, aos tribunais da justiça de meu Pai que está no Céu. Um dia, deixarão de existir as suas aguias poderosas, sob um punhado de cinzas misérrimas. Suas ciências se transformação ao sôpro dos esfôrços de outros trabalhadores mais dignos do progresso, suas leis iníquas serão tragadas no abismo tenebroso dêstes séculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem — a lei do amor, instituida por meu Pai, desde o princípio da criação...

"Agora, volta ao lar, conciente das responsabilidades do teu destino...

"Se a fé instituiu na tua casa o que consideras a alegria com o restabelecimento de tua filha, não te esqueças que isso representa um agravo de deveres para o teu coração, diante de nosso Pai, Todo Poderoso!..."

O senador quis falar, mas a voz tornara-se-lhe embargada de comoção e de profundos sentimentos.

Desejou retirar-se, porém, nêsse momento, notou que o proféta de Nazaré se transfigurava, de olhos fitos no céu...

Aquele sítio deveria ser um santuário de suas meditações e de suas preces, no coração perfumado da natureza, porque Públio adivinhou que êle orava intensamente, observando que lágrimas copiosas lhe lavavam o rosto, banhado então por uma claridade branda e misericordiosa, evidenciando a sua beleza serena e indefinível melancolia...

Nêsse instante, contudo, suave torpor paralisou as faculdades de observação do patrício, que se aquietou estarrecido.

Devia ser precisamente nove horas da noite quando o senador sentiu que despertava.

Uma leve aragem acariciava-lhe os cabelos e a lua entornava seus raios argênteos no espêlho carinhoso e imenso das águas.

Guardando na memória os mínimos pormenores daquele minuto inesquecível, Públio sentiu-se humilhado e diminuido, em face da fraqueza de que dera testemunho diante daquele homem extraordinário.

Uma torrente de idéias antagônicas represava-se-lhe no cérebro, acêrca-de suas admoestações e daquelas palavras agora arquivadas para sempre no âmago da sua conciência.

Também Roma não possuia os seus bruxos e feiticeiros? Buscou rememorar todos os dramas misteriosos da cidade distante, com as suas figuras impressionantes e incompreensíveis.

Não seria aquele homem uma cópia fiél dos magos e adivinhos que preocupavam igualmente a sociedade romana?

Deveria êle, então, abandonar as suas mais caras tradições de pátria e família para tornar-se um homem humilde e irmão de todas as criaturas? Sorria consigo mesmo, na sua presumida superioridade, examinando a inanidade daquelas exortações que considerava desprezíveis. Entretanto, subiam-lhe do coração ao cérebro outros apêlos comovedores. Não falara o proféta da oportunidade única e maravilhosa? Não prometera, com firmeza, a cura da filhinha á conta da fé ardente de Lívia?

Mergulhado nessas cogitações íntimas, abriu cautelo-

samente a porta da residência, encaminhando-se ansioso ao quarto da enfêrma e, oh! suave milagre! a filhinha repousava nos braços de Lívia, com absoluta serenidade.

Sobrehumana e desconhecida fôrça mitigara-lhe os padecimentos atrozes, porque seus olhos deixavam entrever uma doce satisfação infantil, iluminando-lhe o semblante risonho. Lívia contou-lhe, então, cheia de júbilo maternal, que, em dado momento, a pequenina dissera experimentar na fronte o contacto de mãos carinhosas, sentando-se em seguida no leito, como se uma energia misteriosa lhe vitalizasse o organismo de maneira imprevista. Alimentara-se, a febre desaparecêra contra todas as espectativas, ela já revelava atitudes de convalescente, palestrando com a mãezinha, com a graça espontânea da sua meninice.

Terminado o relato, a jóvem senhora concluiu com entusiasmo:

— Desde que saíste, eu e Ana orámos com fervor junto da nossa doentinha, implorando ao proféta que atendesse ao teu apélo, ouvindo os nossos rogos e agora, eis que a nossa filhinha se restabelece!... Poderá, querido, haver felicidade maior do que esta?... Ah! Jesús deve ser um emissário diréto de Júpiter, enviado a êste mundo em gloriosa missão de amor e de alegria para todas as almas!...

Ana, porém, que escutava comovida, interveiu num gesto espontâneo e incoercível, oriundo da grata satisfação daquele momento:

— Não, minha senhora!... Jesús não vem da parte de Júpiter. Êle é o Filho de Deus, seu Pai e nosso Pai que está nos céus e cujo coração está sempre cheio de bondade e misericórdia para todos os sêres, conforme o Mestre nos ensina. Louvemos, pois, ao Todo Poderoso pela graça recebida, agradecendo a Jesús com uma prece de humildade...

Públio Lentulus acompanhou a cena, em silêncio, intimamente contrariado, com o verificar a intimidade estreita de sua mulher com uma simples serva da casa. Observou, com profundo desagrado, não só a espontaneidade da gratidão entusiástica de Lívia, como a intro-

missão de Ana na conversa, o que considerava uma ousadia. Num relance, mobilizou todas as reservas do seu orgulho para restabelecer a discíplina interna da sua casa e, retomando o aspécto arrogante da sua expressão fisionômica, dirigiu-se secamente á espôsa.

— Lívia, torna-se preciso que te coíbas dêstes arrebatamentos! Afinal, não vejo nada de extraordinário no que acaba de ocorrer. Nada tem faltado á nossa doente, no tocante ao tratamento e cuidados necessários, e era lógico que esperassemos uma reação salutar do organismo, em face da nossa continuada assistência.

Quanto a ti, Ana — disse voltando-se com arrogância para a serva intimidada — acredito já cumprida a missão que te fazia demorar nêste quarto, porquanto, considerando as melhoras da menina, não vejo necessidade da tua permanência junto da patrôa, que trouxe de Roma as servas do seu serviço pessoal.

Ana fitou compungidamente a senhora, que mostrava no rosto os sinais evidentes da sua amargura pelo imprevisto daquelas palavras intempestivas e, fazendo ligeira e respeitosa mesura, saíu do aposento onde havia empregado as melhores energias da sua fraternal abnegação.

— Que é isso, Públio? — perguntou Lívia fundamente comovida. — Justamente agora, quando deveríamos mostrar a alegria do nosso reconhecimento, procedes com semelhante aspereza?

— Tuas infantilidades obrigam-me a fazê-lo. Que dirão da matrona que se dá de alma aberta ás suas escravas mais humildes? Como se haverá o teu coração com êstes excessos de confiança? Noto com desgôsto que entre nós existem, agora, profundas divergências. Por que essa demasiada confiança no proféta de Nazaré, quando êle não é superior aos magos e feiticeiros de Roma? E, além disso, onde colocas as tradições de nossas divindades familiares, se não sabes guardar a fé em tôrno do altar doméstico?

— Não concordo contigo, querido, nestas ponderações. Tenho plena convicção de que a nossa Flávia foi curada por êsse homem extraordinário... No instante de

sua melhora súbita, quando ela nos falava das mãos sublimadas que a acariciavam, vi, com os meus olhos, que o leito da doentinha estava saturado de uma luz diferente, como nunca havia visto, até então...

— Luz diferente? Certo desvairas, depois de tantas fadigas; ou então, estás contagiada das alucinações dêste povo de fanáticos, em cujo seio tivemos a pouca sorte de caír...

— Não, meu amigo, não se trata de um desvario. Não obstante as tuas palavras, que reconheço partidas do coração que mais adoro e admiro na Terra, tenho a certeza de que o Mestre de Nazaré acaba de curar nossa filhinha e, quanto á Ana, querido, acho injusta a tua atitude, aliás, em desacôrdo com a tua proverbial generosidade com os servos de nossa casa. Não podemos nem devemos esquecer que ela tem sido de uma dedicação a toda prova, junto de mim e de nossa filha, nêstes lugares ermos. Outras podem ser as suas crenças, mas presumo que a sua conduta honesta e santificante só pode honrar o serviço de nossa casa.

O senador considerou a elevação dos conceitos da mulher, sentindo-se arrependido do seu ato de impulsividade e capitulando diante do bom-senso daquelas palavras:

— Está bem, Lívia, aprecio-te a nobreza do coração e estimarei a continuidade de Ana nos teus serviços privados; mas, não transijo no caso da cura de nossa filhinha. Não admito que se atribua ao mago de Nazaré o restabelecimento da menina. Quanto ao mais, deverás lembrar sempre, que me apraz saber só a mim reservadas a tua confiança e intimidade. A servos ou desconhecidos, não deve o patrício, e com especialidade a matrona romana, abrir as portas do coração.

— Sabes como acato as tuas ordens — disse-lhe a espôsa, mais confortada, dirigindo-lhe um olhar carinhoso e agradecido — e peço-te perdoar-me se te ofendí a alma generosa e sensível!...

— Não, minha querida, se existe aqui um problema de perdão, sou eu quem deve pedí-lo, mas não desconheces que esta região me atormenta e apavora. Sinto-me con-

fortado, reconhecendo a reação benéfica da natureza orgânica da nossa filhinha, porque isto significa o nosso regresso á Roma em tempo breve. Esperaremos, apenas, mais alguns dias e amanhã mesmo pedirei a Sulpício iniciar as providências para a nossa volta.

Lívia concordou com as observações do marido, acariciando a filhinha reanimada e refeita do abatimento profundo que a prostrara por espaço de muitos dias. Intimamente, agradecia, satisfeita, a Jesús, pois falava-lhe o coração que o acontecimento era uma bênção celestial que o Pai dos Céus lhe enviara ao espírito maternal, através das mãos caridosas e santas do Mestre.

Públio, contudo, obedecendo ao impulso de suas vaidades pessoais, não desejava recordar a figura extraordinária que tivera ante os olhos deslumbrados. Arquitetava castelos de teorias na sua imaginação superexcitada, para afastar a interferência diréta daquele homem no caso da cura da filhinha, respondendo, assim, ás objeções do seu próprio espírito de observador e analista meticuloso.

Não podia esquecer que o proféta o envolvera em fôrças ignoradas, emudecendo-lhe a voz e fazendo-o ajoelhar-se, doendo-lhe ao orgulho despótico essa circunstância, considerada como dolorosa humilhação.

Idéias martirizantes povoavam-lhe o cérebro exausto de tantas lutas interiores e, depois de uma invocação aos gênios protetores da família, no altar doméstico, buscou repousar das amargas fadigas íntimas.

Naquela noite, todavia, sua alma experimentava as mesmas recordações da existência pregressa, nas asas cariciosas do sonho.

Viu-se vestido com as mesmas insígnias de Cônsul ao tempo de Cícero, reviu as atrocidades praticadas por Públio Lentulus Sura, sua expulsão do Consulado, as reuniões secretas de Lúcio Sergius Catilina, as perversidades revolucionárias, sentindo-se de novo levado á presença daquele mesmo tribunal de juizes austéros e venerandos, que no sonho anterior lhe haviam notificado o seu renascimento na Terra, em uma época de grandes claridades espirituais.

Diante daqueles magistrados veneráveis, ostentando togas alvas de neve, experimentou uma sensação amarga de angústia, batendo-lhe descompassadamente o coração.

O mesmo juiz respeitável levantou-se no ambiente sublimado de luzes espirituais, exclamando:

— Públio Lentulus, por que desprezaste o minuto glorioso, com o qual poderias ter comprado a hora interminável e radiosa da tua redenção na eternidade? Estiveste esta noite, entre dois caminhos — o do servo de Jesús e o do servo do mundo. No primeiro, o jugo seria suave e o fardo leve; mas, escolheste o segundo, no qual não existe amor bastante para lavar toda a iniquidade... Prepara-te, pois, para trilhá-lo com valorosa coragem, porque preferiste o caminho mais escabroso, em que faltam as flôres da humildade para atenuar o rigor dos espinhos venenosos!...

Sofrerás muito, porque nessa estrada o jugo é inflexível e o fardo pesadíssimo; mas agiste com liberdade de conciência, no jôgo amplo das circuntâncias de tua vida... Conduzido a uma oportunidade maravilhosa, perseveraste no propósito de percorrer a via amarga e dolorosa das provações mais ríspidas e mais agudas.

Não te condenamos, para tão sómente lamentar o endurecimento do teu espírito em face da verdade e da luz! Retempera todas as fibras do teu valor, pois enorme ha de ser, doravante, a tua luta!...

Ouvia, atento, aquelas exortações comovedoras, mas, nêsse instante despertou para as sensações da vida material, experimentando singular abatimento psíquico, a par de uma tristeza indefinível.

Ainda cêdo, sua atenção foi reclamada por Lívia, que lhe apresentava a pequena Flávia, convalescente e feliz. A epiderme como que se alisára, submetida a um processo terapêutico desconhecido e maravilhoso, desaparecendo os tons violáceos que, anteriormente, precediam as rosas de chaga-viva.

O senador recuperou alguma cousa da sua serenidade íntima, com o verificar as melhoras positivas da filhinha, que apertou amorosamente de encontra ao coração, exclamando mais tranquilo:

— Lívia, é bem verdade que ontem á noite estive com o chamado mestre de Nazaré, mas, com a lógica da minha educação e dos meus conhecimentos, não posso admitir seja êle o autor do restabelecimento de nossa filha.

E, de seguida, passou a relatar de modo superficial os acontecimentos que já conhecemos, sem referir, todavia, os pormenores que mais o impressionaram.

Lívia ouviu atenciosamente a narrativa, mas, notando-lhe as íntimas disposições de espírito para com o proféta, que ela considerava uma criatura superior e venerável, não quis externar todo o seu pensamento em tôrno do assunto, receosa de um atrito de opiniões, inoportuno e injustificável. No seu coração, louvava e agradecia áquele Jesús carinhoso e compassivo, que lhe atendera ás angustiosas súplicas maternais e, no imo dalma acariciava a esperança de beijar-lhe a fímbra da túnica, com humildade, em testemunho do seu sincero reconhecimento, antes de regressar á Roma.

Quatro dias decorridos, a enfêrma apresentava sinais evidentes do mais seguro restabelecimento físico, dando motivo ao mais amplo júbilo de todos os corações.

Em radiosa manhã, vamos encontrar a jovem Lívia acalentando o filhinho, prestes a completar um ano, e instruindo a criada de nome Semele, de origem judia, designada para velar pela criancinha, tal o interêsse que demonstra pelo pequenino Marcus, desde o instante de sua admissão ao serviço. Em dado momento, exclama a serva apontando para o largo caminho empedrado:

— Senhora, lá vêm dois cavaleiros desconhecidos, a todo galope.

Ouvindo-lhe a observação, Lívia pôde vê-los, igualmente, ao longo da estrada ampla, e logo se foi para o interior, afim-de prevenir o marido.

Efetivamente, daí a minutos, estacavam á porta dois cavalos suados e ofegantes. Um homem trajado á romana, em companhia de um guia judeu, apeava rápido e bem disposto.

Tratava-se de Quirilius, liberto de confiança de Flamínio Severus, que vinha, em nome do patrão, trazer

a Públio e família algumas notícias e numerosas lembranças.

Essa surpresa amável encheu o dia de gratas recordações e sadios prazeres, motivando horas das mais risonhas alegrias. O nobre patrício não esquecêra os amigos distante e entre as notícias confortadoras e considerável remessa de dinheiro, vieram doces lembranças de Calpurnia, endereçadas á Lívia e aos dois filhinhos.

Naquele dia, Públio Lentulus ocupou-se tão sómente de encher numerosos rôlos de pergaminho, por mandar ao companheiro de luta notícias minuciosas de todas as ocorrências. Entre elas estava a bôa-nova do restabelecimento da filhinha, atribuido ao clima adorável da Galiléia. Mas, como possuía naquele valoroso descendente dos Severus uma alma de irmão dedicado e fiél, a cujo coração jamais deixara de confiar as mais recônditas emoções do seu espírito, escreveu-lhe longa carta, em suplemento, com vistas ao Senado Romano, sôbre a personalidade de Jesús Cristo, encarando-a, serenamente, sob o estrito ponto de vista humano, sem nenhum arrebatamento sentimental. E, por fim, Públio e Lívia anunciavam alegremente aos seus amigos distantes, que retornariam á Roma possivelmente dentro de um mês, dado o perfeito restabelecimento da pequena Flávia.

Terminando o longo expediente, já era tarde; mas, nêsse mesmo dia, ao caír da noite, quando os dois esposos se entretinham no triclínio a reler as doces palavras dos queridos ausentes, tecendo as esperanças risonhas do breve regresso, eis que Sulpício se faz anunciar em companhia de um mensageiro de Pilatos.

Atendendo-os no gabinete particular, o senador recebe a visita do emissário, que se lhe dirige respeitosamente, nêstes termos:

— Ilustríssimo, o senhor governador da Judéia participa-vos haver chegado á sua residência dos arredores de Nazaré, onde espera o grato prazer de vossas ordens e notícias.

— Agradecido! replicou Públio bem humorado, acrescentando: — Ainda bem que o senhor procurador

não está distante, ensejando-me pouca demora em Jerusalém, no meu regresso á Roma em breves dias!...

Algumas expressões protocolares foram trocadas, mas Públio Lentulus não reparou nas atitudes de Sulpício, que lhe deitava olhares significativos.

VI

O RAPTO

Ao tempo do Cristo, a Galiléia era um vasto celeiro que abastecia quasi toda a Palestina.

Nessa época, o formoso lago de Genesaré não apresentava nível tão baixo, como na atualidade. Todo o terreno circunvizinho era de regadio, em vista das fontes numerosas, dos canais e do serviço das nóras que elevavam as águas, dando origem á uma vegetação luxuriante que enfeitava de frutos e enchia de perfumes aquelas paisagens paradisíacas.

O trigo, a cevada, as abóboras, as lentilhas, os figos e as uvas eram elementos de semeadura e colheita em todo o ano, dando á vida satisfação e abundância. Nas eminências de terra, misturando-se aos extensos vinhedos e olivais, elevavam-se palmeiras e tamareiras preciosas, cujos frutos eram os mais ricos da Palestina.

Em Cafarnaum, além dessas riquezas, prosperava a indústria da pesca, dada a abundância do peixe no então chamado "Mar da Galiléia", o que resumia uma vida simples e tranquila. Mais que todos os outros povos dos centros galileus, o de Cafarnaum se destacava por sua beleza espiritual, despretensiosa e singela. Fervoroso e crente, aceitava a Lei de Moiséz, mas estava muito longe das manifestações hipócritas do farisaismo de Jerusalém. Foi, em virtude dessa simplicidade natural e dessa fé espontânea e sincera que a sua paisagem serviu de teatro ás primeiras lições inesquecíveis e imortais do Cristianismo em sua primitiva pureza. Ali

encontrou Jesús o carinho amoroso e fiél de corações devotados e valorosos, e foi ali que o mundo espiritual encontrou os melhores elementos para a formação da escola inolvidável, onde exemplificaria o Divino Mestre.

Em todas as cidades da região havia sinagogas, para que as lições da Lei fôssem ministradas aos sábados, dia que todos os indivíduos deveriam dedicar exclusivamente ao descanso do corpo e ás meditações do espírito. Nessas pequenas sinagogas, franqueava-se a palavra a quantos desejassem utilizá-la, mas Jesús preferia o templo suave da natureza para a difusão dos seus ensinos.

Todas as classes humildes acorriam ás suas prédicas ao ar livre, cuja extraordinária e encantadora beleza seduzia os corações mais empedernidos.

Antiga convenção, entre os senhores, determinava o repouso dos servos no dia consagrado aos estudos da Lei e os próprios romanos procuravam cultivar aquelas tradições regionais, buscando a simpatía do povo conquistado.

Nessa época, grande era a afluência dos escravos ás pregações consoladoras do Messias de Nazaré.

Uma semana havia decorrido após o recebimento das notícias de Roma e, nêsse sábado, ás primeiras horas da tarde, vamos encontrar Lívia e Ana em conversação íntima e carinhosa.

— Sim — dizia a jóvem patrícia á serva, que se encontrava em trajes de sair — se te fôr possível hoje, agradecerás de viva voz ao proféta, em meu nome, já que me sinto tão feliz, graças á sua infinita bondade. E dize-lhe que, se eu puder, nas vésperas de partir para Roma procurarei conhecê-lo, afim-de lhe beijar as mãos generosas, em testemunho do meu reconhecimento!...

— Não esquecerei vossas ordens e espero que possais ir até á casa de Simão para visitá-lo, antes de vos retirardes dêstes lugares... Ainda hoje — prosseguiu em tom confidencial — devo encontrar na cidade o velho tio Simeão, que veiu de Samária especialmente para receber a sua bênção e os seus ensinos. Não sei se a senhora sabe que entre os samaritanos e os galileus ha rixas muito antigas; mas, o Mestre, muitas vezes, nas suas

lições de amor e fraternidade, tem louvado os primeiros pela sua caridade leal e sincera. Numerosos milagres já foram efetuados por êle, na Samária, e meu tio é um dêsses beneficiados que hoje virá receber a bênção de suas mãos consoladoras!...

Uma doce e comovente fé ungia a alma daquela mulher do povo, intensificando em Lívia o desejo de conhecer aquele homem extraordinário que sabia iluminar, com as suas graças, os corações mais ignorantes e mais singelos.

— Ana, espera um pouco — disse sensibilizada, dirigindo-se aos seus aposentos. E, voltando com a fisionomia radiante, satisfeita por começar ali mesmo a sua confraternização cristã, deu á empregada algumas moédas, exclamando com a maior alegria:

— Leva êste dinheiro ao tio Simeão, em meu nome... Êle veiu de longe por ver o Messias e tem necessidade de recursos!

Ana recebeu a importância, que era de alguns denários, e agredeceu, radiante, aquela dádiva considerada como verdadeira fortuna e, daí a minutos, em companhia de Semele e outras companheiras, dirigiu-se pela estrada de Cafarnaum em demanda do lago, onde aguardariam o caír da tarde, quando a barca de Simão Barjona trouxesse o Messias para as pregações costumeiras.

Na cidade, seu primeiro cuidado foi correr a uma choupana pobre e antiga, onde o velho Simeão estreitou-a carinhosamente nos braços, chorando de alegria. Grande júbilo alvoroçou em seguida aqueles corações desprotegidos da sorte, em face da generosa oferta de Lívia, que significava para êles um pequeno tesouro.

Deixando as companheiras no local do costume, em virtude daquela circunstância, Ana não pôde reparar que, logo após a sua ausência, Semele se retirou apressadamente em demanda de uma casa oculta entre oliveiras numerosas, ao fim de uma viéla quasi completamente abandonada.

Algumas pancadas na porta e uma senhora de boa aparência veiu atendê-la, solícita.

— Chegou o nosso amigo? — perguntou a empregada, fingindo despreocupação.

— Sim, o senhor André aqui está desde ontem, á sua espera. Faça o favor de esperar um pouco.

Daí a minutos, um personagem do nosso conhecimento vinha ter com Semele, num dos ângulos da sala, abraçando-a com efusão, como se fôsse pessôa de sua profunda estima.

Era André de Gioras, que vinha a Cafarnaum dar o golpe ultriz, favorecido por uma aliada que a sua sêde de vindíta conseguira colocar, em Jerusalém, na casa de Públio Lentulus, através de uma sagacidade cruél.

Depois de longa palestra em voz muito baixa, ouçamos a serva do senador, que lhe fala nêstes têrmos:

— Não ha dúvida... Já consegui captar toda a confiança dos patrões e a simpatia do pequeno. Pode, pois, ficar tranquilo, porque o momento é oportuno, visto que o senador pretende voltar para Roma em breves dias!

— Infame! — exclamou André, cheio de cólera — já pensa, então, no regresso? Muito bem!... Aquele maldito romano conseguiu escravizar para sempre o meu pobre filho, desatendendo ás minhas súplicas paternas, mas ha de pagar muito caro a sua ousadia de conquistador, porque seu filho ha de ser um servo da minha casa! Um dia, hei de mostrar-lhe a minha desforra, provando-lhe que também sou um homem!...

Essas palavras eram ditas em voz soturna, como se estivesse monologando, de olhos parados e brilhantes, qual se apostrofasse sêres invisíveis e desconhecidos.

— Então, está tudo pronto? — perguntou á Semele, denunciando uma resolução definitiva.

— Perfeitamente — respondeu a serva com a maior serenidade.

— Pois bem; de hoje a três dias irei ao vilino, a cavalo, nas primeiras horas da madrugada.

E entregando-lhe um frasco minúsculo, que ela ocultou cuidadosamente nas próprias vestes, continuou em voz abafada:

—Bastam vinte gôtas para que a criança adormeça

e não desperte senão ao fim de doze horas... Quando fôr noite alta, aplique-lhe a beberagem num pouco de água levemente misturada de vinho fraco e espere o meu sinal. Estarei nas proximidades da casa, que desde ontem fiquei conhecendo, a aguardar a preciosa carga. Abrigará você a criança adormecida, de tal maneira que o volume não denuncie o conteúdo, visto a alguma distância, e, como em assuntos dessa natureza ha que contar com a possibilidade do testemunho de olhos estranhos, irei trajado á romana, esperando que você consiga vestir uma das túnicas da patrôa, de modo a evitarmos que a culpa dêste rapto venha a recair sôbre alguém da nossa raça, caso surja alguma testemunha inoportuna e imprevista... Dado o sinal de minha presença na estrada que margina o pomar, virá você ter comigo, entregando-me o precioso fardo.

E, de olhos perdidos na visão antecipada da sua vingança, André de Gioras exclamou cerrando os punhos:

— Se os malditos romanos escravizam-nos os filhos, sem piedade, podemos também escravizar os seus desgraçados descendentes!... Os homens nasceram com iguais direitos nêste mundo...

Ouvindo-lhe as palavras, atenciosamente, objetou Semele algo amedrontada:

— Mas, e eu? Não acompanharei o pequenino Marcus na mesma noite?

— Seria uma louca imprudência. Você deverá ficar em Cafarnaum todo o tempo necessário, até que se percam todas as pistas do futuro senador, que não passará, aliás, de um futuro escravo. A sua fuga seria um indício seguro, agora ou mais tarde, e nós precisamos obstruir êsse caminho certo.

Como sabe, tenho parentes afortunados na Judéia e não é demais esperar que um golpe da sorte me conceda o lugar proeminente a que aspiro, no templo de Jerusalém. Não podemos, portanto, manter complicações com a justiça, podendo você ficar tranquila, pois, mais tarde o seu esfôrço de hoje será largamente recompensado.

A serva suspirou resignada, acedendo a todas as sugestões daquele espírito vingativo.

Daí a horas, ao caír da noite, voltavam á herdade os servos de Públio, em palestra animada e alegre, comentando os pequeninos incidentes e preocupações do dia.

Semele não parecia preocupada, mesmo porque, havia muito, vinha sendo instruida, pacientemente por André, de modo a colaborar decididamente naquele plano ultriz. Numerosos laços ligavam-na á família de Gioras e, cooperando naquele drama sinistro em favor da desforra, mais não fazia, segundo supunha, que resgatar numerosas dívidas de ordem material.

Afinal, pensava ela consigo, liquidado o caso do pequenino, regressaria a Jerusalém quando muito bem lhe aprouvesse, conciente de haver cumprido um dever, obedecendo. ás tremendas exigências de Andre.

No dia seguinte, calculou todas as possibilidades de êxito do cometimento e na data aprazada tomou todas as providências precisas.

A obtenção de uma túnica do uso particular de Lívia não lhe era difícil. A senhora as possuia em grande número e quasi que, diariamente, Ana se incumbia de preparar as que se encontravam fóra de seus apartamentos privados, para o necessário serviço de higiene e foi assim que, burlando a dedicação e vigilância da coléga, conseguiu Semele uma túnica elegante e discreta, da senhora, de modo a observar, integralmente, as advertências daquele de quem se fizera cúmplice vigilante.

Em casa, nunca o senador e sua mulher haviam vivido momentos de tanta paz e tantas esperanças, desde que chegaram á Palestina. A cura da filha era a doce felicidade de cada instante, ensejando os mais carinhosos planos de ventura para os dias do porvir.

Lívia já organizava todos os seus apetrechos de viagem, considerando que, em poucos dias, estariam no antigo pôrto de Joppé, de regresso á metrópole querida.

Uma serenidade, que parecia imperturbável, descansava agora sôbre o casal, fazendo-lhe os corações tranquilos e ditosos.

Públio havia esquecido totalmente as advertências do sonho, que considerava tão somente resultado da sua palestra impressionante com o proféta de Nazaré e o coração se lhe desanuviára, ponderando o valor dos poderes humanos, dentro da vaidade orgulhosa que lhe abafava todas as preocupações de ordem espiritual. Um pensamento único lhe dominava o coração — voltar á Roma, dentro de poucos dias.

Nessa noite, porém, iam desmoronar-se todas as suas esperanças e modificar-se para sempre, as linhas do seu destino na Terra.

Quem conhecesse a trama urdida na sombra pelo espírito vingativo de André, depois da meia noite poderia ouvir um longo silvo que se repetiu por três vezes, no soturno silêncio do arvoredo.

Um homem trajado á romana apeára de fogoso corcél, a alguns metros da casa, no largo caminho que separava a vegetação do campo das árvores frutíferas. Em seguida, uma porta abriu-se furtivamente e uma mulher trajada á moda patrícia veiu ter com o cavaleiro que a esperava ansioso, depondo-lhe nas mãos, com o máximo cuidado, um embrulho volumoso.

— Semele — exclamou êle baixinho — esta hora é decisiva em nossos destinos!...

A serva de Lentulus nada pôde responder, sentindo o peito opresso.

Nêsse instante, os atores da cena não observaram a aproximação de um homem que estacara, á distância de alguns passos, na espessura das ramagens sombrias.

— Agora — tornou a dizer o cavaleiro, antes de partir em desabalada carreira — não se esqueça que o silêncio é ouro e que, se algum dia você fôr ingrata, pode pagar com a vida a descoberta do nosso segrêdo!...

Dito isso, André de Gioras partiu precipitadamente, a largo trote, pelos caminhos ensombrados, levando consigo o volume para êle tão precioso.

A serva ainda o acompanhou com a vista por alguns instantes, entre assustada e compungida, recolhendo-se a passos cambaleantes.

Ambos não sabiam que os olhos de um caluniador

são piores que os braços de um ladrão e que êsses olhos os espreitavam na solidão da noite.

Era Sulpício que, por coincidência, se recolhia tarde naquela noite, surpreendendo a cena pálidamente iluminada pelos raios da lua.

Observando, de longe, que um homem e uma mulher trajados á romana, se encontravam na estrada em hora tão imprópria, amorteceu a atenuou os passos de felino, entre as árvores, com o fim de identificá-los mais de perto.

A cena fôra, todavia, muito rápida, chegando-lhe tão somente aos ouvidos as últimas palavras "nosso segrêdo", proferidas por André, na sua promessa odiosa e ameaçadora.

Em seguida, observou que a mulher, com a retirada do cavaleiro, regressava ao interior a passos vacilantes, como que prêsa de incoercível abatimento. Estugou então os passos para surpreendê-la, reparando-lhe o vulto a poucos metros de distância. Mas, não se atreveu a aproximar-se, apenas identificando as características da vestimenta, á luz fraca da noite. Aquela túnica era-lhe conhecida. Aquela mulher, a seu ver, era Lívia, a única que podia trajar de tal modo, naquelas cercanias.

Num instante, suas idéias rápidas de homem experimentado nas piores ações do mundo, associaram fatos, personalidades e cousas. Lembrou, em seus íntimos pormenores, a cena que tivéra ocasião de presenciar no jardim de Pilatos, crendo que a espôsa de Públio se fizéra amada pelo governador, cujo coração ela avassalára em poucos minutos, em virtude da sua peregrina beleza; recordou, por último, a estada do procurador na Judéia em Nazaré e concluiu, monologando:

— Um governador, na sua alta posição não deixará, por isso, de ser um homem, e um homem é muito capaz de cobrir toda a noite, em boa montaria, uma distância como a que vai de Cafarnaum a Nazaré, para se encontrar com a mulher amada... Ora esta!... temos agora de prosseguir observando um casal de apaixonados... O único acontecimento estranhável é a facilidade com que essa mulher, aparentemente tão austera, se deixou do-

minar dessa maneira! Mas, como tenho os meus interêsses com Fúlvia, vamos examinar o melhor modo de cientificar êsse pobre homem que, senador, tão jovem e tão rico, é um marido tão desventurado!. . .

E depois de assim monologar cautelosamente, Sulpício recolheu-se, íntimamente satisfeito, por se ver dono da situação, já antegozando o instante em que faria Públio conhecedor do seu segrêdo, afim-de exigir mais tarde, em Jerusalém, o preço ignominioso da sua perversidade, segundo as promessas de Fúlvia.

O dia imediato constituiu dolorosa surpresa para o senador e sua mulher, aturdidos com o inopinado acontecimento.

Ninguém conhecia as circunstâncias em que se verificára o rapto da criança, no silêncio da noite.

Como louco, Públio Lentulus tomou todas as providências possíveis, junto ás autoridades de Cafarnaum, sem lograr resultado favorável. Numerosos servos de sua confiança foram expedidos afim-de bater os arredores, improficuamente, e, enquanto o marido se multiplicava em ordens e providências, Lívia recolhia-se ao leito, tomada de indefenível angústia.

Semele, que fingia a mais profunda consternação, auxiliava os desvelos de Ana, junto da senhora, sucumbida de dôr.

Naquela mesma tarde, Públio ordenou a Comênio, então com as honras de capataz de todos os trabalhos da herdade, a reunião geral dos servos da casa, afim-de que aprendessem no castigo severo, infligido aos escravos incumbidos do serviço noturno de vigilância e, durante todas as horas do crepúsculo, trabalhou o açoite na carne de três homens robustos, que debalde imploravam clemência e misericórdia, prostestando a sua inocência. Somente diante daquelas criaturas injustamente castigadas, considerou Semele a extensão do seu procedimento, mas, intimamente apavorada com as consequências que poderiam advir do delito, cobrou ânimo para ocultar, ainda mais, a culpa e o terrível segrêdo.

Prosseguiam as ações punitivas, até que Lívia, atormentada por aqueles gritos lancinantes e comovedores,

levantou-se com extrema dificuldade e chamando o espôso a um canto da varanda, de onde êle assistia impassível ao horrível sacrifício daquelas míseras criaturas falou-lhe súplice:

— Públio, basta de castigo para êsses homens fracos e infelizes!... Não seria um excesso de rigor da nossa parte para com os nossos servos a causa de tão dolorosa punição dos deuses para conosco? Êsses escravos não são também filhos de criaturas que muito os amaram nêste mundo? Na minha angústia materna, considéro que ainda possuimos direitos e recursos para manter junto de nós os filhinhos idolatrados; mas, como será torturante o martírio da mãe de um desventurado, que o vê arrebatado de seus braços carinhosos para ser vendido por ignóbeis mercadores de conciências humanas!...

— Lívia, o sofrimento sugeriu-te singulares desvarios do coração — exclamou o senador com serena energia.

Como poderias pensar numa igualdade absurda de direitos, entre a cidadã romana e a serva miserável? Não vês que entre ti e a mãe de um catívo existem consideráveis diferenças de sentimento?

— Penso que te enganas, revidou a espôsa — com intraduzível amargura — porque os próprios animais possúem os mais elevados instintos, em se tratando de maternidade...

E ainda assim, querido, ainda que eu não tivesse nenhuma razão, manda o raciocínio que examinemos a nossa posição de pais, para considerarmos que ninguém, mais que nós próprios, é passível de culpa pelo acontecido, visto que os filhos são um depósito sagrado dos deuses, que nô-los confiam ao coração, impondo-nos como dever de cada minuto a multiplicação do carinho e vigilância necessários; se sofro amargamente, é por considerar o amor sublime que nos une aos filhos, sem poder atinar com a causa dêste crime misterioso, sem poder imputar aos nossos servos a culpa dêsse tenebroso acontecimento...

A voz de Lívia, porém, extinguia-se rapidamente. Um delíquio foi o resultado de suas palavras veementes,

ao findar daquele dia de tantas e tão amarguradas emoções. Amparada pelas mãos carinhosas e desveladas de Ana, a pobre senhora recolheu-se ao leito com febre alta. Quanto a Públio, porque sentia que as verdades amargas da mulher lhe doíam fundo no coração, mandou cessar imediatamente o castigo, com alívio geral, recolhendo-se ao gabinete para meditar a situação.

Naquela mesma noite, recebeu a visita de Sulpício, que lhe veiu trazer o infrutífero resultado de suas indagações, na pista do pequenino Marcus.

Ao despedir-se, exclamou o lictor, com grande surpresa de Públio, que lhe observara o tom enigmático das palavras:

— Senador, eu não posso decifrar êsse doloroso enigma do desaparecimento do vosso filhinho, mas talvez possa orientar-vos nalguma pista segura, com as minhas observações pessoais, relativas ao assunto.

— Mas, se tens semelhantes elementos, abre-te sem receios — exclamou Públio, com o máximo interêsse.

— Meus elementos de observação não são pontos de aclaramento positivo, e, como existem alguns remédios que em vez de curarem uma ferida produzem outras úlceras incuráveis, acho melhor adiar para amanhã á noite as minhas impressões individuais sôbre os fatos.

Gozando com a atitude de estupefação do seu interlocutor profundamente impressionado com as suas insinuações criminosas, Sulpício rematou as despedidas, acrescentando intencionalmente:

— Amanhã procurar-vos-ei a estas mesmas horas e, se hoje não vos satisfaço ao desejo, aqui permanecendo até mais tarde, é que me esperam alguns afazeres no meu gabinete de trabalho, em vista de alguns pedidos de informações das nossas autoridades administrativas.

Dominado pelas expressões daquele enigma, Públio Lentulus apresentou-lhe as despedidas da noite, tendo fôrças para murmurar:

— Então, até amanhã. Esperarei o cumprimento da tua promessa, de modo a aliviarem-se-me os receios do coração.

Ficando a sós, o senador submergiu-se no mar profundo de suas inquietações e receios.

Justamente quando contava regressar á Roma, eis que surge o inesperado, com piores características que a própria moléstia da filha, tantos anos suportada com serenidade e resignação, porque, agora, era o rapto inexplicável de uma criança, envolvendo sérias questões da moralidade de sua casa, e a própria honra da família.

No íntimo, sentia-se como um homem sem inimigos na Palestina, porquanto, com exceção do jóvem Saúl, filho de André, que, a seu ver, deveria estar tranquilo no lar paterno, nunca humilhara os brios de nenhum israelita, visto que a todos dispensava o máximo de sua pessoal atenção.

Onde a causa daquele crime misterioso?

Em suas reminiscências aflorou a palavra segura de Flamínio Severus, quando lhe aconselhou muita prudência e valor individual, na Palestina, em razão de certos malfeitores que infestavam a região; mas, por outro lado, recordava o sonho simbólico e, com os olhos da imaginação, parecia lobrigar o vulto venerando daquele juiz austéro e incorrupto, que lhe profetizára uma existência fértil de amarguras, dado o seu desprêzo e indiferênça pelas verdades salvadoras de Jesús de Nazaré.

Trabalhado pela dôr de angustiados pensamentos, debruçou-se á mesa de trabalho e deixou que o orgulho ferido chorasse copiosamente, considerando a sua impotência para conjurar as fôrças ocultas e impiedosas que conspiravam contra a sua ventura, nos caminhos ensombrados do seu doloroso destino.

Alta noite, procurou desabafar o coração, junto á carinhosa solicitude da espôsa, trocando ambos as suas lamentações e as suas lágrimas.

— Públio — exclamava ela com a ternura característica do seu coração — procuremos reanimar nossas energias em favor de nós mesmos... Nem tudo está perdido!... Com os direitos que nos competem, podemos determinar todas as providências precisas, em busca do nosso anjinho. Adiaremos o regresso á Roma, indefinidamente, se tanto fôr necessário, e o resto os deuses fa-

rão por nós, reconhecendo nossa angústia e abnegação.

O que não é justo é que nos entreguemos, irremediavelmente, ao nosso desespêro, inutilizando as derradeiras fôrças para a luta.

A pobre senhora mobilizava os últimos recursos de suas energias maternas no proferir aquelas palavras de esperança e consolação. Sabia Deus, porém, das suas inenarráveis torturas íntimas, naqueles momentos angustiosos, e apenas o seu sentimento acrisolado de renúncia e de amor, transformaria em fôrças as fragilidades da mulher, para poder confortar o coração desolado do espôso, em tão penosas conjunturas.

— Sim, minha querida, farei tudo o que estiver ao meu alcance para esperar a providência dos deuses — disse o senador, mais ou menos reanimado em face do valor de que lhe dava ela testemunho.

O dia seguinte decorreu nas mesmas espectativas angustiosas, com os mesmos movimentos incertos de buscas infrutíferas.

A' noite, segundo prometera, lá estava Sulpício Tarquinius esperando o seu momento decisivo.

Após o jantar, a que Lívia não pôde comparecer em virtude do seu profundo abatimento físico, Públio recebeu o lictor com toda a intimidade, ali mesmo no triclínio, em cujos leitos macios ambos se estiraram para a palestra costumeira.

— Então, ainda ontem — exclamou o senador, dirigindo-se ao suposto amigo — despertaste o meu paternal interêsse, falando-me de tuas observações pessoais, que somente hoje me poderias transmitir...

— Ah! sim — redarguiu o lictor com fingida surpresa — é bem verdade que desejaria solicitar vossa atenção para as ocorrências misteriosas dêstes últimos dias. Tendes algum inimigo, aqui na Palestina, interessado na continuidade de vossa permanência em regiões tão pouco adaptáveis aos hábitos de um patrício romano?

— De modo algum — revidou o senador, eminentemente surpreendido. Suponho encontrar-me num ambiente de amizades sinceras, em se tratando das nossas autoridades administrativas, e acredito que ninguém haja

interessado na minha ausência de Roma. Ficaria muito satisfeito se esclarecesses melhor as tuas observações.

— E' que na Judéia, ha alguns anos, houve um caso idêntico ao vosso.

Conta-se que um dos antecessores do governador atual se deixou apaixonar perdidamente pela espôsa de um patrício romano, que teve a pouca sorte de se fixar em Jerusalém e, conquistados seus objetivos, tudo fez por obstar ao regresso de suas vítimas á séde do Império. E, quando notou que de nada valiam os empecilhos de sua autoridade, cometeu o crime de sequestrar um filhinho do casal, fazendo acompanhar a sua ação de outras atrocidades, que ficaram impunes, dado o seu prestígio político perante o Senado.

Públio ouviu essas observações com o pensamento em brasa.

Em razão da sua intensidade emotiva, o sangue afluiu-lhe ao cérebro, parecendo represar-se em largas correntes junto ao dique das têmporas. Uma palidez de cêra cobriu, em seguida, o seu rosto, num facies cadavérico, sem poder definir a emoção que lhe assaltava o íntimo, em face de tais insinuações contra a sua dignidade pessoal e contra as honrosas tradições da família.

Num instante, reviveu todas as acusações de Fúlvia e, julgando os seus semelhantes pelo estalão dos próprios sentimentos, não podia admitir no espírito de Sulpício uma ferocidade de tal quilate.

Enquanto mergulhava o pensamento em cismas atrozes, sem responder ao lictor, que o observava gozando o efeito de suas tenebrosas revelações, prosseguiu o caluniador, com fingida humildade:

— Bem reconheço o alcance de minhas palavras, para as quais, aliás, suplico a benevolência de vossa discreção, mas eu não abriria o coração nêste sentido, senão tocado pelo profundo interêsse que a vossa amizade conseguiu inspirar á minhalma dedicada e sincera. Francamente, não desejava constituir-me delator de quem quer que seja, perante o vosso espírito justo e generoso; todavia, passarei a narrar-vos o que vi com os próprios olhos, de

modo a orientar com mais segurança o esfôrço de vossas pesquisas em busca do menino.

E Sulpício Tarquinius com a falsa modéstia de suas palavras venenosas, desfiou um rosário longo de calúnias, entremeando os argumentos de consecutivos goles de vinho, o que exaltava ainda mais a fonte prodigiosa das suas fantasias.

Contou ao seu interlocutor, que o ouvia atónito, pela coincidência de suas observações com as denúncias de Fúlvia, os mais íntimos pormenores da cena do jardim em casa de Pilatos e, em seguida, narrou o que observára na noite do rapto, salientando a coincidência da estada do governador em Nazaré.

O senador ouvia-lhe a narrativa, ocultando, a muito custo, o seu espanto doloroso. A prevaricação da espôsa, segundo aquela denúncia espontânea, era um fato indubitável. Entretanto, êle queria acreditar o contrário. Durante todo o tempo da vida conjugal, Lívia manifestára o mais pronunciado retraímento dos ambientes sociais, vivendo tão somente para êle e para os filhinhos idolatrados. Era na sua palavra criteriosa e sincera que o seu espírito ia buscar as necessárias inspirações para o êxito nas lutas da vida; mas aquela denúncia lhe atordoava o coração e anulava todos os factores da antiga confiança. Além disso, penosas coincidências vinham ferir o seu raciocínio, despertando-lhe amarguradas suspeitas no íntimo da alma.

Não fôra ela que intercedera a favor dos escravos, no momento do castigo, súplice, como se a culpa do acontecido também lhe pesasse no coração?

Ainda na véspera, sugerira a continuidade da permanência de ambos na Palestina, demonstrando um valor pouco vulgar. Não seria isso um gesto de suposta consolação para o marido ultrajado, visando prosseguir na Ásia Menor, indefinidamente, obedecendo a intuitos inconfessáveis?

Um turbilhão de idéias antagônicas entrechocava-se no mar de suas meditações dolorosas.

Por outro lado, considerou, num relance, a sua po-

sição de homem de Estado, as responsabilidades austéras que lhe competiam no organismo social.

O cargo proeminente, as severas obrigações a que se consagrara no mecanismo das relações de cada dia, o orgulho do nome e as tradições de família, amalgamaram a energia precisa para o domínio das emoções do momento e, escondendo o homem sentimental que era por natureza, para tão somente revelar o homem público teve fôrças para exclamar:

— Sulpício, agradeço o teu interêsse, desde que as tuas palavras sejam um reflexo da tua generosidade sincéra, mas devo considerar, perante o conceito que acabas de expender sôbre minha mulher, que não aceito nenhum argumento que lhe fira a dignidade e austera nobreza, predicados êsses que, ninguém mais que eu, deve conhecer.

"A entrevista no jardim de Pilatos, a que te referes, foi por mim autorizada e as tuas observações na noite do rapto não estão bem definidas, dado o carater positivo que se requer das nossas investigações

"Assim, pois, agradeço-te a dedicação em meu favor, mas, a tua opinião abre entre nós, doravante, uma linha divisória que a minha confiança não mais ousará transpôr.

"Ficas, assim, dispensado do serviço que te retinha junto de minha família, mesmo porque a perspectiva da minha volta á Roma se desvaneceu com o desaparecimento do pequeno. Não poderemos regressar á séde do Império, enquanto não lograrmos o seu reaparecimento, ou a certeza dolorosa da sua morte.

"Deste modo, eu seria imprudente exigindo a continuidade dos teus préstimos em Cafarnaum, sacrificando decisões de teus superiores hierárquicos, razão por que serás demitido de minha casa sem escândalo que prejudiquem a tua carreira profissional.

"Aguardarei o ensejo de me comunicar com o governador, a teu respeito, quando então serás desligado oficialmente do meu serviço, sem nenhum prejuizo para o teu nome.

"Vês, assim, que, como homem de Estado, agradeço

o teu interêsse e sei apreciar a tua dedicação, mas, como amigo, não me é mais possível depositar em ti o mesmo gráu de confiança."

O lictor, que não esperava semelhante resposta, ficou lívido, no seu indisfarçável desapontamento, mas atreveu-se ainda a revidar, fingidamente:

— Senhor senador, chegará o instante em que havereis de valorizar o meu zêlo, não só como servidor de vossa casa, mas também como amigo desvelado e sincero. E já que não tendes outra recompensa melhor que o desprêzo injusto para corresponder ao meu impulso de amizade, é com prazer que me sinto desligado das obrigações que me prendiam junto de vossa autoridade.

Em seguida, Sulpício pronunciou algumas palavras de despedida, a que Públio respondeu secamente, atormentado pelos mais profundos desgostos.

No silêncio do seu gabinete, examinou o grande coeficiente de energias que as circunstâncias haviam exigido do seu coração em tão penosas conjunturas. Bem reconhecia que adotára para com o lictor a atitude mais conveniente e consentânea com a situação, mas, no íntimo, guardava uma angustiosa incerteza, acêrca-da conduta de Lívia. Tudo conspirava contra ela, tendendo a apresentá-la, ao seu coração de marido pundonoroso, como a personificação da falsa inocência.

Naquele tempo, ainda não se vulgarizára no mundo o "orai e vigiai" dos ensinamentos eternamente doces do Cristo e o senador, entregando-se quasi que totalmente ao império das amargas emoções que o acabrunhavam, debruçou-se sôbre numerosos rolos de pergaminho, entrando a chorar convulsivamente.

VII

AS PREGAÇÕES DO TIBERÍADES

Alguns dias haviam decorrido sôbre os fatos que acabamos de narrar.

Em Cafarnaum, não sómente o cenário, mas tam-

bém os atores, guardavam a mesma fisionomia.

Compelido pela atitude irrevogável e enérgica do senador, Sulpício Tarquinius regressava a Jerusalém, obedecendo ás ordens de Pilatos que, por sua vez, recebera a notificação de Públio Lentulus, referente á dispensa do lictor.

Não devemos esquecer que Públio permanecia na Palestina com poderes amplos, na qualidade de emissário de Cesar e do Senado, a quem todas as autoridades da província, inclusive o governador, eram obrigados a acatar especial atenção e máximo respeito.

O procurador da Judéia não se esquecera, portanto, de substituir Sulpício, do melhor modo possível, buscando conhecer, com interêsse, os motivos do seu afastamento, assunto que o senador solucionou com o mais largo espírito de superioridade, do ponto de vista político, e coadjuvou, com a melhor bôa-vontade, o serviço de pesquisa, quanto ao paradeiro do pequeno Marcus, movimentando funcionários de sua inteira confiança, e vindo pessoalmente a Cafarnaum, afim-de conhecer as diligências efetuadas, na sua intimidade.

O senador recebeu-lhe a visita com as mais altas mostras de reflexão e aceitou-lhe a cooperação, sinceramente confortado, em vista dos acontecimentos desmentirem, perante o seu fôro íntimo, as calúniosas acusações de que era vítima a espôsa.

Sua vida doméstica, porém, sofrera as mais profundas alterações. Não sabia mais viver aquelas horas de colóquio feliz com a espôsa, da qual o separavam um véu de dúvidas amargas e infinitas.

Várias vezes tentou, improficuamente, readquirir a antiga confiança e a sua espontaneidade afetiva.

Rugas de pesar vincaram-lhe então o semblante, ordinariamente altivo e orgulhoso, esfumando-lhe os traços fisionómicos num nevoeiro de preocupações angustiosas.

Todos os seus íntimos, inclusive a espôsa, atribuiam ao desaparecimento do filhinho tão singular metamorfose.

Nas horas habituais das refeições, notava-se-lhe o esfôrço para desanuviar a fisionomia.

Dirigia-se, então, á mulher ou respondia ás suas perguntas carinhosas com monosílabos apressados, acentuando as palavras com um laconismo incompreensível.

Sofrendo amargamente com aquela situação, Lívia apresentava-se cada vez mais abatida, tentando em vão decifrar o motivo de tantas provações e infortúnios.

Muitas vezes procurou sondar o espírito de Públio, de modo a levar-lhe um pouco de carinho e consolação, mas êle evitava-lhe as expansões afetuosas, com pretextos decisivos. Quasi que lhe aparecia tão sómente no triclínio e feita a refeição costumeira retirava-se, abruptamente, para o grande salão do arquivo, onde passava todas as suas horas de inquietadoras meditações.

De Marcus, nenhuma notícia havia, que lhe proporcionasse a mais ligeira sombra de esperança.

Por uma formosa manhã da Galiléia, vamos encontrar Lívia em palestra íntima com a serva dedicada e amiga fiél, a quem replica nêstes têrmos, depois de carinhosamente inquirida, acêrca-do seu estado de saúde:

— Sinto-me bem mal, minha bôa Ana!... A' noite, o coração bateu-me descompassadamente e, hora-a-hora, vejo crescer-me no íntimo uma dolorosa impressão de amargura. Não poderia bem definir meu estado, ainda que o quisesse... O desaparecimento do pequeno enche-me a alma de lúgubres pressagios, multiplicando o pêso das minhas aflições maternas quando não posso vislumbrar, nem de leve, a causa de tamanhos padecimentos...

E agora é, sobretudo, o estado de Públio o que mais me acabrunha. Êle foi sempre um homem puro, leal e generoso; mas, de algum tempo a esta parte, noto-lhe singulares diferenças no temperamento, agravando-se-lhe os sintomas doentios com maior intensidade, após o incompreensível desaparecimento do nosso filhinho.

A mim se me figura que êle vem sofrendo os mais fortes distúrbios sentimentais, com sérios prejuizos para a saúde...

— Bem vejo, senhora, quanto sofreis! — aventou

a serva carinhosa. Sei que sou uma criatura humilde e sem nenhum valor, mas pedirei a Deus que a proteja incessantemente, restabelecendo a paz do seu coração.

— Criatura humilde e sem valor? — diz a pobre senhora, buscando demonstrar-lhe o gráu de sua estima sincera. — Não diga isso, mesmo porque não sou dessas almas que aferem o valor de cada um pelas posições que desfruta ou pelas honras que recebe.

Filha única de pais que me legaram considerável fortuna, cidadã romana, com as prerrogativas de mulher de um senador, vês quanto sofro nos trabalhos amargos dêste mundo.

Os títulos que o berço me outorgou não conseguiram eliminar as provações que o destino também me trouxe, com a mocidade e a fortuna fácil.

Reconhece, pois, que, sendo patrícia e tu uma serva, não possuimos um coração diverso, mas, sim, o melhor sentimento de fraternidade, que nos abre a porta de uma compreensão carinhosa, a valer por asílo suave nos dias tristes da vida.

De mim para comigo, sempre supús, contrariamente á educação recebida, que todas as criaturas são irmãs, filhas de uma origem comum, sem conseguir atinar com as linhas divisórias entre aqueles que possúem muitos haveres e muitos títulos e os que nada possúem nêste mundo além do coração, onde costumo localizar os valores de cada um, nesta vida.

— Senhora, — exclamou a serva tocada da mais grata surpresa — vossas palavras me comovem, não sómente por partirem dos vossos lábios, que me habituei a ouvir sempre com carinho e veneração, mas também porque o proféta de Nazaré nos tem dito a mesma cousa em suas prédicas.

— Jesús?!... — perguntou Lívia de olhos brilhantes, como se aquela referência fôsse avivada mediante apêlo superior á uma fonte de consolação, da qual se houvesse momentaneamente esquecido.

— Sim, minha senhora, e por falar nêle, por que não buscardes um pouco de confôrto nas suas divinas palavras? Juro-vos que as suas expressões, sábias e

amorosas, vos consolariam, no meio de todos os pesares, proporcionando-vos uma sensação de vida nova!... Se quisesseis, eu poderia conduzir-vos á casa de Simão, discretamente, afim-de receberdes o benefício de suas lições carinhosas e doces. Receberieis, assim, a alegria da sua bênção, sem vos expordes ás críticas alheias, nutrindo o vosso coração dos seus luminosos ensinamentos.

— Lívia pensou intensamente naquele alvitre, que se lhe figurava providência salvadora, respondendo, por fim:

— Os sofrimentos da vida muitas vezes me têm dilacerado o coração, renovando os meus raciocínios acêrca-dos princípios que me foram ensinados desde o berço, e é por isso que, acolhendo a tua idéia, acho que devo procurar a Jesús publicamente, como o fazem outras mulheres dêstes lugares.

"Era minha intenção procurá-lo antes do nosso regresso á Roma, para lhe manifestar meu reconhecimento pela cura de Flávia, fato que me deixou profundamente impressionada, mas que não nos foi possível comentar, em razão da atitude hostil de meu marido; agora, novamente desamparada, no estuar das minhas dôres, recorrerei ao proféta por obter um lenitivo ao coração opresso e torturado.

Mulher de um homem que, por fôrça da sua carreira política, ocupa agora o mais alto cargo nesta província, irei a Jesús como uma criatura desherdada da sorte, em busca de amparo e consolação."

— Senhora, e vosso espôso? — perguntou Ana, antevendo as consequências daquela atitude.

— Procurarei cientificá-lo da minha resolução; mas, se Públio esquivar-se, ainda uma vez, á minha presença para um entendimento mais íntimo, irei mesmo sem ouví-lo, com respeito ao assunto. Vestirei os trajes humildes desta região de criaturas simples, irei a Cafarnaum, hospedando-me com os teus parentes, nas horas necessárias, e, no momento das práticas, quero ouvir a palavra do Messias, de coração contrito e alma compadecida pelos infortúnios dos meus semelhantes...

"Sinto-me profundamente isolada nestes últimos dias

e tenho necessidade de um confôrto espiritual para o meu coração combalido nas provas ásperas."

— Senhora, Deus abençôe os vossos bons propósitos. Em Cafarnaum, os meus parentes são muito pobres e muito humildes, mas a vossa figura está ali no santuário da gratidão de todos, bastando uma palavra vossa para que se ponham á vossa disposição, como escravos.

— Para mim não existe fortuna que se iguale a essa, da paz e do sentimento.

"Não procurarei o proféta para solicitar-lhe atenções especiais, porque basta a sua caridade, no caso de minha filha, hoje sadia e forte, graças á sua piedade de justo, mas tão sómente para buscar um confôrto ao meu coração dilacerado.

"Pressinto que, em lhe ouvindo as exortações carinhosas e amigas, alcançarei energias novas para enfrentar as provações mais amargas e mais rudes.

"Sei que êle me conhecerá nos trajes pobres da Galiléia; todavia, na sua intuição divinatória, compreenderá que, dentro do peito da romana, pulsa um coração amargurado e infeliz."

As duas combinaram, então, ir juntas á cidade, na tarde do primeiro sábado.

Embalde, procurou Lívia uma oportunidade para solicitar a ambicionada permissão do marido, a favor da sua pretensão. Inúmeras vezes buscou, improficuamente, sondar o espírito de Públio, cuja frieza lhe afugentava a coragem para a necessária consulta.

Ela, porém, havia resolvido procurar o Mestre, de qualquer maneira. Abandonada numa região em que sómente o marido podia compreendê-la integralmente, dentro da sua esfera de educação, e rudemente provada nas fibras mais sensíveis da sua alma feminina, de espôsa e mãe, a pobre senhora assim deliberou com pleno assentimento da sua conciência honesta e pura.

Talhou uma roupa nova, de conformidade com os usos galileus, de maneira a não se fazer notada na multidão comum nas prédicas do lago e, cientificando a Comênio da necessidade que tinha de saír naquele dia, afim-de que o marido fôsse avisado á hora do jantar,

dirigiu-se, na data prèviamente determinada, pelos caminhos que já conhecemos, em companhia da serva de confiança.

Na residência humilde de pescadores, onde se abrigavam os familiares de Ana, Lívia sentiu-se envolvida em radiosas vibrações de serenidade, amiga e doce. Era como se o seu coração desalentado encontrasse uma claridade nova naquele ambiente de pobreza, de humildade e ternura.

A figura patriarcal do velho Simeão, de Samária, porém, destacava-se a seus olhos entre todos os que a receberam com as mais elevadas demonstrações de carinhosa bondade. Do seu olhar profundo e das cãs veneráveis emanavam as doces irradiações da maravilhosa simplicidade do antigo povo hebreu e a sua palavra, ungida de fé, sabia tocar os corações nas cordas mais sensíveis, quando narrava as ações prodigiosas do Messias de Nazaré.

Lívia, acolhida por todos com simpatia franca, parecia devassar um mundo novo, até então desconhecido na sua existência. Confortava-lhe, sobremaneira, a expressão de sinceridade e candura daquela vida simples e humilde, sem atavios nem artifícios sociais, mas também sem preconceitos nem fingimentos perniciosos.

A' tardinha, confundida com os pobres e os doentes que iam receber as bênções do Senhor, vamos encontrá-la de coração aliviado e sereno, esperando o momento ditoso de ouvir do Mestre uma palavra de amor e consolação.

O crepúsculo de um dia claro e quente emprestava um reflexo de luz dourada a todas as cousas e a todos os contornos suaves da paisagem. Encrespavam-se as águas mansas do Tiberíades ao sôpro carinhoso dos favônios da tarde, que se impregnavam do perfume das flôres e das árvores. Brisas frescas eliminavam o calor ambiente, espalhando sensações agradáveis de vida livre, no seio robusto e farto da natureza.

Afinal, todos os olhares se dirigiam para um ponto escuro que se desenhava no espêlho cristalino das águas, muito ao longe, no horizonte.

Era a barca de Simão, que trazia o Mestre para as dissertações costumeiras.

Um sorriso de ansiedade e de esperança clareou, então, todos aqueles semblantes que o aguardavam, no desconfôrto de seus sofrimentos.

Lívia reparou aquela turba que, por sua vez, também lhe notara a estranha presença. Operários humildes, pescadores rudes, mães númerosas em cujo rosto macerado se podiam lêr as histórias amargas dos mais incríveis padecimentos, criaturas da plébe anônima e sofredora, mulheres adúlteras, publicanos gozadores da vida, enfêrmos desesperados e crianças numerosas, que traziam consigo os estigmas do mais doloroso desamparo.

Conservava-se Lívia ao lado do velho Simeão, cuja expressão fisionômica de firmesa e doçura inspirava o mais profundo respeito dos que se lhe aproximavam; e quantos lhe notavam o delicado perfil romano, enfiado na simplicidade do traje galileu, presumiam na sua figura alguma jóvem de Samária da Judéia, que tivesse vindo igualmente de longe, atraída pela fama do Messias.

A barca de Simão acostára brandamente á margem, ensejando a que o Mestre se dirigisse ao local costumeiro de suas lições divinas. Sua fisionomia parecia transfigurada em resplendente beleza. Os cabelos, como de costume, caíam-lhe aos ombros, á moda dos nazarenos, esvoaçando levemente aos ósculos caricíosos dos ventos brandos da tarde.

A espôsa do senador não pôde mais despregar os olhos deslumbrados, daquela figura simples e maravilhosa.

Começara o Mestre um sermão de beleza inconfundivel e suas palavras pareciam tocar os espíritos mais emperdenidos, figurando-se que os ensinamentos ressoavam nas devesas de toda a Galiléia, ecoando pelo mundo inteiro, préviamente modelados para caminhar no mundo com a própria eternidade.

"Bem-aventurados os aflitos porque a êles pertencerá o reino de meu Pai que está nos céus!...

Bem-aventurados os pacíficos porque possuirão a Terra!...

Bem-aventurados os sedentos de justiça, porque serão saciados!...

Bem-aventurados os que sofrem e choram, porque serão consolados nas alegrias eternas do reino de Deus!..."

E a sua palavra enérgica e branda disse da misericórdia do Pai Celestial; dos bens terrestres e celestes; do valor das inquietações e angústias humanas, acrescentando que viera ao mundo não para os mais ricos e mais felizes, mas para consolar os mais pobres e desherdados da sorte.

A assembléia heterogênea escutava-o embevecida nos seus transportes de esperança e gôzo espiritual.

Uma luz serena e cariciosa parecia vir do Hebron, clarificando a paisagem em tonalidade de opalas e safiras eterizadas.

A hora ia adiantada e alguns apóstolos do Senhor resolveram trazer alguns pães aos mais necessitados de alimento. Dois grandes cestos de merenda frugal foram trazidos, mas os ouvintes eram em demasia numerosos. Jesús, porém, abençôou-lhes o conteúdo e, como num suave milagre, a escassa provisão foi repartida em pequenos pedaços, que foram religiosamente distribuídos por centenas de pessôas.

Lívia recebeu igualmente a sua parte e, ao ingerí-la, sentiu um sabor diferente, como se houvera sorvido um remédio apto a lhe curar todos os males da alma e do corpo, porque uma tranquilidade branda lhe anestesiou o coração flagelado e desiludido. Comovida até ás lágrimas, viu que o Mestre atendia, caridosamente, a numerosas mulheres, entre as quais muitas, segundo o conhecimento do povo de Cafarnaum, eram de vida dissoluta e criminosa.

O velho Simeão quis também aproximar-se do Senhor naquela hora memorável da sua passagem pelo planeta. Lívia acompanhou-o automaticamente, e, em poucos minutos, achavam-se ambos diante do Mestre, que os acolheu com o seu generoso e profundo sorriso.

— Senhor — exclamou, respeitosamente, o ancião

de Samária — que deverei fazer para entrar, um dia, no vosso reino?

— Em verdade te digo — replicou-lhe Jesús carinhosamente — que muitos virão do Ocidente e do Oriente, procurando as portas do Céu, mas sómente encontrarão o reino de Deus e de sua justiça aqueles que amarem profundamente, acima de todas as cousas da Terra, ao nosso Pai que está nos Céus, amando ao próximo como a si mesmos.

E espraiando o olhar compassivo e misericordioso por sôbre a assembléia vasta, continuou com doçura:

— Muitos, também, dos que foram aqui chamados, serão escolhidos para o grande sacrifício que se aproxima!... Êsses me encontrarão no reino celestial, porque as suas renúncias hão de ser o sal da Terra e o sol de um novo dia!...

— Senhor — aventurou o ancião com os olhos razos de lágrimas — tudo faria eu por ser um dos vossos escolhidos!...

Mas, Jesús, fitando fixamente o patriarca de Samária, murmurou com infinita ternura:

— Simeão, vai em paz e não tenhas pressa, porque, em verdade, aceitarei o teu sacrifício no momento oportuno...

E, estendendo o raio de luz dos seus olhos até á figura de Lívia, que lhe devorava as palavras com a sêde ardente da sua atenção, exclamou com as claridades proféticas de suas exortações:

— Quanto a ti, regosija-te em Nosso Pai, porque as minhas palavras e ensinamentos te tocaram para sempre o coração. Vai e não descreias, porque tempo virá em que saberei aceitar as tuas abnegações santificantes!

Essas palavras fôram ditas numa tal atitude, que a espôsa do senador não teve dificuldade em lhes apreender o sentido profundo, para um futuro distante.

Aos poucos, dispersou-se a grande assembléia dos pobres, dos enfêrmos e dos aflitos.

Era noite quando Lívia e Ana regressaram á casa solarenga, confortadas pelas graças recebidas das mãos caridosas do Messias.

Uma sensação profunda de alívio e confôrto inundava-lhes o íntimo de bênçãos cariciosas e consoladoras.

Penetrando, porém, nos seus aposentos, Lívia encontrou de frente a figura enérgica do marido, que deixava transparecer na fisionomia carregada os mais intensos sinais de irritação, como acontecia nos momentos de seu mais rispidos mau humor. Ela notou-lhe a exacerbação de ânimo, mas, ao contrário de outras vezes, parecia inteiramente preparada para vencer as mais tremendas lutas do coração, porque com uma serenidade imperturbável o encarou face-á-face, enfrentando-lhe o olhar suspeitoso. Figurava-se-lhe que a flôr de uma eterna paz espiritual lhe desabrochára no íntimo, ao suave calor das palavras do Cristo, porquanto lhe parecia haver atingido o terreno, até então desconhecido, de uma serenidade estranha e superior.

Depois de fitá-la de alto a baixo com o seu olhar duro e inquiridor, exclamou Públio mal sopitando a cólera incompreensível:

— Então, que é isso? que poderosas razões levariam a senhora a ausentar-se de casa em horas tão impróprias para as mães de família?

— Públio, — respondeu com humildade, estranhando aquele tratamento cerimonioso — por mais que buscasse comunicar-te a minha resolução de saír na tarde de hoje, fugiste sempre de minha presença, esquivando-te á minha consulta e eu necessitava procurar o Messias de Nazaré, de modo a acalmar meu coração desventurado...

— E precisavas de um disfarce para encontrar o proféta do povo? — atalhou o senador com ironia.

E' a primeira vez que noto uma patrícia usando tais artifícios para consolar o coração. Vai a tanto, assim, o seu menosprêzo pelas nossas mais sagradas tradições familiares?

— Supús não me ficasse bem fazer-me notada na multidão das pessôas pobres e infelizes que procuram a Jesús nas margens do lago e, identificando-me com os sofredores, não presumí desacatar os nossos costumes familiares, mas, sim, acreditei agir em favor do nosso nome, considerando a circunstância de ocupares, no mo-

mento, nesta província, a mais alta expressão política do Império.

— A menos que esteja disfarçando algum outro sentimento, como dissimula a posição social com a indumentária, muito errou procurando o Messias nêsses trajes, porque, afinal, estou investido de poderes para requisitar a presença de qualquer pessôa da região em minha casa!

— Mas Jesús — revidou Lívia corajosamente — deve estar para nós muito acima dos poderes humanos, que sabemos tão precários, por vezes. Acho que a cura da nossa filhinha, diante da qual todos os nossos recursos foram impotentes, é o bastante para fazê-lo credor da nossa gratidão imperecível.

— Ignorava que a sua organização mental fôsse tão frágil em face dos sucessos do Mestre de Nazaré aqui em Cafarnaum — continuou o senador ásperamente.

"A cura de nossa filha? Como pode assegurar uma cousa que a sua argumentação pessoal não pode provar com dados positivos? E ainda que êsse homem, revestido de fôrças divinas para o espírito simples e ignorante dos pescadores galileus, tivesse operado essa cura com a sua intervenção sobrenatural, vindo a êste mundo da parte dos deuses, poderíamos chamá-lo de impiedoso e cruél, sarando uma menina enfêrma de tantos anos e permitindo que os gênios do mal e da perversidade nos arrebatassem o filhinho sadio e carinhoso, em cuja fronte colocava a minha ternura de pai todo um futuro brilhante e promissor!

— Cala-te, Públio! — revidou ela, tomada de uma fôrça superior que lhe conservava toda a serenidade do coração. Recorda-te que os deuses podem humilhar-nos com dureza, a vaidade absurda e orgulhosa... Se Jesús de Nazaré nos curou a filhinha bem amada, que apertavamos nos braços frágeis contra os poderes imensos da morte, podia permitir que fôssemos tocados no mais sagrado sentimento de nossa alma, com o incompreensível desaparecimento do nosso Marcus, para que nos sentíssemos inclinados á piedade e á comiseração pelos nossos semelhantes!...

— A senhora se compromete com essa demasiada tolerância, que vai ao absurdo da fraternização com os escravos — disse Públio com rispidez e austera severidade.

"Tal atitude de sua parte me faz pensar, sériamente, que a sua personalidade mudou no decurso dêste ano, porque as suas idéias, longe do nível social da séde do Império, baixaram ao terreno dos sentimentos mais relaxados, em face da compostura que se exige da mulher de um senador, ou da matrona romana."

Lívia ouvira, angustiadamente, as palavras injustificáveis do marido. Nunca o observára tão irritado, em todo o transcurso da vida conjugal; mas, verificára, em si própria, uma renovação singular, como se o pão rústico, abençoado pelo Mestre, lhe transfigurasse as mais recônditas fibras da conciência. Seus olhos se enchiam de lágrimas, não por um orgulho ferido ou pela ingratidão que aquelas admoestações injustas revelavam, mas com profunda compaixão do espôso que não a compreendia e adivinhando a dolorosa tempestade que lhe fustigava o coração generoso, porém arbitrário, no plano de suas resoluções. Serena e silenciosa, não se justificou perante as severas reprimendas.

Foi quando, então, compreendendo que aquele atrito não deveria prosseguir, dirigiu-se o senador para a porta de saída do apartamento, abrindo-a com estrépito, a exclamar:

— Jamais fiz uma viagem tão penosa e tão infeliz! Gênios malditos parecem presidir as minhas atividades na Palestina, porque se curei uma filha, perdí um filhinho no desconhecido, começo a perder a mulher no abismo das irreflexões e da incoerência, e acabarei também perdendo-me para sempre.

Dizendo-o, bateu a porta com tôda a fôrça dos seus movimentos instintivos, encaminhando-se ao gabinete, enquanto a espôsa, de coração genuflexo digiria o pensamento para aquele Jesús carinhoso e terno, que viera ao mundo para salvar todos os pecadores. Lágrimas dolorosas fluiam-lhe dos olhos, fixos ainda na paisagem do lago de Genesaré, aonde parecia haver regressado em

espírito, novamente. Lá estava o mestre, em atitudes doces de prece, cravando nas estrêlas do céu os olhos fulgurantes.

Figurou-se-lhe que Jesús também lhe notára a presença naquela hora sombria da noite, porque desviára o olhar fúlgido do firmamento constelado e estendia-lhe os braços compassivos e misericordiosos, exclamando com infinita doçura:

— Filha, deixa que chorem os teus olhos as imperfeições da alma que o Nosso Pai destinou para gêmea da tua!... Não esperes dêste mundo mais que lágrimas e padecimentos, porque é na dôr que os corações se lucificam para o céu... Um momento chegára em que te sentirás no ácume das aflições, mas não duvides da minha misericórdia, porque no momento oportuno, quando todos te desprezarem, eu te chamarei ao meu reino de divinas esperanças, onde poderás aguardar teu espôso, no curso incessante dos séculos!...

Pareceu-lhe que o Mestre continuaria a embalar-lhe o coração com as suas suaves e carinhosas promessas de bem aventurança, mas um ruído qualquer a separara daquela visão de luz e de felicidade indefiníveis.

Quebrára-se o quadro da sua mentação espiritual, como se feito de tenuíssimas filigranas.

Todavia, a espôsa do senador compreendeu que não fôra vítima de uma perturbação alucinatória e guardou, com amor no âmago do coração as doces palavras do Messias. E, enquanto despia os trajes galileus, afim-de retomar o curso de suas obrigações domésticas, de alma límpida e consolada, parecia, ainda, lobrigar o vulto sereno e amado do Senhor, nas eminências verdejantes das margens do Tiberíades, através da neblina suave, que embaciava os seus olhos húmidos de pranto.

VIII

NO GRANDE DIA DO CALVÁRIO

Desde a sua altercação com a espôsa, fechara-se Públio Lentulus na mais penosa taciturnidade.

Dolorosas suspeitas lhe vergastavam o coração impulsivo, acêrca-do procedimento daquela que o destino algemara ao seu espírito, para sempre, no instituto da vida conjugal. Não pudera compreender o disfarce de que Lívia se utilizára para o encontro com o proféta de Nazaré, pois seu temperamento orgulhoso rebelava-se contra aquela atitude da mulher, considerando a sua posição social um penhor da veneração e do respeito de todos e dando guarida, assim, ás mais penosas desconfianças, intoxicado pelo veneno das calúnias de Fúlvia e Sulpício.

Algum tempo decorrera e, enquanto êle se enclausurava no seu mutismo e na sua melancolia, Lívia abroquelava-se na fé, nas palavras carinhosas e persuasivas do Nazareno. Nunca mais voltára ela a Cafarnaum, com o fim de ouvir as consoladoras prédicas do Messias; mas, por intermédio de Ana, que lá comparecia pontualmente, procurou auxiliar, sempre que possível, os pobres que buscavam a palavra de Jesús, na medida dos seus recursos materiais. Profunda tristeza lhe invadia o coração sensível e generoso, em observando as atitudes incompreensíveis do companheiro; mas, a verdade é que já não colocava as suas esperanças em qualquer realização do orbe terrestre, volvendo as suas mais ardentes aspirações para aquele reino de Deus, maravilhoso e sublime, onde tudo devia transpirar amor, ventura e paz, no seio farto de soberanas consolações celestes.

Aproxima-se a Páscoa do ano 33 e numerosos amigos de Públio haviam aconselhado a sua volta temporária a Jerusalém, afim-de intensificar os serviços da procura do filhinho, no curso das festividades que concentravam, na época, as maiores multidões da Palestina, estabelecendo possibilidades mais amplas no reencontro do desaparecido. Peregrinos incontáveis, de todas as regiões da província dirigiam-se para Jerusalém, a participar dos grandes festejos, oferecendo, simultaneamente, os tributos de sua fé, no grande templo. A nobreza indígena também se fazia notar ali, em tais circunstâncias, através de seus elementos mais representativos. Todos os partidos políticos se arregimentavam para os serviços

extraordinários das solenidades que reuniam as maiores massas do judaismo, encaminhando-se para lá os homens mais importantes do tempo. As autoridades romanas, por sua vez, concentravam-se, igualmente, em Jerusalém, na mesma ocasião, reunindo-se na cidade quasi todos os centuriões e legionários, destacados a serviço do Império, nas paragens mais remotas da província.

Públio Lentulus não desdenhou o alvitre e antes que a cidade se enchesse de romeiros e exploradores, já ali se encontrava com a família, fornecendo instruções aos servos de confiança, conhecedores do pequenino Marcus, de maneira a estabelecer um cordão de investigadores atentos e permanentes, enquanto perdurassem os festejos.

Em Jerusalém, o convencionamento social não se modificara, notando-se apenas a circunstância de Públio haver dispensado a residência do tio Sálvio, adquirindo uma vila confortável e graciosa em plena rua movimentada, de onde pudesse observar, igualmente, as manifestações populares.

As vésperas da Páscoa, chegaram com a volumosa preamar de peregrinos de todas as classes e de todas as localidades provinciais. Interessante observar-se, naqueles blocos heterogêneos de povo, os hábitos mais díspares entre si.

Caravanas numerosas revelando os mais exquisitos costumes, penetravam as portas da cidade, patrulhadas por numerosos soldados pretorianos.

E, enquanto o senador fazia comparações de ordem econômica, social e política, observando as massas de povo que afluiam ás ruas movimentadas, vamos encontrar Lívia em palestra íntima com a serva de sua amizade e confiança.

— Sabeis, senhora, que também o Messias chegou ontem a esta cidade? — exclamava Ana com um raio de alegria nos grandes olhos.

— Verdade? — perguntou Lívia surpresa.

— Sim, desde ontem, chegou Jesús a Jerusalém, saudado por grandes manifestações populares.

A ressurreição de Lázaro, na Betânia, confirmou as

suas divinas virtudes de Filho de Deus, entre os homens mais descrentes desta cidade, e acabo de saber que sua chegada foi objéto de imensas alegrias da parte do povo. Todas as janelas se enfeitaram de flôres para a sua passagem triunfal, as crianças espalharam palmas verdes e perfumadas no caminho, em homenagem a êle e aos seus discípulos!... Muita gente acompanhou o Mestre desde as margens do lago de Genesaré, seguindo-o até aqui, através de todas as localidades.

Quem me trouxe a notícia foi um conhecido pessoal, portador do tio Simeão, que também veiu a Jerusalém, nessa grande caminhada, apesar da sua idade avançada...

— Ana, essa notícia é muito confortadora — disse-lhe a senhora com bondade — e se pudesse iria ouvir a palavra do Mestre, onde quer que fôsse; mas, bem sabes as dificuldades para a consecução dêste intento. Entretanto, ficas livre de tuas obrigações e trabalhos, durante a permanência de Jesús em Jerusalém, de modo a bem aproveitares as festas da Páscoa, ouvindo, ao mesmo tempo, as prédicas do Messias, que tanto bem nos fazem ao coração.

E, entregando á criada o indispensável auxílio pecuniário, observava que Ana partia satisfeita em demanda das cercanias do Monte das Oliveiras, onde estacionavam massas compactas de peregrinos, entre os quais se notava a presença do velho Simeão, de Samária, romeiro desassombrado que não trepidara, apesar da idade avançada, em aderir ao movimento das peregrinações pelos mais escabrosos e longos caminhos.

Em casa de Lentulus não havia tanto interêsse pelas grandes festividades do judaismo.

Um único motivo justificava a presença do senador em Jerusalém naqueles dias turbulentos, qual o da busca incessante do filho, que parecia perdido para sempre.

Diariamente, ouvia os servos de confiança, após as diligências empreendidas e, de instante a instante, sentia-se mais acabrunhado por acerbas desilusões, considerando a sua luta inútil, naquelas pesquisas exaustivas e infrutíferas.

Na vivenda clara e ajardinada, as horas passavam vagarosas e tristes. Embalde se movimentavam as ruas, patrulhadas por soldados e cheias de criaturas de todos os matizes sociais. O vozerio das ruidosas manifestações populares transpunham aquelas portas quasi silenciosas, como écos apagados de rumores longínquos.

A penosa situação conjugal em que se colocára, separava o senador da mulher, como se estivessem irremediavelmente distantes um do outro, pelos laços sagrados do coração.

Foi a êsse retiro de calma aparente que Ana voltou, certa manhã, passados alguns dias, afim-de cientificar a senhora da inesperada prisão do Messias.

Com a simplicidade espontânea e sincera da alma popular, que ela encarnava, a serva humilde historiou com os mais íntimos pormenores a cena provocada pela ingratidão de um dos discípulos, em virtude do despeito e da ambição dos sacerdotes e fariseus do templo da grande cidade israelita.

Amargamente compungida em face do acontecimento, Lívia considerou que, se fôsse noutro tempo, recorreria imediatamente á proteção política do marido, de modo a evitar ao profeta de Nazaré os ataques das ambições desmesuradas. Agora, porém, reconhecia não lhe ser possível socorrer-se do prestígio do companheiro, em tais circunstâncias. Mesmo assim, procurou aproximar-se dêle, por todos os modos, embora improficuamente. De uma sala contígua ao seu gabinete, notou que Públio atendia a numerosas pessôas que o procuravam particularmente, em atitude discreta; e o interessante é que, segundo as suas observações, todos expunham ao senador o mesmo assunto, isto é, a prisão inesperada de Jesús Nazareno — acontecimento que desviára todas as atenções das festividades da Páscoa, tal o interêsse despertado pelos feitos do Mestre, em todos os espíritos. Alguns solicitavam a sua intervenção no processo do acusado; outros, da parte dos fariseus ligados aos sacerdotes do Sinhédrio, encareciam aos seus olhos o perigo das pregações de Jesús, apresentado por

muitos como um revolucionário inconciente, contra os poderes políticos do Império.

Debalde esperou Lívia que o marido lhe concedesse dois minutos de atenção, no compartimento próximo do seu gabinete privado.

Sua ansiedade tocava o apogeu, quando lobrigou a figura de Sulpício Tarquinius, que vinha da parte de Pilatos solicitar ao senador o obsequio da sua presença, imediatamente, no palácio do govêrno provincial, afim-de solucionar um caso de conciência.

Públio Lentulus não se fez rogado.

Ponderando os seus deveres de homem de Estado, concluiu que deveria esquecer quaisquer prevenções da sua vida particular e privada, marchando ao encontro das obrigações que devia ao Império.

Lívia perdeu, então, toda a esperança de implorar-lhe auxílio para o Mestre, naquele dia. Sem saber porque, intensa amargura invadia-lhe o mundo íntimo. E foi com a alma envôlta em sombras que elevou ao Pai Celestial as suas preces fervorosas e sinceras, por aquele que o seu coração considerava lúcido emissário dos céus suplicando a todas as fôrças do bem, livrassem o Filho de Deus da perseguição e da perfídia dos homens.

Chegando á côrte provincial romana, naquele dia inesquecível de Jerusalém, Públio Lentulus foi tomado de extraordinária surpresa.

Ondas compactas de povo se adensavam na praça extensa, em gritaria ensurdecedora.

Pilatos recebeu-o com deferência e solicitude, conduzindo-o a um gabinete amplo, onde se reunia pequeno número de patrícios, escolhidos a dêdo em Jerusalém. O pretor Sálvio, funcionários de destaque, militares graduados e alguns poucos romanos civís, de nomeada, que passavam eventualmente pela cidade, alí se aglomeravam, convocados pelo governador, que se dirigiu a Públio Lentulus, nestes têrmos:

— Senador, eu não sei se tivestes ensejo de conhecer, na Galiléia, um homem extraordinário que o povo se habituou a chamar Jesús Nazareno. Êsse homem foi agora prêso, em virtude de condenação dos sacerdotes

do Sinhédrio, e a massa popular que o havia recebido, nesta cidade, com palmas e flôres, péde agora, nesta praça o seu imediato julgamento por parte das autoridades provinciais, em confirmação da sentença proferida pelos padres de Jerusalém.

"Eu, francamente, não lhe vejo culpa alguma, senão a de um ardente visionário de cousas que não posso ou não sei compreender, surpreendendo-me amargamente o seu penoso estado de pobreza."

Nêste comenos, penetraram na sala as duas irmãs, Cláudia e Fúlvia, que tomaram assento nêsse conselho íntimo de patrícios.

— Ainda esta noite — continuou Pilatos apontando para a espôsa — parece que os augúrios dos deuses se manifestaram para a minha orientação, pois Cláudia sonhou que uma voz lhe recomendava que eu não deveria arriscar minha responsabilidade no julgamento dêsse homem justo.

"Resolvi, portanto, agir em conciência, aqui reunindo todos os patrícios e romanos notáveis de Jerusalém, para examinarmos o assunto, de modo que o meu ato não prejudique os interêsses do Império, nem colida com o meu ideal de justiça.

"Que dizeis, pois, dos meus escrúpulos, na qualidade de representante direto do Senado e do Imperador, entre nós, nêste momento?"

— Vossa atitude — respondeu o senador, compenetrado de suas responsabilidades — revela o máximo critério nas questões administrativas.

E, recordando, no íntimo, os bens que havia recebido do profeta com a cura da filhinha, embora as dúvidas levantadas pelo raciocínio da sua vaidade orgulhosa, continuou:

— Conheci, de perto, o profeta de Nazaré, em Cafarnaum, onde ninguém o tinha na conta de um conspirador ou revolucionário. Suas ações, ali, eram as de um homem superior, caridoso e justo, e jamais tive conhecimento de que sua palavra se erguesse contra qualquer instituto social ou político do Império. Certamente, alguém o toma aqui como pretendente á autoridade polí-

tica da Judéia, cevando-se no seu nome as ambições e despeitos dos sacerdotes do templo. Mas, já que guardais no coração os melhores escrúpulos, por que não enviais o prisioneiro ao julgamento de Antipas, a quem, com mais propriedade deve interessar a solução de semelhante assunto? Representando, nestes dias, o govêrno da Galiléia aqui em Jerusalém, acho que ninguém, melhor que Herodes, pode resolver em sã conciência um caso como êste, considerando-se a circunstância de que julgará um compatrício seu, já que não vos julgais de posse de todos os elementos para proferir uma sentença definitiva nêsse processo insólito.

A idéia foi unanimemente aceita, sendo o acusado conduzido á presença de Herodes Antipas, por alguns centuriões e obedecendo-se, rigorosamente, as determinações de Pilatos nêsse sentido.

Todavia, no palácio do tetrarca da Galiléia, foi Jesús de Nazaré recebido com profundo sarcasmo.

Apelidado pela gente simples como "Rei dos Judeus" e simbolizando a esperança de certas reivindicações políticas para numerosas de seus seguidores, entre os quais se incluia o famoso discípulo de Kerioth, o mestre de Nazaré foi tratado pelo príncipe de Tiberíade, como um vulgar conspirador, humilhado e vencido.

Antipas, porém, para fazer sentir ao procurador da Judéia a conta de ridículo em que tomava os seus escrupulos, mandou que se tratasse o prisioneiro com o máximo de ironia.

Vestiu-lhe uma túnica alva, igual á indumentária dos príncipes do tempo, colocando-lhe nos braços uma cana imunda á guisa de cétro e corôou-lhe a fronte abatida com uma auréola de venenosos espinhos, devolvendo-o á sanção de Pilatos, no turbilhão de gritarias da populaça exacerbada.

Muitos soldados romanos cercavam o acusado, protegendo-o das investidas da massa furiosa e inconciente.

Jesús, trajando, por irrisão, a túnica da realeza, coroado de espinhos e empunhando uma cana como símbolo do seu reinado no mundo, deixava transparecer nos olhos profundos uma indefinível melancolia.

Cientificado de que o prisioneiro era devolvido por Antipas ao seu julgamento, o governador dirigiu-se novamnete aos seus conterrâneos, exclamando:

— Meus amigos, não obstante nossos esforços, Herodes apela também para nós outros, afim-de se confirmar a peça condenatória do proféta nazareno, recambiando-o com a sua situação penosamente agravada perante o povo, porquanto, como suprema autoridade em Tiberíade, tratou o prisioneiro com revoltante sarcasmo, dando-nos a entender o desprêzo com que supõe deva êle ser condenado pela nossa autoridade judiciária e administrativa.

"Tão amarga situação contrista-me bastante, porque o coração me diz que êsse homem é um justo; mas, que fazermos em semelhante conjuntura?"

Da câmara isolada, onde se reunia o apressado e reduzido conselho de patrícios, podiam observar-se os écos rumorosos da turba amotinada, em espantosa gritaria.

Um ajudante de ordens do governador, de nome Polibius, homem sensato e honesto, penetrou no recinto, pálido e quasi trêmulo, dirigindo-se a Pilatos:

— Senhor Governador, a multidão enfurecida ameaça invadir a casa, se não confirmardes a sentença condenatória de Jesús Nazareno, dentro do menor prazo possível..."

— Mas, isso é um absurdo, retrucou Pilatos emocionado. E, afinal, que diz o proféta, em tais circunstâncias? Sofre tudo sem uma palavra de recriminação e sem um apêlo oficial aos tribunais da justiça?

— Senhor — replicou Polibius, igualmente impressionado — o prisioneiro é extraordinário na serenidade e na resignação. Deixa-se conduzir pelos algozes, com a docilidade de um cordeiro e nada reclama, nem mesmo o supremo abandono em que o deixaram quasi todos os diletos discípulos da sua doutrina!

"Comovido com os seus padecimentos, fui falar-lhe pessoalmente e, inquirindo-o sôbre os seus martírios, afirmou-se que poderia invocar as legiões de seus anjos e pulverizar toda Jerusalém dentro de um minuto, mas

que isso não estava nos desígnios divinos e sim a sua humilhação infamante, para que se cumprissem aqui as determinações das escrituras. Fiz-lhe ver, então, que poderia recorrer á vossa magnanimidade, afim-de se ordenar um processo dentro de nossos dispositivos judiciários, de maneira a comprovar a sua inocência e, todavia, recusou semelhante recurso, alegando que prescinde de toda proteção política dos homens, para confiar tão sómente numa justiça que diz ser a de seu Pai que está nos céus!"

— Homem extraordinário!... — revidou Pilatos, enquanto os presentes o acompanhavam estupefatos.

— Polibius — continuou êle — que poderíamos fazer para evitar-lhe a morte nefanda, nas mãos criminosas da massa inconciente?

— Senhor, em vista da necessidade de uma resolução rápida, sugiro a pena dos açoites na praça pública, por ver se assim conseguimos amainar as iras populares, evitando ao prisioneiro a morte ignominiosa nas mãos de celerados sem conciência...

— Mas, os açoites!? — diz Públio Lentulus admirado, antevendo as torturas do horrível suplício.

— Sim, meu amigo — redarguiu o governador, dirigindo-lhe a palavra com atenção respeitosa — a idéia de Polibius é bem lembrada. Para evitarmos ao acusado a morte ignominiosa, temos de lançar mão dêste recurso. Vivendo na Judéia ha quasi sete anos, conheço êste povo e sei de suas temíveis atitudes, quando as suas paixões desencadeiam.

O suplício foi, então, determinado, no pressuposto de evitar maiores males.

Diante de todos, foi Jesús açoitado, de maneira impiedosa, aos berros estridentes da multidão amotinada.

Nêsse instante doloroso, Públio e alguns romanos ausentaram-se por momentos da câmara privada onde se reuniam, afim-de observarem os movimentos instintivos da massa fanática e ignorante. Não parecia que os peregrinos de Jerusalém haviam acorrido á cidade para as comemorações alegres da Páscoa, mas, tão sómente, para procederem á condenação do humilde Messias de Nazaré.

De quanto em quando, fazia mistér o concurso decidido de centuriões desassombrados, que dispersavam certos grupos mais exaltados, a golpes de chanfalho.

O senador fez questão de aproximar-se do supliciado, nas suas provações dolorosas e extremas.

Aquele rosto enérgico e meigo, em que os seus olhos haviam divisado uma auréola de luz suave e misericordiosa, nas margens de Tiberíades, estava agora banhado de um suor sangrento a manar-lhe da fronte dilacerada pelos espinhos perfurantes, misturando-se de lágrimas dolorosas; seus delicados traços fisionômicos pareciam invadidos de palidez angustiada e indescritível; os cabelos caíam-lhe a mesma disposição encantadora sôbre os ombros semi-nús e, todavia, estavam agora desalinhados pela imposição da corôa ignominiosa; o corpo vacilava, trêmulo, a cada vergastada mais forte, mas o olhar profundo saturava-se da mesma beleza inexprimível e misteriosa, revelando amargurada e indefinível melancolia.

Por um momento, seus olhos encontraram os do senador, que baixou a fronte, tocado pela imorredoura impressão daquela sobrehumana majestade.

Públio Lentulus voltou intimamente compungido ao interior do palácio, onde, daí a poucos minutos, retornava Polibius, cientificando ao governador de que a pena do açoite não havia saciado, infelizmente, as iras da população enfurecida, que reclamava a crucificação do condenado.

Penosamente surpreendido, exclamou o senador, dirigindo-se a Pilatos, com intimidade:

— Não tendes, porventura, algum prisioneiro com processo consumado, que possa substituir o proféta em tão horrosas penas? As massas possúem uma alma caprichosa e versátil e é bem possível que a de hoje se satisfaça com a crucificação de algum criminoso, em lugar dêsse homem que pode ser um mago ou visionário, mas é um coração caridoso e justo.

O governador da Judéia concentrou-se por momentos, recorrendo á memória, com o fim de encontrar a desejada solução.

Lembrou-se então de Barrabás, personalidade temível, que se encontrava no cárcere aguardando a última pena, conhecido e odiado de todos pelo seu comprovado espírito de perversidade, respondendo afinal:

— Muito bem!... Temos aqui um celerado, no cárcere, para alívio de todos e que poderia, com efeito, substituir o profeta na morte infamante!...

E mandando fazer o possível silêncio de uma das eminências do edifício ordenou que o povo escolhesse entre o bandido e Jesús.

Mas, com grande surpresa para todos os presentes, a multidão bradava com sinistro alarido, numa torrente de impropérios:

— Jesús!... Jesús!... Absolvemos Barrabás!... Condenamos a Jesús!... Crucificai-o!... Crucificai-o!...

Todos os romanos se aproximaram das janelas, observando a inconciência da massa criminosa, no ímpeto de seus instintos desencadeados.

— Que fazer, diante de tal quadro? — perguntou Pilatos emocionado, ao senador que o ouvia atentamente.

— Meu amigo — respondeu Públio com energia — se a decisão dependesse tão sómente de mim, fundamentá-la-ia em nossos códigos judiciários, cuja evolução não comporta mais uma condenação tão sumária como está, e mandava dispersar a multidão inconciente á pata de cavalo; mas, considero que as minhas atribuições transitórias, junto ao vosso govêrno, não me outorgam direito a tais desmandos e, além disso, tendes aqui uma experiência de sete anos consecutivos.

"De minha parte, suponho que tudo foi feito para que as decisões não fôssem precipitadas.

"Antes de tudo, o prisioneiro foi enviado ao julgamento de Antipas, que complicou a situação, diante da populaça irresponsável, dentro das suas infelizes noções na tarefa de um govêrno, deixando-vos a responsabilidade da última palavra sôbre o assunto; em seguida, determinastes o suplício do açoite para satisfazer ao povo amotinado, e agora, acabais de apresentar um outro criminoso para a crucificação, em lugar do acusado. Tudo, inutilmente.

"Como homem, estou contra êste povo inconciente e infeliz e tudo faria por salvar o inocente; mas, como romano, acho que uma província, como esta, não passa de uma unidade econômica do Império, não nos competindo a nós outros o direito de interferência nos seus grandes problemas morais, presumindo, dêsse modo, que a responsabilidade desta morte nefanda deve caber agora, exclusivamente, a esta turba ignorante e desesperada, e aos sacerdotes ambiciosos e egoístas que a dirigem."

Pilatos enterrou a fronte nas mãos, como a refletir maduramente naquelas ponderações; mas, antes que pudesse externar a sua opinião, eis que Polibius aparece aflito, exclamando em atitude discreta:

— Senhor governador, é preciso apressar a vossa decisão. Espíritos maldizentes começam a duvidar da vossa fidelidade aos poderes de Cesar, compelidos pela intriga dos padres do templo, colocando a vossa dignidade num terreno equívoco para todos... Além disso, a populaça tenta invadir a casa, tornando-se necessário assumirdes uma atitude decisiva, sem perda de um minuto.

Pilatos ficou rubro de cólera, diante de semelhantes injunções, exclamando irritado, como se estivesse sob o jugo do mais singular dos determinismos:

— Está bem! Lavarei as mãos dêste ignominioso delito! O povo de Jerusalém será satisfeito...

E, procedendo a êsse áto que o celebrizaria para sempre, dirigiu algumas palavras ao condenado, mandando, em seguida, recolhê-lo a uma céla, onde pudesse permanecer por alguns minutos, sem as grosseiras investidas da turba impetuosa, antes que a multidão o conduzisse ao Gólgota, que na linguagem usual deverá ser traduzido por Lugar da Caveira.

Um sol abrasador tornava sufocante e insuportável a atmosfera.

Saciada, afinal, a fúria da multidão nos seus desvairamentos infelizes, numerosos soldados seguiram o prisioneiro, que demandava o monte da crucificação, a passos vacilantes sob o madeiro da ignominia, que a justiça da época destinava aos bandidos e aos ladrões.

Até o momento de sua saída, sob a cruz, ninguém se interessára por êle, junto á autoridade do governador da Judéia.

Depreendia daí o senador que, quantos seguiam o Mestre de Nazaré, nas margens do lago, em Cafarnaum, o haviam abandonado inteiramente.

De uma das janelas do palácio, considerou, penalizado, o desprêzo infligido áquele homem que, um dia, o dominara com a fôrça magnética da sua personalidade incompreensível, observando a ondulação da turba enfurecida, ao saír o inesquecível cortejo.

Ao lado do Mestre, não se via mais a carinhosa assistência dos discípulos e seus numerosos seguidores. Apenas algumas mulheres — entre as quais se destacava o vulto impressionante e agoniado de sua mãe — o amparavam afetuosamente, no doloroso e derradeiro caminho.

Aos poucos, a praça extensa aquietou-se ao calor sufocante, da tarde que se avizinhava.

A' distância, ouviu-se ainda o vozeiro da plebe, aliado ao relinchar dos cavalos e ao tinir das armaduras.

Impressionados com o espetáculo que, aliás, não era incomum na Palestina, reuniram-se os romanos em uma das salas amplas do palácio governamental, em animada palestra, versando os instintos e paixões ferozes da peble enfurecida.

Daí a minutos, Cláudia mandava servir doces, vinhos e frutas e, enquanto a conversação timbrava os problemas da província e as intrigas da côrte de Tibério, mal imaginava aquele punhado de criaturas que, na cruz grosseira e humilde do Gólgota ia acender-se uma gloriosa luz para todos os séculos terrestres.

IX

A CALÚNIA VITORIOSA

Se Jesús de Nazaré havia sido abandonado por seus discípulos e seguidores mais diretos, o mesmo não se verificára, quanto ao grande número de criaturas humildes

que o acompanhavam, com devoção purificada e sincera.

E' verdade que essas almas, raras, não revelaram francamente as suas simpatias perante a turba desvairada, temendo-lhe as sanhas destruidoras, mas, muitos espíritos piedosos, como Ana e Simeão, contemplaram de perto os martírios do Senhor sob o açoite infamante, cheios de lágrimas angustiosas e esperando que, a cada momento, se pudesse manifestar a justiça de Deus contra a perversidade dos homens, a favor do Messias.

Contudo, esvaeceram-se-lhes as derradeiras esperanças, quando, sob o pêso da cruz, o supliciado caminhou a passos cambaleantes, para o monte da última injúria, depois de confirmada a ignóbil sentença.

Foi assim que Ana e seu tio, reconhecendo inevitável o martírio da crucificação, deliberaram seguir para a residência de Públio, para suplicar o patrocínio de Lívia, junto ao governador.

Enquanto o cortejo sinistro e impressionante se punha em marcha nos seus movimentos vagarosos, ambos desviaram-se da massa, encaminhando-se por uma viéla ensolarada, em busca do almejado socorro.

Penetrando na residência, enquanto Simeão a esperava, pacientemente, numa calçada próxima, dirige-se Ana á espôsa do senador, que a recebeu surpresa e desolada.

— Senhora — diz, mal ocultando as lágrimas — o profeta de Nazaré já está a caminho da morte ignominiosa na cruz, entre os ladrões!...

Uma emoção mais forte embargara-lhe a voz, sufocada de pranto.

— Como? — respondeu Lívia, penosamente surpreendida — se a prisão data de tão poucas horas?

— Mas é a verdade... — revidou a serva compungida. E, em nome daqueles mesmos sofredores que vistes consolados pela sua palavra carinhosa e amiga, junto ás águas do Tiberíaddes, eu e meu tio Simeão vimos implorar o vosso auxílio pessoal junto ao governador, afim-de fazermos um esfôrço derradeiro pelo Messias!..."

— Mas, uma condenação como essa, sem estudo, sem

exame, é lá possível? Vive, então, aqui, êste povo sem outra lei que não a da barbaria? — exclamou a senhora, visivelmente revoltada, com a inopinada notícia.

Como se desejasse arrancá-la a qualquer divagação incompatível com o momento, a serva insistiu com decisão e amargura:

— Entretanto, senhora, não podemos perder um minuto.

— Antes de tudo, porém, eu precisava consultar meu marido sôbre o assunto... — monologou a espôsa do senador, recordando-se, repentinamente, dos seus deveres conjugais.

Onde estaria Públio naquele instante? Desde a manhã, não regressara á casa, após o chamado insistente de Pilatos. Teria colaborado na condenação do Messias? Num relance a pobre senhora examinou toda a situação nos seus mínimos detalhes, recordando, igualmente, os bens infinitos que o seu coração havia recebido das mãos caridosas e complacentes do mestre nazareno, e, como se estivesse iluminada por uma fôrça superior, que lhe fazia esquecer todas as questões transitórias da Terra, exclamou com heroica resolução:

— Está bem, Ana, irei em tua companhia pedir a proteção de Pilatos para o profeta.

Esperar-me-ás um momento, enquanto vou retomar aqueles trajes galileus que me serviram naquela tarde de Cafarnaum, dirigindo-me, dêste modo ao governador, sem provocar a atenção da turbamulta desenfreada.

Em poucos minutos, sem refletir nas consequências da sua desesperada atitude, Lívia estava na rua, novamente enfiada nos trajes simples da gente pobre da Galiléia, trocando amarguradas impressões com o ancião de Samária e sua sobrinha, acêrca-dos dolorosos acontecimentos daquela tarde inolvidável.

Aproximando-se da séde do govêrno provincial, seu coração palpitou com mais fôrça, obrigando-a a mais demorados pensamentos.

Não seria uma temeridade da sua parte procurar o governador sem prévio conhecimento do companheiro? Mas, tudo não fizera ela, em vão, por aproximar-se do

espôso arredío e irritado, de maneira a reerguer a sua antiga confiança? E Pilatos? Na sua imaginação, guardava ainda os detalhes minuciosos das amargas comoções daquela noite em que lhe fôra êle mais franco, quanto aos sentimentos inconfessáveis que a sua figura de mulher lhe havia inspirado.

Lívia hesitou ao penetrar num dos ângulos da grande praça, agora adormentada por um sol causticante, de brasas vivas.

Seu raciocínio contrariava a atitude que assumira aos apêlos da serva, que representava, aos seus olhos, a súplica angustiada de inúmeros espíritos desvalídos; seu coração, porém, sancionava plenamente aquele derradeiro esfôrço em favor do emissário celeste que lhe havia curado as chagas da filhinha, enchendo de tranquilidade inalterável o seu coração atormentado de espôsa e mãe, tantas vezes incompreendido. Além disso, nêsse conflito interior da razão e do sentimento, êste último lhe fazia lembrar que Jesús, nas margens do lago lhe falára de amargurados sacrifícios pela sua grande causa e não seria aquela a hora sagrada da gratidão de sua fé ardente e do seu testemunho de sinceridade reconhecida? Aliviada pela íntima satisfação no cumprimento de seu carinhoso dever, avançou então, desassombradamente, deixando os dois companheiros á sua espera, num dos largos recantos da praça, enquanto procurava ganhar as adjacências do edifício com ligeiro desembaraço.

Batia-lhe o coração descompassadamente.

Como encontrar o governador da Judéia áquela hora? Um sol ardente concentrava, em tudo, calor intolerável e sufocante.

O cortejo, em demanda do Gólgota, partira havia quasi uma hora e o palácio parecia agora mergulhado numa atmosfera de silêncio e de sono, após as penosas confusões daquele dia.

Apenas alguns centuriões montavam guarda ao edifício e, quando Lívia alcançou menor distância das portas principais de acesso ao interior, eis que se lhe depara a figura de Sulpício, a quem se dirigiu com o máximo de confiança e de inocência, pedindo-lhe o obséquio de so-

licitar uma audiência privada e imediata ao governador, em seu nome, afim-de falar-lhe quanto á dolorosa situação de Jesús de Nazaré.

O lictor mirou-a de alto a baixo, com o olhar de lascíva e cupidez que lhe eram caracteristicas e, crendo piamente nas relações ilícitas daquela mulher com o Procurador da Judéia, em virtude de suas observações pessoais, por coincidências que se lhe figuravam a realidade perfeita daquela suposta prevaricação, presumiu naquele áto insólito, não o motivo apresentado, que lhe pareceu um ótimo pretexto para afastar quaisquer desconfianças, mas o objetivo de se encontrar com o homem de suas preferências.

Criatura ignóbil, de que se utilizava o governador, para instrumento de suas paixões malígnas, entendeu que semelhante entrevista deveria ser levada a efeito na maior intimidade, e, compreendendo que Públio Lentulus ainda lá se encontrava em animada palestra com os companheiros, conduziu Lívia a um gabinete perfumado, onde se alinhavam preciosos vasos de aromas do Oriente, saturados de fluídos sutís e entontecedores, onde Pilatos recebia, por vezes, a visita furtiva das mulheres de conduta equívoca, convidadas a participar dos seus licenciosos prazeres.

Ignorando, por completo, o mecanismo de circunstâncias que a conduziam a uma penosissima, situação, Lívia acompanhou o lictor ao gabinete aludido, onde, embora estranhando a suntuosidade estravagante do ambiente, demorou-se alguns minutos, a sós, aguardando ansiosamente o instante de implorar, de viva voz, ao procurador da Judéia a sua prestigiosa interferência, a favor do generoso Messias de Nazaré.

Nem ela, nem Sulpício, todavia, chegaram a perceber que uns olhos perscrutadores os acompanharam com profundo interêsse, desde o exterior do edifício ao gabinete privado a que nos referimos.

Era Fúlvia, que, conhecendo semelhante apartamento do palácio, surpreendera a espôsa do senador, sob o disfarce daquela túnica humilde, da vida rural,

enchendo-se-lhe o coração de pavorosos ciúmes, ao verificar aquela visita inesperada.

Enquanto Sulpício Tarquinius fazia um sinal familiar ao governador, a que êste atendeu de pronto, indo imediatamente ao seu encontro num vasto corredor, onde murmuraram ambos algumas palavras em tom discreto, cientificando-se Pilatos da almejada entrevista, em particular, aquela maliciosa criatura demandava alcovas do seu íntimo conhecimento, de maneira a certificar-se, positivamente, através dos reposteiros, da presença de Lívia no apartamento privado do governador, onde tinham lugar as suas expansões licenciosas.

Certificada, em absoluto, do acontecimento, a caluniadora antegozou o instante em que tomaria Públio pelas mãos, afim-de conduzí-lo á visão direta do suposto adultério de sua mulher e, quando regressava ao vasto salão, deixando transparecer levemente a satisfação sinistra da sua alma, ainda ouviu Pilatos exclamar com delicadeza para os seus convidados.

— Meus amigos, espero me concedam alguns minutos para solucionar assuntos de uma entrevista privada e urgente, que eu não esperava nêste momento. Acredito que, consumada a condenação do Messias de Nazaré, batem já a estas portas os que não tiveram coragem para defendê-lo publicamente, no momento oportuno!... Vamos ver!

E retirando-se com o assentimento unânime dos presentes, o governador atingia o gabinete reservado, onde, eminentemente surpreendido, encontrou o vulto nobre de Lívia, mais bela quão mais sedutora naqueles trajes despretenciosos e simples, e que lhe dirigiu a palavra nêstes têrmos:

— Senhor governador, embora sem o consentimento prévio de meu marido, resolvi chegar até aqui, em virtude da urgência do assunto, suplicando o vosso amparo político para a obsolvição do profeta de Nazaré. Homem humilde e bom, caridoso e justo, que mal teria praticado para morrer assim, de morte infamante, entre dois ladrões? E' por isso que, conhecendo-o pessoalmente e tendo-o na conta de um inspirado do céu, ouso invo-

car as vossas elevadas qualidades de homem público, em favor do acusado!...

Sua voz era trêmula, indicando as emoções que lhe iam nalma.

— Senhora — respondeu Pilatos, fazendo o possível para sensibilizar e seduzir-lhe o coração com a fingida ternura de suas palavras — tudo fiz para evitar a Jesús a morte no madeiro infamante, vencendo todos os meus escrúpulos como homem de govêrno, mas, infelizmente, tudo está consumado. Nossa legislação foi vencida pelas iras da multidão delinquente, nas explosões injustificadas do seu ódio incompreensível.

— Então, não é lícito esperarmos nenhuma providência mais a benefício dêsse homem caridoso e justo, condenado como um vulgar malfeitor? Será êle, então, crucificado pelo crime de praticar a caridade e plantar a fé no coração dos seus semelhantes, que ainda não sabem adquirí-la por si próprios?

— Infelizmente, assim é... — replicou Pilatos, contrafeito. Tudo fizemos, afim-de evitar os desatinos da plébe amotinada, mas os meus escrúpulos não conseguiram vencer, sendo obrigado a confirmar a pena de Jesús, á contra-gosto.

Por um momento, entregou-se Lívia ás suas meditações dolorosas, como se estivesse inquirindo a si mesma, qualquer providência nova a adotar sem perda de um minuto.

Quanto ao governador, depois de imprimir uma pausa ás suas palavras, deixou que os instintos de homem surgissem, plenamente, naquelas circunstâncias.

Aquele dia havia sido de lutas penosas e intensas. Um singular abatimento físico lhe dominava os centros mais poderosos de fôrça orgânica, mas, diante dos seus olhos, habituados á conquista e, muitas vezes, aos recursos da própria crueldade, estava aquela mulher que lhe resistira... Poderosa algema parecia imantá-lo á sua personalidade simples e carinhosa e êle, mais que nunca desejou possuí-la, tornando-a, como as outras, um instrumento de suas transitórias paixões. O ambiente, sobretudo, conturbava-lhe as fontes mais puras do racio-

cínio. Aquele gabinete era destinado, exclusivamente, ás suas extravagâncias noturnas e fluídos estontecedores pairavam em todos os seus escaninhos, embotando os pensamentos mais nobres da conciência.

Via a mulher ambicionada, perdida por alguns segundos, em graciosas cismas, diante da sua presença dominadora.

Aquela graça simples, saturada de uma generosidade quasi infantil e aliada aos olhos límpidos e profundos de madona do lar, obscureceu-lhe o cavalheirismo que, por vezes, aflorava no modo brusco das suas injustiças e crueldades de homem da vida particular e da vida pública.

Avançando como tomado por uma fôrça incoercível, exclamou inopinadamente, fazendo-lhe sentir o perigo da posição em que se colocára:

— Nobre Lívia — começou êle, na inquietação de seus impuros pensamentos — nunca mais olvidei aquela noite, cheia de músicas e de estrêlas, em que vos revelei pela primeira vez a ardência do meu coração apaixonado... Esquecei, por um momento, êsses judeus incompreensíveis e ouví, ainda uma vez, a palavra sincera dos profundos sentimentos que me inspiraste com as vossas virtudes e peregrina beleza!...

— Senhor!... — teve fôrças para exclamar a pobre senhora, procurando aliviar-se da afronta.

Mas, o governador, com a ousadia dos homens impetuosos, não teve outro gesto, senão o de obedecer aos seus caprichos impulsivos tomando-lhe as mãos, atrevidamente.

Lívia, todavia, movimentando todas as suas energias, alcançou recursos para se desvencilhar dos seus braços longos e fortes, redarguindo com energia:

— Para trás, senhor! Acaso será êsse o tratamento de um homem de Estado para com uma cidadã romana e espôsa de um senador ilustre do Império? E, ainda que me faltassem todos êsses títulos, que me deveriam dignificar aos vossos olhos cúpidos e deshumanos, suponho que não deverieis faltar, nêste momento, com o comesinho dever de cavalheirismo respeitoso, que qual-

quer homem é obrigado a dispensar a uma mulher!

O governador estacou ante aquele gesto heroico e imprevisto, tão habituado estava êle aos mais avançados processos de sedução.

A resistência daquela mulher espicaçava os desejos de vencer-lhe o orgulho nobre e a virtude incorrutível.

Sentia ímpetos de se atirar áquela criatura delicada e frágil, no turbilhão de lascívia e de voluptuosidade que lhe obumbrava o raciocínio; no entanto, fôrça incoercível parecia impôr-se aos seus caprichos perigosos de apaixonado, inutilizando-lhe as fôrças necessárias á execução de semelhante cometimento.

Nêste comenos, a espôsa do senador lançando-lhe um olhar doloroso, onde se podia verificar toda a extensão do seu sofrimento e do seu desprêzo em face do ultraje recebido, retirou-se profundamente emocionada, com o cérebro fervilhante dos mais desencontrados pensamentos.

Antes, porém, que a vejamos saír do gabinete, somos obrigado a retroceder alguns minutos, quando Fúlvia solicitou ao sobrinho de seu marido o obsequio de uma palavra em particular, pondo-o ao corrente de tudo o que se passava.

O senador experimentou um choque terrível no coração, pressentindo que a prevaricação da mulher estava prestes a confirmar-se diante dos seus próprios olhos, e contudo, hesitou ainda acreditar em semelhante vilania.

— Lívia aqui? — perguntou soturnamente á espôsa do tio, dando a entender, pela inflexão da voz, que tudo não passava de criminosa calúnia.

— Sim — exclamou Fúlvia ansiosa por fornecer-lhe a prova tangível de suas asserções — ela está em colóquio com o governador, no seu apartamento privado, sem ajuizar da situação e das circunstâncias em que se verifica tal encontro, porque, afinal, Cláudia ainda está nesta casa e, perante a lei, minha irmã é a espôsa legítima de Pilatos, mal habituado com os costumes dissolutos da côrte, de onde foi enviado para cá em virtude de sérios incidentes desta mesma natureza!

Públio Lentulos arregalou os olhos na sua ingenuidade, dando guarida aos mais horríveis sentimentos, intoxicando-se com o veneno da mais acerba desconfiança, em vista de todas as circunstâncias operarem contra sua mulher, embora jogasse êle no assunto, com os mais vastos cabedais da sua tolerância e liberalidade.

Sua atitude de espectativa revelava ainda o máximo de incredulidade, com respeito ás acusações que ouvira, mas, observando a coluniadora o seu angustiado silêncio, acudiu ansiosa, exclamando:

— Senador, acompanhai-me através destas salas e eu vos entregarei a chave do enígma, porquanto verificareis a leviandade de vossa espôsa, com os vossos próprios olhos...

— Desvairais? — perguntou êle com serenidade terrível. Um chefe de família da nossa estirpe social, a menos que uma confiança mais forte lhe outorgue êsse direito, não deve conhecer as intimidades domésticas de uma casa que não seja a sua própria.

Observando que o golpe falhára, voltou Fúlvia a exclamar com a mesma firmeza:

— Está bem, já que não desejais fugir aos vossos princípios, aproximemo-nos de uma dessas janelas. Daqui mesmo, podereis observar a veracidade de minhas palavras, com a retirada de Lívia dos apartamentos privados dêste palácio.

E quasi a tomar o interlocutor pelas mãos, tal o abatimento moral que se apossára do seu ânimo, a mulher do pretor aproximou-se do parapeito de uma janela próxima, seguida por êle, que a acompanhava quasi cambaleante.

Não foram necessários outros argumentos que melhor o convencessem.

Chegados ao local preferido de Fúlvia como posto de observação, em poucos segundos viram abrir-se a porta do gabinete indicado, ao mesmo tempo que Lívia se retirava, nos seus disfarces galileus, deixando transparecer na fisionomia os sinais evidentes da sua emoção, como se quisesse fugir de uma situação que a acabrunhava penosamente.

Públio Lentulus sentiu a alma dilacerada para sempre. Considerou, num relance, que havia perdido todos os patrimônios de nobreza social e política, de envolta com as aspirações mais sagradas do seu coração. Diante da atitude de sua mulher, considerada por êle como indelevel ignominia, que lhe infamava o nome para sempre, supôs-se o mais desventurado dos homens. Todos os seus sonhos estavam agora mortos e fracassadas, terrivelmente, todas as esperanças. Para o homem, a mulher escolhida representa a base sagrada de todas as realizações da sua personalidade, nos embates da vida e êle experimentou que essa base lhe fugia, desiquilibrando-lhe o cérebro e o coração.

Contudo, nêsse turbilhão de fantasmas da sua imaginação superexcitada, que escarneciam de suas mentirosas venturas, lobrigou o vulto suave e doce dos filhinhos, que o fitavam silenciosos e comovidos. Um dêles vagava no desconhecido, mas a filha esperava-lhe o carinho paternal e deveria ser, doravante, a razão da sua vida e a fôrça de todas as suas esperanças.

— Que dizeis, agora? — exclamou Fúlvia triunfante, arrancando-o do seu doloroso silêncio.

— Vencestes! — respondeu secamente, com a voz embargada de emoção. E, trazendo á expressão fisionômica o máximo de energia, voltou ao salão extenso, a passos pesados e soturnos, despedindo-se heroicamente dos amigos, a pretexto de leve enxaqueca.

— Senador, esperai um momento. O governador ainda não voltou dos seus apartamentos particulares — exclamou um dos patrícios presentes.

— Muito agradecido! — disse Públio, gravemente. Mas os prezados amigos hão de desculpar a insistência, apresentando minhas despedidas e agradecimentos ao nosso generoso anfitrião.

E, sem mais delongas, mandou preparar a liteira que o conduziria de regresso ao lar, pelas mãos fortes dos seus escravos, de modo a proporcionar algum repouso ao coração supliciado por emoções dolorosas e inesquecíveis.

Enquanto o senador se retira profundamente con-

trariado, acompanhemos Lívia, de volta á praça, afim-de notificar aos dois amigos, quanto ao resultado improfícuo da sua tentativa.

Dolorosas amarguras lhe pungiam o coração.

Jamais pensára, na sua generosidade simples e confiante, que o procurador da Judéia pudesse receber-lhe a súplica com tamanha demonstração de indiferença e impiedade pela sua situação de mulher.

Procurou refazer-se daquelas emoções, em se aproximando de Ana e do tio, porquanto competia-lhe ocultar aquele desgôsto no mais íntimo do coração.

Junto de ambos os companheiros humildes, da mesma crença, deixou expandir-se a sua angústia, exclamando pesarosa:

— Ana, infelizmente tudo está perdido! A sentença foi consumada e não ha mais nenhum recurso!... O profeta carinhoso de Nazaré nunca mais voltará a Cafarnaum para nos levar as suas consolações brandas e amigas!... A cruz de hoje será o prêmio dêste mundo, á sua bondade sem limites!...

Todos três tinham os olhos mareados de lágrimas.

— Faça-se, então, a vontade do Pai que está nos céus — exclamou a serva, prorrompendo em soluços.

— Filhas — disse, porém, o ancião de Samária com o olhar profundo e límpido, fito no céu, onde fulguravam as irradiações do sol ardente — o Messias nunca nos ocultou a verdade dos seus sacrifícios, dos martírios que o aguardavam nêstes sítios, afim-de nos ensinar que o seu reino não está nêste mundo! Nas sombras da minha velice, estou apto a reconhecer a grande realidade das suas palavras, porque honras e vanglórias, mocidade e fortuna, bem como as alegrias passageiras do plano terrestre de nada valem, pois tudo aqui vem a ser ilusão que desaparece nos abismos da dôr e do tempo... A única realidade tangível é a de nossa alma a caminho dêsse reino maravilhoso, cuja beleza e cuja luz nos foram trazidas por suas lições inesquecíveis e carinhosas...

— Mas — obtemperou Ana entre lágrimas —

nunca mais veremos a Jesús de Nazaré, confortando-nos o coração!...

— Que dizes, filha? — exclamou Simeão com firmeza. Não sabes, então, que o Mestre afiançou que a sua presença consoladora é sempre inalterável entre os que se reúnem e se reunirão, nêste mundo, em seu nome? Regressando, agora, á Samária, erguerei uma cruz á porta da nossa choupana e reunirei alí a comunidade dos crentes que desejarem continuar as amorosas tradições do Messias.

E, depois de uma pausa, em que parecia despertar sob o pêso de pungentes preocupações, acentuou:

— Mas, não temos tempo a perder... Sigamos para o Gólgota... Vamos receber, ainda uma vez, as bênçãos de Jesús!

— Muito grato me seria acompanha-los — retrucou Lívia impressionada — entretanto, urge volte á casa, onde me esperam os cuidados com a filha. Sei que hão de revelar minha ausência, porque a verdade é que estou, em pensamento, junto á cruz do Mestre, meditando nos seus martírios e inomináveis padecimentos... Meu coração acompanhará essa agonia indescritível, e que o Pai dos céus nos conceda a fôrça precisa para suportarmos corajosamente o angustioso transe!...

— Ide, senhora, que os vossos deveres de espôsa e mãe são também mais que sagrados — exclamou Simeão carinhosamente.

E enquanto o velho e a sobrinha se dirigiam para o Calvário, escalando as vias públicas que demandavam á colina, Lívia regressava ao lar, apressadamente, buscando os caminhos mais curtos, através das viélas estreitas, de modo a voltar, quanto antes, não só pela circunstância inesperada de saír á rua em trajes diferentes, compelida pelos imperativos do momento, mas também porque uma angústia inexplicável lhe azorragava o coração, fazendo-lhe experimentar uma necessidade mais forte de preces e meditações.

Chegando ao lar, o seu primeiro cuidado foi retomar a túnica habitual, buscando um recanto mais silen-

cioso dos seus apartamentos, para orar com fervor ao Pai de infinita misericórdia.

Daí a poucos minutos, ouviu os ruídos indicativos da volta do espôso, que, notou, se recolhia ao gabinete particular, fechando a porta com estrépito.

Lembrou-se, então, que, de sua casa era possível avistar ao longe os movimentos do Gólgota, procurando um ângulo de janela, de onde conseguisse contemplar os penosos sacrifícios do Mestre de Nazaré. Bastou buscasse fazê-lo, para que enxergasse nas eminências do monte o grande ajuntamento de povo, enquanto levantavam as três cruzes famosas, daquela tarde inesquecível.

A colina era estéril, sem beleza, e, através da distância, podiam seus olhos lobrigar os caminhos poeirentos e a paisagem desolada e árida, sob um sol causticante e destruidor.

Lívia orava com toda a intensidade emotiva do seu espírito, dominada por angustiosos pensamentos.

A' retina da sua visão espiritual, surgiam ainda os quadros suaves e encantadores do "mar" da Galiléia, conhecendo que á memória lhe revinha aquele crepúsculo inolvidável, quando, entre criaturas humildes e sofredoras, aguardava o doce momento de ouvir a encantadora palavra do Messias, pela primeira vez. Via ainda a grosseira barca de Simão, encostando-se ás flores mimosas das margens, enquanto a renda branca das espumas lambia os seixos claros da praia... Jesús ali estava, junto da multidão dos desesperados e desiludidos, com os seus grandes olhos ternos e profundos...

Todavia, aquela cruz que se levantava no monte da Caveira, acordava-lhe o coração em amargosas cismas.

Depois de orar e meditar longamente, examinou, de longe, os três madeiros que se erguiam, agora, ao calor intolerável de um sol de brasas, presumindo escutar o vozerio da multidão criminosa, que se acotovelava junto á cruz do Mestre, em terríveis impropérios.

De repente, sentiu-se tocada por uma onda de consolações indefiníveis. Figurava-se-lhe que o ar sufocante de Jerusalém se havia povoado de vibrações melodiosas e intraduzíveis. Extasiada, observou, na retina espiri-

tual, que a grande cruz do Calvário estava cercada de luzes numerosas.

Ao calor invulgar daquele dia, nuvens espessas se haviam concentrado na atmosfera, prenunciando tempestade. Em poucos minutos, tôda a abóbada celeste estava represada de sombras escuras, mas naquele momento que assinalava precisamente as dezoito horas, notou que se havia rasgado um longo caminho entre o Céu e a Terra, por onde desciam ao Gólgota legiões de sêres graciosos e alados. Concentrando-se, aos milhares, ao redor do madeiro, pareciam transformar a cruz do Mestre numa fonte de claridades perenes e radiosas.

Atraída por aquele imenso fóco de luz resplandecente, sentiu que sua alma, desligada do corpo carnal, se transportava ao cume do Calvário, afim-de prestar a Jesús o último preito do seu devotamento. Sim! via, agora, o Messias de Nazaré rodeado dos seus lúcidos mensageiros e das legiões poderosas de seus anjos. Jamais, supusera vê-lo tão divinizado e tão belo, de olhos voltados para o firmamento, como em visão de gloriosas beatitudes.

Ela o contemplou, por sua vez, tocada de sua maravilhosa luz, alheia a todos os rumores que a rodeavam, implorando-lhe fortaleza, resignação, esperança e misericórdia.

Em dado instante, seu espírito sentiu-se banhado de consolação indefinível. Como se estivesse empolgada pela maior emoção da sua vida, notou que o Mestre desviára levemente o olhar, pousando-o nela, numa onda de amor intraduzível e de luminosa ternura. Aqueles olhos serenos e misericordiosos, nos tormentos extremos da agonia, pareciam dizer-lhe: — "Filha, aguarda as claridades eternas do meu reino, porque, na Terra, é assim que todos nós deveremos morrer!..."

Desejava responder ás exortações suaves e doces do Messias, mas seu coração estava sufocado numa onda de radiosa espiritualidade. Todavia, no íntimo, afirmou, como se estivesse falando para si mesma: — "Sim, é dêsse modo que deveremos morrer!... Jesús, concedei-me alento, resignação e esperança para cumprir os vos-

sos ensinamentos, para alcançar um dia o vosso reino de amor e de justiça!..."

Lágrimas copiosas banhavam-lhe o rosto, naquela visão beatífica e maravilhosa.

Nêsse momento, porém, a porta abriu-se com estrépito e a voz soturna e desesperada do marido vibrou no ar abafado, despertando-a bruscamente, arrancando-a de suas visões consoladoras.

— Lívia! — bradou êle — como se estivesse tocado por comoções decisivas e desesperadas.

Públio Lentulos regressando ao lar, encaminhou-se imediatamente ao gabinete, onde se deixou ficar por muito tempo, engolfado em atrózes pensamentos. Depois de sentir o cérebro trabalhado pelas mais antagónicas resoluções, lembrou-se que deveria suplicar a piedade dos deuses para os seus penosos transes. Dirigiu-se ao altar doméstico onde repousavam os símbolos inanimados de suas divindades familiares, mas, enquanto Lívia alcançára o precioso confôrto, aceitando no coração os ensinos de Jesús com o perdão, a humildade e a prática do bem, debalde o senador procurou esclarecimento e consôlo, elevando as suas orações aos pés da estátua de Júpiter, impassível e orgulhoso. Debalde suplicou a inspiração de suas divindades domésticas, porque êsses deuses eram a tradição corporificada do imperalismo da sua raça, tradição que se constituia de vaidade e de orgulho, de egoísmo e de ambição.

Foi assim que, intoxicado pelo desespêro, procurou a espôsa, sem mais delongas, afim-de cuspir-lhe em rosto tôdo o desprêzo da sua amargurada desesperação.

Ao chamá-la, bruscamente, observou que os seus olhos semi-cerrados estavam cheios de lágrimas, como a contemplar alguma visão espiritual, inacessível á sua observação. Jamais Lívia lhe parecera tão espiritualizada e tão bela, como naquele instante sublime; mas, o demônio da calúnia lhe fez sentir, imediatamente, que aquele pranto nada representava senão um sinal de remorso e de compunção ante a falta cometida, ciente, como deveria achar-se a espôsa, da sua presença no palácio governamental, depreendendo-se daí que ela de-

veria esperar a possibilidade da sua severa punição.

Arrancada ao seu êxtase pela voz vibrante do marido, a pobre senhora observou que a sua visão se desvanecera inteiramente, e que o céu de Jerusalém fôra invadido por tenebrosa escuridão, ouvindo-se os rebombos formidáveis de trovões longínquos, enquanto relâmpagos terríveis riscavam a atmosfera em tôdas as direções.

— Lívia, — exclamou o senador com voz forte e pausada, dando a entender o penoso esfôrço que despendia para dominar o complexo de suas emoções — as lágrimas de arrependimento são inúteis nêste momento doloroso dos nossos destinos, porque tôdos os laços de afetividade comum, que nos uniam, estão agora rôtos para sempre...

— Mas, que é isso? — pôde ela dizer — revelando o pavor que tais palavras lhe produziam.

— Nem mais uma palavra! — revidou o senador, pálido de cólera, dentro de uma serenidade feroz e implacável — observei, com os próprios olhos o seu nefando delito desta tarde, e agora conheço a finalidade dos seus disfarces humildes de galiléia!... Ouvir-me-á a senhora até o fim, eximindo-se de qualquer justificativa, porque uma traição como a sua só poderá encontrar justo castigo com o silêncio profundo da morte.

"Mas, não quero matá-la. Minha formação moral não se compadece com o crime. Não porque haja piedade em minha alma, á vista do possível arrependimento do seu coração, no tempo oportuno, mas porque tenho ainda uma filha sôbre cuja fronte recaíria o meu gesto de crueldade contra a sua crueldade, que basta para nos tornar infelizes por toda a vida...

"Sendo um homem honesto e pronto a desafrontar-me de qualquer ultraje, tenho muito amor ao meu nome e ás tradições de minha família, de modo a não me tornar um pai desnaturado e criminoso.

"Poderia abandoná-la para sempre, na consideração de seu ato de extrema deslealdade, porém, os servos desta casa se alimentam igualmente á minha mesa e sem reconhecer os outros títulos que me ligavam á se-

nhora, na intimidade doméstica, vejo ainda na sua pessôa a mãe de meus filhos desventurados. E' por isso que, doravante, desprezo, em face das provas palpáveis da sua deshonestidade, nêste dia nefasto do meu destino, todas as expressões morais da sua personalidade indigna, para conservar nesta casa, tão sómente, a sua expressão de maternidade que me habituei a respeitar nos irracionais mais humildes e desprezíveis.

Os olhos súplices da caluniada deixavam entrever os indizíveis martírios que lhe dilaceravam o coração carinhoso e sensibilíssimo.

Ajoelhára-se aos pés do espôso, com humildade, enquanto lágrimas dolorosas lhe rolavam das faces pálidas, clarificadas por angustioso silêncio.

Lembrava-se Lívia, então, de Jesús nos seus intraduzíveis padecimentos. Sim... ela recordava as suas palavras e estava pronta para o sacrifício. No meio de suas dôres, parecia sentir ainda o gôsto daquele pão de vida, abençoado por suas divinas mãos, e figurava-se lavada de todas as mundanas preocupações. A idéia do reino dos céus, onde todos os aflitos são consolados, anestesiava-lhe o coração dolorido, nas suas primeiras reflexões a respeito da calúnia de que era vítima o seu espírito fustigado pelas provas aspérrimas.

Não obstante a sua atitude de serena humildade, continuou o senador no auge da angústia moral:

— Dei-lhe tudo o que possuia de mais puro e mais sagrado nêste mundo, na esperança de que correspondesse aos meus ideais mais sublimes; entretanto, relegando todos os deveres que lhe competiam, não vacilou em derramar sôbre nós um punhado de lama... Preferiu, ao convívio do meu coração, os costumes dissolutos desta época de criaturas irresponsáveis, no capítulo da família, resvalando para o desfiladeiro que conduz a mulher aos abismos do crime e da impiedade.

"Mas, ouça bem minhas palavras desta noite que assinala os mais terríveis desgostos do meu coração!

"Nunca mais se afastará dos labores domésticos, das obrigações diárias de minha casa. Mais um áto, com que provoque as derradeiras reservas da minha

tolerância, não deverá esperar outra providência que não seja a morte.

"Não me solicite as mãos honestas para um áto de tal natureza. Se as tradições familiares desapareceram no âmago do seu espírito, continuam elas cada vez mais vivas em minhalma, que as deseja cultivar incessantemente no santuário de minhas recordações mais queridas. Viva com o seu pensamento na ignominia, mas abstenha-se de zombar publicamente dos meus sentimentos mais sagrados, mesmo porque a paciência e a liberalidade possúem também os seus limites.

"Saberei ressurgir desta quéda em que as suas leviandades me atiraram!...

"De ora em diante, será a senhora nesta casa apenas uma serva, considerando a função maternal que hoje a exime da morte; mas, não intervenha na solução de qualquer problema educativo de minha filha. Saberei conduzí-la sem o seu concurso e buscarei o filhinho perdido talvez pela sua inconciência criminosa, até o fim de meus dias. Concentrarei nos filhos a parcela imensa de amor que lhe reservára, dentro da generosidade da minha confiança, porquanto, doravante, não me deve procurar com a intimidade da espôsa, que não soube ser, pela sua injustificável deslealdade, mas com o respeito que uma escrava deve aos seus senhores!...

Enquanto se verificava uma ligeira pausa na palavra acrimoniosa e amargurada do senador, Lívia dirigiu-lhe um olhar de angústia suprema.

Desejava falar-lhe como dantes, entregando-lhe o coração sensível e carinhoso; todavia, conhecendo-lhe o temperamento impulsivo, adivinhou a inutilidade de qualquer tentativa para justificar-se.

Passadas as primeiras reflexões e ouvindo, amargurada de dôr, aquela terrível insinuação acêrca do desaparecimento do filhinho, deixou vagar no coração vacilações injustificáveis e numerosas. Ante aquelas calúnias que a faziam tão desditosa, chegava a pensar se as boas ações não seriam vistas por aquele Pai de infinita bondade, que ela acreditava velar, dos céus, por todos os sofredores, de conformidade com as promessas

sublimes do Messias Nazareno. Não possuia ela uma conduta nobre e exemplar, como mãe dedicada e espôsa carinhosa? Todo o seu coração não estava posto em tributos de esperança e de fé naquele reino de soberana justiça, que se localizava fóra da vida material? Além disso, sua ida precipitada a Pilatos, sem a audiência prévia do marido fôra tão somente com o elevado propósito de salvar a Jesús de Nazaré da morte infamante. Onde o socorro sobrenatural que não chegava para esclarecer a sua penosa situação, definindo a verdadeira injustiça?

Lágrimas angustiosas enevoavam-lhe os olhos cançados e abatidos.

Mas antes que o marido recomeçasse as acusações, ela viu-se de novo defronte da cruz, em pensamento.

Uma brisa suave parecia amenizar as úlceras que a palavra acusatória do espôso lhe abrira no coração. Uma voz que lhe falava aos refôlhos mais íntimos da conciência, lembrou-lhe ao espírito sensível que o Mestre de Nazaré também era inocente e expirára, naquele dia, na cruz, sob os insultos de algozes impiedosos. E êle era justo e bom, misericordioso e compassivo. Daqueles a quem mais havia amado, recebera a traíção e o abandono na hora extrema do testemunho e, de quantos havia servido com a sua caridade e o seu amor, havia recebido os espinhos envenenados da mais acerba ingratidão. Ante a visão dos seus martírios infinitos, Lívia consolidou a sua fé e rogou ao Pai Celestial lhe concedesse a intrepidez necessária para vencer as provações aspérrimas da vida.

Suas meditações angustiosas haviam durado um momento. Um minuto apenas, após o qual, continuou Públio Lentulus com voz desesperada:

— Aguardarei mais dois dias, nas pesquisas de meu filhinho desventurado! Decorridas estas poucas horas, voltarei a Cafarnaum para afrontar a passagem do tempo... Ficarei nêste cenário maldito, enquanto fôr necessário e, quanto á senhora, recolha-se doravante em sua própria indignidade, porque com o mesmo ímpeto generoso com que poupo a sua existência, nêste

momento, não vacilarei em lhe infligir a derradeira punição no momento oportuno!...

E, abrindo a porta de saída, que estremecera aos rebombos do trovão, exclamou com terrível acento:

— Lívia, esta noite infame assinala a perpétua separação dos nossos destinos. Não ouse transpôr a fronteira que nos isola um do outro, para sempre, no mesmo lar e dentro da mesma vida, porque um gesto dêsses pode significar a sua inapelável sentença de morte.

Atrás de si, fechara-se a porta com entrépito abafado pelos rumores da tempestade.

Jerusalém estava sob um verdadeiro ciclone de destruição, que ia deixar, após a sua passagem, um sinal de ruína, desolação e morte.

Ficando só, Lívia chorou amargamente.

Enquanto a atmosféra se lavava com a chuva torrencial que descia a cântaros no fragor das trovoadas, também a sua alma se despia das ilusões amargas e purificadoras.

Sim... estava só e profundamente desventurada.

Doravante, não poderia contar com o amparo do marido, nem com o aféto suave da filhinha, mas um anjo de serenidade velava á sua cabeceira, com a doçura das sentinelas que nunca se afastam do seu posto de amor, de redenção e de piedade. E foi êsse espírito luminoso que, fazendo gotejar o bálsamo da esperança no cálice do seu coração angustiado, deu-lhe a sentir que ainda possuia muito: — o tesouro da fé, que a unia a Jesús, ao Messias da renúncia e da salvação, a esperá-la nas claridades misericordiosas do seu reino.

X

O APÓSTOLO DA SAMARIA

No dia seguinte, Públio Lentulus incentivou as pesquisas do filhinho, entre quantos peregrinavam nas festas da Páscoa, em Jerusalém, instituindo o prêmio

de um Grande Sertércio (1) ou sejam dois mil e quinhentos asses, para quem apresentasse aos seus servos a criança desaparecida.

Não devemos esquecer que a criada Semele, bem como suas companheiras de serviço foram submetidas ao mais rigoroso inquérito, por ocasião do castigo aos servos imprevidentes, encarregados da noturna vigilância em casa do senador.

Públio não admitia castigos físicos ás mulheres, mas, no caso misterioso do desaparecimento do filhinho, submeteu as criadas a um interrogatório francamente impiedoso.

Inútil declarar que Semele protestara a mais absoluta inocência, nada deixando transparecer que pudesse comprometer as suas atitudes.

Entretanto, as três servas que mais dirétamente cuidavam do pequeno, entre as quais estava ela incluida, foram obrigadas a colaborar com os escravos na procura de Marcus, pelas praças e ruas de Jerusalém, embora tivessem as suas horas diárias consagradas ao descanso. Essas horas aproveitava-as Semele para visitar ou rever relações amigas, passando a maior parte do tempo no sítio onde André cultivava as suas oliveiras e vinhedos frondosos, a pouca distância da entrada para os centros principais.

Nêsse dia, vamos encontrá-la aí em animada palestra com o raptor e sua mulher, enquanto a criança dormitava ao canto de um compartimento.

— Com que, então, o senador instituiu o prêmio de um Grande Sestércio a quem lhe devolva a criancinha? — perguntava André de Gioras admirado.

— E' verdade — exclamou Semele pensativa. E, na realidade, trata-se de uma grande soma em dinheiro romano, que ninguém ganhará nêste mundo.

— Se não fôsse o meu justo e ardente desejo de vingança — replicou o raptor com o seu malicioso sor-

---

(1) Mil sestércios.

riso — era o caso de irmos abocanhar essa respeitável quantia.

Mas, deixa estar que não precisamos de semelhante dinheiro. Nada necessitamos dêsses malditos patrícios!

Semele escutava-o indiferente e quasi completamente alheia á conversa; entretanto, o seu interlocutor não perdia de vista as características fisionômicas, como se tentasse descobrir no seu modo simples e humilde algum pensamento reservado.

Foi assim que, no intuito de sondar a sua atitude psicológica, disse-lhe em tom aparentemente calmo e despreocupado, como a inquirir dos seus propósitos mais secretos:

— Semele, quais são as últimas notícias de Benjamin?

— Ora, Benjamin — respondeu ela, aludindo ao noivo — ainda não se resolveu a marcar o casamento, em definitivo, atento ás nossas inúmeras dificuldades.

Como não ignora, todo o meu desejo de trabalhar se resume na consecução do nosso ideal de adquirir aquela casinha de Betânia, já sua conhecida, e tão logo venhamos a conseguir nosso intento estaremos unidos para sempre.

— Ainda bem — disse André com a atitude psicológica de quem encontrára a chave de um enigma — com tempo haverão de conseguir tôdo o necessário á ventura de ambos.

Da minha parte, pode ficar descansada, porque tudo farei por auxiliá-la paternalmente.

— Muito grata! — exclamou a moça, reconhecida. Agora ha de permitir que volte ao trabalho, porque as horas parecem adiantadas.

— Ainda não — falou André resolutamente — espera um momento. Quero dar-lhe a provar do nosso vinho velho, aberto hoje, sómente para comemorar a circunstância feliz de nos acharmos com vida, depois do medonho temporal da noite passada!

E, correndo ao interior, penetrou na adega, onde tomou de uma bilha de vinho espumante e claro, deitando-o, com fartura, numa taça antiga. Em seguida, foi

a um quarto contíguo, de onde trouxe um tubo pequenino, deixando caír na taça algumas gôtas do conteúdo, monologando baixinho:

— Ah! Semele, bem poderias viver, se não surgisse êsse prêmio maldito, que te condena á morte!... Beijamin... o casamento e uma situação de amargurosa pobreza. — Uma soma de mil sestércios constitúe tentação a que não poderia resistir o espírito mais bem intencionado e mais puro... Enquanto foram as aperturas e outros castigos, estava certo, mas agora é o dinheiro e o dinheiro costuma condenar as criaturas humanas á morte!...

E, misturando o tóxico violento no vinho que espumava, continuou resmungando:

— Daqui a seis horas minha pobre amiga estará penetrando o reino das sombras... Que fazer? Nada me resta senão desejar-lhe boa viagem! E nunca mais alguém saberá, nêste mundo, que em minha casa existe um escravo com o sangue nobre dos aristocratas do Império Romano!...

Em dois minutos a desventurada serva do senador ingeria satisfeita o conteúdo da taça, agradecendo a sinistra gentileza com palavras comovidas de aféto e reconhecimento.

Da porta de sua vivenda empedrada, observou André os passos derradeiros da sua cúmplice, nas derradeiras curvas do caminho.

Ninguém mais pleitearia o Grande Sestércio oferecido pela desesperação de Lentulus, porque, precisamente á noitinha, quasi ás dezenove horas Semele experimentou uma sensação de súbito mal-estar, recolhendo-se ao leito imediamente.

Suôres abundantes e frios lavaram-lhe as faces já descoradas, onde se notava o palôr característico da morte.

Ana, que já havia regressado, compungida, aos afazeres domésticos, foi chamada, ás pressas, afim-de ministrar-lhe os socorros precisos, encontrando-a, porém, no auge da aflição que assinála os moribundos prestes a se desvencilharem do cárcere da matéria.

— Ana. . . — exclamou a agonizante com voz sumida — eu môrro. . . mas tenho a. . . conciência. . . pesada. . . intranquila. . .

— Semele, que é isso? — replicou a outra, fundamente comovida. Confiemos em Deus, nosso Pai Celestial e confiemos em Jesús, que ainda ontem nos contemplava da cruz dos seus sofrimentos, com um olhar de compaixão e de infinita piedade!

— Sinto. . . que é. . . tarde. . . — murmurou a moribunda, nas âncias da morte — eu. . . apenas. . . queria. . . um perdão. . .

Todavia, a voz entrecortada e rouca não conseguiu continuar. Um singulto mais forte abafara as últimas palavras enquanto o rosto se cobria de tons violáceos, como se o coração, em pletora houvesse parado, instantaneamente, congestionado por uma fôrça indefinível e poderosa.

Ana compreendeu que era o fim e suplicou a Jesús recebesse em seu reino misericordioso a alma da companheira, perdoando-lhe as faltas graves que, por certo, haviam dado motivo ás palavras angustiosas dos últimos momentos.

Chamado um médico ao exame cadavérico, verificou no empirismo da sua ciência, que Semele expirára por deficiência do sistema cardíaco e, longe de descobrir-se a verdadeira causa daquele fato inesperado, o segrêdo de André de Gioras se envolvia nas sombras espessas do túmulo.

Ana e Lívia tiveram ensejo de trocar impressões sôbre o doloroso acontecimento, mas, ambas, embora a funda impressão que lhes causavam as derradeiras palavras da morta, encaravam a sua passagem para a outra vida, na conta dessas fatalidades irremediáveis.

Públio Lentulus, em seguida a êsse fato, apressou o regresso á vivenda de Cafarnaum, que adquirira ao antigo dono, em raracter definitivo, prevendo a possibilidade de longa permanência em tais lugares. O regresso foi triste, jornada trabalhosa e sem esperança.

Os servos numerosos não chegaram a perceber a profunda divergência, agora existente entre êle e a es-

pôsa, e foi dêsse modo que, verdadeiramente separados pelo coração, continuaram no lar a mesma tradição de respeito perante os seus subordinados.

Depois de alguns dias de sua segunda instalação na cidade próspera e alegre onde Jesús, tantas vezes, fizera soar doces e divinas palavras, o senador preparou copioso expediente para o amigo Flamínio, bem como para outros elementos do Senado, enviando Comênio á Roma, como portador de sua inteira confiança.

Odiando a Palestina, que tantas e tão amargas provações lhe reservára, mas prêso a ela pelo desaparecimento misterioso do pequenino Marcus, o senador solicitava a Flamínio a sua intervenção particular para que seu tio Sálvio regressasse á séde dos seus serviços na capital do Império, tentando livrar-se da presença de Fúlvia naqueles lugares, porquanto lhe dizia o coração, na intimidade de pensamento, que aquela mulher tinha uma influência nefasta no seu destino e no de sua família. Ao mesmo tempo, saturado de terrível aversão pela personalidade de Pôncio Pilatos, punha o amigo distante ao par de numerosos escândalos administrativos que êle, após o incidente da Páscoa, resolvera corrigir com o máximo de severidade. Prometia, então, a Flamínio Severus, conhecer mais de perto as necessidades da província, afim-de que as autoridades romanas ficassem cientes de graves ocorrências na administração, de modo que, em tempo oportuno, fôsse o governador removido para outro setor do Império e prometendo relacionar, sem demora, todas as injustiças de sua ação na vida pública, dado as reclamações reiteradas e consecutivas que lhe chegavam aos ouvidos, de todos os recantos da província.

Nessas cartas particulares pedia, ainda, ao amigo, as providências precisas, afim-de que lhe fôsse enviado um professor para a filhinha, abstendo-se, contudo, de referir-se aos dolorosos dramas da vida privada, com exceção do caso do filhinho, por êle citado nêsses documentos como a causa única da sua demora indefinita, em tais lugares.

Comênio partiu de Joppé, com o máximo cuidado,

obedecendo rigorosamente ás suas ordens e atingindo Roma daí a algum tempo, onde faria chegar aquelas notícias ás mãos dos seus legítimos destinatários.

Em Cafarnaum, a vida corria triste e silenciosa.

Públio apegára-se ao seu arquivo volumoso, aos seus processos, aos seus estudos e ás suas meditações, preparando os planos educativos da filha ou organizando projétos concernentes ás suas atividades futuras, fazendo o possível para reerguer-se do abatimento moral em que mergulhára com os dolorosos sucessos de Jerusalém.

Quanto á Lívia, conhecendo a inflexibilidade do carater orgulhoso do marido e sabendo que todas as provas aparentavam a sua culpa, encontrára na alma delicada da serva o coração generoso de uma confidente extremosa no aféto, vivendo quasi permanentemente mergulhada em orações sucessivas e fervorosas. Os sofrimentos experimentados patenteavam-se-lhe no rosto, revelando profundos vestígios nos sulcos da face descorada. Os olhos, todavia, demonstrando a têmpera e o vigor da fé, clareavam-lhe as expressões fisionômicas de um brilho singular, apesar-do seu visível abatimento.

Em Cafarnaum, os seguidores do Mestre de Nazaré organizaram, imediatamente, uma grande comunidade de crentes do Messias, tornando-se muitos em apóstolos abnegados da sua doutrina de renúncia, de sacrifício e de redenção. Alguns pregavam, como Êle, na praça pública, enquanto outros curavam os enfêrmos em seu nome. Criaturas rústicas haviam sido tomadas, extranhamente, do mais alto sôpro de inteligência e inspiração celeste, porque ensinavam com a maior clareza as tradições de Jesús, organizando-se com a palavra dêsses apóstolos os pródromos do Evangelho escrito, que ficaria mais tarde no mundo, com a mensagem do Salvador da Terra a tôdas as raças, povos e nações do planeta, qual luminoso roteiro das almas para o céu.

Todos os que se convertiam á idéia nova confessavam na praça pública os êrros da sua vida, em sinal da humildade que lhes era exigida, portas-a-dentro da comunidade cristã. E, para que o meigo profeta de

Nazaré nunca fôsse esquecido em seus martírios redentores no Calvário, o povo simples e humilde de então organizou o culto da cruz, crendo fôsse essa a melhor homenagem á memória de Jesús Nazareno.

Lívia e Ana, no seu profundo amor ao Messias, não escaparam á essa adesão natural ás tradições populares. A cruz era objéto de toda a sua veneração e absoluto respeito, não obstante representar, naquele tempo, o instrumento de punição para todos os criminosos e celerados.

Ana continuou a frequentar as margens do lago, onde alguns apóstolos do Senhor prosseguiam cultivando as suas lições divinas, junto dos sofredores deserdados da sorte. E era comum verem-se êsses antigos companheiros e ouvintes do Messias, como pegureiros humildes, atravessando estradas agrestes, no mais absoluto desconforto, afim-de levarem a todos os homens as palavras consoladoras da Bôa-Nova. Tipos impressionantes de homens grosseiros e abnegados percorriam os mais longos e escabrosos caminhos, de vestes rôtas e calçando alpercatas grosseiras, prégando, porém, com perfeição e sentimento as verdades de Jesús, como se as suas frontes humildes estivessem tocadas de uma graça divina. Para muitos dêles, o mundo não passava da Judéia ou da Síria; mas a realidade é que as suas palavras desassombradas e serenas iam permanecer no mundo para todos os séculos.

Mais de um mês decorrera sôbre a Páscoa de 33, quando o senador, por uma tarde formosa e quente da Galiléia, aproximou-se da espôsa para lhe dizer dos seus novos propósitos:

— Lívia — começou êle, respeitoso — tenho a comunicar-lhe que pretendo viajar algum tempo, afastando-me desta casa talvez por dois mêses, em cumprimento dos meus deveres de emissário do Imperador, em condições especialíssimas nesta província.

Como esta viagem se verificará através de pontos numerosos, porquanto tenciono estacionar um pouco em todas as cidades do itinerário, até Jerusalém, não me é

possível levá-la em minha companhia, deixando-a, nêste caso, como guardiã de minha filha.

Como sabe, nada mais existe entre nós que lhe outorgue o direito de conhecer minhas preocupações mais íntimas; todavia, renovo minhas palavras do dia fatal do nosso rompimento afetivo. Conservada nesta casa, apenas pela sua tarefa maternal, confio-lhe durante minha ausência a guarda de Flávia, até que chegue de Roma o velho professor que pedí a Flamínio.

Desejo firmemente acredite na confiança que deponho no seu propósito de regeneração, como mãe de família, procurando restabelecer a idoneidade que, outrora, não lhe negaria em tais circunstâncias e espero, assim, se abstenha de qualquer ato indigno, que venha a perder minha pobre filha para sempre.

— Públio!... — pôde ainda exclamar a espôsa do senador, aflitamente, tentando aproveitar aquele rápido minuto de serenidade do marido, afim-de se defender das calúnias injuriosas que lhe eram assacadas pelas mais complicadas circunstâncias — mas, afastando-se repentinamente, fechado na sua severidade orgulhosa, o senador não lhe deu tempo de continuar, integrando-a, cada vez mais, no conhecimento da sua amargurada situação dentro do lar.

Passada uma semana, partia êle para a sua viagem aventurosa.

Animavam-no, acima de tudo, o desejo de aliviar o coração de tantos pesares, a mesma tentativa na procura do filhinho desaparecido e o objetivo de catalogar os êrros e injustiças da administração de Pilatos, de modo a alijá-lo dos poderes públicos da Palestina, em tempo oportuno.

Na sua resolução, todavia, pairava um êrro grave, cujas consequências dolorosas não conseguira ou não pudera prever no seu íntimo atribulado. A circunstância de deixar espôsa e filha expostas aos perigos de uma região onde eram consideradas como intrusas devia ser examinada mais detidamente pela sua visão de homem prático. Além disso, êle não podia contar, nessa ansência, com a dedicação vigilante de Comênio, em viagem,

com destino á Roma, onde o conduziam as determinações do patrão e leal amigo.

Todas essas preocupações andavam no espírito de Lívia, dotada, como mulher, de um sentimento mais forte e mais justo, no plano das conjeturas e previsões.

Foi assim, de alma aflita, que viu partir o marido, embora houvesse êle recomendado a numerosos servos o máximo de vigilância nos trabalhos da casa, junto aos seus familiares.

Festividades solenes foram levadas a efeito por Herodes, em Tiberíades, previamente avisado pelo senador, com respeito á sua visita pessoal áquela cidade, que representava a primeira etape da sua longa excursão. Todas as localidades de maior destaque constavam como pontos de parada da caravana, recebendo Públio, em tôdas elas, as mais expressivas homenagens das administrações e contingentes de escolta e servos inúmeros, que lhe auxiliavam os serviços, naquela demorada excursão através das unidades políticas de menor importância, da Palestina.

Devemos consignar, porém, que Sulpício Tarquinius encontrava-se justamente em missão junto de Antipas, quando da festiva chegada de Públio Lentulus á grande cidade da Galiléia. Procurou, todavia, não se fazer notado pelo senador, regressando no mesmo dia a Jerusalém, onde vamos encontrá-lo em conferência íntima com o governador, nêstes têrmos:

— Sabeis que o senador Lentulus — dizia Sulpício, com o prazer de quem dá uma notícia desejada e interessante — dispôs-se a efetuar longa viagem por tôda a província?

— Que? — fez Pilatos grandemente surpreendido.

— Pois é verdade. Deixei-o em Tiberíades, de onde se dirigirá para Sebaste em breves dias, crendo mesmo, segundo o programa da viagem, que pude conhecer graças ao concurso de um amigo, que não voltará a Cafarnaum nêstes quarenta dias.

— Que intuito terá o senador com viagem tão incômoda e sem atrativos? perguntou Pilatos, receoso de

alguma punição aos seus atos injustos na administração política da província.

Mas, após alguns segundos de meditação, como se o homem privado sobrepujasse as cogitações do homem público, inquiriu o lictor, com interêsse:

— E a espôsa? Não o acompanhou? Teria o senador a coragem de deixá-la só, entregue ás surpresas dêste país, onde se aninham tantos malfeitores?

— Reconhecendo que terieis interêsse em tais informes, — tornou Sulpício com fingida dedicação e satisfeita malícia — busquei inteirar-me do assunto com um amigo que segue o viajante, como elemento de sua guarda pessoal, vindo a saber que a senhora Lívia ficou em Cafarnaum, na companhia da filha e alí aguardará o regresso do espôso.

— Sulpício — exclamou Pilatos pensativo — suponho não ignoras minha simpatia pela adorável criatura a que nos referimos...

— Isso não me é estranho, mesmo porque, fui eu próprio, como deveis estar lembrado, que a introduzi no vosso gabinete particular, não ha muito tempo.

— E' verdade!

— Por que não aproveitais êste ensejo para uma visita pessoal a Cafarnaum? — perguntou o lictor, com segundas intenções, mas sem ferir diretamente o melindroso assunto.

— Por Júpiter! — redarguiu Pilatos satisfeito. — Tenho um convite de Khouza e outros funcionários graduados de Antipas, naquela cidade, que me autoriza a pensar nisso.

Mas, a que vem a tua sugestão nêste sentido?

— Senhor — exclamou Sulpício Tarquinius, com hipócrita modestia — antes de tudo, trata-se da vossa alegria pessoal com a realização dêsse projéto e, depois, tenho igualmente grande simpatia por uma jóvem serva da casa, de nome Ana, cuja beleza admirável e simples é das mais sedutôras que hei visto nas mulheres nascidas na Samária.

— Que é isso? Nunca te observei apaixonado. Acho que já passaste a época dos arrebatamentos da moci-

dade. Em todo caso, isso quer dizer que não me encontro sózinho na satisfação que me trás a idéia dessa viagem imprevista — replicou Pilatos com visível bom humor.

E, como se naquele mesmo instante houvesse elaborado todos os detalhes do seu plano, exclamou para o lictor que o ouvia entre satisfeito e envaidecido:

— Sulpício, ficarás aqui em Jerusalém apenas o tempo preciso ao teu descanso ligeiro e imediato, regressando, depois de amanhã, para a Galiléia, onde irás diretamente a Cafarnaum avisar Khouza dos meus propósitos de visitar a cidade e, feito isso, irás até a residência do senador Lentulus, onde avisarás sua espôsa da minha decisão, em tom discréto, cientificando-a do dia previsto para a minha partida e chegada até lá. Espero que, com a atitude inconsiderada do marido, deixando-a tão só em tais regiões, venha ela pessoalmente a Cafarnaum encontrar-se camigo, de modo a distraír-se da companhia dos galileus grosseiros e ignorantes, e recordando por algumas horas os seus dias felizes da Côrte, junto de minha conversação e de minha amizade.

— Muito bem — redarguiu o lictor, não cabendo em si de contente. Vossas ordens serão rigorosamente cumpridas.

Sulpício Tarquinius saíu alegre e confortado nos seus sentimentos inferiores, antegozando o instante em que se aproximaria novamente da jóvem samaritana, que despertára a cobiça dos seus sentidos materiais, cobiça que não tivera tempo de manifestar quando da sua permanência no serviço pessoal de Públio Lentulus.

Cumprindo as determinações recebidas, vamos encontrá-lo daí a quatro dias em Cafarnaum, onde os avisos do governador foram recebidos com grande contentamento por parte das autoridades políticas.

O mesmo, porém, não aconteceu na residência de Públio, onde sua presença foi recebida com reservas pelos empregados e escravos da casa. Ao seu chamado, apresentou-se-lhe Máximus, substituto de Comênio na chefia dos serviços usuais, mas que estava longe de possuir a sua energia e experiência.

Atendido, solícitamente pelo antigo servo, que era seu conhecido pessoal, solicitou-lhe o lictor a presença de Ana, de quem dizia êle precisar de uma entrevista pessoal para a solução de determinado assunto.

O velho criado de Lentulus não hesitou em chamá-la á presença de Sulpício, que a envolveu de olhares cúpidos e ardentes.

A criada perguntou-lhe, entre intrigada e respeitosa, a razão da visita inesperada, ao que Tarquinius esclareceu tratar-se da necessidade de se avistar, por um momento, com Lívia, em particular, tentando ao mesmo tempo colocar a pobre moça ao corrente de suas pretensões inconfessáveis, dirigindo-lhe as propostas mais indignas e insolentes.

Após alguns minutos, em que se fazia ouvir nas suas expressões insultuosas, em voz abafada, que Ana escutava extremamente pálida, com o máximo de cuidado e paciência para evitar qualquer nota escandalosa, a seu respeito, respondeu a digna serva com voz austéra e valorosa:

— Senhor lictor, chamarei minha senhora para atender-vos, dentro de poucos instantes. Quanto a mim, devo afirmar-vos que estais enganado, porquanto não sou a pessôa que supondes.

E, encaminhando-se resolutamente para o interior, cientificou a senhora do persistente propósito de Sulpício em lhe falar pessoalmente, surpreendendo-se Lívia não só com o acontecimento inesperado, como também com a expressão fisionômica da serva, prêsa da mais extrema palidez, depois do choque sofrido. Ana tratou de não a inteirar de pronto, do sucedido, enquanto mumurava:

— Senhora, o lictor Sulpício parece apressado. Presumo que não tendes tempo a perder.

Todavia, sem se deixar empolgar pelas circunstâncias, Lívia buscou atender ao mensageiro com o máximo de sua habitual atenção.

Ante a sua presença, inclinou-se o lictor com profunda reverência, dirigindo-se-lhe respeitoso, no cumprimento dos deveres que o traziam:

— Senhora, venho da parte do Senhor Procurador da Judéia, que tem a honra de vos comunicar a sua vinda a Cafarnaum, nos primeiros dias da próxima semana...

Os olhos de Lívia brilharam de justificada indignação, enquanto inúmeras conjeturas lhe assaltaram o espírito, movimentando, porém, as suas energias, teve a precisa coragem para responder á altura das circunstâncias:

— Senhor lictor, agradeço a gentileza de vossas palavras; todavia, cumpre-me esclarecer que meu marido se encontra em viagem, nêste momento, e a nossa casa a ninguém recebe na sua ausência.

E, com um leve sinal fez-lhe sentir que era tempo de se retirar, o que Sulpício compreendeu, intimamente encolerizado. Despediu-se com reverências respeitosas.

Surpreendido com aquela atitude, porquanto ao espírito do lictor a prevaricação de Lívia representava um fato inconteste, retirou-se sumamente desapontado, mas não sem conjeturar os acontecimentos na sua depravada malícia.

Foi assim que, encontrando-se com um dos soldados de guarda á residência, seu conhecido e amigo pessoal, observou-lhe com fingido interêsse:

— Otávio, antes de uma semana talvez aqui esteja de volta e desejaria encontrar de novo, nesta casa, a jóia rara de minha felicidade e de minhas esperanças...

— Que jóia é essa? — perguntou, curioso, o interpelado.

— Ana...

— Está bem. Fácil é o trabalho que me pedes.

— Mas, ouve-me bem — exclamou o lictor, pressentindo, já, que a prêsa tudo faria por fugir-lhe das mãos.

Ana costuma ausentar-se frequentemente e caso isso se verifique, espero que a tua amizade não me falte com os informes necessários, no instante oportuno...

— Póde contar com a minha dedicação.

Enquanto acabamos de ouvir o pormenor mais importante dêsse diálogo, voltemos ao interior onde Lívia,

de alma opressa confia á serva amiga e devotada as conjeturas dolorosas que lhe pesavam no coração. Depois de externar-lhe os seus receios e justificados temores, plenamente admitidos por Ana que, a sua vez, colocou-a ao par das insolências de Sulpício, a pobre senhora desfiou para a sua confidente, simples e generosa, o rosário infindo de suas amarguras, relatando-lhe todos os sofrimentos que lhe dilaceravam a alma carinhosa e sensibilissima, desde o primeiro dia em que a calúnia encontrara guarida no espírito orgulhoso do companheiro. As lágrimas da serva ante a singular narrativa, eram bem um sinónimo da sua alta compreensão, das angústias da senhora, perdida naqueles rincões quasi selvagens, considerando-se a sua educação e a nobreza de sua origem.

Ao finalizar o penoso relato de suas desditas, a nobre Lívia acentou com indisfarçável amargura:

— Na verdade tudo tenho feito por evitar os escândalos injustificáveis e incompreensíveis. Agora, porém, sinto que a situação se agrava cada vez mais, á vista da insistência dos meus algozes e da displicência de meu marido em face dos acontecimentos, perdendo-se o meu espírito em conjeturas amargas e dolorosas.

Se mando chamá-lo por um mensageiro, pondo-o ao corrente do que se passa, afim-de que nos proteja com as suas providências imediatas, talvez não compreenda a marcha dos fatos na sua intimidade, encarando os meus receios como sintoma de culpas anteriores, ou tomando os meus escrúpulos como um desejo de regeneração por faltas que não cometi, em virtude de suas enérgicas reprimendas e penosas ameaças; se não o aviso dessas ocorrências graves, do mesmo modo se produziria o escândalo, com a vinda do governador a Cafarnaum, aproveitando o ensejo da sua ansência.

Tomo, unicamente a Jesús por meu juiz nesta causa dolorosa, em que as únicas testemunhas devem ser o meu coração e a minha conciência!...

O que mais me preocupa, agora, minha bôa Ana, não é tão sómente a obrigação de velar por mim, que já experimentei o fél amaríssimo da desilução e da calúnia

impiedosa. E', justamente, por minha pobre filha, porque tenho a impressão de que aqui na Palestina os malfeitores estão nos lugares onde deveriam permanecer os homens de sentimentos puros e incorrutíveis...

Como não ignoras, meu desventurado filhinho já se foi, arrebatado nêsse turbilhão de perigos, talvez assassinado por mãos indiferentes e criminosas... Fala-me o coração maternal que o meu desgraçado Marcus ainda vive, mas onde e como? Debalde temos procurado sabê-lo, em todos os recantos, sem o mais leve sinal da sua presença ou passagem... Agora, manda a conciência que resguarde a filhinha contra as ciladas tenebrosas!...

— Senhora — exclamou a serva com um fulgor estranho no olhar, como se houvera encontrado uma solução repentina e apreciável para o assunto — o que disseste revela o máximo bom senso e prudência... Também eu participo dos vossos temores e suponho que deveremos fazer tudo por salvar a menina e a vós mesma das garras dêsses lobos assassínos... Por que não nos refugiarmos nalgum local de nossa inteira confiança, até que os malditos abandonem estas paragens?!

— Mas considero que seria inútil procurarmos abrigo em Cafarnaum, em tais circunstâncias.

— Iríamos a outra parte.

— Onde? — indagou Lívia, com ansiedade.

— Tenho um projéto — disse Ana esperançosa. Caso assentísseis na sua plena realização, saíriamos ambas daqui, com a pequenina, refugiando-nos na própria Samária da Judéia, em casa de Simeão, cuja idade respeitável nos resguardaria de qualquer perigo.

— Mas, a Samária — replicou Lívia, algo desalentada — fica muito distante...

— A realidade, contudo, minha senhora, é que necessitamos de um sítio dessa natureza. Concordo em que a viagem não será tão curta, mas partiríamos com urgência, alugando animais descançados, tão logo repoussássemos um pouco, na passagem por Naim. Com um dia ou dois de marcha, atingiriamos o vale de Sichem, onde se ergue a velha propriedade de meu tio. Máximus seria cientificado da vossa deliberação, sem outro pretexto que

não seja o da necessidade de vossas decisões no momento e, na hipótese do regresso imediato do senador, estaria o vosso espôso integrado no conhecimento diréto da situação, procurando inteirar-se, por si mesmo, quanto á vossa honestidade.

— De fato, essa idéia é o recurso mais viável que nos resta, exclamou Lívia mais ou menos confortada. Além do mais, confio no Mestre, que não nos abandonará em provas tão rudes.

Hoje mesmo, faremos nossos aprestos de viagem e irás á cidade providenciar, não só quanto aos animais que nos devam conduzir até Naim, como também na partida de um dos teus familiares conosco, de modo a seguirmos com a maior simplicidade, sem provocar a atenção dos curiosos, mas igualmente bem acompanhadas contra os dissabôres de qualquer eventualidade.

Não te preocupes com despesas, porque estou provida dos necessários recursos financeiros.

Assim foi feito.

Na vésperas da partida, Lívia chamou o servo que então desempenhava as funções de mordomo da casa, esclarecendo-o nestes têrmos:

— Máximus, motivos imperiosos me levam amanhã á Samária da Judéia, onde me demorarei alguns dias, junto de minha filha. Levarei Ana em minha companhia e espero do teu esfôrço a mesma dedicação de sempre aos teus senhores.

O interpelado fez uma reverência, como quem se surpreendesse com semelhante atitude da patrôa, pouco afeita aos ambientes exteriores do lar, mas entendendo que não lhe assistia o direito de analisar as suas decisões, aventou, respeitoso:

— Senhora, espero designeis os servos que deverão acompanhar-vos.

— Não, Máximus. Não quero as solenidades do costume nas excursões dessa natureza. Irei com pessôas amigas, de Cafarnaum, e pretendo viajar com muita simplicidade. Interessa-me avisar-te dos meus propósitos, tão sómente pela necessidade de redobrar os serviços de vigilância na minha ausência, e considerando a possi-

bilidade do regresso inopinado do teu amo, a quem cientificarás da minha resolução, nos termos em que me estou exprimindo.

E, enquanto o criado se inclinava respeitoso, Lívia regressava aos aposentos, solucionando todos os problemas necessários á sua tranquilidade.

No dia imediato, antes da aurora, saía de Cafarnaum uma caravana humilde. Compunham-na Lívia, a filhinha, Ana e um dos seus velhos e respeitáveis familiares, que se dirigiam pela estrada que contornava o grande lago, quasi em caprichoso semi-círculo, acompanhando o curso das águas do Jordão a descerem sussurrantes e tranquilas para o Mar Morto.

Numa breve parada em Naim, trocaram-se os animais, seguindo os viajantes o mesmo roteiro em direção do vale de Sichem, onde, á tardinha, apearam á frente da casa empedrada de Simeão, que recebeu os seus hóspedes, chorando de alegria.

O ancião de Samária parecia tocado de uma graça divina, tal o movimento notável que desenvolvera em toda a região, não obstante a sua idade avançada, espalhando os consoladores ensinamentos do profeta de Nazaré.

Entre oliveiras umbrosas e frondejantes, erguera uma grande cruz, pesada e tosca, colocando nas suas proximidades uma larga mesa rústica, em tôrno da qual se assentavam os crentes, em pobres bancos improvisados para lhe ouvirem a palavra amiga e confortadora.

Cinco dias venturosos decorreram ali para as duas mulheres, que se encontravam á vontade naquele ambiente despretensioso e simples.

De tarde, sob as carícias da natureza livre e sadia, no seio verde da paisagem harmoniosa, reunia-se a assembléia humilde dos samaritanos, inclinados a aceitar os pensamentos de amor e de misericórdia sublime do Messias Nazareno.

Simeão, que ali vivia sem a companheira que Deus já havia levado e sem os filhos que, por sua vez, já haviam constituido família, em aldeias distantes, assumia a direção de tôdos, como um patriarca venerável na sua

calma senetude, relatando os fatos da vida de Jesús como se a inspiração divina o bafejasse em tais instantes, tal a profunda beleza filosófica dos comentários e das preces improvisadas com a amorosa sinceridade do seu coração. Quasi tôdos os presentes, naquela mesma poesia simples da natureza, como se estivessem ainda bebendo as palavras do Mestre junto do Garizim, choravam de comoção e deslumbramento espiritual, tocados pela sua palavra profunda e carinhosa, magnetizados pela formosura das suas evocações saturadas de ensinamentos raros, de caridade e meiguice.

Nessa época, os cristãos não possuiam os evangelhos escritos, que somente um pouco depois apareciam no mundo grafados pelos apóstolos, razão pela qual, todos os pregadores da Bôa-Nova colecionavam as máximas e as lições do Mestre, de próprio punho ou com a cooperação dos escribas do tempo, catalogando-se, dêsse modo, os ensinamentos de Jesús para o estudo necessário nas assembléias públicas das sinagogas.

Simeão, que não possuia uma sinagoga, seguia, porém, o mesmo método.

Com a paciência que o caracterizava, escreveu tudo o que sabia do Mestre de Nazaré para recordá-lo nas suas reuniões humildes e despretensiosas, prontificando-se do melhor grado a registar todas as lições novas do acervo de lembranças dos seus companheiros, ou daqueles apóstolos anónimos do cristianismo nascente, que cruzavam a Ásia Menor em tôdas as direções, de passagem pela sua velha aldeia.

Fazia seis dias que as suas hóspedes se retemperavam naquele ambiente caricioso, quando o respeitável ancião, naquela tarde, em suas costumeiras evocações do Messias, figurava-se tocado de influências espirituais da mais elevada excelsitude.

As derradeiras meias-tintas do crepúsculo entornavam na paisagem um tom de esmeraldas e topázios eterizados sob um céu azul indefinível.

No seio da assembléia heterogênea, notava-se a presença de criaturas sofredoras, de tôdos os matizes, que ao espírito de Lívia lembravam a tarde memorável de Ca-

farnaum, quando ouvira o Senhor pela primeira vez. Homens esfarrapados e mulheres maltrapilhas acotovelavam-se com crianças esquálidas, fitando, ansiosamente, o ancião que explicava, comovido, com a sua palavra simples e sincera:

— Irmãos, era de ver-se a suave resignação do Senhor no derradeiro instante!...

"Olhar fixo no céu, como se já estivesse gozando a contemplação das beatitudes celestes, no reino de nosso Pai, ví que o Mestre perdoava caridosamente tôdas as injúrias! Apenas um dos seus discípulos mais queridos se conservava ao pé da cruz, amparando a sua mãi no angustioso transe!... Dos seus habituais seguidores, mui poucos estavam presentes na hora dolorosa, certamente porque nós, os que tanto o amavamos, não podiamos externar nossos sentimentos diante da turba enfurecida, sem graves perigos para a nossa segurança pessoal. Não obstante, desejaríamos, tôdos, experimentar os mesmos padecimentos!...

"De vez em quando, um que outro mais atrevido de seus verdugos se aproximava do corpo chagado no martírio, dilacerando-lhe o peito com a ponta das espadas impiedosas!..."

Uma vez por outra, o generoso ancião limpava o suor da fronte, para continuar com os olhos húmidos:

— Antes da hora sexta, notei que Jesús desviára os olhos calmos e lúcidos do firmamento, contemplando a multidão amotinada em criminosa fúria!... Alguns soldados ébrios açoitaram-no, mais uma vez, sem que do seu peito opresso, na angústia da agonia, escapasse um único gemido!... Seus olhos suaves e misericordiosos se espraiaram, então, do monte do sacrifício para o casário da cidade maldita! Quando o vi olhando ansiosamente, com a ternura carinhosa de um pai para quantos o insultavam nos suplícios extremos da morte, chorei de vergonha pelas nossas impiedades e fraquezas...

A massa movimentava-se, então, em altercações numerosas... Gritos ensurdecedores e impropérios revoltantes o cercavam na cruz, onde se lhe notava o copioso suôr do instante supremo!... Mas, o Messias, como se

visualizasse profundamente os segrêdos dos humanos destinos, lendo no livro do futuro, fitou de novo as Alturas, exclamando com infinita bondade: — "Perdoa-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem!..."

O velho Simeão tinha a voz embargada de lágrimas ao evocar aquelas lembranças, enquanto a assembléia se comovia profundamente com a sua narrativa.

Outros irmãos da comunidade tomaram a palavra, descansando o ancião dos seus esfôrços.

Um dêles, porém, contràriamente aos temas versados naquele dia, exclamou, com surpresa para todos os circunstantes:

— Meus irmãos, antes de nos retirarmos, lembremos que o Messias repetia sempre aos seus discípulos a necessidade da vigilância e da oração, porque os lobos rondam, nêste mundo, o rebanho das ovelhas!...

Simeão ouviu a advertência e pôs-se em atitude de profunda meditação, de olhos fitos na grande cruz que se elevava a poucos metros do seu banco humilde.

Ao cabo de alguns minutos de espontânea concentração, tinha os olhos transbordando de lágrimas, fixos no madeiro tosco, como se no seu tope vagasse alguma visão desconhecida de quantos o observavam...

Depois, encerrando as preleções da tarde, falou comovido:

— Filhos, não é sem justo motivo que o nosso irmão se refere hoje ao ensino da vigilância e da prece! Alguma cousa, que não sei definir, fala-me ao coração que o instante do nosso testemunho está muito próximo... Vejo com a minha vista espiritual que a nossa cruz está hoje iluminada, anunciando, talvez, o glorioso minuto dos nossos sacrifícios... Meus pobres olhos se enchem de pranto, porque, entre as claridades do madeiro, ouço uma voz suave que me penetra os ouvidos numa entonação branda e amiga, exclamando: "Simeão, ensina ao teu rebanho a lição da renúncia e da humildade, com o exemplo da tua dedicação e do teu próprio sacrifício! Ora e vigía, porque não está longe o instante ditoso de tua entrada no Reino, mas preserva as ovelhas do teu aprisco das arremetidas tenebrosas dos lobos

famulentos da impiedade, soltos na Terra, ao longo de tôdos os caminhos, conciente, porém, de que, se a cada um se dará segundo as próprias obras, os maus terão, igualmente, seu dia de lição e castigo, de conformidade com os próprios êrros!...

O velho samaritano tinha o rosto lavado em lágrimas, mas uma doce serenidade irradiava do seu olhar carinhoso e compassivo, demonstrando as suas energias inquebrantáveis e valorosas.

Foi então que, alçando as mãos emagrecidas e longas ao firmamento, onde brilhavam já as primeiras estrêlas, dirigiu-se a Jesús, em prece ardente:

— Senhor, perdoai nossas fraquezas e vacilações nas lutas da vida humana, onde os nossos sentimentos são bem precários e miseráveis!... Abençoai nosso esfôrço de cada dia e relevai as nossas faltas, se algum de nós que aqui se reúne, vem á vossa presença com o coração saturado de pensamentos que não sejam os do bem e do amor que nos ensinaste!... E, se, chegada é a hora dos nossos sacrifícios, auxiliai-nos com a vossa misericórdia infinita, afim-de que não vacilemos em nossa fé, nos dolorosos momentos do testemunho!...

A oração comovedora assinalou o fim da reunião, dispersando-se os assistentes, que regressavam impressionados, ás suas choupanas humildes e pobres.

O ancião, todavia, conseguiu repousar muito pouco naquela noite, tomado de preocupação por Lívia e pela sobrinha, que o haviam cientificado das graves ocorrências que as levára a solicitar a sua proteção. Figurava-se-lhe que apêlos carinhosos do mundo invisível lhe enchiam o espírito de ansiedade indefinível e de singulares impressões, que lhe não era possível alijar do raciocínio para os necessários minutos de repouso.

Contudo, enquanto ocorriam êsses fatos no vale de Sichem, voltemos a Cafarnaum, onde, na mesma tarde, chegara o governador com grande aparato.

A par das festanças númerosas, organizadas pelos prepostos de Herodes Antipas, o primeiro pensamento do viajante ilustre não nos pode ser desconhecido.

Sulpício, porém, após palestrar longamente com o

seu amigo Otávio, nas proximidades da residência do senador, onde foi posto ao corrente de todos os fatos, voltou a informá-lo de que ambas as prêsas cobiçadas haviam fugido como aves viajôras, para os bosques da Samária.

O governador surpreendeu-se com a resistência daquela mulher, tão acostumado estava êle ás conquistas fáceis, admirando-lhe, intimamente uma atitude injustificável da sua parte, tal rebeldia no assédio, mesmo porque não lhe faltariam mulheres tentadoras e formosas, desejosas de captarem a sua estima, no caminho da sua alta posição social na Palestina.

Ao mesmo tempo que dava curso a êsses pensamentos, o espírito perverso do lictor, antegozando a trabalhosa conquista da sua vítima, murmurava-lhe ao ouvido:

— Senhor governador, se consentirdes, irei á Samária da Judéia informar-me do assunto. Daqui ao vale de Sichem deve mediar pouco mais de trinta milhas, o que vem a ser um salto para os nossos cavalos. Levaria comigo seis soldados, bastando êsses homens para manter a ordem em qualquer lugar destas paragens.

— Sulpício, por mim, não vejo mais necessidade de semelhantes providências — exclamou Pilatos, resignado.

— Mas, agora — explicou o lictor com interêsse — se não é por vós, deve ser por mim, porque eu me sinto escravizado a uma mulher que devo possuir de qualquer maneira.

"Sou eu agora quem vos péde, humildemente, a concessão dessas providências" — acentuou êle desesperado, no auge dos seus pensamentos impuros.

— Está bem — murmurou Pilatos, com displicência, como quem faz um favor a um servo de confiança — concedo-te o que me pédes. Acho que o amor de um romano deve superar qualquer afeição dos escravos dêste país.

"Pódes partir, levando contigo os elementos de tua amizade, sem te esqueceres, porém, de que devemos regressar a Nazaré, de hoje a três dias. Não te bastarão dois dias para êsse cometimento?"

Mas — continuou o lictor, maliciosamente — e se houver alguma resistência?

— Para isso levas os teus homens, autorizando-te eu a efetuar as iniciativas necessárias aos teus propósitos. Em qualquer missão, jamais te esqueças de prestar aos patrícios os favores da nossa consideração, mas aos que o não sejam, faze a justiça do nosso domínio e da nossa fôrça implacáveis.

Na mesma noite, Sulpício Tarquinius escolheu os homens de mais confiança e, pela madrugada, sete cavaleiros audaciosos puseram-se a caminho, trocando os ginetes fogosos, nas paradas mais importantes, em demanda da Samária.

O lictor encaminhava-se para a sua ventura, como quem segue para o desconhecido, com o propósito firme de atingir os fins sem cogitar dos meios. Turbilhonava-lhe o cérebro em pensamentos condenáveis, afogando o coração inquieto e louco, numa onda de anseios criminosos e indefiníveis.

Voltando, todavia, nossa atenção para a casa humilde do vale, vamos encontrar Simeão em grandes atividades, naquela manhã inolvidável da sua vida.

Após o almoço frugal, organizadas todas as suas anotações e pergaminhos, depois de mais de uma hora de meditação e preces fervorosas e, quando o sol anunciava a claridade do meio dia, reuniu as suas hóspedes, falando-lhes gravemente:

— Minhas filhas, a visão de meus pobres olhos, em nossas preces de ontem, representa uma séria advertência para o meu coração. Ainda esta noite e hoje, durante o dia, tenho ouvido apêlos suaves que me chamam e, sem explicar a justa razão, tenho o íntimo saturado de uma branda serenidade, na suposição de que não deve tardar muito a minha ida para o reino... Algo, porém, me fala ao espírito que ainda não soôu a hora da vossa partida e, considerando o ensinamento do nosso Mestre de bondade e misericórdia, sôbre os lobos e as ovelhas, devo resguardar-vos de qualquer perigo. E' por isso que vos peço acompanhar-me.

Assim dizendo, o respeitável ancião pôs-se de pé e,

caminhando para o seu velho apartamento, abriu um grande orifício em plena parede empedrada, exclamando imperativamente, na sua serena simplicidade:

— Entremos.

— Mas, meu tio — obtemperou Ana, com certa estranheza — serão necessárias tais providências?

— Filha, nunca discutas o conselho daqueles que envelheceram no trabalho e no sofrimento. O dia de hoje é decisivo e Jesús não me poderia enganar o coração.

— Oh! mas será possível, então, que o Mestre nos vá privar de vossa presença carinhosa e consoladora? — exclamou a pobre rapariga banhada em pranto, enquanto Lívia os acompanhava sensibilizada, trazendo pela mão a filha estremecida.

— Sim, para nós — revidou Simeão com serena coragem, mirando o azul do céu — deve existir uma só vontade, que é a de Deus. Cumpram-se, pois, nos escravos os desígnios do Senhor!...

Nêste comenos, penetraram os quatro numa galeria que, á distância de poucos metros, ia dar num modesto refúgio talhado em pedras rústicas, afirmando o ancião em tom solene:

— Ha mais de vinte anos não abro êste subterrâneo á pessôa alguma... Recordações sagradas de minha espôsa fizeram-me encerrá-lo para sempre, como túmulo de minhas ilusões mais queridas; mas, hoje de manhã o reabrí resolutamente, retirei os tropêços do caminho, coloquei aqui os apetrechos necessários ao descanço de um dia, pensando na vossa segurança até á noite. Êste abrigo está oculto nas rochas que, junto das oliveiras, fazem o ornamento do nosso recanto de orações e, não obstante parecer abafado, o ambiente recebe o ar puro e fresco do vale, como a nossa própria casa.

Ficai aqui tranquilas. Alguma cousa me diz ao coração que estamos atravessando horas supremas. Trouxe o alimento preciso para as três, durante as horas da tarde e caso eu não volte até á noitinha, já sabem como devem mover a porta empedrada que dá para o meu quarto. Daqui, ouvem-se os rumores das cercanias, o que vos possibilitará a compreensão de qualquer perigo.

— E ninguém conhece êste refúgio? — perguntou Ana ansiosa.

— Ninguém, a não ser Deus e os meus filhos ausentes.

Lívia, profundamente comovida, ergueu então a voz do seu sincero agradecimento:

— Simeão — disse ela — eu que conheço a têmpera do inimigo, justifico os vossos temores. Jamais esquecerei vosso gesto paternal, salvando-nos do verdugo impiedoso e implacável.

— Senhora, não agradeçais a mim, que nada valho. Agradeçamos a Jesús os seus alvitres preciosos, no momento amargo das nossas provas...

Arrancando uma pequena cruz de madeira tosca, das dobras da túnica humilde, entregou-a á espôsa do senador, exclamando com voz serena:

— Só Deus conhece o minuto que se aproxima e esta hora póde assinalar os derradeiros momentos do nosso convívio na Terra. Se assim fôr, guardai esta cruz como recordação de um servo humilde... Ela traduz a gratidão do meu espírito sincero...

Como Lívia e Ana começassem a chorar com as suas palavras comovedoras, continuou o ancião com voz pausada:

— Não choreis, se êste minuto constitúe o instante supremo! Se Jesús nos chama ao seu trabalho, uns antes dos outros, lembremo-nos de que, um dia, nos reuniremos tôdos nas luzes cariciosas do seu reino de amor e misericórdia, onde tôdos os aflitos hão de ser consolados...

E, como se o seu espírito estivesse na plena contemplação de outras esferas, cujas claridades o enchessem de intuições divinatórias, prosseguiu, dirigindo-se á Lívia, comovidamente:

— Estejamos confiantes na Providência Divina! Caso o meu testemunho esteja previsto para breves horas, confio-vos a minha pobre Ana, como vos entregaria a minha recordação mais querida!... Depois que abracei as lições do Messias, tôdos os filhos do meu sangue me desampararam, sem me compreender os propósitos

mais santos do coração... Ana, porém, apesar da sua juventude, entendeu, comigo, o doce Crucificado de Jerusalém!...

Quanto a ti, Ana — disse pousando a dextra na fronte da sobrinha — ama á tua senhora como se fôsses a mais humilde das suas escravas!

Nêsse instante, porém, um ruído mais forte penetrou no recinto, como se um barulho incompreensível proviésse das rochas, parecendo mais um tropél de numerosos cavalos que se iam aproximando.

O ancião fez um gesto de despedida, enquanto Lívia e Ana se ajoelharam diante da sua figura austera e carinhosa; ambas, entre lágrimas, tomaram-lhe as mãos encarquilhadas, que cobriram de beijos afetuosos.

Num relance, Simeão transpôs a pequena galeria, reajustando as pedras na parede com o máximo cuidado.

Em poucos minutos, abria as portas da casa humilde e generosa a Sulpício Tarquinius e seus companheiros, compreendendo, afinal, que as advertências de Jesús, no silêncio de suas orações fervorosas, não haviam falhado.

O lictor dirigiu-lhe a palavra sem qualquer cerimônia, fazendo o possível por eliminar a impressão que lhe causava a majestosa aparência do ancião, com os seus olhos altivos e serenos e as suas longas barbas encanecidas.

— Meu velho — exclamou desabridamente — por intermédio de teus conhecidos já sei que te chamas Simeão, e igualmente que hospedas na tua casa uma nobre senhora de Cafarnaum, com a sua serva de confiança. Venho da parte das mais altas autoridades para falar particularmente com essas senhoras, na maior intimidade possível...

— Enganai-vos, lictor — murmurou Simeão com humildade. — De fato, a espôsa do senador Lentulus passou por estas paragens; todavia, apenas pela circunstância de se fazer acompanhar por uma de minhas sobrinhas — netas, deu-me a honra de repousar nesta casa por algumas horas.

— Mas deves saber onde se encontram nêste momento.

— Não posso dizê-lo.

—Ignoras, porventura?

— Sempre entendí — replicou o ancião corajosamente — que devo ignorar tôdas as cousas que venham a ser conhecidas para o mal de meus semelhantes.

— Agora é outra cousa — redarguiu Sulpício encolerizado, como um mentiroso de quem se descobrissem os pensamentos mais secretos. Quer dizer, então, que me ocultas o paradeiro dessas mulheres, por um simples capricho da tua velhice caduca?

— Não é isso. Conhecendo que no mundo somos tôdos irmãos, sinto-me no dever de amparar os mais fracos contra a perversidade dos mais fortes.

— Mas, eu não as procuro para fazer mal algum e chamo-te a atenção para estas insinuações insultuosas, que merecem a punição da justiça.

— Lictor — revidou Simeão com grande serenidade — se podeis enganar aos homens, não enganais a Deus com os vossos sentimentos inconfessáveis e impuros. Sei dos propósitos que vos trazem a êstes sítios e lamento a vossa impulsividade criminosa... Vossa conciência está obscurecida por pensamentos delituosos e impuros, mas tôdo o momento é um ensejo de redenção, que Deus nos concede na sua infinita bondade... Voltai atrás da insídia que vos trouxe e ide noutros caminhos, porque assim como o homem deve salvar-se pelo bem que pratica, póde também morrer pelo fogo devastador das paixões que o arrastam aos crimes mais hediondos...

— Velho infame!... — exclamou Sulpício Tarquinius rubro de cólera, enquanto os soldados observavam, admirados, a serena coragem do valoroso ancião da Samária — bem me disseram teus vizinhos, em me informando a teu respeito, que és o maior feiticeiro destas paragens!...

"Adivinho maldito, como ousas afrontar dêste modo os mandatários do Império, quando te posso pulverizar com uma simples palavra? Com que direito escarneces do poder?"

— Com o direito das verdades de Deus, que nos mandam amar ao próximo como a nós mesmos. . . Se sois prepostos de um Império que outra lei não possúe além da violência impiedosa na execução de tôdos os crimes, sinto que estou subordinado a um poder mais soberano do que o vosso, cheio de misericórdia e bondade! Êsse poder e êsse Império são de Deus, cuja justiça misericordiosa está acima dos homens e das nações!. . .

Compreendendo-lhe a coragem e a energia moral inquebrantáveis, o lictor, embora tremendo de ódio, revidou em tom fingido:

— Está bem, mas eu não vim aqui para conhecer as tuas bruxarias e o teu fanatismo religioso.

De uma vez por tôdas: queres ou não prestar-me as informações precisas, acêrca-das tuas hóspedes?

— Não posso — replicou Simeão corajosamente — e minha palavra é uma só.

— Então, prendei-o! — disse, dirigindo-se aos seus auxiliares, pálido de cólera em se vendo derrotado naquele duélo de palavras.

O velho cristão da Samária foi submetido aos primeiros vexames, por parte dos soldados, entregando-se, porém, sem a mínima resistência.

Aos primeiros golpes de espada, exclamou Sulpício sarcasticamente:

— Então, onde se encontram as fôrças do teu Deus que te não defende? Teu Império é assim tão precário? Por que não te socorrem os poderes celestiais, eliminando-nos com a morte em teu benefício?

Uma cargalhada geral seguiu-se a essas palavras, partida dos soldados que acompanhavam, gostosamente, os ímpetos criminosos do seu chefe.

Simeão, todavia, tinha as energias preparadas para o testemunho da sua fé ardente e sincera. De mãos amarradas, pôde ainda revidar, com a serenidade habitual:

— Lictor — ainda que eu fôsse um homem pederoso como o teu Cesar, nunca ergueria a voz para ordenar a morte de quem quer que fôsse, á face da Terra. Sou dos que negam o próprio direito da chamada legítima defesa, porque está escrito na Lei que "Não Matarás",

sem nenhuma cláusula que autorize o homem a eliminar o seu irmão, nessa ou naquela circunstância... Tôda a nossa defesa, nêste mundo, está em Deus, porque só êle é o Criador de tôda a vida e sómente êle póde pôr e dispôr em nossos destinos.

Sulpício experimentou o apogeu do seu ódio em face daquela coragem indomável e esclarecida e, avançando para um dos prepostos, exclamou enraivecido:

— Mércio, toma á tua conta êste velho imbecíl e feiticeiro. Guarda-o com atenção e não te descuides. Caso tente fugir, mete-lhe o chanfalho!

O venerável ancião, conciente de que atravessava as suas horas supremas, encarou o agressor com heroica humildade.

Sulpício e os companheiros invadiram-lhe a casa e o quintal, expulsando-lhe uma velha serva, a palavrões e pedradas. No seu quarto encontraram as anotações evangélicas e os pergaminhos amarelecidos, além de pequenas lembranças que guardava em memória dos seus afetos mais queridos.

Todos os objétos de suas recordações mais sagradas foram trazidos á sua presença, onde foram quebrados sem piedade. Perante seus olhos, serenos e bons, dilaceraram-se túnicas e papiros antigos, entre sarcasmos e ironias revoltantes.

Terminada a devassa, o lictor de mãos nas costas, examinando, intimamente, a melhor maneira de arrancar-lhe a desejada confissão sôbre o paradeiro de suas vítimas, andou pelas adjacências mais de duas horas, voltando á mesma sala, onde o interpelou novamente.

— Simeão — disse êle com interêsse — satisfaze aos meus desejos e te concederei a liberdade.

— Por êsse preço, tôda a liberdade me seria penosa. Deve preferir-se a morte a transigir com o mal — respondeu o ancião com a mesma coragem.

Sulpício Tarquinius rilhou os dentes de fúria, ao mesmo tempo que gritava possesso:

— Miserável! saberei arrancar-te a confissão necessária.

Isso dizendo, encarou fixamente o enorme cruzeiro

que se levantava a poucos metros da porta e, como se houvesse escolhido o melhor instrumento de martírio para arrancar-lhe a revelação desejada, dirigiu-se aos soldados em voz soturna:

— Amarrêmo-lo á cruz, como o Mestre das suas feitiçarias.

Recordando-se dos grandes momentos do Calvário, o ancião deixou-se levar sem nenhuma relutância, agradecendo, intimamente, a Jesús pelo seu aviso providencial, a tempo de salvar das mãos do inimigo aquelas que considerava como filhas muito amadas.

Num ápice os soldados o amarraram na base do pesado madeiro, sem que a vítima demonstrasse um único gesto de resistência.

Avizinhavam-se as dezesete horas e Simeão recordou que, pouco tempo antes, sofria o Senhor com mais intensidade, pelas mesmas horas. Em prece ardente, suplicou ao Pai Celestial ânimo e resignação para o angustioso transe. Lembrou-se dos filhos ausentes, rogando a Jesús que os acolhesse no manto de sua infinita misericórdia. Foi nêsse ínterim que, amarrado á base da cruz pelos braços, pelo tronco e pelas pernas, viu que se aproximavam alguns dos companheiros de suas preces habituais, para as reuniões do crepúsculo, os quais foram logo detidos pelos soldados e pelo chefe implacável.

Inquiridos, quanto ao ancião que ali se encontrava, com o dorso semi-nú para os tormentos do açoite, tôdos, sem exceção de um só, alegaram não conhecê-lo.

Mais que os ataques dos impiedosos romanos, semelhante ingratidão doeu-lhe fundo no espírito generoso e sincero, como se um espinho envenenado lhe penetrasse o coração.

Todavia, recompôs imediatamente as suas energias espirituais e, contemplando o Alto, murmurou baixinho, numa prece ansiosa e ardente:

— Também vós, Senhor, fôstes abandonado!... Éreis o Cordeiro de Deus, inocente e puro, e sofrestes as dôres mais amargas, experimentando o fél das traições mais penosas!... Não seja pois o vosso servo, mí-

sero e pecador, que renegue os martírios purificadores do testemunho!...

A essa hora, já o recinto se encontrava repleto de pessôas que, de conformidade com as determinações de Sulpício, deveriam permanecer nos bancos grosseiros, dispostos em semi-círculo, de modo a assistirem á cêna selvagem, a título de escarmento para quantos viéssem a desobedecer á justiça do Império.

Antes da hora sexta, o primeiro soldado, á ordem de seu chefe, iniciou o flagício. Todavia, da terceira vez que as suas mãos brandiam as extremas tiras de couro, na execranda tortura, sem que o ancião deixasse escapar o mais ligeiro gemido, parou, súbitamente, exclamando para Tarquinius em voz baixa e em tom discreto:

— Senhor lictor, no alto do madeiro ha uma luz que paralisa os meus esfôrços.

Encolerizado, mandou Sulpício que um novo elemento o substituisse, mas o mesmo se repetiu com os seis algozes chamados ao trabalho sinistro.

Foi então que, desesperado de ódio incompreensível, tomou Sulpício dos açoites, brandindo-os êle mesmo no corpo da vítima, que se contorcia em sofrimentos angustiosos.

Simeão, banhado de suôr e sangue, sentia o estalar dos óssos envelhecidos, que se quebravam aos pedaços, cada vez que o açoite lhe lambia as carnes enfraquecidas. Seus lábios murmuravam preces fervorosas, apêlos a Jesús para que os tormentos não se prolongassem ao infinito. Tôdos os presentes, não obstante o terror que os levára á defecção para com o velho discípulo de Jesús, viam-lhe, com lágrimas, os inomináveis padecimentos.

Em dado instante, a fronte pendeu, quasi desfalecida, prenunciando o fim de tôda a resistência orgânica, em face do martírio.

Sulpício Tarquinius parou, então, por um minuto, a sua obra nefanda e aproximando-se do ancião, falou-lhe ao ouvido, com ansiedade:

— Confêssas agora?

Mas o velho samaritano, temperado nas lutas terrestres, por mais de setenta anos de sofrimento, exclamou, exausto, em voz sumida:

— O. . . cristão. . . deve. . . morrer. . . com Jesús. . . pelo. . . bem. . . e. . . pela. . . verdade. . .

— Morre, então, miserável!. . . — gritou Sulpício. em voz estentórica e, tomando da espada, enterrou-lhe a lâmina no peito deprimido.

Viu-se o sangue jorrar em borbotões vermelhos e abundantes.

Nessa hora, cansado já do martírio, o ancião viu o áto supremo que poria termo aos seus padecimentos. Experimentou a sensação de um instrumento estranho que lhe abria o peito dolorido, sufocado por ansiedades e aflições angustiosas.

Num relance, porém, lobrigou duas mãos de neve translúcida que pareciam alisar-lhe carinhosamente os cabelos enbranquecidos.

Notou que o cenário se havia transformado, enquanto fechára ligeiramente os olhos, no momento doloroso.

O céu não era o mesmo, nem mais á sua frente via traídores e verdugos. O ambiente estava saturado de uma luz branda e misericordiosa, enquanto aos seus ouvidos chegavam os écos suaves de uma cavatina do céu, entoada, talvez, por artistas celestes e invisíveis. Ouvia cânticos esparsos, exaltando as dôres de tôdos os desventurados, de tôdos os aflitos do mundo, divisando, maravilhado, o sorriso acolhedor de entidades lúcidas e formosas.

Figurava-se-lhe reconhecer a paisagem que o recebia. Súpunha-se transportado aos deliciosos recantos de Cafarnaum, nos instantes suaves em que se preparava para receber a bênção do Messias, jurando haver aportado, por um processo misterioso, numa Galiléia de flôres mais ricas e de firmamento mais belo. Havia aves de luz, como lírios alados do paraiso, cantando nas árvores fartas e frondosas, que deviam ser as do éden celestial.

Buscou senhorear-se das suas emoções nas clarida-

des dessa Terra Prometida, que, a seus olhos, deveria ser o país encantado do "Reino do Senhor".

Por um momento, lembrou-se do orbe terrestre, das suas últimas preocupações e das suas dôres. Uma sensação de cansaço dominou-lhe, então o espírito abatido, mas uma voz que seus ouvidos reconheceriam entre milhares de outras vozes, falou-lhe brandamente ao coração:

— Simeão, chegado é o tempo do repouso!... Descansa agora das mágoas e das dôres, porque chegaste ao meu Reino, onde desfrutarás eternamente da misericórdia infinita do Nosso Pai!...

Pareceu-lhe, afinal, que alguém o tomára de encontro ao peito, com o máximo de cuidado e carinho.

Um bálsamo suave adormentou o seu espírito exausto e amargurado. O velho servo de Jesús fechou, então, os olhos, plácidamente, acariciado por uma entidade anjélica que pousou, de léve, as mãos translúcidas sôbre o seu coração desfalecido.

Voltando, porém, ao doloroso espetáculo, vamos encontrar, junto á casa do ancião de Samária, regular massa de povo que assistia á cena tenebrosa, trásida de terror.

Amarrado ao madeiro, o cadaver do velho Simeão golfava sangue pela enorme ferida aberta no coração. A fronte pendida para sempre, como se reclamasse o repouso da terra generosa, suas barbas veneráveis se tingiam de rubro, aos salpicos de sangue das vergastadas, porque Sulpício, embora sabendo que o golpe de espada era o detalhe final do tenebroso drama, continuava a açoitar o cadaver inerte, colado á cruz infamante do martírio.

Figurava-se que as fôrças desencadeadas da Treva se haviam apoderado completamente do espírito do lictor, que, tomado de uma fúria epiléptica e intraduzível, vergastava o cadaver sem piedade, numa torrente de impropérios, para impressionar a massa popular que o observava estarrecida de assombro.

— Vêde — gritava êle furiosamente — vêde como devem morrer os samaritanos velhacos e os feiticeiros

assassinos!... Velho miserável!... Leva para os infernos mais esta lembrança!...

E o açoite caía, impiedoso, sôbre os despojos destroçados da vítima, reduzidos agora a uma pasta sangrenta.

Nisso, porém, fôsse pela pouca profundidade da base da cruz, que se abalára nos movimentos reiterados e violentos do suplício, ou pela punição das fôrças poderosas do mundo invisível, viu-se que o enorme madeiro tombava ao sólo com a vertigem de um relâmpago.

Debalde tentou o lictor eximir-se á morte horrível, examinando a situação por um milésimo de minuto, porque o tope da cruz abateu-lhe a cabeça de um só golpe, inutilizando-lhe o primeiro gesto de fuga. Atirado ao chão com uma rapidez espantosa, Sulpício Tarquinius não teve tempo para soltar um gemido. Pela base do crânio, esmigalhado, escorria a massa encefálica misturada de sangue.

Num átimo, todos acorreram ao corpo abatido do lobo, trucidado depois do sacrifício da ovelha. Um dos soldados examinou-lhe, detidamente, o peito, onde o coração ainda pulsava nas suas derradeiras expressões de automatismo.

A boca do verdugo estava aberta, não mais para a gritaria blasfematória, mas da garganta avermelhada descia uma espumarada de saliva e sangue, figurando a baba repelente e ignominiosa de um monstro. Seus olhos estavam desmesuradamente abertos, como se fitassem, eternamente, nos espasmos do terror, uma interminável falange de fantasmas tenebrosos...

Impressionados com o acidente imprevisto, no qual adivinhavam a influência da misteriosa luz que haviam lobrigado no tope do cruzeiro, os soldados ignoravam como providenciar naquela conjuntura, igualmente confundidos na onda de espanto e surpresa geral dos primeiros momentos.

Foi nêsse instante que assomou á porta a figura nobre de Lívia, pálida de espanto e de penosa surpresa.

Ela e Ana, no interior da cava onde se haviam refugiado, pressentiram o perigo, permanecendo ambas em

fervorosas preces, implorando a piedade de Jesús naquelas horas angustiosas.

A seus ouvidos, chegavam os rumores imprecisos das discusões e do vozerio do povo em altercações ruidosas, nos minutos do incidente, encarado por quantos o assistiram como um castigo do céu.

Ambas, aflitas e ansiosas, considerando o adiantado da hora, deliberaram saír, fôssem quais fôssem as consequências da sua resolução.

Chegando á porta e observando o espetáculo horrendo do cadaver de Simeão reduzido quasi á uma pasta informe, sob a base da cruz, e vendo o corpo de Sulpício estendido á uma distância de poucos metros, com a base do crânio esfacelada, experimentaram, naturalmente, um pavor indefinível.

O excesso das emoções, contudo poucos minutos durou.

Enquanto a serva se desfazia em soluços, Lívia com a energia que lhe caracterizava o espírito e a fé que lhe clarificava o coração, compreendeu de relance o que se havia passado e, entendendo que a situação exigia a fôrça de uma vontade poderosa para que o equilíbrio geral se restabelecesse, exclamou para a serva, entregando-lhe a filha resolutamente:

— Ana, peço-te o máximo de coragem nêste angustioso transe, mesmo porque, cumpre-nos lembrar que a bondade de Jesús nos preparou para suportar, dignamente, mais esta prova aspérrima e dolorosa! Guarda Flávia contigo, enquanto vou providenciar para que a tranquilidade se restabeleça!...

A passos rápidos, avançou para a turba que se ia aquietando á sua passagem.

Aquela mulher, de beleza nobre e graciosa, deixava transparecer no olhar uma chama de profunda indignação e amargura. Seu aspecto severo denunciava a presença de um anjo vingador, surgido entre aquelas criaturas ignorantes e humildes, no momento oportuno.

Aproximando-se da cruz, onde jaziam os dois cadaveres, cercados pela confusão, implorou de Jesús a coragem e a fortaleza necessárias para dominar o ner-

vosismo e a inquietação de tôdos que a rodeavam. Sentiu que uma fôrça sobrehumana se apossára da sua alma no momento preciso. Por um minuto, pensou no espôso, nas convenções sociais, no escândalo rumoroso daqueles acontecimentos, mas o sacrifício e a morte gloriosa de Simeão eram para ela o exemplo mais confortador e mais santo. Tudo olvidou para se lembrar de que Jesús pairava acima de tôdas as cousas transitórias da Terra, como o mais alto símbolo de verdade e de amor, para a felicidade imorredoura de toda a vida.

Um dos soldados, tomado de veneração e conhecendo perto de quem seus olhos se encontravam, acercou-se-lhe exclamando com o máximo respeito:

— Senhora, cumpre-me apresentar-vos os nossos nomes, afim-de que possais utilizar-nos, para o que julgardes necessário.

— Soldados — exclamou resoluta — não precisais declinar os nomes. Agradeço a vossa dedicação espontânea, que poderia ter sido, alguns minutos antes, uma inconciência criminosa, lamentando, apenas, que seis homens aliados á esta multidão permitissem a consumação dêste áto de infâmia e suprema covardia, que a justiça divina acaba de punir perante os vossos olhos!...

Tôdos se haviam calado, como por encanto, em ouvindo as suas enérgicas palavras.

A massa popular tem dessas versatilidades misteriosas. Basta, ás vezes, um gesto para que se despenhe nos abismos do crime e da desordem; uma palavra chicoteante para fazê-la regressar ao silêncio e ao equilíbrio necessários.

Lívia compreendeu que a situação era sua e, dirigindo-se aos prepostos de Sulpício, falou corajosamente:

— Vamos, providenciemos o restabelecimento da calma geral, retirando êsses cadaveres.

— Senhora — aventou um dêles respeitosamente — sentimo-nos na obrigação de enviar um mensageiro a Cafarnaum, de modo que o senhor governador seja avisado dêstes tristes acontecimentos.

Todavia, com a mesma expressão de serenidade, respondeu ela firmemente:

— Soldado, eu não permito a retirada de nenhum de vós outros, enquanto não derdes êstes corpos á sepultura. Se o vosso governador possúe um coração de féra, sinto-me agora na obrigação de proteger a paz das almas bem formadas. Não desejo que se repita nesta casa uma nova cena de covardia e de infâmia. Se a autoridade, nêste país, atingiu o terreno das crueldades mais absurdas, eu prefiro assumí-la esta noite, resgatando uma dívida do coração para com os despojos dêste apóstolo venerando, assassinado com a colaboração da vossa criminosa inconciência.

— Não desejais consultar os administradores de Sebaste, a respeito do assunto? — tornou um dêles, tímidamente.

— De modo algum — respondeu ela com audaciosa serenidade. — Quando o cérebro de um govêrno está envenenado, o coração dos governados padecem da mesma peçonha. Esperariamos em vão qualquer providência a favor dos mais humildes e dos mais infelizes, porque a Judéia está sob a tiranía de um homem cruél e tenebroso. Ao menos hoje, quero afrontar o poder da perversidade, invocando em meu auxílio a misericórdia infinita de Jesús.

Silenciaram os soldados romanos, em face da sua atitude serena e imperturbável. E, obedecendo-lhe ás ordens, colocaram os despojos inertes de Simeão sôbre a mesa enorme e rústica das preces costumeiras.

Foi então que os mesmos companheiros, que haviam negado o velho mestre do Evangelho, acercaram-se piedosamente do seu cadaver, beijando-lhe as mãos mirradas com enternecimento, arrependidos da sua covardia e fraqueza, cobrindo-lhe de flôres os despójos sangrentos.

Haviam soado as dezenove horas, mas as tênues claridades do crepúsculo, na formosa paisagem da Samária, ainda não haviam abandonado, de todo, o horizonte.

Uma fôrça indefinível parecia amparar o espírito de Lívia, alvitrando-lhe todas as providências necessárias.

Em pouco, ao esfôrço hercúleo de numerosos samaritanos, foram retiradas pesadas pedras do grupo de rochas que protegia a cova, onde se haviam abrigado as

três fugitivas, enquanto ás ordens de Lívia os seis soldados abriam uma sepultura raza, longe daquele local, para o corpo de Sulpício.

Brilhavam, já, as primeiras constelações do firmamento, quando terminou a improvisação dos serviços dolorosos.

No instante de transportarem os despojos do ancião, que Lívia envolveu, pessoalmente, num alvo sudário de linho, ela fez questão de orar rogando ao Senhor recebesse no seu Reino de Luz e Verdade, a alma generosa do seu apóstolo valoroso.

Ajoelhou-se como uma figura angélica junto áquele banco humilde e tosco, onde, tantas vezes se sentára o servidor de Jesús, entre as suas oliveiras frondosas e bem amadas. Todos os presentes, inclusive os próprios soldados que se sentiam empolgados de misterioso temor, prostraram-se genuflexos, acompanhando-lhe a reverência, enquanto á claridade de algumas tochas sopravam perfumadas as brisas leves das noites formosas e estreladas da Samária, ha dois mil anos...

— Irmãos — começou ela, emocionada, assumindo pela primeira vez a direção de uma assembléia de crentes — elevemos a Jesús o coração e o pensamento!...

Uma sensação mais forte parecia embargar-lhe a voz inundando os seus olhos de lágrimas doloridas...

Mas, como se fôrças invisíveis e poderosas a alentassem, continuou serenamente:

— Jesús, meigo e divino Mestre, hoje foi o dia glorioso, em que partiu para o céu um valoroso apóstolo do teu Reino!... Foi êle, aqui na Terra, Senhor, a nossa proteção, o nosso amparo e a nossa esperança!... Na sua fé, encontrámos a precisa fortaleza, e foi em seu coração, compassivo que conseguimos haurir o consôlo necessário!... Mas julgaste oportuno que Simeão fôsse descansar no teu regaço amoroso e compassivo! Como tú, sofreu êle os tormentos da cruz, revelando a mesma confiança na Providência Divina, nos dolorosos sacrifícios do seu amargo testemunho... Recebe-o, Senhor, no teu Reino de Paz e de Misericórdia! Simeão tornou-se bem-aventurado por suas dôres, por seu denodo moral,

por suas angustiosas aflições suportadas com o valor e a fé que nos ensinaste... Ampara-o nas claridades do Paraiso do teu amor inexgotável e que nós, exilados na saudade e na amargura, aprendamos a lição luminosa do teu valoroso apóstolo da Samária!... Se algum dia nos julgares também dignos do mesmo sacrifício, fortalece-nos a energia, para que provemos ao mundo a excelência dos teus ensinamentos, ajudando-nos a morrer com valor, pela tua paz e pela tua verdade, como o teu missionário carinhoso a quem prestamos, nesta hora, a homenagem do nosso amor e do nosso reconhecimento...

Nêsse ínterim, houve na sua oração um doce estacato. Todavia, depois de uma pausa breve, continuou:

— Jesús, a ti que vieste a êste mundo, mais para os desesperados da salvação, levantando os mais doentes e os mais infelizes, nós endereçamos, igualmente, nossa súplica pelo celerado que não hesitou em tripudiar das tuas leis de fraternidade e amor, martirizando um inocente, arrebatado pela morte para o julgamento da tua justiça. Queremos esquecer a sua infâmia, como perdoaste aos teus algozes do alto da cruz infamante do martírio... Ajuda-nos, Senhor, para que compreendamos e pratiquemos os teus ensinos!...

Levantando-se, comovida, Lívia descobriu o cadaver do apóstolo e beijou-lhe as mãos pela última vez, exclamando em lágrimas, carinhosa:

— Adeus meu mestre, meu protetor e meu amigo... Que Jesús te receba o espírito iluminado e justo no seu Reino de luzes imortais, e que a minha pobre alma saiba aproveitar, nêste mundo a tua lição de fé e valoroso heroismo!...

Repousando numa urna improvisada, o corpo inérte de Simeão foi conduzido ao seu último jazigo. Numerosas tochas haviam sido acesas para o ofício amargo e doloroso.

E, enquanto o cadaver do lictor Sulpício descia á terra húmida, sem outro auxílio além da cooperação dos seus prepostos, o nobre ancião ia repousar á frente do seu templo e do seu ninho, entre as virações cariciosas

do vale, á sombra fresca das oliveiras que eram tão queridas!...

Lívia dispensou, em seguida, os soldados do governador e, guardada por homens valorosos e dedicados, passou o resto da noite em companhia de Ana e da filhinha, em profundas meditações e dolorosas cismas.

Ao raiar da aurora, retiravam-se definitivamente do vale de Sichem, acompanhadas por um vizinho de Simeão, encaminhando-se, de volta a Cafarnaum e levando, no íntimo, numerosas lições para tôda a vida.

Sabedoras de que não se fariam esperar as represálias das autoridades administrativas, regressaram por estradas diferentes, que constituiam atalhos preciosos, sem tocar em Naim para a troca de animais. Com algumas horas sucessivas, em marcha forçada, atingiam o solar tranquilo, onde iam descançar dos golpes sofridos.

Lívia remunerou largamente o seu dedicado companheiro de viagem, retirando-se para os seus aposentos, onde fixou, em base preciosa, a pequena cruz de madeira que lhe déra o apóstolo, algumas horas antes do cruento martírio.

Alguns dias se passaram sôbre os infaustos acontecimentos.

Pôncio Pilatos, contudo, informado de todos os pormenores do ocorrido, rugiu de ódio selvagem. Reconhecendo que defrontava poderosos inimigos, quais Públio Lentulus e sua mulher, buscou acionar por outro lado o mecanismo de sinistras represálias. Recolhendo-se imediatamente ao seu palácio de Samária, fez com que todos os habitantes da região pagassem muito caro a morte do lictor, humilhando-os, através de medidas aviltantes e vexatórias. Assassínios tenebrosos foram praticados entre os elementos da população pacífica do vale, propagando-se por Sebaste e outros núcleos mais adiantados, a rêde de crimes e crueldades da sua mentalidade vingativa e tenebrosa.

Estacionemos, todavia, em Cafarnaum e aguardemos aí a chegada de um homem.

Ao cabo de alguns dias, com efeito, regressava o senador de sua viagem através da Palestina. Após o seu

regresso, Lívia cientificou-o de quanto ocorrera na sua ausência. Públio Lentulus ouvia-lhe o relato, silenciosamente. A' medida que se lhe tornavam conhecidas as ocorrências, sentia-se intimamente tomado de indignação e de revolta contra o administrador da Judéia, não só pela sua incorreção política, mas também pela extrema antipatia pessoal que a sua figura lhe inspirava, resolvendo, em face do acontecido, não vacilar um segundo em processá-lo acerbamente, como julgava dever perseguir ao mais cruél dos inimigos.

O leitor poderá, talvez, supôr que o orgulhoso romano teria o coração sensibilizado e modificado os sentimentos a respeito da espôsa, de quem presumia possuir as mais flagrantes provas de deslealdade e perjúrio, no santuário do lar e da família. Mas, Públio Lentulus era humano e, nessa condição precária e miserável, tinha de ser um fruto do seu tempo, da sua educação e do seu meio.

Em ouvindo as últimas palavras de sua mulher, pronunciadas em tom comovido, como o de alguém que péde apôio e reclama o direito de um carinho, replicou austeramente:

— Lívia, eu me regosijo com a tua atitude e rogo aos deuses pela tua edificação. Teus átos simbolizam para mim a realidade da tua regeneração, depois da fragorosa quéda vista com os meus olhos. Bem sabes que para mim a espôsa não mais deve existir; contudo, louvo a mãe de meus filhos, sentindo-me confortado porque, se não acordaste a tempo de seres feliz, despertaste ainda com a possibilidade de viver... A tua repulsa tardia por êsse homem cruél me autoriza a crêr na tua maternal dedicação e isso basta!...

Essas palavras, pronunciadas em tom de superioridade e secura, demonstraram á Lívia que a separação afetiva de ambos deveria continuar no ambiente doméstico, irremissivelmente.

Abalada nas comoções do seu martírio moral, retirou-se para o quarto, onde se prostrou diante da cruz de Simeão, com a alma desalentada e combalída. Alí, meditou angustiosamente na sua penosa situação mas,

em dado instante, viu que a lembrança humilde do apóstolo da Samária irradiava uma luz cariciosa e resplandecente, ao mesmo tempo que uma voz suave e branda murmurava aos seus ouvidos:

— Filha, não esperes da Terra a felicidade que o mundo não te pode dar! Aí, todas as venturas são como neblinas fugidias, desfeitas ao calor das paixões ou destroçadas ao sôpro devastador das mais sinistras desilusões!... Espera, porém, o Reino da misericórdia divina, porque nas moradas do Senhor ha bastante luz para que floresçam as mais santificadas esperanças do teu coração maternal!... Não aguardes, pois, da Terra, mais que a corôa de espinhos do sacrifício...

A espôsa do senador não se surpreendeu com o fenômeno. Conhecendo de oitiva a ressurreição do Senhor, tinha a convicção plena de que se tratava da alma redimida de Simeão, que a seu ver voltava das luzes do Reino de Deus para lhe confortar o coração.

Por semanas a-fio, recebeu Públio Lentulus a visita de samaritanos numerosos, que lhe vinham solicitar enérgicas providências contra os demandos de Pôncio Pilatos, então instalado no seu palácio de Samária, onde permanecia raramente, ordenando o assassínio ou a escravidão de elementos numerosos, em sinal de vingança pela morte daquele que considerava como o melhor áulico da sua casa.

Daí a algum tempo, regressava Comênio de sua viagem á Roma, com um professor competente para a pequena Flávia. Além dêsse preceptor notável, que lhe mandava a carinhosa solicitude de Flamínio Severus, chegavam-lhe também novas notícias, que o senador considerava confortadoras. Em virtude da sua solicitação, as altas autoridades do Império determinaram a volta do pretor Sálvio Lentulus com a família para a séde do govêrno imperial, pedindo-lhe o amigo, particularmente, a remessa de dados positivos quanto á administração de Pilatos na Judéia, afim-de que o Senado pleiteasse a sua remoção da Ásia Menor.

Em virtude dessas circunstâncias, daí a algum tempo voltava Comênio á Roma, conduzindo a Flamínio um

volumoso processo relacionando todas as crueldades praticadas por Pilatos, entre os samaritanos. Em vista das distâncias, por muito tempo rolou o processo nos gabinetes administrativos, até que no ano de 35 foi o Procurador da Judéia chamado á Roma, onde foi destituido de todas as funções que exercia no govêrno imperial, sendo banido para Viena, nas Gálias, onde se suicidou daí a três anos, ralado de remorsos, de privações e de amarguras.

Públio Lentulus permaneceu com as suas esperanças de pai na mesma vivenda da Galiléia, dedicando-se quasi que exclusivamente aos seus estudos, aos seus processos administrativos e á educação da filha, que manifestára, muito cêdo, os seus pendôres literários ao lado de apreciáveis dotes de inteligência.

Lívia conservou Ana junto de sua tutéla e ambas continuaram orando junto á cruz que lhes déra Simeão no instante extremo, rogando a Jesús a necessária fôrça para as penosas lutas da vida.

Debalde a família Lentulus esperava que o destino lhe trouxesse, de novo, o sorriso encantador do pequenino Marcus e, enquanto o senador e filhinha se preparavam para o mundo, junto de Lívia e Ana, que traziam as suas esperanças postas no céu, deixemos passar mais de dez anos sôbre a dolorosa serenidade da vila de Cafarnaum, mais de dez anos que passaram lentos, silenciosos, tristes.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

A MORTE DE FLAMÍNIO

O ano de 46 corria calmo.

Em Cafarnaum, vamos encontrar, de novo, os nossos personagens, mergulhados numa serenidade relativa.

As autoridades administrativas, em Roma, não eram as mesmas. Entretanto, apoiado no prestígio do seu nome e nas consideráveis influências políticas de Flamínio Severus, junto ao Senado, Públio Lentulus continuava comissionado na Palestina, onde gozava de todos os direitos e regalos políticos, na adiministração provincial.

Debalde continuára alí, o senador, a despeito de tôdo o seu imenso desejo de voltar á séde do govêrno imperial, esperando o ensejo de rehaver o filho, que o tempo continuava a reter no domínio das sombras misteriosas. Nos últimos anos perdera, por completo, a esperança de atingir o seu desideratum, mesmo porque considerava, a êsse tempo Marcus Lentulus deveria estar no seu primeiro período de juventude, tornando-se irreconhecível aos olhos paternos.

De outras vezes, ponderava o orgulho patrício que

o filho não mais vivia; que, certamente, as fôrças perversas e criminosas que o haviam arrebatado do lar teriam exterminado, igualmente, o gracioso menino sob a foice da morte, temendo uma punição inexorável. Lá dentro, porém, no imo dalma, latejava a intuição de que Marcus ainda vivia, razão pela qual, entre as indecisões e alternativas de tôdos os dias, resolvera, antes de tudo, ouvir a voz do dever paternal, lançando mão de tôdos os recursos para reencontrá-lo e permanecendo alí indefinidamente, contra os seus projétos mais decididos e mais sinceros.

A êsse tempo, vamos encontrá-lo com os traços fisionômicos ligeiramente alterados, embora treze anos houvessem dobado sôbre os dolorosos acontecimentos de 33. Seus cabelos ainda guardavam, integralmente a côr natural e apenas algumas rugas, quasi imperceptíveis, tinham vindo acentuar o seu facies de profunda austeridade. Uma tristeza serena lhe pairava no semblante, invariavelmente, levando-o a isolar-se quasi da vida comum, para mergulhar tão sómente no oceano dos seus papéis e dos seus estudos, com a única preocupação de maior vulto, que era a educação da filha, buscando dotá-la das mais elevadas qualidades intelectivas e sentimentais. Sua vida conjugal continuava a mesma, embora o coração muitas vezes lhe pedisse reatar o laço conjugal, atendendo áqueles treze anos de separação íntima, com a mais absoluta renúncia de Lívia a todas e quaisquer distrações que não fôssem as da vida doméstica e da sua crença, fervorosa e sincera. A sós com as suas meditações, Públio Lentulus deixava divagar o pensamento pelas recordações mais doces e mais distantes e, nessas horas de introspecção, ouvia a voz da conciência que subia do coração ao cérebro, como um apêlo á razão inflexível, tentando inutilizar os preconceitos de sua concepção, mas o orgulho vencia sempre, com a sua rigidez inquebrantável. Algo lhe dizia no íntimo que sua mulher estava isenta de toda mácula, mas o espírito de vaidade preconceituosa lhe fazia ver, imediatamente, a cena inesquecível da espôsa ao deixar o gabinete privado de Pilatos, em vestes de disfarce, ouvindo ainda, sinistra-

mente, as palavras escarninhas de Fúlvia Prócula, nas suas calúnias estranhas e criminosas...

Lívia, todavia, se confugira num véu de amargura resignada e compassiva, como quem espera as providências sobrenaturais, que nunca aparecem no inquieto decurso de uma existência humana o espôso a conservava junto da filha, atendendo simplesmente á condição de mãe, não lhe permitindo, porém, de modo algum, interferir nos seus planos e trabalhos educativos.

Para Lívia, aquele golpe rude fôra o maior sofrimento da sua vida. A própria calúnia não lhe doêra tanto; mas, o reconhecer-se como dispensável junto da filha do seu coração, constituia a seus olhos a mais dolorosa humilhação da sua existência. Era por êsse motivo que mais se abroquelava na fé, procurando enriquecer a alma sofredora com as luzes da crença fervorosa e sincera.

Longe de conservar as energias orgânicas, tal como acontecera ao marido, seu rosto testemunhava as injúrias do tempo, com a sua pesada bagagem de sofrimentos e amarguras. Na sua fronte, que as dôres haviam santificado, pendiam já alguns fios prateados, enquanto os olhos profundos se tocavam de um brilho misterioso, como se houvessem intensificado o próprio fulgor, de tanto se fixarem no infinito dos céus. Seus traços fisionômicos, embora atestassem velhice prematura, revelavam ainda a antiga beleza, agora transformada numa indefinível e nobre expressão de martírio e de virtude. Um único pedido fizera ao espôso, quando se viu isolada dos seus afétos mais queridos, no ambiente doméstico, longe do próprio contacto espiritual com a filha, circunstância que ainda mais lhe afligia o coração amargurado: — foi o de que lhe permitisse continuar nas suas práticas cristãs, em companhia de Ana, que tanto se lhe afeiçoára, com aquele espírito de dedicação que lhe conhecemos, a ponto de desprezar as oportunidades que se lhe ofereceram para constituir família. O senador deu-lhe ampla permissão em tal sentido, chegando a facultar-lhe recursos financeiros para atender aos numerosos operários da doutrina que a procuravam, discretamente, amparando-se

nas suas possibilidades materiais para suas iniciativas renovadoras.

Falta-nos, agora, apresentar Flávia Lentulia aos que a viram, na infância, doente, tímida e pequenina.

No esplendor dos seus vinte e dois anos, ostentava o fruto da educação que o pai lhe dera, com a forte expressão pessoal do seu carater e da sua formação espiritual.

A filha do senador era Lívia na encantadora graça dos seus dotes físicos, e era Públio Lentulus pelo coração. Educada por professores eminentes, que se sucederam no curso dos anos, sob a escolha dos Severus, que jamais se descuidaram dos seus amigos distantes, sabia o idioma pátrio a fundo, manejando o grego com a mesma facilidade e mantendo-se em contacto com os autores mais célebres, em virtude do seu constante convívio com a intelectualidade paterna.

A educação intelectual de uma jóvem romana, nessa época, era sem dúvida secundária e deficiente. Os espetáculos empolgantes dos anfiteatros, bem com a ausência de uma ocupação séria, para as mulheres do tempo em face da incessante multiplicação e barateamento dos escravos, prejudicaram sensivelmente a cultura da mulher romana, no fastígio do Império, quando o espírito feminino rastejava no escândalo, na depravação moral e na vida dissoluta.

O senador, porém, fazia questão de ser um homem antigo. Não perdera de vista as virtudes heróicas e sublimadas das matronas inesquecíveis, das suas tradições familiares e foi por isso que, fugindo á época, buscou aparelhar a filha para a vida social, com a cultura mais aprimorada possível, embora lhe enchesse igualmente o coração de orgulho e vaidade, com todos os preconceitos do tempo.

A jóvem amava a mãe com extrema ternura, mas a vista das ordens do pai, que a conservava invariavelmente junto dêle, nos seus gabinetes de estudo ou nas pequenas viagens costumeiras, não fazia mistério da sua predileção pelo espírito paterno, de quem presumia haver herdado as qualidades mais fulgurantes e mais nobres,

sem conseguir entender a doce humildade e a resignação heróica da mãe, tão digna e tão desventurada.

O senador buscára desenvolver as suas tendências literárias, facilitando-lhe as melhores aquisições de ordem intelectual, admirando-se-lhe a facilidade de expressão, principalmente na arte poética, tão do gôsto daquela época.

O tempo transcorria com relativa calma para todos os corações.

De vez em quando, falava-se na possibilidade de regressar á Roma, plano êsse cuja realização era sempre procrastinada, em vista da esperança de reencontrar o desaparecido.

Num dia suave do mês de março, quando as árvores frondosas se cobriam de flôres, vamos encontrar na casa do senador um mensageiro que chegava de Roma á tôda pressa.

Tratava-se de um emissário de Flamínio Severus, que em longa carta comunicava ao amigo o seu precário estado de saúde, acrescentando que desejava abraçá-lo antes de morrer. Comovedores apêlos constavam dêsse documento privado, trazendo ao espírito de Públio as mais acuradas ponderações. Todavia, a leitura de uma carta assinada por Calpurnia, que viéra em separado, era decisiva. Nêsse desabafado, a veneranda senhora o informou do estado de saúde do marido, que, a seu ver, era precarissimo, acentuando os penosos dissabôres e angustiosas preocupações que ambos experimentavam acêrca-dos filhos que, em plena mocidade, se entregavam ás maiores dissipações, seguindo a corrente de desvários sociais da época. Terminava a carta comovedora, pedindo ao amigo que voltasse, que os assistisse naquele transe, de modo que a sua amizade e paternal interêsse representassem uma fôrça moderadora junto de Plínio e de Agripa, que, homens feitos, deixavam-se levar no turbilhão dos prazeres mais nefastos.

Públio Lentulus não hesitou um instante.

Mostrou á filha os documentos recebidos e, depois de examinarem, juntos, os pormenores do seu conteúdo, comunicou á Lívia o seu propósito de voltar á Roma

na primeira oportunidade.

A nobre senhora lembrou-se, então, quão diversa lhe seria a vida na grande cidade dos césares, com as idéias que agora possuia e pediu a Jesús não lhe faltasse a coragem necessária para vencer em todos os embates que houvesse de sustentar na sociedade romana, para conservar íntegra a sua fé.

A volta á Roma não reclamou, dêsse modo, grande demora. O mesmo emissário levou as instruções do senador para os seus amigos da capital do Império e, daí a pouco, uma galera os esperava em Cesaréia, reconduzindo a família Lentulus de regresso, depois da permanência de quinze anos na Palestina.

Desnecessário dizer dos pequeninos incidentes do retôrno, tal a vulgaridade das viagens antigas, com a sua monotonia, aliada ás vagarosas perspectivas e ao doloroso espetáculo do martírio dos escravos.

Cumpre-nos, entretanto, acrescentar que, nas vésperas da chegada, o senador chamou a filha e a mulher, dirigindo-lhes a palavra em tom discreto:

— Antes de aportarmos, convêm lhes explique a minha resolução, a respeito das notícias do nosso pobre Marcus.

"Ha muitos anos, guardo o maior silêncio em tôrno do assunto, para com os meus afeiçoados de Roma e não desejo ser considerado um mau pai, em nosso ambiente social. Sómente uma circunstância, como a que nos impôs esta viagem, me levaria a regressar, porquanto não se justifica que um pai abandone o filho em tais paragens, ainda mesmo torturado pela incerteza da continuidade de sua existência.

"Assim, resolvi comunicar, a quantos mo perguntem, que o filho está morto ha mais de dez anos, como, de fato, deverá estar para nós outros, visto a impossibilidade de o reconhecermos, na hipótese do seu reaparecimento.

"Se soubessemos de nossas mágoas, não faltariam embusteiros que desejassem ludibriar nossa boa fé, explorando o sentimentalismo familiar."

Ambas assentiram na decisão, que lhes parecia a

mais acertada e, daí a minutos o pôrto de Óstia estava á vista, agora lindamente aparelhado pelo zêlo do Imperador Cláudio, que ali mandara executar obras interessantes e monumentais.

Nessa hora, não se observava o contentamento, natural em tais circunstâncias.

A partida, quinze anos antes, havia sido um cântico de esperança nas espectativas suaves do futuro, mas o regresso estava cheio do silêncio amargo das mais penosas realidades.

Além do desencanto da vida conjugal, Públio e Lívia não viam ali, entre os rostos amigos que os esperavam, as silhuetas de Flamínio e Calpurnia, que consideravam irmãos muito amados.

Contudo, dois rapazes simpáticos e fortes, de gestos desembaraçados nas suas togas irrepreensíveis, dirigiram-se a êles imediatamente, em escaleres confortáveis. mal a embarcação havia atracado; rapazes êsses que senador e espôsa reconheceram de pronto, num afetuoso e comovido abraço.

Tratava-se de Plínio e seu irmão que, incumbidos pelos pais, vinham receber os queridos ausentes.

Apresentados á Flávia, ambos fizeram um movimento instintivo de admiração, recordando o dia da partida, quando a haviam acomodado no beliche, entre os seus gemidos e caretas de criança doente.

A jóvem impressionára-se, também, com a figura de ambos, dos quais possuia apagadas reminiscências, entre as recordações remotas da sua infância. Principalmente Plínio Severus, o mais moço, a havia impressionado profundamente, com os seus vinte e seis anos completos, no mesmo porte elegante e distinto com que ela havia idealizado o herói da sua imaginação feminina.

Notava-se, igualmente, num relance, que o rapaz não ficara indiferente áquelas mesmas emoções, porque, trocadas as primeiras impressões da viagem e examinada a situação da saúde de Flamínio Severus, considerada pelos filhos como excessivamente grave, Plínio ofereceu o braço á jóvem, enquanto Agripa lhe observava num leve tom de ciúme:

— Mas que é isso, Plínio? — Flávia pode suscetibilizar-se com a tua intimidade excessiva!...

— Ora, Agripa — respondeu êle com um franco sorriso — você está muito prejudicado pelos formalismos da vida pública. Flávia não pode estranhar os nossos costumes, na sua condição da patrícia pelo nascimento e, ao demais, não nasci para as discíplinas do Estado, tão do teu gôsto!...

A essas palavras ditas com visível bom humor, acrescentou Públio Lentulus confortado pelo ambiente da sua predileção:

— Vamos, meus filhos!

E dando o braço á espôsa para desempenhar a comédia da sua felicidade conjugal na vida comum da grande cidade, seguido de Plínio, que amparava a jóvem no seu braço forte e conquistador em assuntos do coração, desembarcaram junto de Agripa, afim-de descansarem um pouco, antes de seguir dirétamente para Roma e para o que todas as providências haviam sido tomadas pelos irmãos Severus, com o máximo de carinho e espontânea dedicação.

Lívia não se esqueceu de Ana, providenciando para o seu confôrto junto aos demais servos da casa, em todo o percurso de caminho que os separava da residência.

Em direção á cidade, pensou então o senador que, finalmente, ia rever o amigo muito amado. Ha longos anos acariciava a idéia de cofessar-lhe, de viva voz, todos os seus desgostos na vida conjugal, expondo-lhe com franqueza e sinceridade as suas preocupações mais íntimas, acêrca-dos fatos que o separavam da espôsa, na intimidade do lar. Tinha sêde de suas palavras afetuosas e de explicações consoladoras, porque sentia que amava a mulher acima de tudo, apesar de tôdos os dissabores experimentados. Crendo sinceramente na sua quéda, apenas seu orgulho de homem o afastava de uma reconciliação que cada dia se tornava mais imperiosa e necessária.

Em breve defrontavam a antiga residência, lindamente ornamentada para recebê-los. Numerosos servos se movimentavam, enquanto os recêm-vindos faziam o

reconhecimento dos lugares mais íntimos e mais familiares.

Havia quinze anos que o palácio do Aventino aguardava os donos, sob o carinho afetuoso de escravos dedicados e dignos.

Em breve, servia-se uma refeição frugal no triclínio, enquanto os irmãos Severus, que participavam dêsse ligeiro repasto, esperavam os seus amigos, afim-de seguirem tôdos juntos para a residência de Flamínio, onde o enfêrmo os aguardava ansiosamente.

Em dado instante, exclamou Plínio, como quem trás á baila uma notícia interessante e agradável, dirigindo-se ao senador:

— Ha bem tempo ficamos conhecendo vosso tio Sálvio Lentulus e sua família, que residem perto do Forum...

— Meu tio? — perguntou Públio, impressionado, como se as lembranças de Fúlvia lhe trouxessem ao íntimo uma aluvião de fantasmas. Mas, ao mesmo tempo, como se estivesse fazendo o possível por adormentar as próprias mágoas, acentuou com suposta serenidade:

— Ah! é verdade! Faz mais de doze anos que êle regressou da Palestina...

Foi nêste comenos que Agripa interveiu como a vingar-se da atitude do irmão, quando ainda não haviam desembarcado, exclamando intencionalmente:

— E por sinal que Plínio parece inclinado a desposar-lhe a filha, de nome Aurélia, com quem mantêm as melhores relações afetivas, de muito tempo.

Em ouvindo essas palavras, Flávia Lentulia fitou o interpelado como se entre o seu coração e o do filho mais moço de Flamínio já houvesse os mais fortes laços de compromissos sentimentais, dentro das leis misteriosas das afinidades psíquicas.

Enquanto se engajava êsse duélo de emoções, Plínio fitou o irmão quasi com ódio, dando a entender a impulsividade do seu espírito e respondendo com ênfase, como a defender-se de uma acusação injustificável, perante a mulher das suas preferências:

— Ainda desta vez, Agripa, estás enganado. Mi-

nhas relações com Aurélia não têm outro fundamento, além do da pura amizade recíproca, mesmo porque considero muito remota qualquer possibilidade de casamento, na fase atual da minha vida.

Agripa esboçou um sorriso brejeiro, enquanto o senador, compreendendo a situação acalmava os ânimos, exclamando com bondade:

— Está bem, filhos; mas falaremos depois sôbre meu tio. Sinto-me ansioso por abraçar o querido enfêrmo e não temos tempo a perder.

Em breves minutos um grupo de liteiras encaminhava-se para a nobre residência dos Severus, onde Flamínio aguardava o amigo, ansiosamente.

Sua fisionomia não acusava mais aquela mobilidade antiga e empolgante expressão de energia que a caracterizava, mas, em compensação, serena placidez se lhe irradiava dos olhos, sensibilizando a quantos o visitavam nos seus derradeiros dias de lutas terrestres. A expressão do semblante era a de um lutador derribado e abatido, exausto de combater as fôrças misteriosas da morte. Os médicos não tinham a menor esperança de cura, considerando o profundo desequilíbrio físico, aliado á mais forte desorganização do sistema cardíaco. As menores emoções determinavam alterações no seu estado, ensejando as mais amplas apreensões da família.

De vez em quando, os olhos serenos e tranquilos se fixavam detidamente na porta de entrada, como se esperassem alguém com o máximo interêsse, até que rumores mais fortes, vindos do vestíbulo, anunciavam ao seu coração que ia cessar uma ausência de quinze anos consecutivos, entre êle e os amigos sempre lembrados.

Calpurnia, igualmente, muito abatida, abraçou Lívia e Públio, derramada em lágrimas e apertando Flávia nos braços, como se recebesse uma filha estremecida.

Ali mesmo, no vestíbulo, trocaram impressões e falaram das suas saudades intensas e das suas preocupações numerosas, até que Públio deliberou deixar as duas amigas em franca expansão afetiva, se encaminhava com Agripa, a um dos compartimentos próximos do tablínio, onde abraçou o grande amigo, com lágrimas de alegria.

Flamínio Severus estava magríssimo e suas palavras, por vezes, eram cortadas pela dispnéia impressionante, dando a impressão de que muito pouco tempo lhe restava de vida.

Sabendo da satisfação do pai, na companhia íntima do leal amigo, Agripa retirou-se do vasto aposento, onde as sombras do crepúsculo começavam a penetrar caprichosamente como se o fizessem no silêncio sagrado das naves religiosas.

Públio Lentulus se surpreendeu, encontrando o velho companheiro em tal estado. Não supunha revê-lo tão depauperado. Agora, certificava-se de que era a êle, sim, que competia auxiliá-lo com os seus conselhos, levantando-lhe as fôrças orgânicas e espirituais, com as suas exortações amigas e carinhosas.

Uma vez a sós, contemplou o amigo e mentor, como se estivesse a mirar uma criança enfêrma.

Flamínio, por sua vez, olhou-o face a face e, olhos rasos dágua, tomou-lhe as mãos nas suas, dando-lhe a entender que recebia ali, naquele momento, um filho muito amado.

Num gesto brando e carinhoso, procurou sentar-se mais comodamente e, amparando-se nos ombros de Lentulus murmurou comovidamente ao seu ouvido:

— Públio, aqui já te não recebe o companheiro enérgico e resoluto doutros tempos. Sinto que apenas te esperava para poder entregar a alma aos deuses, tranquilamente, supondo já cumprida a missão que me competia na Terra, com a minha conciência retilínea e os meus honestos pensamentos.

Ha mais de um ano pressinto o instante irremediável e fatal, que, agora, satisfeito o meu ardente desejo, deve estar avizinhando-se com a velocidade do relâmpago. Não desejava, pois, partir sem te apertar em meus braços, fazendo-te as últimas confidências nêste leito de morte...

— Mas, Flamínio — respondeu-lhe o amigo com serenidade dolorosa — tudo me autoriza a crer nas tuas melhoras imediatas, e todos nós aguardamos a bênção dos deuses, de maneira que possamos contar com a tua

companhia indispensável, por muito tempo ainda, nêste mundo.

— Não, meu bom amigo, não te iludas com essas suposições e pensamentos. Nossa alma jamais se engana quando se avizinha das sombras do sepulcro... Não me demorarei em penetrar o mistério da grande noite, mas acredito, firmemente, que os deuses me salvarão com as luzes de suas auroras!...

E, deixando o olhar, profundo e sereno, divagar pelo aposento, como se as paredes marmorizadas se dilatassem ao infinito, Flamínio Severus concentrou-se um minuto em meditações íntimas, continuando a falar, como se desejasse imprimir á conversação um novo rumo:

— Lembras-te daquela noite em que me confiaste os pormenores de um sonho misterioso, no auge da tua emotividade dolorosa?

— Oh! se me lembro!... — revidou Públio Lentulus recordando, de modo inesplicável, não só a palestra remota que resolvera a viagem á Palestina, mas também outro sonho, no qual testemunhára os mesmos fenômenos intraduzíveis, na noite do seu encontro com Jesús de Nazaré. Em se lembrando daquela personalidade maravilhosa, o coração estremeceu, mas tudo fez por evitar ao amigo uma impressão mais forte e dolorosa, acrescentando com aparente serenidade:

— Mas, a que vem tua pergunta, se hoje estou mais que convicto, de acôrdo contigo próprio, que tudo aquilo não passava de simples impressões de uma fantasia sem importância?

— Fantasia? — replicou Flamínio, como se houvesse encontrado uma nova fórmula da verdade. — Já modifiquei por completo as minhas idéias. A enfermidade tem, igualmente, os seus belos e grandiosos benefícios. Retido no leito ha muitos mêses, habituei-me a invocar a proteção de Témis, de modo que não chegasse a ver nos meus padecimentos mais que o resultado penoso dos meus próprios méritos, perante a incorrutível justiça dos deuses, até que uma noite tive impressões iguais ás tuas.

Não me recordo de haver guardado qualquer preo-

cupação com a tua narrativa, mas o certo é que, ha cêrca-de dois mêses, me senti levado em sonho á mesma época da revolução de Catilina, e observei a veracidade de todos os fatos que me relataste ha dezesseis anos, chegando a ver o teu próprio ascendente, Públio Lentulus Sura, que era o teu próprio retrato, tal a sua profunda semelhança contigo, mormente agora que te encontras nos teus quarenta e quatro anos, em plena fixação de traços fisionômicos.

Interessante é que me encontrava a teu lado, caminhando contigo na mesma estrada de clamorosas iniquidades. Lembro-me de nos vermos assinando sentenças iníquas e impiedosas, determinando o suplício de muitos dos nossos semelhantes... Todavia, o que mais me atormentava era observar-te a terrível atitude, determinando a cegueira de muitos dos nossos adversários políticos e assistindo, pessoalmente, ao desenrolar das flagelações do ferro em brasa, queimando numerosas pupilas para tôdo o sempre, aos gritos dolorosos das vítimas indefesas!...

Públio Lentulus arregalou os olhos de espanto, participando, igualmente, daquelas recordações que dormitavam, fundo, na sua alma ensombrada, e replicando, por fim:

— Meu bom amigo, tranquiliza o coração... Semelhantes impressões parecem reflexos de alguma emoção mais forte que perdurasse no âmago da tua memória, acêrca-das minhas narrativas naquela noite de ha tantos anos!...

Flamínio Severus esboçou, porém, um leve sorriso, como quem compreendia a intenção generosa e consoladora, redarguindo com serena bondade:

— Devo dizer-te, Públio, que êsses quadros não me apavoraram e apenas te falo dêsse complexo de emoções, porque tenho a certeza de que vou partir desta vida e ainda ficarás, talvez por muito tempo, na crosta dêste mundo. E' possível que as recordações do teu espírito aflorem novamente e, então, quero que aceites a verdade religiosa dos gregos e dos egípcios. Acredito, agora, que temos vidas numerosas, através de corpos diversos. Sinto

que meu pobre organismo está prestes a desfazer-se; entretanto, meu pensamento está vivace como nunca e só em tais circunstâncias presumo entender o grande mistério de nossas existências. Pesa-me, no íntimo, haver praticado o mal no pretérito tenebroso, embora haja decorrido mais de um século sôbre os tristes acontecimentos de nossas visões espirituais; todavia, aquí estou diante dos deuses, com o meu pensamento confortado e tranquilo.

Públio ouvia-o atentamente, entre penalizado e comovido. Procurava dirigir-lhe uma palavra confortadora, mas a voz parecia morrer-lhe na garganta, embargada pelas emoções daquele doloroso momento.

Flamínio, porém, apertou-o de encontro ao coração, com os olhos rasos de pranto, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Meu amigo, não tenha dúvidas sôbre as minhas palavras... Quero crer que estas horas sejam as últimas... No meu escritório estão todos os teus documentos e o memorial dos negócios de ordem material que movimentei em teu nome, na tua ausência e no concernente aos nossos problemas de ordem política e financeira. Não encontrarás dificuldade para catalogar, convenientemente, todos os papéis a que me refiro...

— Mas, Flamínio — replicou Públio com enérgica serenidade, — acredito que teremos muito tempo para cuidar disso.

Nêsse momento, Lívia e a filha, Calpurnia e os rapazes, acercaram-se do nobre enfêrmo, trazendo-lhe um sorriso amigo e uma palavra consoladora.

O doente deu mostras de ânimo e alegria para cada um dêles, encarecendo o abatimento de Lívia e a beleza exuberante de Flávia, com palavras meigas e quentes.

Ficando a sós, novamente, o generoso senador que a moléstia desfigurara, entre os linhos claros do leito exclamou com bondade:

— Eis, meu amigo, as borboletas risonhas do amor e da mocidade, que o tempo faz desaparecer, celére, no seu torvelinho de impiedades...

E, baixando a voz, como se quisesse transmitir ao

amigo uma delicada confidência dalma, continuou a falar pausadamente:

— Levo comigo, para o túmulo, numerosas preocupações pelos meus pobres filhos. Dei-lhes tudo o que me era possível, em matéria educativa, e, embora reconhecendo que ambos possúem sentimentos generosos e sinceros, noto que os seus corações são vítimas das penosas transições dos tempos que passam, nos quais temos o desgôsto de observar os mais aviltantes rebaixamentos da dignidade do lar e da família.

Agripa vem fazendo o possível por se adaptar aos meus conselhos, entregando-se aos labores do Estado; mas Plínio teve a pouca sorte de se deixar seduzir por amigos pérfidos e desleais, que não desejam senão a sua ruína e o arrastam aos maiores desregramentos, nos ambientes suspeitos de nossas mais altas camadas sociais, levando muito longe o seu espírito de aventuras.

Ambos me proporcionam os maiores dissabores com os átos que praticam, testemunhando reduzidas noções de responsabilidade individual. Esbanjando grande parte da nossa fortuna própria, não sei que futuro será o da minha pobre Calpúrnia, se os deuses não me permitirem a graça de buscá-la, em breve, no exílio da sua saudade e da sua amargura, depois de minha morte!...

— Mas a mim — respondeu com interêsse o interpelado — êles se me afiguram dignos do pai que os deuses lhe concederam, com a sua gentileza generosa e com a fidalguia de suas atitudes.

— Em todo caso, meu amigo, não podes esquecer que a tua ausência de Roma foi muito longa e que muitas inovações se processaram nêsse período.

Parecemos caminhar vertiginosamente para um nível de absoluta decadência dos nossos costumes familiares, bem como dos nossos processos educativos, a meu ver desmantelados em dolorosa falência!...

E como se desejasse trazer de novo a conversação para os assuntos de ordem imediata, da vida prática, acentuou:

— Agora que vejo a tua filha esplendendo de mocidade e de energia, renovo, íntimamente, meus antigos

projétos de trazê-la para o círculo da nossa comunidade familiar.

"Era meu desejo que Plínio a desposasse, mas meu filho mais moço parece inclinado a comprometer-se com a filha de Sálvio, não obstante a opsição de Calpúrnia a êsse projéto; não por teu tio, sempre digno e respeitável aos nossos olhos, mas por sua mulher que, apesar da velhice, não parece disposta a abandonar as suas antigas idéias e iniciativas do passado. Devo, porém, considerar que me resta ainda Agripa, a-fim-de concretizarmos as minhas futurosas esperanças.

Se puderes, algum dia, não te esqueças desta minha recomendação **in extremis**!..."

— Está bem, — Flamínio, — mas não te canses. Dá tempo ao tempo, porque não nos faltará oportunidade para discutir o assunto — replicou Públio Lentulus, comovido.

Nêste comenos, Agripa entrou na câmara, dirigindo-se ao pai afetuosamente:

— Meu pai, o mensageiro enviado a Massília acaba de chegar, trazendo as desejadas informações a respeito de Saúl.

— E êle nada nos manda dizer sôbre a sua vinda? — perguntou o enfêrmo com bondoso interêsse.

— Não. O portador apenas comunica que Saúl partiu para a Palestina, logo depois de alcançar a consolidação da sua fortuna com os últimos lucros comerciais, acrescentando haver deliberado ir á Judéia, para rever o pai que reside nas cercanias de Jerusalém.

— Pois sim — disse o enfêrmo resignado — á vista disso, recompensa o mensageiro e não te preocupes mais com os meus anteriores desejos.

Em os ouvindo, Públio deu tratos ao cérebro para se recordar de alguma cousa que não podia definir com precisão. O nome de Saúl não lhe era estranho. Com a circunstância de se localizar a residência do pai nas proximidades de Jerusalém, lembrou-se, finalmente, dos personagens de suas recordações, com fidelidade absoluta. Rememorou o incidente em que fôra obrigado a castigar um jovem judeu dêsse nome, nas cercanias da cidade,

remetendo-o ás galeras como punição do seu áto irrefletido e recordando, igualmente, o instante em que um agricultor israelita fôra reclamar-lhe a liberdade do prisioneiro, dando-o como seu filho. Experimentando um anseio vago no coração, exclamou intencionalmente:

— Saúl? Não é um nome característico da Judéia?

— Sim — respondeu Flamínio com serenidade — trata-se de um escravo liberto de minha casa. Era um cativo judeu, ainda jóvem, adquirido por Valério, no mercado, para as bigas dos meninos, ao ínfimo preço de quatro mil sestércios. Tão bem se houve, entretanto, nos afazeres que lhe eram comumente designados, que, após levantar vários prêmios com as suas proezas no Campo de Marte, destinados aos meus filhos, resolvi conceder-lhe a liberdade, dotando-o com os recursos necessários para viver e promover empreendimentos de sua própria conta. E parece que a mão dos deuses o abençoou no momento preciso, porque Saúl é hoje senhor de uma fortuna sólida, com o resultado do seu esfôrço e trabalho.

Públio Lentulus silenciou, íntimamente aliviado, pois o seu prisioneiro, segundo notícias recebidas pelos prepostos do govêrno provincial, havia-se evadido para o lar paterno fugindo, dêsse modo, á situação humilhante de escravo.

As horas da noite iam já avançadas.

O visitante lembrou-se, então, de que esperava avistar-se com Flamínio para uma palestra substanciosa e longa, a respeito de múltiplos assuntos, como, por exemplo, a sua penosa situação conjugal, o desaparecimento misterioso do filhinho, o seu encontro com Jesús de Nazaré. Mas, observava que Flamínio estava exausto, sendo justo e necessário que adiasse as suas confidências amargas e penosas.

Foi então que se retirou do aposento para esperar o dia seguinte, cheio de esperanças consoladoras.

Os dois amigos trocaram longo e significativo olhar no instante daquelas despedidas, que agora pareciam comuns, como as afetuosas saudações diárias de outros tempos.

Confortadoras exortações e promessas amigas foram

trocadas, entre expressões de fraternidade e carinho, antes que Calpurnia reconduzisse as visitas ao vestíbulo, com a sua bondade generosa e acolhedora.

Todavia, nas primeiras horas da manhã seguinte, um mensageiro apressado parava á porta do palacete dos Lentulus, com uma notícia alarmante e dolorosa.

Flamínio Severus piorara inesperadamente, sem que os médicos déssem aos seus familiares a menor esperança. Todas as melhoras fictícias haviam desaparecido. Uma fôrça inexplicável lhe desequilibrára a harmonia orgânica, sem que remédio algum lhe paralisasse as aflições angustiosas.

Dentro de poucas horas, Públio Lentulus e os seus encontravam-se de novo na vivenda confortável dos amigos.

Enquanto penetra êle, ansioso, no quarto do velho companheiro de lutas terrestre, Lívia, na intimidade de um apartamento, dirige-se á Calpurnia nêstes têrmos:

— Minha amiga, já ouviste falar em Jesús de Nazaré?

A orgulhosa matrona, que não perdia a linha de suas vaidades poderosas, em família, ainda nos momentos das mais angustiosas preocupações, arregalou os olhos exclamando:

— Por que mo perguntas?

— Porque Jesús — respondeu Lívia humildemente — é a misericordia de todos os que sofrem e não posso esquecer-me da sua bondade, agora que nos vemos em provações tão ásperas e tão dolorosas.

— Suponho, querida Lívia — redarguiu Calpurnia gravemente — que esqueceste todas as recomendações que te fiz antes de partires para a Palestina, porque, pelas tuas advertências, estou deduzindo que aceitaste de bôa fé as teorias absurdas da igualdade e da humildade, incompatíveis com as nossas tradições mais vulgares, deixando-te levar nas águas enganosas das crenças errôneas dos escravos.

— Mas, não é isso. Refiro-me á fé cristã, que nos anima nas lutas da existência e consola o coração ator-

mentado nas provações mais ríspidas e mais amargosas...

— Essa crença está chegando agora á séde do Império e por sinal que tem encontrado a repulsa geral dos nossos homens mais sensatos e ilustres.

— Eu, porém, conheci Jesús de perto e a sua doutrina é de amor, de fraternidade e de perdão... Conhecendo os teus justos receios por Flamínio, lembrei-me de apelar para o profeta de Nazaré, que, na Galiléia, era a providência de todos os aflitos e de todos os sofredores!

— Ora, minha filha, sabes que a fraternidade e o perdão das faltas não se compadecem, de modo algum, com as nossas idéias de honra, de pátria e de família, e o que mais me admira é a facilidade com que Públio te permitiu tão íntimo contacto com as concepções errôneas da Judéia, a ponto de modificares tua personalidade moral, segundo me deixas entrever.

— Todavia...

Ia Lívia esclarecer, da melhor maneira, os seus pontos de vista, com respeito ao assunto, quando Agripa entrou inopinadamente no gabinete, exclamando com a mais forte emoção:

— Minha mãe, venha depressa, muito depressa!... Meu pai parece agonizante!...

Num átimo, ambas penetraram no aposento do moribundo, que tinha os olhos parados como se fôra acometido, inesperadamente, de um delíquio irrefreável.

Públio Lentulus guardava entre as suas, as mãos do moribundo, mirando-lhe ansiosamente o fundo das pupilas.

Aos poucos, porém, o tórax de Flamínio parecia mover-se de novo aos impulsos de uma respiração profunda e dolorosa. Em seguida, os olhos revelaram um forte clarão de vida e conciência, como se a lâmpada do cérebro se houvesse reacendido num movimento derradeiro. Contemplou, em tôrno, os familiares e amigos bem amados, que se debruçavam sôbre êle, inquiétos e ansiosos. Um médico muito amigo, que o assistia invariavelmente, compreendendo a gravidade do momento, retirara-se

para o átrio, enquanto em volta do agonizante sómente se ouvia a respiração opressa dos nossos conhecidos destas páginas.

Flamínio passeou o olhar brilhante e indefinível por todos os rostos, como se procurasse, mais detidamente, a espôsa e os filhos, exclamando em frases entrecortadas:

— Carpurnia, estou... na hora extrema... e dou graças aos deuses... por sentir a minha conciência... desanuviada e tranquila... Esperar-te-ei na eternidade... um dia... quando Júpiter... houver por bem.. chamar-te para meu lado...

A veneranda senhora ocultou o rosto nas mãos, dando expansão ás lágrimas, sem conseguir articular palavra.

— Não chores... — continuou êle, como a aproveitar os momentos derradeiros — a morte... é uma solução... quando a vida... já não tem mais remédio... para as nossas dôres...

E, olhando ambos os filhos, que o contemplavam com ansiedade, de olhos lacrimejantes, tomou a mão do mais moço murmurando:

— Desejaria... meu Plínio... ver-te feliz... muito feliz... E' intenção tua... desposar a filha de Sálvio?...

Plínio compreendeu as alusões paternas naquele momento grave e decisivo, fazendo um leve sinal negativo com a cabeça, ao mesmo tempo que fixava os olhos grandes e ardentes em Flávia Lentulia, como a indicar ao pai a sua preferência.

O moribundo, por sua vez, com a profunda lucidez espiritual dos que se aproximam da morte, com plena conciência da situação e dos seus deveres, entendeu a palavra silenciosa do filho estremecido e, tomando a mão da jóvem, que se inclinava afetuosamente sôbre o seu peito, apertou as mãos de ambos de encontro ao coração, murmurando com íntima alegria:

— Isso é mais... uma razão... para que eu parta... tranquilo... Tu, Agripa... has de ser também... muito feliz... e tu... meu caro... Públio... junto de Lívia... haverás... de viver...

Todavia um soluço mais forte escapara-se-lhe inopinadamente e a sucessão dos singultos violentos e dolorosos obrigou-o a calar-se, enquanto Calpurnia se ajoelhava e lhe cobria as mãos de beijos...

Lívia, também genuflexa, olhava para o alto como se desejasse descobrir os seus arcanos. A seus olhos, apresentava-se aquela câmara mortuária repleta de vultos luminosos e de outras sombras indefiníveis, que deslisavam tranquilamente em tôrno do moribundo. Orou no imo de sua alma, rogando a Jesús fôrça e paz, luz e misericórdia para o grande amigo que partia. Nêsse instante, lobrigou a radiosa figura de Simeão, rodeada de uma claridade azulada e resplandecente.

Flamínio agonizava...

A' medida que transcorriam os minutos, os olhos se lhe tornavam vítreos e descoloridos. Todo o corpo transudava um suôr abundante, que alagava o linho alvíssimo das cobertas.

Lívia notou que todas as sombras presentes se haviam também ajoelhado e somente o vulto imponente de Simeão ficara de pé, como se fôra uma sentinela divina, colocando as mãos radiosas na fronte abatida do moribundo. Notou, então, que seus lábios se entreabriam para a oração, ao mesmo tempo que doces palavras lhe chegavam, nítidas, aos ouvidos espirituais:

— **Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino de misericórdia e seja feita a vossa vontade, assim na Terra como nos céus!...**

Nêsse instante, Flamínio Severus deixava escapar o último suspiro. Marmórea pálidez lhe cobriu os traços fisionômicos, ao mesmo tempo que uma infinda serenidade se estampava na sua máscara cadavérica, como se a alma generosa houvesse partido para a mansão dos bem-aventurados e dos justos.

Sómente Lívia, com a sua crença e a sua fé, pôde conservar-se de ânimo sereno, entre quantos a rodeavam no doloroso transe. Públio Lentulus, entre lágrimas comovedoras, certificava-se de haver perdido o melhor e o maior dos amigos. Nunca mais a voz de Flamínio lhe

falaria das mais belas equações filosóficas, acêrca-dos problemas grandiosos do destino e da dôr, nas correntes intermináveis da vida. E, enquanto se abriam as portas do palácio para as homenagens da sociedade romana; e enquanto se celebravam solenes exéquias implorando a proteção dos manes do morto, seu coração de amigo considerava a realidade dolorosa de se haver rasgado, para sempre, um dos mais belos capítulos afetivos, no livro da sua vida, dentro da escuridão espêssa e impenetrável dos segrêdos de um túmulo.

II

SOMBRAS E NÚPCIAS

Ás exéquias de Flamínio compareceram numerosos afeiçoados do extinto, além das muitas representações sociais e políticas de todas as organizações a que radicára o seu nome digno e ilustre.

Entre tantos elementos, não podia faltar a figura do pretor Sálvio Lentulus que, nas homenagens póstumas, se fez acompanhar da mulher e da filha, que fizeram o possível por bem representar a comédia de suas fingidas mágoas pela morte do grande senador, junto de Calpurnia que se debulhava nas lágrimas dos seus mais dolorosos sentimentos.

Alí mesmo, no palácio dos Severus, encontraram-se os membros da família Lentulus, com a evidente aversão de Públio pela presença da espôsa do tio, enquanto as senhoras trocavam impressões dolorosas, na afetada etiqueta das banalidades sociais.

Fúlvia e Aurélia notaram, com profundo desagrado, a expressão carinhosa de Plínio Severus para com Flúvia Lentulia, a quem distinguia com especial atenção, nas solenidades fúnebres, como a demonstrar as preferências do seu coração.

Eis porque, daí a algum tempo, vamos encontrar mãe e filha em palestra animada sôbre o assunto, na intimidade do lar, dando a entender a mesquinhez de seus sentimentos, embora os cabelos brancos infundissem veneração na fronte materna, que, apesar disso, não se deixava vencer pelos argumentos da experiência e da idade.

— Eu também — exclamava Fúlvia maliciosamente, respondendo a uma interpretação da filha — muito me surpreendí com as atitudes de Plínio, por julgá-lo um rapaz cioso do cumprimento de seus deveres; mas não me interessei pelos modos de Flávia, porquanto sempre achei que os filhos têm de herdar fatalmente as qualidades dos pais e, mais particularmente no caso presente, quando a herença é materna, com mais bases de certeza irrefutável para o nosso julgamento.

— Oh! mãe, queres dizer, então, que conheces a conduta de Lívia a êsse ponto? — perguntou Aurélia com bastante interêsse.

— Nem duvides que seja de outra fórma. . .

E a imaginação caluniosa de Fúlvia passou a satisfazer a curiosidade da filha com os fatos mais inverosímeis e terríveis, acêrca da espôsa do senador, quando de sua permanência na Palestina, glosados pelas expressões de ironia e desprêzo da jóvem, dominada pelos mais acerbos ciúmes, terminando a narrativa nestes termos:

— Somente tua tia Cláudia poderia contar-te, literalmente o que sofremos, em face do perjúrio dessa mulher que hoje vemos tão simples e tão retraída, como se não conhecesse as experiências mais fortes dêste mundo. Não podemos esquecer que nos encontramos diante de pessôas tão poderosas na política, como na astúcia. O sobrinho de teu pai, além de marido profundamente infelíz, é um homem público orgulhoso e malvado!. . .

"Não me consta houvesse êle corrigido a espôsa descriteriosa e infiél, depois de haver verificado a sua traição conjugal com os próprios olhos; mas, bastou que ela o fizesse sofrer com as suas deslealdades para que todos nós, os romanos que nos encontrávamos na Judéia,

pagássemos o fato com os mais horríveis tributos de sofrimento...

"Possuiamos um grande amigo na pessôa do lictor Sulpício Tarquinius, que foi assassinado barbaramente na Samária, em trágicas circunstâncias, sem que alguém, até hoje, pudesse identificar seus matadores, para o merecido castigo... Nossa família, que possuia interêsses vultosos em Jerusalém, foi obrigada a voltar precipitadamente para Roma, com graves prejuizos financeiros de teu pai e, por último, — prosseguia a palavra venenosa da caluniadora — o grande coração do meu cunhado Pôncio sucumbiu sob as provações mais injuriosas e mais rudes... Destituido do govêrno provincial e atormentado pelas mais duras humilhações, foi banido para as Gálias, suicidando-se em Viena, em penosas circunstâncias, acarretando-nos inextinquível desgôsto!...

Em face dos martírios suportados por Cláudia, em virtude da nefasta influência dessa mulher, não me surpreendo, portanto, com as atitudes da filha, procurando roubar-te o noivo futuroso!...

— Urge trabalharmos para que tal não aconteça, minha mãe — replicou a moça sob a forte impressão dos seus nervos vibráteis. Já não posso viver sem êle, sem a sua companhia... Seus beijos me ajudam a viver no torvelinho das nossas preocupações de cada dia...

Fúlvia ergueu, então, os olhos, como a examinar melhor a ansiedade que se estampára na fisionomia da filha, redarguindo com ar inteligente e malicioso:

— Mas tu te vens entregando a Plínio dessa maneira?

A jóvem, todavia, recebeu a indireta tremendo de cólera, dentro dos infelizes princípios educativos recebidos desde o berço, exclamando em fúria:

— Que pensas, então, que fazemos indo ás festas e aos circos? Porventura, serei eu diferente das outras moças do meu tempo?

E, alteando a voz, como alguém que necessitasse defender-se pronunciando um libélo contra o acusador, desatou em considerações inconvenientes, através de termos asquerosos, rematando:

— E tu, mãe, não tens igualmente...

Fúlvia, porém, de um salto, colou-se ao corpo da filha numa atitude acrimoniosa e severa, exclamando com fria serenidade:

— Cala-te! Nem mais uma palavra, pois que não era meu propósito acalentar uma víbora no próprio seio!...

Compreendendo, porém, que a situação podia tornar-se mais penosa em virtude das suas grandes culpas, como mãe, como espôsa e na qualidade de mulher, exclamou com voz quasi melíflua, como a dar uma triste lição á própria filha:

— Ora esta, Aurélia! Não te aborreças!... Se falei dêsse modo foi para te insinuar que não podemos cativar um homem para as nossas garantias femininas no matrimônio, dando-lhe tudo de uma só vez. Um homem nervoso e galanteador, qual o filho de Flamínio, conquista-se por etapas, fazendo-lhe poucas concessões e muitos carinhos.

"Bem sabes que o primeiro problema da vida de uma mulher da nossa época se resume, antes de tudo, na obtenção de um marido, porque os tempos são maus e não podemos dispensar a sombra de uma árvore que nos abrigue de surpresas penosas, entre as asperezas do caminho..."

— E' verdade, mãe — respondeu a jóvem totalmente modificada, mercê daquelas astuciosas ponderações.

O que me dizes é a realidade e já que são tão grandes as tuas experiências, que me sugeres para a realização dos meus desejos?

— Antes de tudo — retornou Fúlvia perversamente — devemos recorrer aos argumentos do ciúme, que são sempre muito fortes, quando existe um interêsse mais ou menos sincero, de conseguir alguma cousa em assuntos de amor. E já que te entregaste tanto ao filho de Flamínio, vê se aproveitas as primeiras festas do circo, provocando-lhe impulsos de inveja e despeito.

Não tens sido cortejada pelo protegido do questor Britanicus?

— Emiliano? — perguntou a moça interessada.

— Sim, Emiliano. Trata-se igualmente de um bom partido, pois o seu futuro nas classes militares parece de ótimas perspectivas. Procura seduzir-lhe a atenção, diante de Plínio, de modo a fazermos todo o possível por conseguir-te o descendente dos Severus, que, afinal, é o partido mais vantajoso de quantos apareçam.

— Mas, se o plano falhar, para nosso desgôsto?

— Resta-nos recorrer ás ciências de Araxes, com os seus unguentos e artes mágicas...

Pesado silêncio fizera-se entre ambas, no exame daquela perspectiva de recorrer, mais tarde, ás fôrças tenebrosas de um dos mais célebres feiticeiros da sociedade de então.

Dias se passaram sôbre dias, porém o filho mais moço de Flamínio não voltou a cortejar a filha do pretor Sálvio Lentulus e quando, daí a algum tempo, voltou a frequentar os circos festivos e ruidosos, não teve grande surpresa encontrando na intimidade de Emiliano Fabricius aquela a quem se sentia ligado tão somente pelos laços frágeis e artificiais da lascíva e dos hábitos viciosos do tempo.

Aurélia, todavia, não se conformava, intimamente, com o abandono a que fôra votada, planejando a melhor maneira de exercer, oportunamente, sua vingança, porque Plínio, ante as vibrações cariciosas do amor de Flávia Lentulia, parecia um homem inteiramente modificado. Afastara-se espontaneamente das bacanais comuns da época, fugindo, igualmente, dos companheiros antigos que o arrastavam ao torvelinho de todos os vícios e leviandades. Parecia, mesmo, que uma fôrça nova o guiava agora para a vida, talhando-lhe de novo o coração para os ambientes cariciosos e lúcidos da família.

No palácio dos Lentulus, a vida transcorria com relativa tranquilidade.

Calpurnia passava alí os primeiros mêses, depois do falecimento do marido, em companhia dos filhos, enquanto Plínio e Flávia teciam o seu romance de esperança e de amor, nas luzes da mocidade, sob a bênção

dos deuses, de quem não se esqueciam, na culminância radiosa da sua doce afeição.

Alheando-se das inquietações da época, Plínio recolhia-se, sempre que possível, aos seus aposentos no palácio do Aventino, entregando-se á pintura ou á escultura, em que era exímio, modelando em mármores preciosos belos exemplares de Venus e de Apolo, que eram dados á Flávia como recordação do seu intenso amor. Ela, por sua vez, compunha delicadas jóias poéticas, musicadas na lira por suas próprias mãos, oferecendo as flôres dalma ao noivo idolatrado, em cujo espírito generoso colocara os mais belos sonhos do coração.

Apenas uma pessôa não tolerava aquele formoso encontro de duas almas gêmeas. Êsse alguém era Agripa. Desde o instante em que encontrara a filha do senador, no pôrto de Óstia, pensou haver encontrado a futura espôsa. Os projétos de casamento do irmão com Aurélia faziam-lhe supôr-se o único candidato ao coração daquela jóvem romana, enigmática e inteligente, em cujas faces coradas brincava sempre um sorriso de bondade superior, como se a Palestina lhe houvesse imposto uma beleza nova, cheia de misteriosos e singulares atrativos.

Mas, seus planos haviam fracassado totalmente. Debalde, presumira haver encontrado a mulher dos seus sonhos, porque a ternura, os carinhos dela pertenciam ao irmão, unicamente. Foi por êsse motivo que, a par do retraímento de Plínio Severus dentro do lar, para a organização de seus projétos futuros, Agripa desviára-se para uma longa série de átos impensados, acentuando, cada vez mais a feição extravagante da sua personalidade, preferindo as companhias mais nocivas e os ambientes mais viciosos.

No curso dos seus desvios numerosos, adoecera gravemente, inspirando cuidados á sua mãe, que se desvelava pelos filhos com o mesmo carinho de sempre.

Vamos encontrá-lo, dêsse modo, por uma bela tarde romana, no mesmo terraço onde vimos Públio Lentulus em amargas meditações, nas primeiras páginas dêste livro.

Virações cariciosas refrescavam o crepúsculo, ainda saturado dos clarões de um sol formoso e quente.

A seu lado, Calpurnia examina algumas peças de lã, deitando-lhe olhares afetuosos. Em dado momento, a veneranda senhora dirige-lhe a palavra nestes termos:

— Então, meu filho, rendamos graças aos deuses, porque agora te vejo muito melhor e a caminho do mais franco restabelecimento.

— Sim, mãe — murmurou o moço convalescente — estou bem melhor e mais forte; todavia, espero que nos transfiramos para nossa casa dentro de dois dias, afim-de poder consolidar minha cura, procurando esquecer...

— Esquecer o que? — aventou Calpurnia surpreendida.

— Minha mãe — revidou o jóvem, enigmaticamente — a saúde não pode voltar ao corpo quando o espírito continúa enfêrmo...

— Ora, filho, deves abrir-me o coração com mais sinceridade e mais franqueza. Confia-me as tuas mágoas mais íntimas, pois é possível que te possa dar algum consôlo!...

— Não, mãe, não devo fazê-lo!

E, assim falando, Agripa Severus, fôsse pelo estado de abatimento em que ainda se encontrava, fôsse pela necessidade de um desabafo mais intenso, desatou em pranto, surpreendendo amargamente o coração materno com a sua inesperada atitude.

— Mas que é isso, filho? Que se passa em teu íntimo para sofreres dessa fórma? — perguntou-lhe Calpurnia extremamente penalizada, enlaçando-o nos braços carinhosos. Dize-me tudo!... — prosseguiu aflita, não me ocultes tuas mágoas, Agripa, porque eu saberei remediar á tua situação de qualquer modo!

— Mãe, minha mãe!... — disse êle, então, num longo desabafo — eu sofro desde o dia em que Plínio me arrebatou a mulher desejada... Sinto nalma uma atração misteriosa por Flávia e não posso conformar-me com a dolorosa realidade dêsse casamento que se aproxima.

Acredito que, se meu pai ainda vivesse, procuraria harmonizar minha situação, conquistando para mim êsse matrimônio, com as resoluções providenciais que lhe conhecíamos...

Esperei sempre, através de todas as aventuras da mocidade, que me surgisse no caminho a criatura idealizada em meus sonhos, para organizar um lar e constituir uma família e, quando aparece a mulher de minhas aspirações, eis que ma arrebatam, e em que condições?!... Porque a verdade é que, se Plínio não fôra meu irmão não vacilaria em usar e abusar dos mais violentos processos para atingir a consecução dos meus desejos!...

Calpurnia ouvia-o em silêncio, compartilhando das suas angústias e das suas lágrimas. Ignorava aquele duélo silencioso de sentimentos e somente agora podia compreender a moléstia indefinida que lhe devorava o filho mais velho, avassaladoramente.

Seu coração possuia, porém, bastante experiência da vida e dos costumes do tempo, para ajuizar com o máximo acêrto a situação e, transformando a sensibilidade feminina e os receios maternais em rígida fortaleza, respondeu-lhe comovida, acariciando-lhe os cabelos numa doce atitude:

— Meu Agripa, eu te compreendo o coração e sei avaliar a intensidade dos teus padecimentos morais; precisas, porém, compreender que ha na vida fatalidades dolorosas, cujos problemas angustiantes precisamos solucionar com o máximo de coragem e paciência... Nem foi para outra cousa que os deuses nos colocaram nas culminâncias sociais, de modo a ensinarmos aos mais ignorantes e mais fracos as tradições da nossa superioridade espiritual, em face de todas as penosas eventualidades da vida e do destino.

"Sufoca no teu íntimo essa paixão injustificável, mesmo porque, sinto que Flávia e teu irmão nasceram nêste mundo com os seus destinos entrelaçados... Plínio ainda era uma criança de colo, quando teu pai já projetava êsse matrimônio, agora prestes a consumar-se.

Sê forte — continuava a nobre matrona enxugando-lhe as lágrimas silenciosas e tristes — porque a existên-

cia exige de nós, algumas vezes, êsses gestos de renúncia ilimitada!...

Ergamos, todavia, nossas súplicas aos deuses! De Júpiter ha de chegar, para a tua alma ulcerada, o necessário confôrto espiritual...

Agripa, depois de ouvir a voz materna, sentia-se mais ou menos aliviado, como se o seu íntimo houvesse serenado após uma tempestade dos mais antagônicos sentimentos.

Considerou que as ponderações maternas representavam a verdade e preparava-se, intimamente, ainda com a penosa pressão psíquica que o atormentava, para se resignar, infinitamente, com a situação dolorosa e irremediável.

Calpurnia deixou passar alguns minutos, antes de lhe dirigir a palavra novamente, como se aguardasse o efeito salutar das suas primeiras ponderações, revidando por fim:

— Não te interessaria, agora, uma viagem á nossa propriedade do Avênio? Bem sei que, pela fôrça da tua vocação e pelo imperativo das circunstâncias, teu lugar é aquí, como sucessor de teu pai; mas, essa viagem representaria uma solução de vários problemas urgentes, inclusive o teu caso íntimo.

Agripa ouviu a sugestão com o máximo interêsse, replicando afinal:

— Minha mãe, tuas palavras carinhosas me confortaram e aceito a sugestão, a ver se consigo encontrar o maravilhoso elixir do esquecimento; contudo, desejava partir com atribuições de Estado, porque, dêsse modo, poderia demorar-me em Massília, lá permanecendo com a autoridade que me será necessária em tais circunstâncias...

— E não poderias conseguir facilmente êsse propósito?

— Acredito que não. Para demandar essa viagem com atribuições oficiais, apenas conseguiria os meus intentos, em caracter militar.

— E por que não movimentarmos nossas prestigiosas relações de amizade para obter o que desejas? Bem

sabes que, com o auxílio de Públio e do senador Cornélio Ducus, Plínio aguarda promoção a oficial em breves dias, com amplas perspectivas de progresso e novas realizações futuras, no quadro das nossas classes armadas. Dizem mesmo que o Imperador Cláudio, consolidando a centralização de poderes com a nova administração, se sente satisfeito quando transforma as regalias políticas em regalias militares.

— A mim só me causaria orgulho e satisfação oferecer meus dois filhos ao Império para a consolidação de suas conquistas soberanas.

— Assim o farei — replicou Agripa — já de olhos enxutos, como se as sugestões maternas constituissem brando remédio para as suas penosas preocupações.

Aos poucos, escoavam-se no horizonte os derradeiros clarões rubros da tarde, que davam lugar á uma formosa noite cheia de estrêlas.

Amparado pelos braços maternos, o moço patrício recolheu-se mais confortado aos aposentos, esperando o ensejo de providenciar, quanto aos seus novos planos.

Após acomodá-lo convenientemente, voltou Calpurnia ao terraço, onde procurou repousar das intensas fadigas morais. Suplicando a piedade dos deuses, fixou nos céus constelados os olhos lacrimosos.

Parecia que o coração lhe havia parado no peito para assistir ao desfile das recordações mais cariciosas e mais doces, embora com a mente torturada por pensamentos amargos e dolorosos.

Mais de seis mêses haviam decorrido após a morte do espôso e a nobre matrona sentia-se já completamente estranha na sociedade e no mundo. Fazia prodígios mentais para enfrentar dignamente a sua situação social, porquanto sentia, na sua velhice resignada, que o curso do tempo vai isolando determinadas criaturas á margem do rio infinito da vida. Sentia, no ambiente e nos corações que a rodeavam, uma diferença singular, como se faltasse uma peça do mecanismo do seu raciocínio, para completar um precioso julgamento das cousas e dos acontecimentos. Essa peça era a presença do espôso, que

a morte arrebatara; era a sua palavra ponderada e carinhosa, meiga e sábia.

Desde os primeiros dias de permanência na casa dos amigos, recebera de Lívia e Públio, em separado, as mais dolorosas confidências acêrca-dos fatos da Palestina, que lhes comprometera para sempre a ventura e a tranquilidade conjugal. Mobilizando, porém, todas as suas faculdades de observação e análise, não conseguira pronunciar-se em definitivo quanto aos acontecimentos em favor da inocência da sua carinhosa e leal amiga. Se aos seus olhos, Públio Lentulus era o mesmo homem integrado no conhecimento de seus nobilíssimos deveres junto do Estado e das mais caras tradições da família patrícia, Lívia pareceu-lhe excessivamente modificada nos seus modos de crer e de sentir.

Na sua concepção de orgulho e vaidade raciais, não podia admitir aqueles princípios de humildade, aquela fraternidade e aquela fé ativa de que Lívia dava pleno testemunho junto dos próprios escravos, dentro dos postulados da nova doutrina, que invadia todos os departamentos da sociedade.

Quanto desejava ela ter ainda o espôso a seu lado, de modo a poder submeter-lhe aqueles assuntos íntimos, afim-de lhe adotar a opinião sempre cheia de ponderação e sabedoria... Mas, agora, estava sózinha para raciocinar e agir, com plena emancipaçao de conciência e, por mais que buscasse no íntimo uma solução para o doloroso problema conjugal dos amigos, nada podia dizer, nas suas observações e no exame das tradições familiares, cultivadas pelo seu espírito com o máximo de orgulho e de carinho.

No céu brilhavam miríades de constelações, dentro da noite, acentuando o mistério de suas penosas divagações, quando a seus ouvidos chegaram alguns rumores de passos que se aproximavam.

Era Públio que, terminada a refeição, vinha igualmente ao terraço, descansar o pensamento.

— Por aquí? — perguntou a matrona com bondade.

— Sim, minha amiga, apraz-me voltar, em espírito, aos dias que já se fôram... Por vezes, aprecio o repouso

nêste terraço, afim-de contemplar o céu. Para mim, é de lá, dessa cúpola imensa e estrelada, que recebemos luz e vida; é lá que deve estar o nosso inesquecível Flamínio, embalado pelo carinho dos deuses generosos!. . .

— E, de fato, nobre Calpúlnia — respondeu o senador, atencioso — era êste um dos lugares predilétos de nossas palestras e divagações, quando o sempre lembrado amigo me dava a honra de suas visitas a esta casa. Foi ainda aquí que, muitas vezes, trocámos idéias e impressões sôbre a minha partida para a Judéia, nas vésperas de minha prolongada ausência de Roma, ha mais de dezesseis anos!. . .

Uma longa páusa sobreveiu, parecendo que os dois aproveitavam as claridades suaves da noite, com idêntica vibração espiritual, para descerem ao túmulo do coração, exhumando as lembranças mais queridas, em resignado e doloroso silêncio.

Após alguns minutos, exclamou a veneranda matrona, como se desejasse modificar o curso de suas recordações:

— Em nos lembrando de tua viagem, no passado, preciso avisar-te de que Agripa deve partir para Avênio, tão logo se sinta restabelecido.

— Mas, que motiva essa novidade? — perguntou Públio com grande interêsse.

— Ha muitos dias venho refletindo na necessidade de examinarmos, alí, os numerosos interêsses de nossas propriedades, mesmo porque, antes de morrer, era intenção do meu morto cuidar pessoalmente dêste assunto.

— A solução do problema, porém, é tão urgente assim? E o casamento de Plínio? Agripa não estará presente, porventura?

— Acredito que não; todavia, na hipótese de sua ausência, êle será representado por Saúl, antigo liberto de nossa casa, que já nos mandou um mensageiro de Massília, comunicando sua presença ás cerimônias.

— E' pena!. . . — murmurou o senador, sensibilizado.

— Ainda mais devo dizer-te — continuou a matrona, com serenidade — que espero o prestigioso favor

da tua amizade, junto de Cornélio Ducus, afim-de que nos consiga com o Imperador Cláudio uma boa situação para o nosso viajante, que deseja partir com atribuições oficiais, necessitando para tanto que sejam transformados em regalias militares os direitos políticos que lhe competem pelo nascimento.

— Não será difícil conseguí-lo. A atual administração interessa-se muito mais pela valorização das classes armadas.

Novo silêncio verificou-se na conversação, voltando o senador a exclamar depois de longa pausa, como se desejasse aproveitar a oportunidade para a solução decisiva do seu amargo problema:

— Calpurnia — disse ansiosamente — em falando de minha excursão no passado, recordaste a viagem forçada do nosso Agripa, no presente. E eu continúo a relembrar a minha ventura desfeita, a felicidade perdida, que nunca mais voltou!...

O senador observava todas as atitudes psicológicas da sua venerável amiga, ansioso por surpreender-lhe um gesto de confôrto supremo. Desejava que ela, como conselheira de Lívia, quasi como sua própria mãe, pelos laços eternos e sacrossantos do espírito, lhe dissipasse todas as dúvidas, falasse da inocência da espôsa, proporcionando-lhe uma certeza de que o seu coração caprichoso e egoísta de homem estava enganado, mas, em vão aguardou essa defesa espontânea, que não apareceu no instante necessário e decisivo. A respeitável viúva de Flamínio deixára no ar o mesmo ponto de dolorosa intervenção, murmurando com voz triste, enquanto uma réstea de luar lhe coroava os cabelos brancos:

— Sim, meu amigo, os deuses podem dar-nos a felicidade e podem retomá-la... Somos duas almas chorando sôbre o sepulcro dos sonhos mais gratos do coração!...

Aquelas palavras desalentadoras penetravam no peito sensível e orgulhoso do senador como um sabre afiado, que o rasgasse vagarosamente.

— Mas, afinal, minha nobre amiga — exclamou êle quasi enérgico, como se esperasse uma resposta decisiva

para a angustiosa indecisão da sua alma — que pensas atualmente de Lívia?

— Públio — respondeu Calpurnia com serenidade — não sei se a franqueza seria um mal em certas circunstâncias, mas prefiro ser sincera.

Desde as penosas confidências que me fizeste, acêrca-dos fatos que se desenrolaram na Palestina, venho observando a nossa amiga de modo a poder advogar a causa da sua inocência perante o teu coração, mas, infelizmente, noto em Lívia as mais singulares e imprevistas diferenças de ordem espiritual. E' humilde, meiga, inteligente e generosa, como sempre, mas parece menosprezar todas as nossas tradições familiares e as nossas crenças mais caras.

Em nossas discussões e palestras íntimas, não me revela mais aquela timidez encantadora que lhe conheci noutros tempos, demonstrando, contudo, demasiada desenvoltura de opinião a respeito dos problemas sociais, que ela julga haver resolvido ao contacto duma nova fé. Suas idéias me escandalizam com as mais injustificáveis concepções de igualdade: não hesita em classificar nossos deuses como ilusões nocivas da sociedade, para a qual tem, em todas as palavras, as mais severas recriminações, revelando singulares modificações de pensamento, indo ao extremo de confraternizar com as próprias servas de sua casa, como se fôra uma simples plebéia...

Seria uma perturbação mental, depois de alguma quéda em que a sua dignidade individual fôsse chamada a uma rígida reação? Seriam, talvez, influências do meio ou mesmo das escravas com quem se habituou a conviver nessa prolongada ausência de Roma? Não sei... A realidade é que, em conciência, não posso manifestar-me, por enquanto, em definitivo, sôbre as tuas amarguras conjugais, aconselhando-te a esperar melhor as demonstrações do tempo.

Depois de ligeira pausa, terminou a velha matrona as suas observações, inquirindo, com interêsse:

— Por que permitiste o ingresso de Lívia nessas idéias novas, deixando-a á mercê dêsse reformador judeu, conhecido como Jesús de Nazaré?

— Tens razão — murmurou Públio Lentulus, extremamente desalentado — mas, o motivo baseou-se em circunstâncias imperiosas, porque Lívia acreditou que o profeta nazareno nos havia curado a filhinha doente!...

— Foste ingênuo, porque não podias admitir essa hipótese em face da evolução dos nossos conhecimentos, salvando o espírito maleável de tua mulher dessas perigosas influências espirituais. Está comprovado que êsse novo credo preconiza atitudes mentais humilhantes, subvertendo as mais íntimas disposições das criaturas que o aceitam. Homens ricos e de ciência que se submetem a êsses odiosos princípios de humildade e desprendimento das nossas posições dentro do Império, em favor de um reino imaginário, parecem embriagados de um veneno terrível que os faz esquecer e desprezar a fortuna, o nome, as tradições e a própria família!...

Colaborarei contigo, afastando Flávia dêsses prejuizos morais, levando-a para a minha companhia, tão logo se realize o casamento de nossos queridos filhos, porque a verdade é que, quanto a Lívia, tudo já fiz para convencê-la, inutilmente.

— Entretanto, minha boa amiga — murmurou o senador sensibilizado, como a defender-se perante a nobre patrícia — observo que Lívia continúa a ser uma criatura simples e modesta, sem exigir de mim cousa alguma que atinja o terreno do exorbitante ou do supérfluo. Nêstes quasi dezesete anos de íntima separação dentro do lar, somente me solicitou a licença precisa para prosseguir em suas práticas cristãs junto de uma antiga serva de nossa casa, permissão essa que fui obrigado a conceder, examinando a continuidade de sua renúncia silenciosa e triste, no ambiente familiar.

— Também considero que é pedir muito pouco, mórmente agora que todas as mulheres da cidade, segundo o costume, exigem dos maridos as maiores extravagâncias em luxo do Oriente; contudo, cumpre-me aconselhar-te, a ti que conservas intactas as nossas tradições mais queridas, esperares mais algum tempo antes de esqueceres as eventualidades dolorosas do passado, de modo a observarmos se Lívia virá a beneficiar-se com a conti-

nuidade de nossas atitudes, voltando, finalmente, ao seio de nossas tradições e de nossas crenças!...

Doloroso silêncio se fez, então, sentir, entre ambos, após essas palavras.

Calpurnia supôs haver cumprido o seu dever e Públio recolheu-se, naquela noite, desalentado como nunca.

Em breves dias, conseguidos seus intentos, partia Agripa em demanda do Avênio, não obstante as rogativas do irmão e de Flávia para que esperasse as solenidades do matrimônio. Sua resolução era, porém, inabalável e o filho mais velho de Flamínio, enfraquecido sob o pêso das suas desilusões, ia ausentar-se de Roma, por espaço de alguns anos, prolongandos e dolorosos.

Passavam-se os dias célerememente e, como somos obrigados a caminhar em nossa história na companhia de todos os personagens, devemos registar que, em se vendo completamente abandonada pelo homem de suas preferências, Aurélia, ralada de venenoso despeito, resolvera aceitar a mão abnegada e afetuosa que o jóvem Emiliano Lucius lhe oferecia.

Fúlvia, que acompanhou a luta silenciosa, intoxicada pelos seus sentimentos inferiores, deliberou aguardar o tempo para exercer as suas sinistras represálias.

E, em tempo breve, o casamento de Plínio e Flávia realizava-se com suntuosidade discreta, no palácio do Aventino. O noivo, cheio de galardões militares e títulos honoríficos, bem como a futura companheira, tocada de uma formusura indefinível e de uma adorável simplicidade, sentiam-se venturosos como se a felicidade perfeita se resumisse tão somente na eterna fusão de seus corações e de suas almas. Aquele dia, indubitavelmente, assinalava a hora mais sagrada e mais formosa dos seus destinos.

Na assistência reduzidíssima, que se compunha de relações da maior intimidade, notava-se a presença de um homem ainda jóvem, que representava uma figura saliente naquele quadro, caracterizado, essencialmente, de acôrdo com a época.

Seus olhos impetuosos e ardentes haviam pousado sôbre a noiva com um misterioso e estranho interêsse.

Êsse homem era Saúl de Gioras, que, abandonando o sobrenome paterno, exibia agora uma nova denominação romana, segundo antiga autorização de Flamínio, de modo a valorizar, cada vez mais, a expressão social da sua fortuna.

Debalde, o senador fez o possível para identificar aquele judeu, que se lhe figurava um velho conhecido pessoal. Saúl, porém, reconhecera o seu verdugo de outrora; reconheceu e guardou silêncio, serenando as grandes emoções do seu fôro íntimo, porque, qual o pai, tinha o coração mergulhado nos propósitos tenebrosos de uma vindita cruél.

III

PLANOS DA TREVA

Depois das solenidades do casamento de Plínio, contrariamente ao que se podia esperar, o liberto judeu não regressou á Massília, pretextando numerosos negócios que o retinham na capital do Império.

Instalado no palacete dos Severus, para onde se haviam transferido os jovens nubentes, junto de Calpurnia, Saúl teve oportunidades numerosas de se avistar, muitas vezes, com o senador Públio Lentulus, mantendo ambos várias palestras acêrca-da Judéia e das suas regiões mais importantes.

Intrigado com aquele olhar ardente e aqueles traços fisionômicos, que lhe não eram totalmente estranhos e, lembrando-se perfeitamente daquele pai que o procurara ansioso e aflito, em Jerusalém, acompanhemos o senador em uma de suas palestras íntimas com o interessante desconhecido, na qual o abordou com esta pergunta inesperada:

— Senhor Saúl, — já que possuís êsse nome e sois filho das cercanias de Jerusalém, vosso pai, porventura, não se chamaria André de Gioras?

O liberto mordeu os lábios, diante daquele ataque diréto ao assunto mais delicado da sua existência, respondendo dissimuladamente:

— Não, senador. Meu pai não tem êsse nome. Ao tempo em que fui escravizado por mãos impiedosas e cruéis, porquanto eu não era senão uma criança mal educada e irresponsável — acentuou com profunda ironia — meu pai era um agricultor miserável que não possuia outra cousa além dos seus braços para o trabalho de cada dia... Tive, contudo, a felicidade de encontrar as mãos generosas de Flamínio Severus, que me guiaram para a liberdade e para a fortuna e hoje o meu progenitor, com o pouco que lhe forneci aumentou as suas possibilidades de trabalho, desfrutando não somente certa importância social em Jerusalém, como também funções superiores no Templo.

Mas, por que mo perguntais?

O senador franziu o sobrôlho, em face de tanta desenvoltura na resposta, mas, sentindo-se aliviado, pelo lhe parecer que não se tratava, de fato, do Saúl de suas penosas lembranças, respondeu com mais desafôgo de conciência:

— E' que eu conhecí, ligeiramente, um agricultor israelita, por nome André de Gioras, cujos traços fisionômicos não eram muito diversos dos vossos...

E a conversação seguiu o rítmo normal das conversações sem importância nos ambientes de convencionalismo da vida social.

Saúl, entretanto, deixava transparecer um fulgor estranho no olhar, como quem se encontrava extremamente satisfeito com o destino, á espera de um ensêjo para executar seus tenebrosos planos de vingança.

Um móvel oculto e inconfessável o retinha em Roma, quando numerosas operações comerciais requeriam sua presença em Massília, onde seu nome se radicára a grandes interêsses de ordem financeira e material. Êsse móvel era o intenso desejo de se fazer notado pela jóvem espôsa de Plínio, cujo olhar parecia atraí-lo para um abismo de amor violento e irreprimível.

Desde o instante em que a vira com os adornos do noivado, no dia venturoso do seu enlace, parecia haver lobrigado a criatura ideal dos seus sonhos mais íntimos e mais remotos.

Na realidade, os filhos de seus antigos senhores mereciam o seu respeito e o maior acatamento; todavia, uma fôrça maior que todos os seus sentimentos de gratidão o levava a desejar a posse de Flávia Lentulia, a qualquer preço, ainda que fôsse o da própria vida.

Aqueles olhos formosos e cismadores, a graça carinhosa e espontânea, a inteligência lúcida e delicada, todos os seus predicados físicos e espirituais, que observara agudamente, nos poucos dias de permanência na cidade, o autorizavam a crer que aquela mulher era bem o tipo das suas idealizações.

E foi engolfado nêsse turbilhão de pensamentos sombrios que dois mêses se passaram, de espectativas inconfessáveis e angustiosas, sem que perdesse a mais ligeira oportunidade para demonstrar á Flávia o gráu do seu aféto, da sua admiração e estima, sob as vistas amigas e confiantes de Plínio.

Na soledade de suas preocupações íntimas, considerava Saúl que, se ela o amasse, se correspondesse á afeição violenta do seu espírito impetuoso e egoísta, jamais se lembraria de exercer a planejada vingança sôbre o coração de seu pai, indo buscar o jóvem Marcus Lentulus para o lar paterno e liquidado o pretérito de visões tenebrosas: contudo, se acontecesse o contrário, executaria os seus diabólicos projetos, deixando-se embriagar pelo vinho odiento da morte.

Nessa época, corria já o ano de 47 e sem nos esquecermos de Fúlvia e sua filha, vamos encontrá-las, de novo, sob o domínio dos mesmos sentimentos cruéis e tenebrosos.

Em vão desposára Aurélia a Emiliano Lucius, que, para ela, não representava, de modo algum, o tipo do homem que o seu temperamento supunha haver encontrado no filho mais moço de Flamínio.

E foi assim que, depois dos primeiros desencantos e atritos no ambiente doméstico, a conselho da mãe e, na sua própria companhia, procurou recorrer ás ciências estranhas de Araxes, célebre feiticeiro egípcio, que tinha uma loja de mercadorias exóticas nas proximidades do Esquilino.

Araxes, cujo comércio bizarro todos conheciam como fonte inesgotável de filtros milagrosos do amor, da enfermidade e da morte, era um iniciado do antigo Egito, desviado, porém, da missão sacrossanta da caridade e da paz, na sua violenta paixão pelo dinheiro da numerosa clientela romana, então em pletora de vícios clamorosos e na dissolução dos mais belos costumes do sagrado instituto da família.

Explorando-lhe as paixões inferiores e os hábitos viciosos, o mago egípcio empregava quasi toda a sua ciência espiritual na execução de todos os malefícios e crimes, motivando enormes danos com as suas drogas venenosas e seus estranhos conselhos.

Procurado, discretamente, por Fúlvia e a filha, inteirou-se dos fins da visita, e alí mesmo, entre grandes retortas e pacotes de plantas e substâncias diversas, mergulhou a cabeça nas mãos, como se o seu espírito estivesse devassando os menores segredos do mundo invisível, ante uma trípode e outros apetrechos de ciências ocultas, com que êle, pisocólogo profundo, buscava impressionar o espírito impressionável dos consulentes numerosos que o procuravam para solução dos problemas difíceis da vida.

Ao cabo de longos minutos de concentração e com os olhos a brilhar estranhamente, o mago egípcio dirigiu-se á Aurélia, afirmando-lhe em palavras impressionantes:

— Senhora, vejo á minha frente dolorosos quadros da sua vida espiritual, no passado longínquo!... Vejo Delfos, com os dias gloriosos do seu oráculo e contemplo a sua personalidade, buscando seduzir um homem que lhe não pertencia!... Êsse homem é o mesmo da atualidade... As mesmas almas perambulam agora em outros corpos e a senhora deve pensar na realidade dos dias que se passam, conformando-se com a nítida separação das linhas do destino!...

Aurélia ouvia, entre surprêsa e assombrada, enquanto a alma arguta de sua mãe acompanhava a palestra, tocada de uma impressão indefinível.

— Que me dizeis? — replicou a jóvem senhora,

no auge da sua sensibilidade ferida. Outras vidas? Um homem que não me pertencia?... Que vem a ser tudo isso?

— Sim, nosso espírito, nêste mundo — redarguiu o feiticeiro com imperturbável serenidade — tem uma longa série de existências, que enriquece o nosso íntimo com o máximo de conhecimento sôbre os deveres que nos competem na vida!

A senhora já viveu em Atenas e em Delfos, numa grande etape de profundas irreflexões em matéria de amor e, sentindo-se hoje próxima do objeto de suas ardentes e pecaminosas paixões de outrora, julga-se com as mesmas possibilidades de satisfazer seus desejos violentos e rudes!...

Por aquí, hão passado inúmeras criaturas. A muitas aconselhei perseverança nos propósitos, por vezes injustificáveis e inferiores; mas, para o seu caso, ha uma voz que fala mais alto á minha conciência. Se a sua irreflexão fôr ao ponto de provocar êsse homem, em conciência honesto até agora, é possível que o seu coração também inquieto venha a corresponder aos seus caprichos, mas busque não se entregar ao desvario dessa provocação, porque o destino o reuniu, agora, á alma gêmea da sua e um caminho áspero de provações amargas os espera no futuro para a consolidação da sua confiança mútua, da sua afeição e da sua grandeza espiritual!... Não se interponha no caminho dessa mulher considerada pelo seu espírito como poderosa rival!... Interpôr-se entre ela e o espôso seria agravar a senhora as suas próprias penas, porque a verdade é que o seu coração não se encontra preparado para as grandes renúncias santificantes, e aquilo que supõe ser um profundo e sublimado amor, nada mais é que um capricho prejudicial do seu coração de mulher voluntariosa e pouco disposta a sacrificar-se pelo carinho de um companheiro amoroso e leal, mas, sim a multiplicar os amantes pelo número de suas vontades artificiais...

Aurélia estava lívida, ouvindo essas palavras, que considerava atrevidas e injuriosas.

Desejava defender-se, mas uma fôrça poderosa pa-

recia comprimir-lhe a garganta, anulando-lhe o esfôrço das cordas vocais.

Fúlvia, porém, tomada de rancor pelas expressões insultuosas daquele homem, tomou a defesa da filha, arguindo-o com energia:

— Araxes, feiticeiro impúdico, que queres dizer com estas palavras? Insulta-nos? Poderemos fazer caír sôbre a tua cabeça o pêso da justiça do Império, conduzindo-te ao cárcere e revelando á sociedade os teus sinistros segrêdos!...

— E porventura não os tereis também, nobre senhora? — revidou êle imperturbavelmente; estarieis, assim, tão sem culpa, para não vacilar em condenar-me?

Fúlvia mordeu os lábios, tremendo de ódio e exclamando com fúria:

— Cala-te, infame! Não sabes que tens diante dos olhos a espôsa de um pretor?

— Não me parece — murmurou o feiticeiro com serena ironia — pois as nobres matronas dessa estirpe não viriam á esta casa solicitar minha cooperação para um crime... E, ao demais, que diriam em Roma de uma patrícia que descesse ao extremo de procurar, na intimidade, um velho feiticeiro do Esquilino?

E' verdade que muitos males tenho praticado na minha vida, mas sabem-no todos que assim procedo e não busco a sombra das boas situações sociais para acobertar a hediondez da minha miserável existência!... Ainda assim, quero salvar a mocidade de tua filha do lôbrego caminho de tuas perversidades, porque na hipótese de seguir-te ela os coleios de víbora, na senda da espôsa criminosa e infiél, seu único fim será a prostituição e o infortúnio, rematados com a morte ignominiosa na ponta de uma espada!...

Fúlvia desejou revidar energicamente aos insultos de Araxes, repelindo aquelas expressões injuriosas, recebidas como um atrevimento supremo, mas Aurélia receosa de novas complicações e compreendendo a culpabilidade de sua mãe, tomou-lhe do braço, retirando-se ambas silenciosamente, sob o olhar zombeteiro do velho egípcio, que voltara a empilhar pacotes de plantas en-

tre numerosos vasos de substâncias estranhas.

Pouco tempo, contudo, pôde êle empregar na sua faina isolada e silenciosa.

Dentro de duas horas, novo personagem lhe batia á porta.

Araxes surpreendeu-se á vista daquele judeu insinuante que o procurava. O brilho dos olhos, o nariz característico, a harmonia dos traços israelitas, faziam daquele homem ainda jóvem uma figura singular e sugestiva.

Era Saúl, que recorria aos mesmos processos misteriosos, na ânsia de possuir, a qualquer preço, a espôsa de Plínio, buscando o talismã ou o elixir miraculoso do feiticeiro, a serviço de suas pretenções descabidas.

Recebido nas mesmas circunstâncias em que o foram as duas personagens do nosso penoso drama, Saúl expunha ao adivinho as suas torturas amorosas, junto daquela mulher honesta e digna.

Após a mesma concentração já do nosso conhecimento, junto da trípode em que fazia as orações costumeiras, Araxes esboçou um leve e discreto sorriso, como quem havia encontrado mais uma estranha coincidência nos seus amplos estudos da psicologia humana. Sua hesitação, todavia, durou poucos instantes, porque, em breve fazia-se ouvir com voz pausada e soturna:

— Judeu — disse êle austeramente — louva o Deus de tuas crenças, porque tua face foi erguida do pó pelas mãos do homem que hoje te empenhas em traír... Mandam as leis severas da tua pátria que não venhas a desejar, nem mesmo por pensamentos, a mulher do teu próximo e muito menos a companheira devotada e fiél de um dos teus maiores benfeitores. Dá um passo atrás no teu triste e malaventurado caminho! Houve tempo em que o teu espírito viveu no corpo de um sacerdote de Apólo, no templo glorioso de Delfos... Perseguiste uma jóvem mulher dos misteres sagrados, conduzindo-a á miséria e á morte, com os teus desvários nefandos e dolorosos. Não ouses, agora, arrancá-la dos braços destinados ao seu amparo e proteção, á face dêste mundo!... Não te intrometas no destino de duas cria-

turas que as fôrças do céu talharam uma para a outra!...

O moço judeu, todavia, apesar de impressionado com aquela exortação incisiva, não seguiu a orientação violenta das duas mulheres que o precederam na misteriosa visita.

Arrancando uma bolsa de moédas, acariciou-a nas mãos, como a excitar a complacência do adivinho, exclamando com voz quasi súplice:

— Araxes, eu tenho ouro... muito ouro e dar-te-ei o que quiseres, pelo valioso auxílio da tua ciência... Pelo amor de teus deuses, consegue-me a simpatia dessa mulher e te recompensarei generosamente a preciosidade dos esfôrços despendidos...

Os olhos do mago egípcio faiscaram ao clarão de um sentimento estranho, contemplando a bôlsa em forma de cornucopia, reluzente de ouro, como se a desejasse intensamente, murmurando com mais delicadeza:

— Meu amigo, essa mulher não é cobiçada tão somente por ti e suponho que deverias contribuir para que ela não se afastasse da companhia do espôso!...

— Mas, existe, então, ainda outro homem?

— Sim, revelam-me os signos do destino que essa criatura é também desejada pelo irmão do marido.

Saúl fez um gesto de enfado, como quem se sentia amargamente atormentado pelos mais acerbos ciúmes, exclamando em voz baixa:

— Ah! sim... agora entendo melhor a viagem precipitada de Agripa, em busca de Avênio!...

E, elevando a voz como quem estivesse jogando a derradeira cartada da sua ambição, falou com ansiedade:

— Araxes, peço-te ainda uma vez!... Faze tudo!... pagar-te-ei régiamente!...

A fronte do mago curvou-se de novo, numa atitude de profunda meditação, como se o espírito buscasse, no invisível, alguma fôrça tenebrosa, propícia aos seus sinistros desígnios.

Ao cabo de alguns minutos, tornou a dizer em tom benevolente e amigo:

— Parece que haverá uma oportunidade para a sua

afeição, daqui a algum tempo!...

O moço judeu ouvia-o com angustiosa espectativa, enquanto as afirmações continuavam:

— Dizem os signos do destino que os dois cônjuges, para a consolidação de sua profunda afeição, de sua confiança recíproca e progresso espiritual, estão destinados á dolorosas provas daqui a alguns anos! Dar-se-á alguma cousa que os separará dentro do próprio lar, sem que eu possa precisar o que seja. Sei, tão somente, que cumpre a ambos um grande período de ascetismo e dolorosa abnegação, no instituto sagrado da família... Nessa ocasião, talvez, quem sabe? — poderá o meu amigo tentar essa afeição ardentemente cobiçada!...

— Dar-se-á, então, alguma cousa? — perguntou Saúl curioso e aflito, nas suas perquirições do assunto transcendente — mas que poderá acontecer que os separe no ambiente doméstico?

— Eu próprio não saberia dizê-lo...

— E cada qual será obrigado a um ascetismo fiél e a uma dedicação inquebrantável?

— Manda o determinismo do destino que assim seja, mas não só o espôso, como a companheira, podem interferir nessas provas contraíndo um novo débito moral, ou resgatando o passado doloroso com o preciso valor moral nos sofrimentos, empregando, no determinismo das provações purificadoras, sua boa ou má vontade... Saiba que as tendências humanas são mais fortes para o mal, tornando-se possível que as suas pretenções sejam satisfeitas nessa época.

— E quanto tempo deverei esperar para que isso aconteça? — perguntou o liberto fundamente preocupado.

— Alguns anos.

— E será inútil tentar qualquer esfôrço, antes disso?

— Perfeitamente inútil. Sei que o nobre cliente tem numerosos interêsses numa cidade distante e é justo que nêste intervalo, cuide dos seus negócios materiais.

Saúl fixou detidamente aquele homem que parecia conhecer os mais recônditos segredos da sua vida, passando as suas observações pelo crivo da conciência.

Deu-lhe a bôlsa recheada, agradecendo a atenção e prometendo voltar em tempo oportuno.

Daí a alguns dias, o moço judeu, nas vésperas da despedida, aproveitando alguns minutos de pura e simples intimidade com a jóvem Flávia, dirigia-lhe a palavra nestes termos:

— Nobre senhora — começou em voz quasi tímida, mas com o mesmo clarão estranho de sentimentos inferiores a lhe irradiar dos olhos — ignoro a razão do fato íntimo que vos vou revelar, mas a realidade é que vou partir para Massília, guardando a vossa imagem no mais recôndito escaninho do meu pensamento!...

— Senhor, — disse-lhe Flávia Lentulia, corando, acabrunhada — devo viver tão só no pensamento daquele com quem os deuses iluminaram o meu destino!...

— Nobre Flávia — revidou o judeu arguto, percebendo que o golpe era prematuro e inoportuno — minha admiração não se prende a qualquer sentimento menos digno. Para mim, sois duplamente respeitável, não somente pela vossa alta condição de patrícia, como também pela circunstância de serdes a companheira de um dos maiores benfeitores de minha vida!

Ficai tranquila quanto ás minhas palavras, porque em meu coração só existe o mais leal interêsse pela vossa fecidade pessoal, junto do digno espôso que escolheste.

Sinto por vós o que um escravo deve sentir por uma benfeitora de sua existência, já que, na minha triste condição de liberto, não posso apresentar-me á vossa generosidade com as credenciais de um irmão que muito vos venera e estima.

— Está bem, senhor Saúl — disse a jóvem mais aliviada — meu marido vos considera como um irmão muito caro e eu me honro de associar-me aos seus sentimentos.

— Muito vos agradeço — exclamou Saúl fingidamente — e já que me entendeis tão bem o pensamento fraterno, é com o interêsse de um irmão que me dirijo á vossa alma generosa para prevenir-vos de um perigo...

— Um perigo?... — perguntou Flávia aflita.

— Sim. Falo-vos confidencialmente, solicitando que

guardeis o máximo segrêdo desta confidência fraternal.

E, enquanto a jóvem escutava-o com a maior atenção, Saúl continuou com as suas pérfidas insinuações.

— Sabeis que Plínio foi quasi noivo da filha do pretor Sálvio Lentulus, vosso tio, hoje casada com Emiliano Lucius?

— Sim... — replicou a pobre senhora, de alma oprimida.

— Pois devo avisar, como irmão, que vossa prima Aurélia, a despeito dos seus austeros compromissos matrimoniais, não renunciou ao homem de suas antigas preferências; hoje fui cientificado, por um amigo, que ela tem recorrido a diversos feiticeiros de Roma, com o fim de rehaver o seu aféto de outrora, a qualquer preço!...

Ouvindo essas pérfidas palavras, Flávia Lentulia experimentou o primeiro espinho da sua vida conjugal, sentindo-se intimamente torturada pelo mais acerbo ciúme.

Plínio resumia todo o seu idealismo e toda a sua felicidade de mulher jóvem. Depositára no seu coração todos os sonhos femininos, todas as suas melhores e mais florentes esperanças. Assaltada pela primeira contrariedade da sua vida social, na grande cidade de seus pais, sentia, naquele instante, a sêde devoradora de um esclarecimento amigo, de uma palavra carinhosa que viesse restabelecer o equilíbrio do coração agora turbado pelos primeiros dissabores. Faltava-lhe alguma cousa que pudesse completar as nobres qualidades de seu coração de mulher, alguma cousa que devia ser a ausência forçada da atuação materna na sua educação, porque Plínio Lentulus, na sua cegueira espiritual, lhe moldára o caráter no orgulho da estirpe, nas tradições vaidosas dos antepassados, sem desenvolver as suas qualidades de ponderação, que a influência de Lívia criaria, certo, para notáveis florações do sentimento.

A jóvem patrícia experimentou o coração despedaçado por um ciúme quasi feroz; mas, compreendendo os deveres que lhe competiam, em tais conjunturas, recobrou a precisa energia moral para reagir naquele primeiro embate de provas, respondendo ao moço judeu e fazendo

o possível por afetar o máximo de severa e tranquila nobreza:

— Agradeço, penhorada, o interêsse de vossa comunicação; todavia, nada me autoriza a suspeitar da conciência retilínea de meu espôso, mesmo porque Plínio resume todos os meus ideais de espôsa e de mulher!

— Senhora — revidou o judeu, mordendo os lábios — o espírito feminino, na sua fertilidade de imaginação, alheio á vida prática, póde enganar-se muitas vezes, pelas aparências...

Folgo de ouvir-vos e louvo a vossa ilimitada confiança; porém, quero fiqueis convencida de que, a qualquer tempo, encontrareis em mim um sincero defensor da vossa felicidade e das vossas virtudes!...

Isso dizendo, Saúl de Gioras apresentou atenciosas despedidas, deixando a pobre moça com as suas impressões de surprêsa e amargura.

Os primeiros infortúnios haviam atingido a vida conjugal de Flávia Lentulia, sem que ela soubesse conjurar o perigo que ameaçava a sua ventura para sempre.

Nessa noite, Plínio Severus não encontrou em casa a criatura mimosa e adorável da sua dedicação e do seu amor profundo. Na intimidade da alcova, encontrou a companheira cheia de recriminações descabidas e inportunas, tocada de tristezas amarguradas e incompreensíveis, verificando-se entre ambos os primeiros atritos que podem arruinar para sempre, no curso de uma vida, a felicidade de um casal, quando seus corações não se encontram suficientemente preparados para a compreensão espiritual, no instituto das provas remissoras, embora a estrada divina de suas almas gêmeas seja um caminho glorioso para os mais elevados destinos.

Em breves dias, Saúl regressava á Massília, esperançoso de concretizar algumas realizações de ordem material, de modo a regressar á Roma no menor espaço de tempo.

E a vida dos nossos personagens continuava, na Capital do Império, quasi com a mesma fisionomia de sempre.

O senador Lentulus prosseguia engolfado nas suas cogitações de ordem política, procurando, sempre que

possível, a residência da filha, onde mantinha as mais longas palestras com Calpurnia, acêrca-do passado e das necessidades do presente.

Quanto á Lívia, afastada compulsoriamente da filha, pela fôrça das circunstâncias, longe de sua melhor amiga de outros tempos, pela incompreensão, e prosseguindo distante do espôso no ambiente dos seus afetos mais íntimos, refugiára-se na dedicada amizade de Ana, nas preces mais fervorosas e mais sinceras.

Diariamente, ambas procuravam orar, na dolorosa soledade de seus aposentos particulares, ao pé daquela mesma cruz grosseira que lhes dera Simeão no instante extremo.

Muitas vezes, ambas em êxtase, notavam que o pequenino madeiro se toucava de uma luz tenuíssima e resplandecente, ao mesmo tempo que lhes parecia ouvir longe, no santuário do coração e dos pensamentos, exortações singulares e maravilhosas.

Figurava-se-lhes que a voz branda e amiga do apóstolo da Samária voltava do Reino de Jesús para ensinar-lhes a fé, o cumprimento do dever de caridade fraterna, a resignação e a piedade. Ambas choravam, então, como se nas suas almas sensíveis e carinhosas vibrassem as harmonias de um divino prelúdio da vida celeste.

Nessa época, instruida por alguns cristãos mais humildes, Ana cientificou a senhora das reuniões nas catacumbas.

Somente ali podiam reunir-se os adéptos do cristianismo nascente, porquanto, desde os seus primeiros eventos na sociedade romana, foram as suas idéias consideradas subversivas e perversoras.

O Império fundado com Augusto, que significou a maior expressão de um Estado forte em todas as épocas do mundo, depois das conquistas democráticas da República, não tolerava nenhum agrupamento partidário, em matéria de doutrinas sociais e políticas.

Verificava-se em Roma o mesmo que hoje com as nações modernas, a oscilarem entre as mais variadas fórmas governamentais, ao longo do eixo dos extremistas e dentro da ignorância do homem, que teima em não

compreender que a reforma das instituições tem de começar no íntimo das criaturas.

As únicas associações toleradas eram, então, as cooperativas funerárias, em vista de seus programas de piedade e proteção aos que já não podiam perturbar os poderes temporais de César.

Perseguidos pelas leis, que lhes não toleravam as idéias renovadoras; encarados com aversão pelas fôrças poderosas das tradições antigas, os adéptos de Jesús não ignoravam a sua futura posição de angústia e sofrimento. Alguns éditos mais rigorosos os compeliam a ocultar a manifestação de crença, embora o govêrno de Cláudio procurasse, sempre, o máximo de ordem e equilíbrio, sem grandes excessos na execução dos seus desígnios.

Alguns companheiros mais esclarecidos na fé advogavam publicamente as suas téses, em epístolas ao sabor da época; mas, muito antes dos crimes tenebrosos de Domício Néro, a atmosfera dos cristãos primitivos já era de aflição, angústia e trabalhos penosos. Dêsse modo, as reuniões das catacumbas efetuavam-se periodicamente, nada obstante o seu carater absolutamente secreto.

Grande número de apóstolos da Ásia Menor passavam em Roma, trazendo aos irmãos da grande cidade as prédicas mais edificantes e consoladoras.

Alí, no silêncio dos grandes massiços de pedra, em cavernas desprezadas pelo tempo, ouviam-se vozes profundas e edificantes, que comentavam o Evangelho do Senhor ou encareciam as sublimidades do seu Reino, acima de todos os precários poderes da perversidade humana. Tochas brilhantes iluminavam êsses desvãos sub-terrâneos, que as heras protegiam, dando ás suas portas empedradas uma impressão de angústia, desolação e supremo abandono.

Sempre que um peregrino mais dedicado aportava á cidade, haviam um aviso comum a todos os conversos.

O sinal da cruz, feito de qualquer fórma, era a senha silenciosa entre os irmãos de crença, e feito dêsse ou daquele modo especial, significava um aviso, cujo sentido era imediatamente compreendido.

Através dessas comunicações incessantes, Ana conhecia todo o movimento das catacumbas, colocando sua senhora a par de todos os fatos que se desenrolavam em Roma, acêrca-da redentora doutrina do Crucificado.

Assim que, quando se anunciava a chegada de algum apóstolo da Galiléia ou das regiões que lhe são fronteiriças, Lívia fazia questão de comparecer, fazendo-se acompanhar pela serva desvelada e fiél, atravessando os caminhos á pé, embora trajasse agora a sua indumentária patrícia, de conformidade com a autorização do marido, para professar livremente as suas crenças. Ela estava ciente de que, perante a sociedade, sua atitude representava um grave perigo, mas o sacrifício de Simeão fôra um marco de luz assinalando os seus destinos na Terra. Adquirira coragem, serenidade, resignação e conhecimento de si mesma, para nunca tergiversar em detrimento da sua fé ardente e pura. Se as suas antigas relações de amizade, em Roma, atribuiam as suas modificações interiores á demência; se o marido não a compreendia e Calpurnia e o filho cavavam, ainda mais, o grande abismo que Públio havia aberto entre ela e a filha, possuia o seu espírito, na crença, um caminho divino para fugir de todas as terrenas amarguras, sentindo que o Divino Mestre de Nazaré lhe dulcificava as úlceras da alma, compadecendo-se do seu coração retalhado de amarguras. Era-lhe a fé como um archote luminoso clareando a estrada dolorosa e do qual se irra-
Terra em luzes sacrossantas e antecipadas das eternas
diavam os divinos clarões da confiança humana na Providência Divina, que transforma as provações penosas da Terra em luzes sacrossantas e antecipadas das eternas alegrias do Infinito.

IV

TRAGÉDIAS E ESPERANÇAS

A vida real é sempre prosáica, sem fantasia nem sonhos.

Assim decorre a existência dos personagens dêste

livro, na tela viva das realidades nuas e dolorosas do ambiente terrestre.

Os que atingem determinadas posições sociais, bem como os que se aproximam do crepúsculo da vida fragmentária da Terra poucas novidades têm a contar, com respeito ao curso de cada dia.

Ha um período na existência do homem, em que lhe parece não haver mais a precisa pressão psíquica do coração, afim-de que se lhe renovem os sonhos e as aspirações primeiras, figurando-se a sua situação espiritual cristalizada ou estacionária. No íntimo, não ha mais espaço para novas ilusões ou reflorescimento de novas esperanças e a alma, como que num doloroso período de espectação e forçado silêncio, queda-se no caminho, contemplando os que passam, presa aos cordéis da rotina, das semanas uniformes e indiferentes.

Estamos vivendo, agora, o ano 57, e a vida dos atores dêste drama doloroso, figura-se quasi invariável no desdobramento infindo dos seus episódios comuns e angustiosos.

Apenas uma grande modificação se fizera na residência de Calpurnia.

Plínio Severus, nas suas radiosas expressões de vitalidade física, já havia recebido as maiores distinções por parte das organizações militares, que garantiam a estabilidade do Império. Longas e periódicas permanências nas Gálias e na Espanha, lhe haviam angariado honrosíssimas condecorações, mas, no seu íntimo, a vaidade e o orgulho haviam proliferado intensamente, não obstante a generosidade do seu coração.

Os primeiros ciúmes ásperos da espôsa fizeram-se acompanhar de consequências nefastas e dolorosas.

Aos criminosos propósitos de Saúl, juntaram-se as pérfidas confidências das amigas mentirosas e Flávia Lentulia, longe de gozar a ventura conjugal a que tinha direito pelos seus elevados dotes do coração, descera, sem o sentir, dado os seus ciúmes desmesurados, aos mais tenebrosos abismos do sofrimento e da provação.

Para um homem da natureza de Plínio, era muito fácil a substituição do ambiente doméstico pelas festi-

vidades ruidosas do circo, na companhia de mulheres alegres, que não faltavam em todos os lugares da metrópole do pecado.

Em breve, o carinho da espôsa foi substituido pelo falso amor de numerosas amantes.

Debalde, procurou Calpurnia interpôr seus bons ofícios e carinhosos conselhos, e, em vão, prosseguia a jóvem espôsa do oficial romano no seu martírio imperturbável e silencioso.

As únicas queixas de Flávia eram guardadas pelo coração generoso da mãe de seu marido, ou então, confiadas ao espírito do pai, em confidências amarguradas e penosas.

Públio Lentulus compreendendo a importância da cooperação feminina na regeneração dos costumes e no reerguimento do lar e da família, incitava a filha ao máximo de resignação e tolerância, fazendo-lhe sentir que a espôsa de um homem é a honra do seu nome e o alimento da sua vida, e que, enquanto um marido se perverte no torvelinho das paixões desenfreadas, escarnecendo de todos os bens da vida, basta, ás vezes, uma lágrima da mulher para que a paz conjugal volte a brilhar no céu sem nuvens do afêto puro e recíproco.

Para o espírito de Flávia, a palavra paterna tinha fóros de realidade insofismável e ela buscava amparar-se nas suas promessas e nos seus conselhos, julgados preciosos, esperando que o espôso voltasse, um dia, ao seu amor, entre as bênçãos do caminho.

Enquanto isso, Plínio Severus dissipava no jôgo e nas folganças uma verdadeira fortuna. Sua prodigalidade com as mulheres tornára-se proverbial nos centros mais elegantes da cidade e, poucas vezes, buscava o ambiente familiar, onde, aliás, todos os afêtos se conjugavam para esclarecer-lhe docemente o espírito desviado do bom caminho.

A morte do velho pretor Sálvio Lentulus, antes do ano 50, obrigára a família de Públio e os remanescentes de Flamínio aos protocolos sociais junto de Fúlvia e da filha, por ocasião das homenagens prestadas ás cinzas do morto, que havia passado pelo mundo, envôlto no

mistério da sua passividade resignada e incompreensível.

Bastou êsse ensejo para que Aurélia retomasse a oportunidade perdida. Um olhar, um encontro, uma palavra e o filho mais moço de Flamínio, enamorado das belezas pecaminosas, restabeleceu o laço afetivo que o encontro de um amor santificado e puro havia destruido anteriormente.

Em breve, ambos eram vistos com olhares significativos pelos teatros, pelos circos ou pelas grandes reuniões esportivas da época.

De todas essas dôres, fizera Flávia Lentulia o seu calvário de agonias silenciosas, dentro do lar que a sua fidelidade dignificava. Nas suas meditações isoladas, muitas vezes deplorou os seus antigos desabafos de ciúme injustificável, que constituiram a primeira porta para que o marido se desviasse dos sagrados deveres em família; mas, no seu orgulho de patrícia, ponderava que era muito tarde para qualquer arrependimento, considerando, intimamente, que o único recurso era guardar a volta do espôso ao seu coração fiél e dedicado, com o máximo de humildade e paciência. Nos seus instantes de contrição, escrevia páginas amarguradas e luminosas, pelos elevados conceitos que traduziam, ora implorando a piedade dos deuses em súplicas fervorosas, ora estereotipando as suas angústias íntimas em versos comovedores, lidos tão somente pelos olhos paternos que, a chorar de emotividade, consideravam, muitas vezes, se a desventura conjugal da pobre filha não era igualmente uma herança singular e dolorosa.

Por volta do ano 53, desaparecia em trágicas circunstâncias, nos escuros braços da morte, uma das figuras mais fortes desta história.

Referimo-nos á Fúlvia, que, dois anos após o falecimento do companheiro, acusava as mais sérias perturbações mentais, a par de inquietantes fenômenos organicos, provenientes de passados desvarios.

Feridas cancerosas devoravam-lhe os centros vitais e, por dois anos a-fio, o corpo emagrecido era forçado ás mais penosas e incômodas posições de repuoso, enquanto os olhos inquietos e arregalados dansavam nas

órbitas, como se nas suas alucinações fôsse compelida á vidência dos quadros mais sinistros e tenebrosos.

Nessas ocasiões, não encontrava a dedicação da filha, que não soubera educar, sempre atarefada nos seus constantes compromissos de festas, encontros, representações sociais numerosas.

Mas a misericórdia divina, que não abandona os sêres mais infelizes e desditosos, dera-lhe um filho carinhoso e compassivo para as dôres expiatórias.

Emiliano Lucius, o marido de Aurélia, era dêsses homens dignos e valorosos, raros na paciência e nas mais elevadas virtudes domésticas.

Por noites e noites sucessivas, velava pela velhinha infeliz, que as dôres físicas castigavam impiedosamente com o azorrague de suplícios atrozes.

Nos seus últimos dias, vamos ouvir-lhe as palavras desconexas e dolorosas. Noite alta, quando as próprias escravas descansavam, subjugadas pela fadiga e pelo sono, parecia que os seus ouvidos de louca se aguçavam, espantosamente, para ouvir os ruídos do próprio invisível, dirigindo impropérios ás suas antigas vítimas, que voltavam das mais baixas esferas espirituais para rodear-lhe o leito de sofrimento e morte. Olhos desmesuradamente abertos, como se fixassem visões fatídicas e horrorosas, exclamava a pobre velhinha, abraçando-se ao genro, no auge das suas frequentes crises do mêdo e desesperação inconciente:

— Emiliano!... — exclamava em atitudes de pavor supremo. — Êste quarto está cheio de sêres tenebrosos!... Não percebes? Ouve bem... Ouço-lhes os impropérios sombrios e as sinistras gargalhadas!... Conheceste Sulpício Tarquinius, o grande lictor de Pilatos?... Ei-lo que chega com os seus legionários mascarados de treva!... Falam-me da morte, falam-me da morte!... Socorre-me, filho meu!... Sulpício Tarquinius tem um corpo de dragão que me apavora!...

Crises de soluço e lágrimas sucediam-se a essas observações angustiosas.

— Acalma-te, mãe! — exclamava o militar, cons-

ternado até ás lágrimas. Tenhamos confiança na bondade infinita dos deuses!...

— Ah!... os deuses! — gritava agora a infeliz, em histéricas gargalhadas — os deuses!... onde estariam os deuses desta casa infame? Emiliano, Emiliano, nós é que criamos os deuses para justificar os desvarios de nossa vida! O Olimpo de Júpiter é uma mentira necessária ao Estado... Somos uma caveira enfeitada na Terra com um punhado de pó!... O único lugar que deve existir, de fato, e o inferno onde se conservam os demônios com os seus tridentes no braseiro!... Ei-los que chegam em falanges escuras!...

E, apegando-se fortemente ao peito do oficial, gritava disparatadamente, como se buscasse ocultar o rosto, de sombras ameaçadoras:

— Nunca me levareis, malditos!... Para trás, canalhas!... Tenho um filho que me defende de vossas investidas tenebrosas!...

Emiliano Lucius acariciava bondosamente os cabelos brancos da desventurada senhora, incitando-a a implorar a misericórdia dos deuses, de modo a balsamizarem-se-lhe os rudes padecimentos.

De outras vezes, Fúlvia Prócula, como se tivesse a conciência despertada por um raio divino, dizia, mais calma, ao filho que o destino lhe havia dado:

— Emiliano, estou aproximando-me da morte e preciso confessar-te as minhas faltas e os meus grandes deslises! Perdôa-me, filho, se tamanhos trabalhos te hei proporcionado! Minha existência misérrima foi uma longa esteira de crimes, cujas manchas horrorosas não poderão ser lavadas pelas próprias lágrimas da enfermidade que ora me conduz aos impenetráveis segrêdos da outra vida! Nunca, porém, conseguí ponderar as amarguras terríveis que me esperavam. Hoje sinto, nas pesadas sombras dalma, que minha conciência se tisna do carvão apagado do fogo das paixões nefastas que me devoraram o penoso destino!... Fui espôsa desleal, impiedosa e mãe desnaturada...

Quem se apiedará de mim, se houver uma claridade espiritual para as cinzas do túmulo? Dêste leito

de loucura e agonia desesperada, vejo o desfile incessante de fantasmas dolorosos, que parecem esperar-me no pórtico do sepulcro!... Todos profligam os meus crimes passados e mostram-se jubilosos com os padecimentos que me arrastam á sepultura!

Sem uma crença sincera, sinto-me entregue a êsses dragões do imponderável, que me fazem evocar o passado criminoso e sombrio!...

Uma torrente de lágrimas de compunção e arrependimento seguia-se a êsses instantes vertiginosos, de raciocínio e lucidez.

Emiliano Lucius afagava-lhe, com carinho, a face rugosa, imergindo-se êle mesmo em cismas dolorosas.

Aquele quadro lancinante era bem o fim tempestuoso de uma existência de deslises clamorosos.

Sim... êle tudo compreendia agora. A rebeldia da espôsa, a sua incompreensão, os atritos domésticos, aquela sêde insaciável de festas ruidosas em companhia de afétos que não eram os dêle, deviam ser os frutos amargos de uma educação viciada e deficiente. Mas, seu coração estava cheio de uma generosidade sem limites. Espírito valoroso, compreendia a situação e quem compreende perdôa sempre.

Uma noite em que a doente manifestava crises acentuadas e profundas, o bondoso oficial ordenou que as servas se recolhessem.

A pobre louca falava sempre, como se fôra tocada de uma energia inexgotável e incompreensível.

Copioso suôr inundava-lhe a fronte, tomada de febre alta e constante.

— Emiliano — gritava ela desesperadamente — onde está Aurélia, que não busca velar á minha cabeceira nas vésperas da morte? Como as falsas amizades de minha vida, terá ela também horror do meu corpo?

— Aurélia — explicou generosamente o oficial — precisava desobrigar-se hoje de um compromisso com as amigas, na organização de alguns serviços sociais!

— Ah! — exclamou a demente em sinistras gargalhadas — os serviços sociais... os serviços sociais!... Como pudeste crer nisso, filho meu? Tua mulher, a estas

horas, deve estar ao lado de Plínio Severus, seu antigo amante, em algum lugar suspeito desta cidade miserável!...

Emiliano Lucius fez o possível para que a infeliz dementada não prosseguisse em suas revelações terríveis e impressionantes; mas Fúlvia continuava o libelo tremendo e doloroso.

— Não, não me prives de continuar... — prosseguia desesperadamente. — Ouve-me ainda! Todas as minhas acusações representam a criminosa realidade... Muitas vezes, a verdade está com aqueles que enlouqueceram!... Fui eu própria que induzí minha infeliz filha aos desvios conjugais... Plínio Severus era o inimigo que ela precisava vencer, na qualidade de mulher... Facilitei-lhe o adultério, que se consumou sob êste této!... Certifica-te, filho meu, da enormidade de minhas faltas!... Horroriza-te, mas perdôa!... E vigia tua mulher para que não continue a trair-te, com as suas perfídias torpes, e não venha um dia a apodrecer, lamentavelmente, como eu, num leito de sêdas perfumosas!...

O generoso militar acompanhava, boquiaberto e aflito, aquelas revelações assombrosas.

Então a espôsa, além de não o compreender no seu idealismo, ainda o traía vergonhosamente, no próprio ambiente sacrossanto do lar? Emoções dolorosas represavam-se-lhe no coração, mas, possivelmente, tôdas aquelas palavras não passavam de um simples delírio febril, na demência incurável. Uma dúvida horrível e impiedosa aninhara-se-lhe no coração angustiado. Algumas lágrimas humedeceram-lhe os grandes olhos tristes, enquanto a enfêrma dava uma trégua ás suas penosas revelações.

Daí a minutos, porém, com voz estentórica, continuava:

— E Aurélia? Que é feito de Aurélia que não vem? Por onde andará minha pobre filha criminosa e infiél? Amanhã, meu filho, hei de confiar-te os infames segrêdos da nossa existência desventurada!

Alguém, todavia, penetrára no aposento contíguo,

cautelosa e silenciosamente. Era Aurélia que voltava de uma festividade ruidosa, onde o vinho e os prazeres haviam jorrado em abundância.

Depois de atravessar a porta proxima, ainda ouviu as últimas palavras da mãe, no auge da febre e da desesperação doentia. Ela, que não ouvira as tristes revelações de pouco antes, considerou que a doente, no dia imediato, haveria de cumprir a terrível promessa e, num relance, examinou todas as probabilidades de execução da idéia tenebrosa que lhe passara pela mente criminosa e infeliz. Seus olhos pareciam vidrados de cólera, sob o azorrague de um pensamento mórbido, que lhe aflorára repentinamente no coração frio e impiedoso.

Despiu os trajes de festa reintegrando-se nos aspectos interiores do lar e abriu uma nova porta, dirigindo-se ao leito materno, onde acariciou a mãe fingidamente, enquanto o espôso incompreendido a contemplava, de cérebro fervilhante e dolorido, sob o domínio das dúvidas mais acerbas.

— Mãe, que é isso? — perguntou afetando uma preocupação imaginária. Estás cansada... precisas repousar um pouco.

Fúlvia fitou-a profundamente, como se um clarão de lucidez lhe houvesse clareado repentinamente o espírito abatido. A presença da filha tranquilizava de algum modo o seu coração dolorido e a sua conciência dilacerada. Sentou-se com esfôrço, no leito, afagou os cabelos da filha, como sempre costumava fazer na intimidade, deitando-se em seguida e figurando-se com boa disposição de repousar.

Emiliano Lucius retirou-se da cena, considerando que sua presença já não era necessária.

Mas, Aurélia continuava a falar com o seu fingido carinho:

— Queres, mãe, uma dose do calmante para o repouso preciso?

A pobre louca na sua inconciência espiritual fez um sinal afirmativo com a cabeça.

A jóvem encaminhou-se ao seu aposento privado e, retirando minúsculo tubo de um dos móveis prediletos,

deixou pingar algumas gôtas numa pequena taça de sedativo, monologando consigo mesma: — "Sim!. . . um segrêdo é sempre um segrêdo. . . e só a morte pode guardá-lo convenientemente!. . .

Caminhou sem hesitação para o leito materno, onde, por mais de dois anos jazia a infeliz, devorada pelo cancer e atormentada pelas visões mais sinistras e tenebrosas.

Num relance, o horrível envenenamento estava consumado. Ministrada a poção corrosiva e violenta, Aurélia determinou, então, que duas escravas velassem o sono da enfêrma, como de costume, ao regressar das noitadas ruidosas, esperando o resultado da ação criminosa e injustificável.

Em duas horas, a enfêrma apresentava os mais evidentes sinais de sufocação sob a ação do corrosivo, que constituia mais um daqueles filtros misteriosos e homicidas da época.

Ao chamamento aflito das servas, todas as pessôas da casa se colocaram a postos, dado o penoso estado da enfêrma.

Emiliano Lucius contemplou-lhe os olhos, que se iam apagando no véu da morte, e debalde procurou fazer que a moribunda lhe dissesse ainda uma palavra. Seus membros frios foram-se enrijando devagarinho, da bôca começou a escapar-lhe uma espuma rósea.

Em vão, foram chamados os entendidos da medicina, naqueles derradeiros instantes. Naquela época, nem os esculápios conheciam os segrêdos anatômicos do organismo, nem havia uma polícia especial para averiguar as causas profundas das mortes misteriosas. O envenenamento de Fúlvia correu por conta das moléstias incompreensíveis que, durante muitos mêses lhe haviam eliminado todos os centros de vitalidade.

Contudo, aquela agonia rápida não passou despercebida a Emiliano, que juntou mais uma dúvida penosa aos amargos pensamentos que lhe negrejavam o fôro íntimo.

Aurélia buscou representar, do melhor modo, a comédia da sentimentalidade em tais circunstâncias, e de-

pois das cerimônias simplificadas e rápidas, em vista da imediata decomposição cadavérica, que forçou a incineração em breves horas, o antigo lar do pretor Sálvio Lentulus tornou-se o abrigo de dois corações que se odiavam mutuamente.

Se a espôsa infiél, logo após os primeiros dias de luto, retornava á sua existência de regalados prazeres, Emiliano Lucius nunca pôde esquecer as revelações de Fúlvia nas vésperas do seu desprendimento, envolvendo-se, então, num véu de tristeza que lhe cobriu o coração por mais de dois anos.

Em 54, subia Domício Nero ao poder, fazendo-se acompanhar de uma depravada côrte de áulicos perversos e de concubinas numerosas quão desalmadas.

Muito tarde, reconheceu Agripina a inconveniência de sua atitude maternal, obrigando o Imperador Cláudio a anuir ao casamento de sua filha Otávia com aquele que, mais tarde, iria eliminar-lhe a própria vida com os maiores requintes de perversidade.

O Forum e o Senado receberam, tremendo, a sombria notícia da proclamação do nvo César pelas legiões pretorianas, não tanto por êle, mas porque sabiam, de antemão, que aquele príncipe ignorante e cruél ia tornar-se um fácil joguête dos espíritos mais ambiciosos e mais perversos da côrte romana.

Ninguém, todavia, ousou protestar, tal a série de crimes tenebrosos, perpetrados impunemente, para que Domício Nero atingisse os bastidores do supremo poder.

No ano 56, o envenenamento do jóvem Britânicus punha arrepios de terror em todos os patrícios.

Medidas ignominiosas foram postas em prática para humilhar os senadores do Império, que não conseguiram efetivar os seus protestos formais. Todas as famílias mais importantes da cidade conheciam que, diante de si, tinham os filtros venenosos de uma Locusta, a tirania e a perversidade de um Tigelinus, ou o punhal de um Aniceto.

A morte inesperada de Britânicus, porém, provocára certo descontentamento, dando azo a que se manifestassem alguns espíritos mais valorosos.

Entre êsses, estava Emiliano Lucius, que se viu logo em sérias perspectivas de banimento, tornando-se vigiado pelos inúmeros esbirros do Imperador.

O generoso oficial buscou recolher-se, o mais que lhe era possível, evitando a possibilidade de conflitos. Recrudesceram as suas angústias íntimas e as suas meditações tornaram-se mais profundas e dolorosas. . .

Uma noite tranquila, quando se recolhia ao lar nas primeiras horas, contrariamente aos seus hábitos mais antigos, notou que o aposento da espôsa estava cheio de vozes animadas e alegres. Observou que Aurélia e Plínio se embriagavam no vinho de seus venenosos prazeres e, olhos traduzindo incoercível espanto, viu que a espôsa o traía no próprio tálamo conjugal.

Emiliano Lucius sentiu que um espinho mais agudo lhe penetrava o coração sensível e generoso, em verificando, por si mesmo, aquela realidade cruél. Sentiu ímpetos de chamar o amante ao campo da honra para morrer ou eliminar-lhe a vida, mas considerou, simultâneamente, que Aurélia não merecia um tal sacrifício.

Enojado de tudo o que se referia á sua época e sentindo-se vencido nas desventuras do seu penoso destino, o nobre oficial retirou-se para o antigo gabinete do pretor Sálvio, onde estabelecera a séde de seus trabalhos diturnos e, tomado de sinistra e dolorosa resolução, abriu um velho armário onde se alinhavam pequenos frascos, retirando um dêles de configuração especial, afim-de satisfazer os amargos propósitos do seu espírito vencido.

Frente á taça de cicuta, o cérebro dorido perdeu-se, por minutos, em pungentes conjeturas; mas, estudando intimamente todas as suas probabilidades de ventura, considerou, no auge do desespêro, que, á traíção da mulher, ás ameaças de proscrição e de banimento ou á possibilidades de um ataque nas sombras, era preferível o que êle considerava o consôlo derradeiro da morte.

Num instante, sem que os seus amigos espirituais pudessem demovê-lo do intento terrível, tal a subitaneidade do gesto desesperado e irrefletido, sorveu o conteúdo de pequena taça, descansando depois a jóvem

cabeça sôbre os braços, estirado num leito próprio do triclínio, mas adaptado ao seu gabinete antigo, abarrotado de mármores e de pergaminhos preciosos.

A morte horrível não se fez esperar muito e, no círculo numeroso de suas relações de amizade, enquanto Aurélia representava uma nova farça de pesares imaginários, comentava-se o suícidio de Emiliano não como consequência diréta de suas profundas desilusões domésticas, mas como fruto da tirania política do novo imperador, sob cujo reinado tantos crimes foram cometidos, diariamente, nas sombras.

Sózinha agora, no seu campo de ação, Aurélia entregou-se livremente aos seus desvarios, amplificando as suas inclinações nocivas e procurando reter, cada vez mais, junto de si, o homem de suas preferências, objéto de suas desenfreadas ambições.

Em casa dos Lentulus e dos Severus, a vida continuava a desfiar o rosário das desventuras.

Havia mais de cinco anos, em 57, que Saúl de Gioras se encontrava definitivamente instalado em Roma, sem haver desistido dos seus desejos e propósitos a respeito da espôsa do amigo e benfeitor. Consolidada a sua fortuna no comércio de péles do Oriente, não perdia êle as mínimas oportunidades para evidenciar a excelência de sua situação material á mulher cobiçada de longos anos. Flávia Lentulia, porém, fizera da existência um calvário de resignação, comovedora e silenciosa.

A vida pública do marido era, para o seu espírito, um prolongado e doloroso suplício moral. Acêrca do assunto, fazia Saúl, de vez em quando, referências indiretas, no intuito de chamar-lhe a atenção para o seu afeto, mas a pobre senhora nêle não via outra individualidade, além de um amigo ou irmão. Debalde, o moço judeu testemunhava-lhe sua admiração pessoal, em gestos de extrema gentileza, buscando oferecer-lhe a sua companhia; mas, a verdade é que os apêlos de sua alma impetuosa e apaixonada não encontravam ressonância no coração daquela mulher, que enfeitava com a dôr a dignidade do matrimônio.

Saúl, todavia, esperava sempre.

Tocado pelas expressões do seu dinheiro, Araxes animava-lhe as esperanças, sem o deixar esmorecer nos seus perigosos instintos.

Plínio Severus só vinha ao lar de vez em quando, alegando serviços ou viagens numerosas para justificar a continuidade de sua ausência. Mal se precatava êle de que as despesas astronômicas lhe arruinavam, pouco a pouco, as possibilidades financeiras, conduzindo igualmente os seus familiares ao exgotamento de todos os recursos.

Algumas vezes, mantinha colóquios afetuosos com a espôsa, a quem se sentia prêso pelos laços de uma afeição terna e profunda, mas as seduções do mundo eram já muito fortes no seu coração, para serem extirpadas. No íntimo, desejava voltar á calma do lar, á vida carinhosa e tranquila; mas, o vinho, as mulheres e os ambientes ostentosos eram a permanente obsessão do seu espírito combalido; outras vezes, embora amando a espôsa ternamente, não lhe perdoava a circunstância da sua superioridade moral, irritando-se contra a própria humildade que ela testemunhava em face dos seus desatinos, e regressava novamente aos braços de Aurélia, como vítima indecisa entre as fôrças do bem e do mal.

No ano 57, a saúde de Calpurnia, abalada em extremo, obrigára a família a reunir-se em tôrno do leito da matrona generosa. Pela primeira vez, após o casamento do irmão, voltou Agripa Severus de suas longas aventuras em Massília e em Avênio, para junto de sua mãe enfêrma e abatida, atendendo-lhe aos apêlos, sentidos e carinhosos. Reencontrar Flávia Lentulia e participar com ela das claridades do ambiente doméstico, foi o mesmo que reviver um velho vulcão adormecido.

A um golpe de vista, compreendeu a situação conjugal de Plínio, procurando substituir-lhe o afeto junto da espôsa desvelada e carinhosa. Desejava confessar-lhe tôdo seu amor ardente e infeliz, mas guardava no coração um sublime respeito fraternal por aquela mulher, que confiava nêle como um irmão muito amado.

Foi assim que, nas alternativas de melhora da velha enfêrma, Flávia lhe aceitou a companhia para distrair-se

nalguns espetáculos da rumorosa cidade da época.

Tanto bastou para que Saúl envenenasse os acontecimentos, supondo nessas expansões inocentes uma ligação menos digna, que lhe enchia de pavorosos ciúmes o coração violento e irascível.

Na primeira oportunidade, colocou Plínio Severus a par de todas as suas cavilosas suspeitas, arquitetando, com a sua imaginação doentia, situações e acontecimentos que jamais se verificaram. O espôso de Flávia era dêsses homens caprichosos, que, organizando um círculo de liberdade ilimitada para si próprio, nada concedem á mulher, nem mesmo no terreno das afeições desinteressadas e puras. Dessa fórma, Plínio Severus começou a acatar a palavra de Saúl, concedendo-lhe aos conceitos insensatos o mais largo crédito, no seu fôro íntimo. Êle, que deixára a companheira afetuosa ao abandono e que, por largos anos déra azo ás mais penosas amarguras domésticas, sentiu-se, então, ralado de ciúmes acerbos e inconcebíveis, passando a espionar os menores gestos do irmão e a desconfiar dos mais secretos pensamentos da espôsa, esperando que a moléstia irremediável de sua mãe tivesse uma solução na morte, esperada em breve, afim-de se pronunciar com mais fôrça na reinvidicação dos seus direitos conjugais.

Entrára o ano de 58 com amarguradas perspectivas para os nossos personagens.

Um fato, porém, começava a ferir a atenção de todos os personagens desta história real e dolorosa.

A dedicação de Lívia á sua velha amiga doente era um exemplo raro de amor fraterno, de carinho e bondade indefiníveis. Oito mêses a-fio, sua figura frágil e silenciosa esteve a postos dia e noite, sem descanso, junto ao leito de Calpurnia, provando-lhe com exemplos a excelência dos seus princípios religiosos.

Muitas vezes, a nobre matrona considerou, intimamente, a superioridade moral daquela doutrina generosa, que estava no mundo para levantar os caídos, confortar os enfêrmos e os tristes, disseminando as mais formosas esperanças com os desiludidos da sorte, em confronto com os seus velhos deuses que amavam os

mais ricos e os que oferecessem os melhores sacrifícios nos templos, e aquele Jesús humilde e pobre, descalço e crucificado, de que lhe falava Lívia nas suas palestras íntimas e carinhosas.

Calpurnia estava plenamente modificada, ás vésperas da morte. A convivência contínua da velha amiga, renovara-lhe todos os pensamentos e crenças mais radicadas. Tratava melhor as escravas que lhe beiravam o leito e pedira á Lívia lhe ensinasse as preces do profeta crucificado em Jerusalém, o que ambas faziam de mãos postas, quando os aposentos da enfêrma ficavam silenciosos e desertos. Nêsses instantes, a viúva de Flamínio Severus sentia que as dôres abrandavam, como se um bálsamo suave lhe refrescasse os centros íntimos de fôrça; cessavam as dispnéias dolorosas e a respiração quasi se normalizava, como se profundas energias do plano invisível lhe reanimassem o coração escleroso e fatigado.

Ao espírito de Públio não passavam despercebidos êsses sintomas de modificação moral da velha matrona, nem tão pouco o nobre procedimento da espôsa, que nunca mais repousou, desde o instante em que a vira inerme e exausta. Os sofrimentos da vida haviam igualmente modificado muito a estrutura da sua organização espiritual e, como nunca, sentia o senador a necessidade de se reconciliar com a espôsa, para enfrentar os invernos penosos da velhice que se aproximava.

Não sô êle, como Lívia, já haviam ultrapassado meio século de existência e, agora que tão bem conhecia a vida e os seus dolorosos mecanismos de aperfeiçoamento, sentia-se apto a perdoar todas as faltas da espôsa, no pretérito, considerando que os seus vinte e cinco anos de martírio moral, no sacrossanto ambiente doméstico bastavam para redimí-la das faltas que, porventura, houvesse cometido, nas ilusões da mocidade, em uma terra estranha, conforme supunha em suas falsas observações, filhas ainda da calúnia que lhe destruira a ventura e a paz de uma existência inteira.

Nos primeiros dias do ano 58, os podecimentos de Calpurnia foram subitamente agravados, esperando-se a cada momento o penoso desenlace.

Os filhos e os mais íntimos lhe rodeavam o leito, grandemente comovidos, embora reconhecessem a necessidade de repouso para aquele corpo doente e esgotado.

Na ante-véspera da morte, a veneranda senhora pediu que a deixassem sózinha com o senador, por algumas horas, alegando a necessidade de confiar a Públio Lentulus algumas disposições "in extremis".

Atendida, imediatamente, vamos encontrá-los em íntimo colóquio, como se estivessem juntos pela última vez, para decisão de assuntos importantes e supremos.

Públio, ainda em pleno vigor de sua compleição física, tinha os olhos rasos dagua, enquanto a velha matrona o contemplava, deixando transparecer um clarão de profunda lucidez nos olhos calmos e profundos.

— Públio — começou ela, gravemente, como se aquelas palavras fôssem as suas últimas recomendações — para os espíritos de nossa formação não pode existir o receio da morte, e é por êsse motivo que deliberei falar-te nas minhas horas derradeiras...

— Mas, minha boa amiga — respondeu o senador, franzindo a testa e esforçando-se por dissimular a comoção que lhe ia nalma, lembrando-se de que, nas mesmas circunstâncias, lhe falára Flamínio pela última vez, entre as paredes daquele quarto — somente os deuses podem decidir de nossos destinos e só êles conhecem os nossos últimos instantes!...

— Não duvido dessas verdades — acudiu a valorosa patrícia — mas, tenho a certeza de que as minhas horas na Terra chegam a termo e não quero levar para o túmulo o remorso de uma falta que reconheço haver cometido, ha mais de dez anos...

— Uma falta? Nunca... Vossa vida, Calpurnia, foi sempre um dos mais raros exemplos de virtude nesta época de transição e degenerescência dos nossos mais belos costumes...

— Agradeço-te, meu grande amigo, mas a tua gentileza não me exime da penitência perante o teu espírito, afirmando que ha mais de dez anos errei num julgamento, pedinto-te hoje recebas a minha retificação, talvez tardia, mas ainda a tempo de santificarmos, com o

mais justo respeito, uma vida de sacrifícios dolorosos e de abnegações santificantes!...

Públio Lentulus adivinhou que se tratava de sua mulher e, com a voz embargada pela emoção e pelas lágrimas, deixou que a velha amiga continuasse, de olhos enxutos, manifestando o mais súbido valor moral em face da morte que se aproximava.

— Refiro-me á Lívia — continuou Calpurnia em tom comovido — a respeito de quem tive a infelicidade de te transmitir uma suposição errônea e injusta, cortando-lhe a última possibilidade de ventura na Terra; mas, a morte renova as nossas concepções da vida e os que estão prestes a abandonar êste mundo possúem uma visão mais clara de todos os problemas da existência.

Hoje, meu amigo, digo-te, de alma serena, que tua espôsa é imaculada e inocente...

O senador sentia que o pranto lhe brotava espontaneamente dos olhos, mas estava intimamente confortado por saber que a sua venerável amiga confirmava, agora, as convicções que o tempo lhe aumentára, quanto à nobilíssima companheira de sua existência.

— Não to digo simplesmente por uma questão de egoísmo pessoal, em penhor de agradecimento pelas supremas dedicações de Lívia para comigo no decurso desta dolorosa enfermidade — continuou ela, valorosamente. Um espírito do nosso estofo deve estar com a verdade acima de tudo e esta minha confissão não se verifica tão somente pelas observações da minha fraqueza tôda humana.

A realidade, todavia, meu amigo, é que, desde aquela noite em que me pediste opinasse sôbre tua espôsa e minha desvelada amiga, sinto o espinho de uma dúvida cruél no meu coração dilacerado. Lívia foi sempre a minha melhor companheira e contribuir para a sua desventura, injustificadamente, era aos meus olhos a suprema falta de toda a vida...

Por onze anos, orei constantemente e ofereci numerosos sacrifícios nos templos, para que os deuses me inspirassem a verdade sôbre o assunto e, por todo êsse tempo, tenho esperado pacientemente a revelação do

céu... Só hoje, porém, me foi dado obtê-la, já nos pórticos do sepulcro!...

E' possível que minha pobre alma, já semi-desmaterializada, esteja participando dos incompreendidos mistérios da vida do além-túmulo e talvez seja por isso que, hoje pela manhã, vi a figura de Flamínio nêste quarto!... Era muito cêdo e eu estava só, com as minhas meditações e as minhas preces!...

Nêste ínterim, a palavra da enfêrma tornára-se entrecortada de profundas emoções que a dominavam, enquanto Públio Lentulus chorava, em doloroso silêncio.

— Sim... — prosseguiu Calpurnia, depois de longa pausa — no meio de uma luz difusa e azulada, vi Flamínio a estender-me os braços carinhosos e compassivos... No olhar, observei-lhe a mesma expressão habitual de ternura e, na voz, o timbre familiar, inesquecível... Avisou-me de que dentro de dois dias penetrarei os mistérios indevassados da morte, mas essa revelação do meu fim próximo não me podia surpreender... porque, para mim... que ha tantos anos vivo no meu exílio de saudade e sombras... acrescido das continuadas angústias de uma enfermidade longa e dolorosa... a certeza da morte constitúe um supremo consôlo... Confortada pelas doces promessas da visão, que me auguravam êsse brando alívio para breves horas... perguntei ao espírito de Flamínio sôbre a dúvida cruél que me dilacerava ha tantos anos... Bastou que o arguisse mentalmente, para que a radiosa entidade me dissésse em alta voz... meneando a cabeça num gesto delicado... como a exprimir infinita e dolorosa tristeza. "Calpurnia, em má hora duvidaste daquela a quem deverias amar... e proteger como a uma filha querida e carinhosa ... porque Lívia... é uma criatura imaculada e inocente..."

Nêsse instante... — continuou a enfêrma com alguma dificuldade — tal foi a impressão dolorosa de minhalma... com a surprêsa da resposta... que não mais lobriguei a visão carinhosa e consoladora... como se fôsse repentinamente chamada ás tristes realidades da vida prática...

A velha matrona tinha os olhos mareados de lágri-

mas, enquanto o senador se entregava silenciosamente ao pranto de suas emoções penosas.

Longos minutos estiveram ambos assim, na posição de quem dava curso ao remorso e ao sofrimento...

Afinal, foi ainda a valorosa patrícia quem rompeu o pesado silêncio, tomando as mãos do amigo entre as suas mãos escarnadas e brancas, exclamando:

— Públio, fala-te o coração de uma velha amiga, com as verdades serenas e tristes da morte... Acreditas plenamente nas minhas dolorosas revelações?...

O senador fez um esfôrço para enxugar as lágrimas que lhe caíam copiosamente dos olhos e movimentando o máximo de suas energias, replicou firmemente:

— Sim, acredito.

— E que faremos agora... para reparar nossas faltas... ante o coração generoso e justo de tua mulher?...

Êle deixou transparecer um clarão de ternura nos olhos e, passando as mãos inquietas pela fronte, como se houvera encontrado uma solução quasi feliz, dirigiu-se á doente com uma irradiação de alegria e de tranquilidade no semblante, dizendo confortado:

— Sabeis da grande festa do Estado, que se realizará de hoje a poucos dias, na qual os senadores com mais de vinte anos de serviços ao Império serão coroados de mirto e rosas, como os triunfadores?

— Sim — respondeu a matrona — tanto que já pedí a meus filhos que... não obstante a minha morte próxima... te acompanhem nessa justa alegria... porque serás um daqueles agraciados pelas nossas autoridades supremas...

— O' minha grande amiga, ninguém póde esperar a vossa morte, mesmo porque não poderemos prescindir da preciosa contribuição da vossa vida; mas, já que cuidamos de reparar o meu êrro grave no passado doloroso, esperarei mais uma semana para levar ao espírito de Lívia a expressão do meu reconhecimento, da minha gratidão e do meu profundo amor. Irei a essa festa, a realizar-se, sob os auspícios de Séneca, que tudo tem feito por dissimular a penosa impressão causada pela

conduta cruél do Imperador, seu antigo discípulo. Depois de receber a corôa da suprema vitória de minha vida pública, trarei todas as conderações aos pés de Lívia, como um preito justo á sua angustiada existência de penosos sacrifícios domésticos... Ajoelhar-me-ei ante a sua figura santificada e, retirando da minha fronte a auréola do Império, deporei as flôres simbólicas a seus pés, que beijarei humildemente com o meu arrependimento e as minhas lágrimas, traduzindo-lhe gratidão e amor infindos!...

— Generosa idéia, meu filho — exclamou a enfêrma, sensibilizada — e peço-te que a executes... no momento oportuno. E, no instante... em que testemunhares á Lívia o teu amor supremo... dize-lhe que me perdôe... porque eu chorarei de alegria... vendo ambos felizes... lá das sombras tranquilas do meu sepulcro...

Ambos choravam, comovidos, silenciosamente.

Em dado instante, a velha doente apertou as mãos do amigo, como a dizer-lhe um supremo adeus. Calpurnia fixou nêle os grandes olhos claros — a desprenderem irradiações misteriosas e, com lágrimas de emoção inexprimível, exclamou comovidamente:

— Públio... peço... não te esqueças... do prometido... Ajoelha-te aos pés de Lívia... como aos de uma deusa... de renúncia e de bondade... Não te importe... a minha partida dêste mundo... Vai á festa do Senado... reparemos... a nossa falta grave... e agora, meu amigo... um último pedido... Vela por meus filhos... como se fôssem teus... Ensina-lhes ainda a honradez... a fortaleza... a sinceridade e o bem... Um dia... todos nós... nos reuniremos... na eternidade...

Públio Lentulus apertou-lhe as mãos, sensibilizado, ajeitando-lhe a cabeça encanecida nas sedosas almofadas, enquanto a emoção lhe embargava a voz, sufocada em pranto.

Havia muito que a enfêrma era atacada, subitamente, de periódicas e prolongadas dispnéias.

O senador abriu as portas do largo aposento onde Lívia acorreu, pressurosa, como enfermeira de todos os

instantes, enquanto Flávia e algumas servas acudiam com unguentos e outras panacéias da medicina do tempo.

Calpurnia, porém, parecia atacada pelas últimas aflições que a levariam ao túmulo. Por vinte e quatro horas consecutivas, o peito arfou sibilante, como se a caixa toráxica estivesse prestes a rebentar sob o impulso de uma fôrça indomável e misteriosa.

Ao fim de um dia e uma noite de azáfama e angústias, a doente parecia haver experimentado ligeira melhora. A respiração fazia-se menos penosa e os olhos revelavam grande serenidade, embora todo o corpo estivesse salteado de manchas azuladas e violáceas, prenunciando a morte. Apenas a afonia continuava mas, em dado instante, fez um gesto com a mão, chamando Lívia á cabeceira, com a terna familiaridade dos antigos tempos. A espôsa do senador atendeu ao apêlo silencioso, ajoelhando-se, com os olhos cheios de lágrimas e conpreendendo, pela intuição espiritual, que era chegado o instante doloroso da despedida. Via-se que Calpurnia desejava falar, inutilmente. Foi então que cingiu Lívia, amorosamente contra o peito, osculando-lhe os cabelos e a fronte num esfôrço supremo e, colando os lábios ao seu ouvido, balbuciou com infinita ternura: — Lívia, perdôa-me! Sómente a interpelada escutára o brando cicio da moribunda. Foram essas as derradeiras palavras de Calpurnia agonizante. Dir-se-ia que sua alma valorosa necessitava, tão sómente, daquele último apêlo para conseguir desvencilhar-se da Terra, elevando-se ao paraiso.

Abraçada á carinhosa amiga, a moribunda depôs novamente a cabeça nas almofadas, para sempre. Um suôr abundante transudava de todo o seu corpo, que se aquietou de leve para a suprema regidez cadavérica e daí a minutos seus olhos se fechavam, como se fôsse dormir um grande sono. A respiração foi-se extinguindo brandamente, enquanto uma lágrima pesada e branca lhe rolava nas faces enrugadas, como um raio divino da luz que lhe clarificava a noite do túmulo.

As portas do palácio abriram-se, então, para os tributos afetuosos da sociedade romana. As exéquias da

valorosa matrona, compareceu o que a cidade possuia de mais nobre e mais fino, em sua aristocracia espiritual, dado o elevado conceito em que eram tidas as peregrinas virtudes da morta.

Terminadas as cerimônias da incineração e guardadas as cinzas ilustres da nobre patrícia nas sombras do jazigo familiar, Flávia Lentulia assumiu a direção da casa, enquanto seus pais voltavam á residência do Aventino, para o necessário descanso.

Faltavam somente quatro dias para a realização das grandes festas, em que mais de uma centena de senadores receberia a auréola do supremo triúnfo na vida pública. Públio Lentulus, que seria um dos homenageados na festa memorável, não obstante o luto da família, aguardava o grande momento, com ansiedade. E' que, recebia a expressão suprema da vitória de um homem de Estado, leva-la-ia aos pés da espôsa, como um símbolo perene do seu aféto e do seu reconhecimento da vida inteira. No seu íntimo, arquitetava a maneira mais doce de se dirigir novamente á companheira, no timbre caricioso e suave que a sua voz havia perdido ha vinte e cinco anos e, verificando a continuidade do seu amor, cada vez mais profundo, pela espôsa, esperava ansiosamente o instante da sua reintegração na felicidade doméstica.

De noite, naquelas horas longas que se passavam, enquanto o velho coração se preparava para as bênçãos da ventura conjugal, em breves dias, ia êle até ás proximidades dos apartamentos da espôsa, situados mui distante dos seus, naqueles prolongados anos de amarguras infindas.

Na ante-véspera das grandes festividades a que nos referimos, seriam vinte e três horas, quando a sua figura se postára em frente aos aposentos da companheira, antegozando o ditoso momento da penitência, que significava para êle uma alegria suprema.

Enquanto o pensamento se afundava nos abismos do passado longínquo, sua atenção espiritual foi repentinamente despertada pela melodia suave de uma voz de mulher, que cantava baixinho no silêncio da noite. O

senador aproximou-se, vagarosamente, da porta, colando o ouvido á escuta... Sim! Lívia cantava em voz apagada e mansa, qual uma cotovia abandonada, fazendo soar levemente as cordas harmoniosas de uma lira de suas lembranças mais queridas. Públio chorava comovido, ouvindo-lhe as notas argentinas que se abafavam no ambiente restrito do quarto, como se Lívia estivesse cantando para ela própria, adormentando o coração humilde e desprezado, para encher de consôlo as horas tristes e desertas da noite. Era a mesma composição das musas do espôso, que se lhe escapava dos lábios naquele instante em que a voz tinha tonalidades estranhas e maravilhosas, de indefinível melancolia, como se tôdo o seu canto fôsse mais o lamento doloroso de um rouxinol apunhalado:

"Alma gêmea da minha alma,
Flôr de luz da minha vida,
Sublime estrêla caída
Das belezas da amplidão!...
Quando eu errava no mundo,
Triste e só, no meu caminho,
Chegaste devarinho
E encheste-me o coração.

Vinhas na bênção dos deuses,
Na divina claridade,
Tecer-me a felicidade
Em sorrisos de esplendor!...
És meu tesouro infinito,
Juro-te eterna aliança,
Porque eu sou tua esperança,
Como és tôdo o meu amor!

Alma gêmea da minhalma,
Se eu te perder, algum dia,
Serei a escura agonia
Da saudade nos seus véus...
Se um dia me abandonares,
Luz terna dos meus amores,
Hei de esperar-te, entre as flôres
Da claridade dos céus..."

Daí a minutos, a voz harmoniosa calava, como se fôra obrigada a um divino estacato. O senador retirou-se, então, com os olhos mareados de lágrimas, refletindo consigo mesmo: — Sim, Lívia, de hoje a dois dias hei de provar-te que fôste sempre a luz da minha vida inteira... Beijarei teus pés com a minha humildade agradecida e saberei entornar no teu coração o perfume do meu arrependimento...

Penetrando no aposento de Lívia, vamos encontrá-la genuflexa, depois de haver deposto a lira das suas recordações sôbre um móvel predileto. Ajoelhára-se, como sempre, frente á cruz de Simeão que, nêsse dia, mostrava a seus olhos espirituais uma claridade mais intensa.

No curso de suas preces, ouviu a palavra do amigo invisível, cuja tonalidade profunda parecia gravar-se, para sempre, no imo da sua conciência: — Filha — exclamava a voz amiga do plano espiritual — regosija-te no Senhor, porque são chegadas as vésperas da tua ventura eterna e imorredoura! Eleva teu pensamento humilde a Jesús, porque não está longe o instante ditoso da tua gloriosa entrada no seu Reino!...

Lívia deixou transparecer no olhar uma atitude de alegria e surpresa, mas, cheia de confiança e fé na providência divina, guardou o confôrto daquelas palavras sacrossantas nos refolhos mais íntimos do coração.

V

NAS CATACUMBAS DA FÉ E NO CIRCO DO MARTÍRIO

No dia imediato á cena que acabamos de descrever, vamos encontrar, juntas, as duas amigas diletas que, longe de serem a senhora e a serva, eram duas almas unidas pelos mesmos ideais, ligadas pelos élos mais santos do coração.

Ana acabava de chegar á casa, depois de cumprir algumas obrigações no Forum Olitorium (1), quando, encontrando Lívia mais a sós, lhe explicou confidencialmente:

— Senhora, hoje á noite uma nova voz se levantará no santuário das catacumbas, para as pregações da nossa fé. Amigos nossos me avisaram, esta manhã, que, já ha alguns dias, se encontra na cidade um emissário da igreja de Antióquia, chamado João de Cleofas, portador de significativas revelações para nós outros, os cristãos desta cidade...

Lívia deixou transparecer um clarão de íntimo contentamento nos olhos, exclamando:

— Ah sim... havemos de ir hoje ás catacumbas. Tenho necessidade de comungar com os nossos irmãos de crença, nas mesmas vibrações da nossa fé! Além disso, preciso agradecer ao Senhor a misericórdia das suas graças imensas!...

E, elevando um pouco a voz como se desejasse comunicar á amiga o santo júbilo de suas esperanças mais íntimas, exclamou com um terno sorriso a lhe irradiar do semblante calmo:

— Ana, desde a morte de Calpurnia, noto que Públio está mais sereno e mais esclarecido... Nêstes últimos dias, tem-me dirigido a palavra com a ternura de outros tempos, havendo-me afirmado, ainda ontem, que seu coração me reserva uma doce surpresa para amanhã, depois da sua vitória suprema na vida pública. Sinto que é muito tarde para que seja novamente feliz nêste mundo, mas, em suma, estou intimamente satisfeita, porque nunca desejei morrer em desharmonia com o companheiro que Deus me concedeu para as lutas e alegrias da vida. Acredito que nunca me perdoará o crime de infidelidade que julga haver eu praticado ha vinte e cinco anos, mas choro de contentamento, ao reconhecer que Públio me sente redimida, ante a severidade de seus olhos!...

---

(1) Mercado de legumes. — Nota de Emmanuel.

E chorava, comovida, enquanto a velha criada lhe afiançava com ternura:

— Sim, minha senhora, talvez tenha êle reconhecido as suas abnegações santificantes no lar, nêstes longos anos de sacrifícios abençoados.

— Agradeço a Jesús tamanha misericórdia — revidou Lívia sensibilizada. Suponho mesmo que não estou longe de partir para o mundo das realidades celestes, onde todos os sofredores hão de ser consolados...

E, depois de ligeira pausa, continuou:

— Ainda ontem, quando orava junto á cruz singela, lá no quarto, ouvi uma voz que me anunciava o Reino de Jesús para muito breve.

Ouvindo-a, Ana lembrou-se subitamente de Simeão e das horas que antecederam os seus sacrifícios, mergulhando-se em dolorosas cismas. Suas recordações remontavam ao passado longínquo, quando a voz de Lívia novamente a despertou nêstes termos:

— Ana — dizia com as heróicas decisões da sua fé — não sei como serei chamada pelo Messias, mas, na hipótese da minha breve partida, peço-te continuares nesta casa, no teu apostolado de trabalho e sacrifício, porque Jesús ha de abençoar-te os labores santificantes.

A antiga serva dos Lentulus queria dar novo rumo á conversação pungente e exclamou com a serenidade criteriosa que lhe conhecemos:

— Senhora, sabe Deus qual de nós partirá primeiro. Esqueçamos, hoje, êste assunto para pensar tão somente nas suas santificadas alegrias.

E como para encerrar a angustiada impressão daquela palestra íntima, rematou perguntando, confidencialmente:

— Então, iremos hoje, de fato, ás catacumbas?

— Sim. Fica combinado. A' noitinha, partiremos para as nossas orações e carinhosas lembranças do Messias Nazareno. Tenho necessidade dêsse desafôgo espiritual, após os longos mêses que estive retida junto da minha nobre Calpurnia; além disso, desejo pedir aos nossos irmãos que orem comigo por ela, testemunhando

ao mesmo tempo, ao Senhor, meu sincero agradecimento pelas suas graças divinas...

— Ao partirmos, peço-te me avives a memória, pois quero levar ao novo apóstolo uma espórtula destinada á igreja de Antióquia.

Se amanhã Públio vai receber o supremo galardão do homem do mundo, quero rogar a Jesús não lhe abandone o coração intrépido e generoso, para que as vaidades da Terra não o inibam de buscar, algum dia, o reino maravilhoso do céu!

Assim entendidas, separaram-se na azáfama dos mistéres domésticos. E enquanto o senador, durante todo o dia, tomava providências numerosas para que nada faltasse ao brilho pessoal do seu grande triunfo no dia imediato, Lívia passava as horas de alma voltada para o Cristo, em preces fervorosas.

A' noitinha, consoante combinaram, lá se foram á secreta reunião das práticas primitivas do Cristianismo.

Todos os servos graduados do palácio viram-nas sair, sem preocupação nem surpresa. Em tôdo o longo período da moléstia de Calpurnia, Lívia e Ana nunca mais haviam fixado a sua presença no interior do lar e não seria de estranhar que ambas houvessem deliberado buscar a residência dos Severus, naquela noite, de onde, possivelmente, não voltariam senão no dia seguinte, depois de confortarem o espírito abatido de Flávia, no desdobramento de seus fadigosos encargos domésticos.

Foi assim que as horas passaram, tranquilas e descuidadas; e quando o senador se aproximou dos aposentos da espôsa, antegozando as profundas alegrias esperadas para o dia seguinte, presumiu no pesado silêncio alí reinante, a significação do seu calmo repouso, nas asas leves e cariciosas do sono. Imaginando que Lívia descansava na paz soberana da noite, Públio Lentulus recolheu-se ao seu gabinete particular, com o cérebro broslado de radiosas esperanças, no propósito de se penitenciar de todos os seus êrros do passado.

Lívia, porém, em companhia de Ana, aproveitara-se das primeiras sombras da noite para atingir as catacumbas.

Passava das dezenove horas, quando ambas se ocultavam entre as pedras abandonadas que davam acesso aos subterrâneos, onde se amontoava a velha poeira dos mortos.

Num vasto espaço abobadado, que servia outrora ás assembléias das cooperativas funerárias, reunia-se grande número de pessôas em tôrno da figura simpática e generosa do culto pregador, que chegára da Síria distante. A um canto, erguia-se improvisada tribuna, para onde, daí a minutos, subia João de Creófas, dentro do halo de doçura que lhe aureolava a singular individualidade.

O apóstolo de Antióquia trazia á cabeça os primeiros cabelos brancos e toda a sua figura estava saturada de um forte magnetismo pessoal, que ligava intimamente a sua personalidade a quantos se lhe aproximavam, levados pela doce afinidade da crença e dos sentimentos profundos.

Todos os presentes pareciam empolgados pela sua palavra sedutora e impressionante, que se fez ouvir por quasi duas horas sucessivas, caíndo no coração do auditório como um orvalho sublime da eloquência celeste. Seus conceitos elevados, suas proféticas observações, ressoavam pelas arcadas silenciosas e sombrias, fracamente iluminadas pela claridade de algumas tochas.

De fato, a assembléia tinha razão de se eletrizar com aquele doloroso e sublime profetismo, porque João de Cleófas, pronunciava a sua profunda alocução, mais ou menos nêstes termos:

— Irmãos, seja convôsco a paz do Cordeiro de Deus, Nosso Senhor Jesús Cristo, na intimidade de vossa consciência e no santuário do vosso coração!...

O santo patriarca de Antióquia, nas suas preces e meditações de cada dia, recebeu numerosas revelações do Messias, ordenando a vinda de um mensageiro ao ambiente de vossos trabalhos na capital do mundo, afim-de anunciar-vos grandes cousas...

Pelas santas revelações do Espírito Santo, os cristãos desta cidade impiedosa foram escolhidos pelo Cordeiro para o grande sacrifício. E eu vos venho anunciar

nossa breve entrada no Reino de Jesús, em nome dos seus apóstolos bem amados!...

Sim, porque aquí, onde todas as glórias divinas foram escarnecidas e humilhadas pela impenitência das criaturas, se hão de travar os primeiros grandes embates das fôrças do bem e do mal, preludiando o estabelecimento definitivo, no mundo, da divina e eterna mensagem do Evangelho do Senhor!

Na última reunião geral dos crentes de Antióquia, manifestaram-se as vozes do céu, em línguas de fogo, como aconteceu nos dias gloriosos do cenáculo dos apóstolos, depois da divina ressurreição do nosso Salvador; e o vosso servo aquí presente foi escolhido para emissário dessas notícias confortadoras, porque as vozes celestes nos prometem o Reino do Senhor, em breves dias...

Amados, acredito que estamos em vésperas dos mais atrozes testemunhos da nossa fé, pelos sofrimentos remissores, mas a cruz do Calvário deverá iluminar a penosa noite dos nossos padecimentos...

Eu também tive a felicidade de ouvir a palavra do Senhor, nas horas derradeiras da sua dolorosa agonia, á face dêste mundo. E que pedia êle, meus queridos, senão o perdão infinito do Pai para os algozes implacáveis que o atormentavam? Sim, não duvidemos das revelações do céu... Verdugos inflexíveis rondam nossos passos e eu vos trago a mensagem do amor e da fortaleza em Nosso Senhor Jesús Cristo!

Roma batizará sua nova fé com o sangue dos justos e dos inocentes; mas, também importa considerar que o Cordeiro imáculo de Deus Todo Poderoso se imolou no madeiro infamante, para resgatar os pecados e aviltamentos do mundo!...

Andaremos, talvez, nestas vias suntuosas, como em novas ruas de uma Jerusalém apodrecida, cheia de desolação e de amargura... Clamam as vozes celestes que, aquí, seremos desprezados, humilhados, vilipendiados e vencidos; mas, a vitória suprema do Senhor nos espera além das palmas espinhosas do martírio, nas claridades doces do seu reino, inacessível ao sofrimento e á morte!...

Lavaremos com o nosso sangue e as nossas lágrimas

a iniquidade dêstes mármores preciosos, mas, um dia, irmãos meus, toda esta Babilônia de inquietação e do pecado ruirá, fragorosamente, ao pêso de suas misérias ignóbeis... Um furacão destruidor derrubará os falsos ídolos e confundirá as pretensiosas mentiras dos seus altares... Tormentas dolorosas do extermínio e do tempo farão chover sôbre êste Império poderoso as ruínas da pobreza e do mais triste esquecimento... Os circos da impiedade hão de desaparecer sob um punhado de cinzas, o Fôrum e o Senado dos impenitentes hão de ser confundidos pela suprema justiça divina, e os guerreiros orgulhosos desta cidade pecadora rastejarão um dia, como vermes, pelas margens do mesmo Tibre que lhes carreia a iniquidade!...

Então, novos Jeremias hão de chorar sôbre os mármores, á piedosa luz da noite... Os suntuosos palácios destas colinas soberbas e donosas cairão em penoso torvelhinho de assombros e, sôbre os seus monumentos de orgulho, de egoísmo e vaidade, gemerão os ventos tristes das noites silenciosas e desertas...

Felizes todos aqueles que chorarem agora, por amor ao Divino Mestre; venturosos todos os que derramarem seu sangue pelas sublimes verdades do Cordeiro, porque no céu existem as moradas divinas para os bem-aventurados de Jesús...

Falava a voz suave e terrível do emissário da igreja de Antióquia e suas palavras ressoavam no profundo silêncio das obóbadas ermas.

Cerca de duas centenas de pessôas alí se encontravam, ouvindo-o atentamente.

Quasi todos os cristãos presentes choravam, embevecidos. No íntimo das almas, pairava uma exaltação suave e mística, fazendo-lhes sentir as doces emoções de todos aqueles apóstolos anônimos, que tombaram nas arenas ignominiosas dos circos, para cimentar com sangue e lágrimas a edificação da nova fé.

Depois das profecias singulares e dolorosas, que encheram todos os olhares de clarões indefiníveis de alegria interior, na antevisão do glorioso Reino de Jesús, João foi consultado por numerosos confrades a respeito

desenvolvimento da nova doutrina, tal como acontecia de vários assuntos de interêsse geral para a marcha e nas primitivas assembléias do Cristianismo nascente, e a todos atendia com as mais francas expressões de bondade fraterna.

Interpelado por dos presentes quanto ao motivo de sua alegria radiosa, quando as revelações do Espírito Santo anunciavam tão grandes provações e tantos padecimentos, o generoso emissário respondeu com sublimado otimismo:

— Sim, meus amigos, não podemos esperar senão o sagrado cumprimento das profecias anunciadas, mas devemos considerar com júbilo que, se Jesús permite aos ímpios a realização de monumentos maravilhosos, como os desta cidade suntuosa e apodrecida, que não reservará êle, na sua infinita misericórdia, aos homens bons e justos, nas claridades do seu Reino?

Aquelas respostas consoladoras caíam na alma da numerosa assembléia, como um bálsamo dulcificante.

Palavras de amor e saudações afetuosas eram trocadas entre todos, com as mais doces demonstrações de júbilo e fraternidade.

Lívia e Ana tinham um clarão de alegria íntima a lhes brilhar nos olhos calmos.

Ao fim da reunião, todos se levantaram para as preces singelas e espontâneas das primitivas lições do Cristianismo em suas fontes puras.

A voz do emissário de Antióquia ainda uma vez, se fez ouvir, brilhante e clara:

"Pai Nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino de misericórdia, seja feita a vossa vontade, assim na Terra, como nos Céus..."

Todavia, nêsse instante, a palavra meiga e comovedora foi abafada por sinistro tinir de armaduras.

— E' aquí, Luculo!... — gritava a voz estentórica do centurião Clódio Varrus, que, avançava para a massa atônita dos cristãos indefesos, constituida na sua maioria de mulheres, com os seus numerosos pretorianos.

Alguns crentes mais exaltados começaram então a

apagar as tochas, provocando as trevas para a confusão e o tumulto, mas João de Cleófas descera da tribuna com a sua figura radiosa e impressionante.

— Irmãos — gritou com voz estranha e vibrante no seu apêlo, como que saturado de extraordinário magnetismo — recomendou o Senhor que jamais colocássemos a luz sob o alqueire! Não apagueis a claridade que deve iluminar o nosso exemplo de coragem e de fé!...

A êsse tempo, os dois centuriões presentes já haviam articulado as suas fôrças, em comum, organizando os cincoenta homens que tinham vindo, sob suas ordens, para a hipótese de uma resistência.

Viu-se, então, o apóstolo de Antióquia caminhar com desassombro, sob o pasmo silencioso dos presentes, dirigindo-se a Luculo Quintilius, estendendo-lhe os braços pacificamente e solicitando com empenho:

— Centurião, cumpre a tua tarefa sem receio, porque eu não vim á Roma senão para as glórias do sacrifício.

O preposto do Império não se comoveu com essas palavras e, depois de brandir sôbre o rosto do missionário os copos de sua espada, em dois tempos amarrou-lhe os braços, impossibilitando-lhe os movimentos.

Dois jóvens crentes, dando largas ao seu temperamento ardoroso e sincero, revoltados com a crueldade, desembainharam as armas, que reluziram á claridade pálida daquele interior de penumbra, avançando para os soldados num gesto supremo de defesa e resistência, mas João de Cleófas advertiu ainda uma vez, com a sua palavra magnética e profunda:

— Meus filhos — não repitais nêste recinto a cena dolorosa da prisão do Messias. Lembrai-vos de Malcus e guardai a vossa espada na baínha, porque os que ferem com o ferro com o ferro serão feridos...

Houve, então, na assembléia um movimento de quietude e de assombro. A coragem serena e destemida do apóstolo contagiara todos os corações.

Nos grandes momentos da vida, ha sempre uma vibração espiritual que flue doutros mundos, para confôrto dos míseros viajores da jornada terrestre.

Observou-se, dêsse modo, o inaudito e inesperado. Todos os presentes imitaram o apóstolo valoroso, entregando os braços inermes para o sacrifício.

No seu doloroso momento, Lívia enchera-se de uma coragem que nunca havia possuido. Diante da sua figura nobre e da sua indumentária de patrícia detiveram-se, longamente, os òlhares significativos dos verdugos. Naquela assembléia, era ela a única mulher que ostentava as insígnias do patriciado romano.

Clódio Varrus cumpriu sua tarefa, algo respeitoso e, daí a minutos, a pesada caravana estava a caminho da prisão, dentro das sombras espessas da meia noite.

O carcere onde os cristãos iam passar tantas horas ao relento, em angustiosa promiscuidade, que, de algum modo, representava para êles um suave consôlo, ficava anexo ao grande circo, sôbre cujas proporções gigantescas somos obrigados a deter nossas vistas, dando ao leitor uma fraca idéia da sua grandeza.

O Circo Máximo ficava situado justamente no vale que separa o Palatino do Aventino; erguendo-se, alí, como uma das mais belas maravilhas da cidade invicta. Edificado nos primórdios da organização romana, suas proporções grandiosas se haviam desenvolvido com a cidade e, ao tempo de Domício Nero, tão grandiosa era a sua extensão, que ocupava 2190 pés de comprimento, por 960 de largura, terminando em semi-círculo, com capacidade para trezentos mil espectadores comodamente instalados. De ambos os lados, corriam duas ordens de pórticos, superpostos, ornados de colunas preciosas e coroadas de terraços confortáveis. Naquele luxo de construções e demasia de ornamentos, viam-se tascas numerosas e inúmeros lugares de devassidão, á cuja sombra dormiam os miseráveis e repousava a maioria do povo, embriagado e amolecido nos prazeres mais hediondos. Seis tôrres quadradas, denotando as mais avançadas expressões de bom gôsto da arquitetura da época, dominavam os terraços, servindo de camarotes luxuosos ás personalidades mais distintas, nos espetáculos de grande gala. Largos bancos de pedra, dispostos em anfiteatro, corriam por três lados, localizando-se, em

seguida, em linha réta, o espaço ocupado pelos Cárceres, de onde saíam os cavalos e carros, bem como escravos e prisioneiros, féras e gladiadores, para os divertimentos preferidos da sociedade romana. Sôbre os Cárceres, erguia-se o suntuoso pavilhão do Imperador, de onde as mais altas autoridades e áulicos da côrte acompanhavam o César nos seus entretenimentos. Todo o circo era dividido por uma muralha de seis pés de altura por doze de largura, erguendo-se sôbre ela altares e estátuas preciosas, que ostentavam bronzes finos e dourados. Bem no centro dessa muralha, imprimindo um traço majestoso de grandeza ao ambiente, levantava-se, a uma altura de cento e vinte pés, o famoso obelisco de Augusto, dominando a arena colorida de vermelhão e de verde, dando a impressão de uma relva deliciosa, que se tingisse subitamente de flôres de sangue.

Os míseros prisioneiros daquela caçada humana foram atirados a uma larga dependência dos Cárceres, nas primeiras horas da madrugada.

Os soldados os despojaram, um a um, dos objetos de valor, ou das pequenas importâncias em dinheiro que traziam consigo. As próprias senhoras não escaparam ao esbulho humilhante, sendo roubadas nas suas jóias mais preciosas. Apenas Lívia, pelo respeito que inspiravam suas vestes, foi poupada ao exame infamante.

Num gabinete privado, Clódio Varrus dava ciência ao seu superior, Cornélio Rufus, do êxito da diligência que lhe fôra cometida aquela noite.

— Sim — exclamava Cornélio satisfeito — pelo que vejo, a festa de amanhã correrá a inteiro contento do Imperador. Essa primeira caçada de cristãs era essencial ao glorioso feito das grandes homenagens aos senadores.

— Mas, escuta — continuava êle mais discretamente, referindo-se á Lívia — quem é essa mulher que trás a toga das matronas da mais alta classe social?

— Ignoro — respondeu o centurião assás pensativo. — Aliás, muito me admirei de encontrá-la em tal ambiente, mas, cumprí severamente as vossas ordens.

— Fizeste bem.

Todavia, como se estivesse adotando intimamente

uma providência nova, Cornélio Rufus sentenciou:

— Deixá-la-emos aquí até amanhã, no momento do espetáculo, quando, então, poderá ser posta em liberdade.

— E por que não a libertarmos desde já?

— Ela poderia, na sua condição de nobreza, provocar algum movimento de protesto contra a decisão de César e isso nos colocaria em péssima situação. E como essas miseráveis criaturas serão atiradas ás féras, na qualidade de escravos e condenados á última pena, nos derradeiros divertimentos da tarde, não convém nos comprometermos perante a sua família. Retendo-a aquí, satisfazemos os caphichos de Nero e soltando-a, em seguida, não nos incompatibilizaremos com os que gozam dos favores da situação.

— E' verdade, essa é a solução mais razoável. Contudo, por que motivo essas criaturas serão condenadas como escravos, quando deveriam morrer como cristãos, pois tão somente essa é a causa de sua justa condenação? A razão de sua morte não está na humilhante doutrina que professam?

— Sim, mas temos de ponderar que o Imperador não se sente ainda com bastante fôrça para enfrentar a opinião dos senadores, dos edís e de várias outras autoridades, que, certamente, desejariam advogar a causa dêstes infelizes, em seu próprio desprestígio e no de seus mais íntimos conselheiros... Mas, não duvido de que essa perseguição aos adeptos da odiosa doutrina do Crucificado será oficializada em breves dias (1), tão logo os poderes imperiais estejam mais fortemente centralizados.

---

(1) A maioria dos historiadores do Império Romano assinala as primeiras perseguições ao Cristianismo somente no ano de 64; entretanto, desde 58 alguns dos favoritos de Nero conseguiram iniciar o criminoso movimento, salientando-se que os cristãos da época, antes do grande incêndio da cidade, eram levados aos sacrifícios, na qualidade de escravos misérrimos, para divertimento do povo. — "Nota de Emmanuel".

Esperemos, pois, mais algum tempo e, até lá fortifiquemos o prestígio de Nero, porque o detentor do poder deve representar sempre o melhor dos amigos.

Enquanto isso ocorria, todos os cristãos se dividiam em grupos, no interior do cárcere, trocando as mais íntimas impressões acêrca-do angustioso transe.

Em dado momento, todavia, abriu-se uma porta, por onde surgiu a figura detestável de Clódio, exclamando, ironicamente:

— Cristãos, não ha clemência de César para os que professam as perigosas doutrinas do Nazareno. Se tendes alguns negócios materiais a resolver, lembrai-vos de que é muito tarde, porquanto poucas horas vos separam das féras da arena do circo.

Novamente, a pesada porta se fechou sôbre a sua figura, enquanto os míseros condenados se surpreendiam amargamente com a notícia inquietante e dolorosa.

Através das grades reforçadas, podiam observar os movimentos dos numerosos soldados que os guardavam, dando guarida, nos primeiros instantes, ás mais angustiosas conjeturas. Depressa, porém, voltara-lhes a calma e os prisioneiros se aquietaram com humildade. Alguns faziam preces fervorosas, enquanto outros trocavam pensamentos em voz baixa.

Os carcereiros não tardaram a separar as mulheres, instalando-as em dependência contígua, onde cada grupo de crentes ficou de alma voltada para Jesús, nos instantes supremos em que aguardavam a morte.

De manhãzinha, mal o sol havia surgido de todo nas amplitudes do formoso firmamento romano, vamos encontrar Ana e Lívia em conversação quasi serena, a sós, numa espécie de biombo dos muito existentes na espaçosa sala reservada ás mulheres, enquanto numerosas companheiras aparentavam descansar, estremunhadas.

— Senhora — exclamava a serva algo preocupada — noto que vos tratam aquí com simpatia e deferência. Por que não pleiteardes imediatamente a vossa liberdade? Não sabemos o que de sinistro e terrível nos ocorrerá nas horas penosas dêste dia!...

— Não, minha boa Ana — respondeu Lívia, tran-

quila — deves ficar certa que minhalma está convenientemente preparada para o sacrifício. E ainda que me não sentisse conformada, não deverias apresentar-me semelhante alvitre, porque Jesús, sendo embora o mestre de todos os mestres e Senhor do reino dos céus, não pleiteou sua liberdade junto aos algozes que o atormentavam e oprimiam. . .

— Isso é verdade, senhora. Mas, acredito que Jesús saberia compreender o vosso gesto, porque tendes ainda um espôso e uma filha. . . — acentuou a velha empregada, como a lhe recordar as obrigações humanas.

— Um espôso? — retrucou a nobre matrona com heróica serenidade. — Sim, agradeço a Deus a paz que me concedeu, permitindo que Públio me demonstrasse a sua contrição nêstes últimos dias. Para mim, só essa tranquilidade era essencial e necessária, porque o espôso, na sua feição humana, eu o perdi ha longos vinte e cinco anos. . . Debalde sacrifiquei todos os impulsos de minha mocidade para lhe provar o meu amor e a minha inocência, em contraposição á calúnia com que humilharam meu nome. Por um quarto de século tenho vivido com as minhas orações e as minhas lágrimas. . . Angustiosa tem sido a minha saudade e dolorosissimo o triste degrêdo espiritual a que fui relegada, no plano dos meus afétos mais puros.

Não creio possa reviver para mim, no coração do velho companheiro, a confiança antiga, cheia de felicidade e ternura. . .

Quanto á filha, entreguei-a a Jesús, desde os dias de sua infância, quando me vi obrigada á terrível separação do seu afêto. Afastada de sua alma por imposição de Públio, tive de sufocar os mais doces entusiasmos do coração materno. Sabe o Senhor de minhas ansiosas angústias, nas noites silenciosas e tristes em que lhe confiava meus amargurosos padecimentos. Além disso, Flávia tem hoje um marido que procurou isolá-la ainda mais do meu pobre espírito, receoso da minha fé, qualificada por todos de demência. . .

E, depois de ligeira pausa, na sua confidência dolorosa, acentuou com serena tristeza:

— Para mim, não pode haver o reflorescimento das esperanças aquí na Terra... Só aspiro, agora, morrer em paz confortadora com a minha conciência.

— Mas, senhora — retornou a criada com veemência — hoje é o dia do maior triunfo do vosso espôso.

— Não me esquecí dessa circunstância. Faz, porém, vinte e cinco anos que Públio segue rumo opôsto ao meu caminho e não será demais que, buscando êle hoje a suprema recompensa do mundo, como vitória final dos seus desejos, busque eu também não a vitória do céu, que não merecí, mas a possibilidade de mostrar ao Senhor a sinceridade da minha fé, ansiosa pelas bênçãos lucificantes da sua infinita misericórdia.

Depois, minha querida Ana, é muito grato ao coração sonhar com o seu reino santificado e misericordioso... Vermos, de novo[a] as mãos suaves do Messias abençoando-nos o espírito, com os seus gestos amplos de caridade e de ternura!...

Lívia tinha um clarão divino nos olhos, que se molhavam de lágrimas espontâneas, como se houvesse caído sôbre o seu coração o orvalho divino do paraiso.

Via-se, claramente, que suas idéias não estavam na Terra, mas, sim, flutuando num mundo de radiosidades suavíssimas, cheio de recordações carinhosas do passado e saturado de ternas esperanças no amor de Jesús Cristo.

— Sim — continuava falando como se fôra tão somente para a sua própria alma, na intimidade do coração — ultimamente, muito me tenho lembrado do Divino Mestre e de suas palavras inesquecíveis... Naquela tarde inolvidável de suas pregações, ainda era crepusculo e o céu estava recamado de estrêlas, como se as luzes do firmamento desejassem também ouví-lo... As ondas do Tiberíades, que se apresentavam, frequentemente, tão rumorosas ao fustigo do vento, vinham, silenciosas, desfazer-se num leque de espumas, de encontro ás barcas da praia, numa doce expressão de respeito, quando se faziam ouvir na paisagem os seus divinos ensinamentos! Tudo se aquietava de manso; era de ver-se o sorriso carinhoso das criancinhas, á claridade terna dos seus olhos de pastor dos homens e da natureza...

Nos meus anseios, minha boa Ana, desejava adotar todos aqueles petizes maltrapilhos e famintos, que surgiam nas assembléias populares de Cafarnaum; mas, meu propósito materno de amparar aquelas mulheres desprezadas e aquelas crianças andrajosas, que viviam ao desamparo, não podia realizar-se nêste mundo... Todavia, suponho que hei de realizar os ideais de minha alma, se Jesús me acolher nas claridades do seu Reino...

A velha serva chorava emocionada, ouvindo estas expansões carinhosas e comovedoras.

Depois de longa pausa, continuou como se desejasse bem aproveitar as derradeiras horas:

— Ana — disse com enérgica tranquilidade — ambas fomos chamadas ao testemunho sagrado da fé, nas horas que passam e que devem ser gloriosas para o nosso espírito. Perdôa-me, querida, se algum dia te ofendí o coração com alguma palavra menos digna. Antes que Simeão te entregasse á minha guarda, já eu te amava ternamente, como se fôras minha irmã ou minha própria filha!...

A serva chorava constrangida, enquanto Lívia, carinhosa, continuava:

— Agora, querida, tenho um derradeiro pedido a fazer-te...

— Dizei, senhora — sussurrou a serva com os olhos rasos de lágrimas — antes de tudo, sou vossa escrava.

— Ana, se é verdade que temos de testemunhar ainda hoje a nossa fé, eu desejava comparecer ao sacrifício como aquelas criaturas desamparadas, que ouviam as consolações divinas junto do Tiberíades. Se puderes atender-me, troca hoje comigo a toga da senhora pela túnica da serva! Desejava participar do sacrifício com as vestes humildes e pobres da plebe, não porque me sinta humilhada perante as pessôas da minha condição, no momento ditoso do testemunho, mas porque, arrancando para sempre os derradeiros preconceitos do meu nascimento, daria á minha conciência cristã o confôrto do último áto de humildade... Eu, que nasci entre as púrpuras da nobreza, desejava buscar o Reino de Jesús com as vestiduras singelas dos que passaram pelo mundo

no torvelhinho doloroso das provações e dos trabalhos!...

— Senhora!... — obtemperou a serva, hesitante...

— Não vaciles, se queres proporcionar-me a satisfação derradeira.

Ana não pôde recusar, ante os piedosos propósitos da generosa criatura e, num instante, na penumbra daquele improvisado recanto que as isolava das demais companheiras, trocaram a toga e a túnica, que eram tão somente uma espécie de manto, sôbre a complicada indumentária da época, tendo Lívia adornado a toga de lã finíssima, agora no corpo da serva, com as jóias discretas que trazia usualmente consigo. Depois de entregar-lhe dois anéis preciosos e um gracioso bracelete, apenas um adorno de valor lhe restava, mas Lívia, passando a mão pelo pescoço e acariciando um pequeno colar, com imensa ternura, exclamou com decisão para a companheira:

— Está bem, Ana, fica-me apenas êste pequeno colar, em que trago o camafeu com uma pequeno perfíl de Públio, em alto relêvo, e que é um presente dêle no dia longínquo das nossas núpcias. Morrerei com esta jóia, como se ela fôra um símbolo de união entre os meus dois amores, que são meu marido e Jesús Cristo...

Ana aceitou, sem protesto, todas as piedosas imposições da senhora e, em breves instantes, na sua antiga beleza virginal, o porte da serva humilde estava tocado de uma nobreza imponente, como se ela fôsse uma soberana figura de marfim antigo.

Para todos os prisioneiros, na terrível inquietação que os oprimia, embora as doces claridades interiores da prece que os integrava na preciosa coragem moral para o sacrifício, as horas do dia passavam pesadas e vagarosas. João de Cleófas, com o resignado heroismo do seu fervor religioso, conseguiu manter acêso o calor da fé em todos os corações, não faltaram os companheiros mais animosos que, na exaltação de sua confiança na Providência Divina, ensaiaram os próprios cânticos de glória espiritual para o instante supremo do martírio.

No palácio do Aventino, todos os domésticos mais íntimos acreditavam na permanência de Lívia em casa

da filha; mas, um pouco antes do meio dia, Flávia Lentulia veiu ter com o pai, afim-de beijá-lo antes do triunfo.

Informada pelo senador, quanto aos seus projetos de restabelecer a antiga felicidade doméstica, com as mais expressivas demonstrações públicas de confiança e de amor pela espôsa, com grande surpresa notou que a filha a procurava para as manifestações de sua justificada alegria.

Angustiosa interrogação se estampou, dêsse modo, em todos os semblantes.

Depois de vinte e cinco anos, era a primeira vez que Lívia e Ana se ausentavam de casa, de um dia para outro, provocando os mais justificados receios.

O senador sentiu o coração tocado de presságios angustiosos, mas os escravos já se encontravam preparados para conduzí-lo ao Senado, onde as primeiras cerimônias teriam início depois do meio dia, com a presença de César. Observando-lhe a aflição e os olhares ansiosos e inquietos, Flávia Lentulia buscou tranquilizá-lo com estas palavras, que dissimulavam as suas próprias aflições:

— Vai tranquilo, meu pai. Voltarei agora á casa, mas não me descuidarei das providências necessárias, porque, quando regressares, de tarde, com a auréola do triunfo, quero apertar-te com a mamãe, entre as flôres do vestíbulo, afim-de podermos ambas recebê-lo com as pétalas do nosso amor desvelado de todos os dias.

— Sim, filha — respondeu o senador, entre inquieto e angustiado — permitam os deuses que assim seja, porque as rosas do lar serão para mim as melhores recompensas!...

E, tomando a liteira, saudado por amigos numerosos que o esperavam, Públio Lentulus demandou o Senado, onde multidões entusiásticas esfusiavam de alegria, em sinal de agradecimento pela farta distribuição de trigo com que as autoridades romanas haviam comemorado aquele evento, aplaudindo os homenageados, com a gritaria ensurdecedora das grandes manifestações populares.

Da nobre casa política, onde os mais elegantes torneios de oratória foram proferidos para enaltecimento da personalidade do Imperador e antecedidos pela figura impressionante do César, que nunca desdenhou o fausto retumbante dos grandes espetáculos, na sua feição de antigo comediante, dirigiram-se os senadores para o famoso Templo de Júpiter, onde os homenageados receberiam a auréola de mirto e rosas, como os triunfadores, obedecendo-se á inspiração de Seneca, que tudo envidava por desfazer a penosa impressão do govêrno cruél do seu ex-discípulo, que, afinal, decretaria também a sua morte no ano 66. No Templo de Júpiter, o grande artista que era Domício Nero coroou a fronte de mais de cem senadores do Império, sob a bênção convencional dos sacerdotes, demorando-se as cerimônias na sua complicada feição religiosa, por algumas horas sucessivas. Somente depois das 15 horas, saía do templo, em direção ao Circo Máximo, o grosso e desmesurado cortejo. A compacta procissão, tocada de aspecto solene, poucas vezes observado em Roma nos séculos posteriores, dirigiu-se, primeiramente ao Fôrum, atravessado pela massa formidável de povo, com o máximo respeito.

Para esclarecimento dos leitores, passemos a dar pálida idéia do maravilhoso cortejo, de conformidade com as grandes cerimônias públicas da época.

Na frente, vai um carro soberba e magnificamente ornamentado, onde se instala molemente o Imperador, seguindo-se-lhe numerosos carros nos quais se aboletam os senadores homenageados, bem como os seus áulicos preferidos.

Domício Nero, junto de um dos favoritos mais caros, passa sobranceiro no seu traje vermelho de triunfador, com o luxo espalhafatoso que lhe caracterizava as atitudes.

Em seguida, numeroso grupo de jóvens de quinze anos passa, a cavalo e a pé, escoltando as carruagens de honra e abrindo a marcha.

Passam, depois, os cocheiros guiando as bigas, as quadrigas, os sejuges, que eram carros a dois, a quatro

e a seis cavalos, para as loucas emoções das corridas tradicionais.

Seguindo-se aos cocheiros, quasi em completa nudez, surgem os atletas, que farão os numeros de todos os grandes e pequenos jogos da tarde; após êles, vão os três coros clássicos de dansarinos, o primeiro constituido por adultos, o segundo por adolescentes insinuantes, e o terceiro por graciosas crianças, todos ostentando a túnica escalarte apertada com uma cinta de cobre, espadas ao lado e lanças na mão, salientando-se o capacete de bronze enfeitado de penachos e cocares, que lhes completam a indumentária extravagante. Êsses bailarinos passam seguidos pelos músicos, exibindo movimentos rítmicos e executando bailados guerreiros, ao som de harpas de marfim, flautas curtas e numerosos alaúdes.

Depois dos músicos, qual bando de sinistros histriões, surgem os Sátiros e os Silenos, personagens estranhos, que apresentavam máscaras horripilantes, cobertos de peles de bode, sob as quais faziam os gestos mais horrendos, provocando o riso frenético dos espectadores, com as suas contorções ridículas e estranhas. Sucedem-se novos grupos musicais, que se fazem acompanhar de vários ministros secundários do culto de Júpiter e outros deuses, levando nas mãos grandes recipientes á guisa de turíbulos de ouro e de prata, de onde espiralam inebriantes nuvens de incenso.

Seguindo os ministros, com adôrnos preciosos de ouro e pedras preciosas, passam as estátuas das numerosas divindades arrancadas, por um momento, dos seus templos suntuosos e sossegados. Cada estátua, na sua expressão simbólica, faz-se acompanhar de seus devotos ou dos seus variados colégios sacerdotais. Todas as imagens, em grande aparato, são conduzidas em carros de marfim ou de prata, puxados por cavalos imponentes, guiados delicadamente por meninos nobres de dez a doze anos, que tenham pai e mãe e escoltados, com atenção, pelos patrícios mais em evidência na grande cidade.

Era tudo um deslumbramento de corôas de ouro,

púrpuras, luxuosos tecidos do Oriente, metais brilhantes, cintilações raras de pedras preciosas.

Fecha o cortejo a última legião de sacerdotes e ministros do culto, seguindo-se-lhes a massa interminável do povo anônimo e desconhecido.

A formidável procisão penetra o Grande Circo com grande recolhimento, em observância ás mais elevadas solenidades. O silêncio é apenas cortado pelas aclamações parciais dos diferentes grupos de cidadãos, quando passa a estátua da divindade que lhes protege as atividades e a profissão, na vida comum.

Depois de um volteio solene pelo interior do circo, as silenciosas figuras de marfim são depostas sôbre a edícula, junto aos Cárceres, sob os fulgores radiosos do pavilhão do Imperador e onde se fazem as preces e sacrifícios de nobres e plebeus, enquanto César e seus áulicos em companhia dos políticos homenageados naquela tarde, fazem numerosas e extraordinárias libações.

Terminado o repasto, desaparece, igualmente, o silencioso recolhimento das multidões.

Começam, então, os jôgos sob os olhares ávidos de mais de trezentos mil espectadores, que não se circunscrevem ás massas compactas, comprimidas nas dimensões grandiosas do luxuoso recinto. Os palácios do Aventino e do Palatino, bem como os elegantes terraços do Cœlio, servem também de arquibancadas para a numerosa assistência que não pôde comparecer pessoalmente ao formidando espetáculo.

Roma diverte-se e todas as suas classes estão deslumbradas.

A competição dos carros é o primeiro número a ser apresentado, mas os aplausos entusiásticos somente se verificam quando morrem na arena os primeiros cocheiros e os primeiros cavalos espatifados.

Os jogadores distinguem-se pelas côres da túnica. Ha os que se vestem de vermelho, de azul, de branco e de verde, representando vários partidos, enquanto a platéia se reparte em grupos exaltados e enlouquecidos. Gritam apaixonadamente os admiradores e os socios de cada facção, traduzindo a sua alegria, o seu receio, a

sua angústia ou a sua impaciência. Ao fim dos primeiros números, verificam-se desoladoras cenas de luta entre os adversários dêsse ou daquele partido, no seio da enorme assistência, havendo sérios tumultos, imediatamente degenerados em sanha criminosa, retirando-se, em seguida, alguns cadáveres.

Após as corridas, houve uma caçada fabulosa, levando-se a efeito terríveis combates entre homens e féras, nos quais alguns escravos jóvens perderam a vida em trágicas circunstâncias, ante as aclamações delirantes das massas inconcientes.

O Imperador sorrí, satisfeito, e continúa as suas libações pessoais, vagarosamente, junto de alguns amigos mais íntimos. Seis harpistas executam as suas melodias prediletas no pavilhão, enquanto os alaúdes fazem ouvir, igualmente, sons maviosos e claros.

Outros jogos passaram, diversos, divertidos e terríveis, e, depois de algumas dansas exóticas, executadas na arena, viu-se um áulico predileto de Domício Nero inclinar-se discretamente, falando-lhe ao ouvido:

— Chegou o instante, ó Augusto, da grande surpresa dos jôgos desta tarde!...

— Entrarão, agora, os cristãos na arena? — perguntou o Imperador em voz baixa, com o seu impiedoso e frio sorriso.

— Sim, já foi dada ordem para que fiquem em liberdade na arena os vinte leões africanos, tão logo se apresentem em público os condenados.

— Bela homenagem aos senadores! — glosou Nero sarcasticamente. Esta festividade foi uma feliz lembrança de Seneca, porque terei oportunidade de mostrar ao Senado que a lei é a fôrça e tôda a fôrça deve estar comigo.

Poucos minutos faltavam para a apresentação do número surpreendente da tarde, quando Clódio Varrus aconselhava a um dos auxiliares de confiança:

— Aton — dizia êle circunpecto — podes providenciar agora a entrada de todos os prisioneiros na arena, mas afasta com discreção uma mulher que lá se conserva com a toga do patriciado. Deixa-a por último,

expulsando-a em seguida para a rua, porque não desejamos complicações com a sua família.

O soldado fez um sinal, como quem havia guardado fielmente a ordem recebida, dispondo-se a cumprí-la e, daí a momentos, o numeroso grupo de cristãos, sob impropérios e apupos dos mais baixos servidores do Circo, encaminhava-se, impavidamente, para o sacrifício...

Em primeiro lugar, ia João de Cleófas, murmurando intimamente a sua derradeira prece.

No instante, porém, de abrir-se a grande porta, através da qual se ouviam os bramidos ameaçadores das féras esfomeadas, Aton aproximou-se de Ana e, reparando-lhe a toga finíssima de lã, as jóias discretas que lhe adornavam o porte enobrecido, bem como a delicada rêde de ouro que lhe prendia graciosamente os cabelos, exclamou respeitosamente, admirado da nobreza de sua figura:

— Senhora, ficareis aquí, até segunda ordem!

— A velha criada dos Lentulus trocou um significativo e angustioso olhar com a sua senhora, respondendo, todavia com serena altivez:

— Mas, por que? Pretendeis privar-me da glória do sacrifício?

Aton e seus colegas se surpreenderam diante daquela atitude de profundo heroismo espiritual, e, depois de um gesto de dúvida, que exprimia a vacilação da resposta que lhe competia dar, esclareceu respeitosamente:

— Sereis a última!

Aquela explicação pareceu satisfazê-la, mas Lívia e Ana, nêsse instante de suprema separação, trocaram entre si um amoroso olhar, angustiado e inesquecível.

Tudo, porém, fôra obra de alguns segundos, porque a porta sinistra estava agora aberta e as armas ameaçadoras dos prepostos de Domício Nero obrigavam os prisioneiros a demandar a arena, como um bloco de condenados ao terror da última pena.

O venerável apóstolo de Antióquia entestou a fileira com serenidade valorosa. Seu coração elevava-se ao infinito, em orações sinceras e ferverosas. Em poucos instantes, todos os prisioneiros se encontravam reunidos

á entrada da arena, saturados de uma fôrça moral, que, até então, lhes era desconhecida. E' que, por detrás daquelas púrpuras suntuosas e além daqueles risos estridentes e impropérios sinistros, estava uma legião de mensageiros celestes fortalecendo as energias espirituais dos que iam sucumbir de morte infamante, para regar a semente do Cristianismo com as suas lágrimas fecundas. Uma estrada luminosa, invisível aos olhos mortais, abrira-se nas claridades do firmamento e, por ela, descia tôdo um exército de arcanjos do Divino Mestre, para aureolar com as bênçãos da sua glória os valorosos trabalhadores da sua causa.

Sob os aplausos delirantes e ensurdecedores da turba numerosa, soltaram-se os leões famintos, para a espantosa cena de impiedade, de pavor e sangue, mas nenhum dos apóstolos desconhecidos, que iam morrer no depravado festim de Nero, sentiu as torturas angustiosas de tão horrenda morte, porque o brando anestésico das potências divinas lhes balsamizou o coração dorido e dilacerado no tormentoso momento.

Fustigados pela angústia e pela aflição do instante derradeiro, ante o público sanguinário, os míseros sacrificados não tiveram tempo de se reunir na arena dolorosa. As féras famintas pareciam tomadas de horrível ansiedade. E enquanto se estraçalhavam corpos misérrimos, Domício Nero mandava que todos os coros de dansarinos e todos os músicos celebrassem o espetáculo com os cânticos e bailados de Roma vitoriosa.

Incluindo-se a considerável assistência que se aglomerava nas colinas, quasi meio milhão de pessôas vibrava em aplausos ensurdecedores e espantosos, enquanto duas centenas de criaturas humanas tombavam espostejadas...

Ingressando na arena, Lívia ajoelhara-se defronte do grande e suntuoso pavilhão do imperador, onde buscou lobrigar o vulto do espôso, pela derradeira vez, afim-de guardar no fundo dalma a dolorosa expressão daquele último quadro, junto da imagem íntima de Jesús Crucificado, que inundava de comoções serenas o seu pobre coração dilacerado no minuto supremo. Pare-

ceu-lhe divisar, confusamente, na doce claridade do crepúsculo, a figura eréta do senador coroado de rosas, como os triunfadores e, quando seus lábios se entreabriram numa última prece misturada de lágrimas ardentes que burbulhavam dos olhos, viu-se repentinamente envolvida pelas patas selvagens de um monstro. Não sentira, porém, qualquer comoção violenta e rude, que assinala, comumente o minuto obscuro da morte. Figurou-se-lhe haver experimentado um choque ligeiro, sentindo-se agora embalada nuns braços de névoa translúcida, que ela contemplou altamente surpreendida. Buscou certificar-se da sua posição, dentro do circo e reconheceu, a seu lado, a nobre figura de Simeão, que lhe sorria divinamente, dando-lhe a silenciosa e doce certeza de haver transposto o limiar da Eternidade.

Naquele instante, dentro do camarim de honra do Imperador, Públio Lentulus sentiu no coração uma inexprimível angústia. No turbilhão daquele ensurdecedor vozerio, o senador nunca sentira tão fundo desalento e tão amargo desencanto da vida. Horrorizavam-lhe agora aqueles tremendos espetáculos homicidas, de pavor e morte. Sem que pudesse explicar o motivo, seu pensamento voltou á Galiléia longínqua, figurando-se-lhe divisar, novamente, a suave figura do Messias de Nazaré, quando lhe afirmava: — Todos os poderes do teu Império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseráveis!...

Inclinando-se para o seu amigo Eufanilo Drusus, Públio desabafou a penosa impressão discretamente:

— Meu amigo, êste espetáculo de hoje me apavora!... Sinto aqui emoções de angústia, como jámais experimentei em toda a vida... Serão escravos destinados á última pena os que ora sucumbem, sob a crueldade das féras violentas e rudes?

— Não creio — respondeu o senador Eufanilo, segredando-lhe ao ouvido. — Corre o boato de que êstes míseros condenados são pobres cristãos inofensivos, aprisionados nas catacumbas!...

Sem saber explicar a razão do seu profundo desgôsto, Públio Lentulus lembrou-se repentinamente de

Lívia, mergulhando angustiado nas mais penosas conjeturas.

Enquanto ocorriam êsses fatos, voltemos a examinar a situação de Ana logo após a entrada dos companheiros na arena do sacrifício. Certa de que Jesús lhe havia reservado o último lugar no penoso momento do martírio, a antiga serva mantinha o espírito valoroso em orações sinceras e ardentes. Seus olhos, porém, não abandonaram a figura de Lívia, que se afastava para um recanto da arena, onde se ajoelhara, chegando a fixar o grande leão africano que lhe desferira um golpe fatal á altura do peito. Nêsse instante, a pobre criatura sentiu algo de enfraquecimento, ante as tremendas perspectivas do testemunho, mas, num relance, antes que suas idéias tomassem novo curso, Aton e mais um dos colégas acercaram-se, exclamando:

— Senhora, acompanhai-nos!

Observando que os soldados faziam-na voltar ao interior, protestou com energia:

— Soldados, eu nada mais desejo senão morrer igualmente, nesta hora, pela fé em Jesús Cristo!

Mas, reparando-lhe a coragem indomável, o preposto do Império agarrou-a fortemente pelo braço e trazendo-a para uma passagem do interior dos Cárceres, que se comunicava com a via pública, Aton dirigiu-lhe a palavra, quasi com ameaça:

— Retirai-vos, mulher! — Fugí sem demora, pois não desejamos complicações com a vossa família!

E, dizendo-o, fechava a porta ampla, enquanto a antiga criada de Lívia tudo compreendia agora. Angustiada, chegou imediatamente á conclusão de que a indumentária da senhora lhe salvára a vida, no amargurado transe. Sentiu que o pranto lhe borbotava abundante dos olhos. Suas lágrimas eram bem um misto de inenarráveis sofrimentos morais e, no íntimo, inquiria a si mesma a razão pela qual não a admitira o Senhor á glorificação dos sacrifícios daquela tarde memorável e dolorosa.

Percebia o confuso rumor de mais de trezentas mil vozes, que se concentravam em gritos retumbantes de

aplauso, aclamando a corrida sinistra das féras na sua caçada humana e, passo a passo, carregando consigo o pêso torturante de uma angústia sem termos, buscou o palácio do Aventino, que não distava muito do circo ignominioso, cujas portas penetrou desalentada e silenciosamente.

Apenas alguns escravos mais íntimos faziam a guarda da residência dos Lentulus, como de costume nos grandes dias de festas populares, das quais participavam quasi todos os servos. Ninguém percebeu o retôrno da serva, que conseguiu despojar-se da toga com a calma precisa. Alijou as jóias preciosas do vestuário, das mãos e dos cabelos e, ajoelhando-se no aposento, deixou que as lágrimas dolorosas corressem livremente, ao influxo das orações amargas que elevava a Jesús, sob o pêso de suas angustiosas mágoas.

Não chegou a saber quantos minutos infindos permaneceu naquela atitude súplice e dolorosa, entre rogativas ardentes e amarguradas conjeturas sôbre o seu inesperado afastamento das torturas do circo, sentindo-se indigna de testemunhar ao Salvador a sua fé prefunda e sincera, até que um rumor mais pronunciado lhe denunciava o regresso do senador.

Era quasi noite e as primeiras estrêlas brilhavam no azul do formoso céu romano.

Penetrando no lar com o espírito inquieto e desalentado, Públio Lentulus atingiu o vestíbulo vasio, de alma opressa, sendo, porém, imediatamente procurado pelo servo Fábio Tulio, que, havia muitos anos substituira Comênio arrebatado pela morte, naquele cargo de confiança.

Acercando-se do senador que entrára só, dispensando a companhia dos amigos sob a alegação de que a espôsa se encontrava gravemente enfêrma, exclamou o antigo serviçal com atencioso respeito:

— Senhor, vossa filha manda comunicar, por um mensageiro, que continúa providenciando, afim-de que tenhais notícias da senhora, dentro do menor prazo possível.

O senador agradeceu com um leve sinal de cabeça,

acentuando as suas penosas preocupações íntimas.

Ana, contudo, na soledade de suas preces, no cômodo que lhe era reservado, verificando o regresso do amo, compreendeu o triste dever que lhe corria naquele instante inesquecível, de modo a cientificá-lo de todas as ocorrências e, em breves minutos, Fábio voltava a procurá-lo nos seus apartamentos, afim-de participar-lhe que Ana lhe pedia uma entrevista em particular. O senador atendeu imediatamente á velha serva de sua casa, tomado de indefinível surpresa.

Olhos inchados de chorar e com a voz frequentemente entrecortada de emoções rudes e penosas, Ana expôs todos os fatos, sem omitir nenhum detalhe dos trágicos incidentes, enquanto o senador, de olhos arregalados, tudo fazia por compreender daquelas confidências dolorosas, na sua incredulidade e no seu pavoroso espanto.

Ao fim do terrível depoimento, álgido suôr lhe corria da fronte atormentada, enquanto as têmporas lhe batiam assustadoramente.

A princípio, desejou esmagar a criada humilde, como se o fizesse a uma víbora venenosa, tomado das primeiras comoções de revolta do seu orgulho e da sua vaidade. Não queria acreditar naquela confissão horrível e angustiosa, mas o coração lhe batia apressadamente e seus nervos se exaltavam em vibrações penosas, com sinistros angúrios.

Públio Lentulus experimentou a dôr mais terrível de sua misérrima existência. Tôdos os seus sonhos, tôdas as suas aspirações e carinhosas esperanças esboroavam-se penosamente, irremediavelmente, para tôdo o sempre, sob a maré sombria das realidades tenebrosas.

Sentindo-se o mais desventurado réu da justiça dos deuses, no momento em que presumia efetivar a sua suprema ventura, nada mais enxergou á frente dos olhos, senão a realidade esmagadora da sua dôr sem limites.

Sob os olhares comovidos de Ana, que o observava receosa, levantou-se rígido e sem uma lágrima, com os olhos raiando pela loucura, tal a sua fixidez estranha e dolorosa, e como se fôra um fantasma de revolta, de

dôr, de vingança e sofrimento indefiníveis, sem nada responder á serva atônita, que rogava silenciosamente a Jesús lhe serenasse as angustiosas mágoas, deu alguns passos como um autômato em direção á porta, que abriu de par em par e por onde entraram as brisas suaves e refrigerantes da noite...

Cambaleando de dôr selvagem através do peristilo. caminhou, depois, resoluto, como se fôsse disputar um duélo com as sombras, para defender a espôsa caluniada e traída, martirizada pelos criminosos daquela côrte de infâmia, dirigindo-se com rapidez, sem observar o desalinho de suas vestes, para o circo onde a plebe rematava as paixões piedosas do seu César desalmado.

Todavia, um espetáculo mais terrível deparou-se aos seus olhos agoniados, no isolamento da sua suprema angústia moral.

Embriagados nos baixos instintos da sua perversa materialidade, os soldados e o povo colocaram os restos sinistros do sinistro banquete das féras, naquela tarde inesquecível, nas eminências de postes e colunas improvisados á maneira de tochas, e iluminavam todo o exterior do grande recinto com o incêndio tétrico dos fragmentos de carne humana.

Públio Lentulus sentiu toda a extensão da sua impotência diante daquela demonstração suprema de horror e crueldade, mas avançou, cambaleante de dôr, como um ébrio ou um louco, com espanto dos que o viam a pé, em tais lugares, contemplando boquiaberto as tochas sinistras, feitas de cabeças disformes e combustas.

Dava largas aos pensamentos doridos de angústia e de revolta, como se o seu espírito não passasse de um tigre encarcerado no arcabouço do peito envelhecido, quando notou a presença de dois soldados ébrios, em luta por causa de um delicado objéto, que lhe chamou repentinamente a atenção, sem que conseguisse explicar o motivo do seu inesperado interêsse por alguma cousa.

Era um pequeno colar de pérolas, do qual pendia um precioso camafeu antigo. Seus olhos fixaram aquele objeto estranho e o coração adivinhou o resto. Êle o reconhecera. Aquela jóia fôra um presente de núp-

cias, feito á espôsa idolatrada e somente agora se recordava do apêgo carinhoso da mulher ao camafeu que lhe guardava o próprio perfil da juventude, recordando a única afeição da sua mocidade.

Postou-se á frente dos contendores, que se formalizaram imediatamente em atitude respeitosa, devida á sua presença.

Interpelado com severidade, um dos soltados esclareceu humilde e trêmulo:

— Ilustríssimo, esta jóia pertenceu á uma das mulheres condenadas ás féras, no espetáculo de hoje...

— Quanto quereis pelo achado? — perguntou Públio Lentulus sombriamente.

— Comprei-a de um companheiro por dois sestércios.

— Entregai-ma! — replicou o senador em tom ameaçador e inperativo.

Os soldados entregaram-lhe o colar, humildemente, mas o senador revolvendo as vestes, retirou uma pesada bolsa de moedas de ouro, jogando-a aos contendores num gesto de nojo e de supremo desprêzo.

Públio Lentulus afastou-se do ambiente nefando, mal contendo as lágrimas que, agora, lhe subiam em torrente, do coração oprimido e dilacerado.

Apertando de encontro ao peito, aquele aderêço minúsculo, parecia tomado de uma fôrça misteriosa. Figurava-se-lhe que, conservando aquele último vestígio da "toilete" de sua mulher, arquivára, junto de si próprio e para sempre, alguma cousa da sua personalidade e do seu coração.

Longe das luzes sinistras que iluminavam macabramente em toda a extensão a via pública, o senador penetrou por uma viéla cheia de sombras.

Depois de alguns passos, notou que á sua frente se elevava para o céu uma árvore gigantesca, que poetizava todo o ambiente, com a vetustez de sua majestade frondejante. Cambaleando, encostou-se ao tronco anoso, ávido de repouso e consolação. Contemplou as estrêlas que matizavam de cintilações cariciosas todo o firmamento romano e lembrou-se de que, por certo, em tal

momento, a alma purissima da companheira deveria repousar na paz sublime das claridades celestes, sob a bênção dos deuses...

Num gesto espontâneo, beijou o colar minúsculo, apertou com dedicado enlêvo de encontro ao coração e, considerando o deserto árido da sua vida, chorou, como nunca o fizera em qualquer outra circunstância dolorosa da sua atribulada existência.

Num retropecto profundo de todo o passado amarguroso, considerava que todas as suas nobres aspirações haviam recebido o escárneo dos deuses e dos homens. No seu orgulho desventurado, pagára ao mundo os mais pesados tributos de angústia e de lágrimas dolorosas e, na sua vaidade de homem, recebera as mais penosas humilhações do destino. Ponderava, tardiamente, que Lívia tudo fizera por torná-lo venturoso, numa vida de amor risonho, simples e desprentensiosa. Recordou os mínimos incidentes do passado doloroso, como se o seu espírito estivesse procedendo a uma autópsia meticulosa de todos os seus sonhos, esperanças e ilusões, na caligem escura do tempo.

Como homem, vivera unido aos processos do Estado, que lhe roubavam os mais encantadores entretenimentos da vida doméstica e, como espôso, não tivera energia bastante para armar-se contra as calúnias insidiosas. Como pai, considerava-se o mais desgraçado dc tôdos. De que lhe valia, então, a auréola do triunfo, se ela lhe chegava como intragável cálice de amargura? De que lhe valiam, agora, as vitórias políticas e a significação social dos títulos de nobreza, bem como a vultosa expressão da sua fortuna, diante da mão implacável do seu impiedoso destino nêste mundo?

Perdia as suas meditações em profundos abismos de sombra e de dúvidas amargas, quando lhe surgiu na mente atormentada a figura suave e doce do sublime profeta de Nazaré, com a riqueza indestrutível da sua paz e da sua humildade.

Na plenitude de suas lembranças, pareceu ouvir ainda as extraordinárias advertências que lhe dirigira com a voz carinhosa e compassiva, junto ás águas ma-

rulhentas do Tiberíades. Recordando-se intensamente de Jesús, sentiu-se tomado por uma vertigem de lágrimas dolorosas, as quais, de alguma forma, lhe balsamizavam o deserto do coração. Ajoelhando-se sob fronde opulenta e generosa, qual o fizera um dia na Palestina, exclamou para os céus, com os olhos marejados de pranto, lembrando-se da fôrça moral que a doutrina cristã havia proporcionado ao coração da espôsa, nutrindo-a espiritualmente para receber com dignidade e heroismo todos os sofrimentos:

— Jesús de Nazaré! — disse com voz súplice e dolorosa — foi preciso que eu perdesse o melhor e o mais querido de todos os meus tesouros para recordar a concisão e a doçura de tuas palavras!... Não sei compreender a tua cruz e ainda não sei aceitar a tua humildade dentro da minha sinceridade de homem, mas, se podes ver a enormidade de minhas chagas, vem socorrer, ainda uma vez, o meu coração miserável e infeliz!...

Penosa crise de lágrimas sobreveiu á essa invocação tocada de uma franqueza rude, agressiva e dolorosa.

Figurou-se-lhe, todavia, que uma energia indefinível e imponderável o ajudava, agora, a atravessar o angustioso transe.

Terminada a súplica que lhe fluia do imo dalma lacerada, o orgulhoso patrício observou que a presença de uma fôrça inexplicável modificava, naquele momento inesquecível, todas as disposições mais íntimas do seu coração e, conservando-se genuflexo, notou, com a visão interior do seu espírito, que a seu lado começava a surgir um ponto luminoso, que se desenvolveu prodigiosamente, na dolorosa serenidade daquele penoso instante de sua vida, surpreendendo-se com o fenômeno que lhe sugeria ao pensamento as conjeturas mais inesperadas.

Por fim, aquele núcleo de luz tomava uma fórma e, diante de si viu a figura radiosa de Flamínio Severus, que lhe vinha falar na tormentosa noite da sua infinita amargura.

Públio reconheceu-lhe a presença, surpreendido e espantado, identificando-lhe os traços fisionômicos e as

saudações acolhedoras, como quando se dirigia a êle, na Terra. Seu semblante era o mesmo, na doce expressão de serenidade, agora tocada de triste e amargurado sorriso. Ostentava a mesma toga de barra purpurina, mas não apresentava o aspecto marcial e inponente dos dias terrestres. Flamínio contemplou-o como se estivesse assomado de piedade infinita e de ilimitada amargura. Seu olhar penetrante de espírito lhe devassava os mais recônditos refolhos da conciência, enquanto o senador se aquietava, reverente, sensibilizado e surpreendido.

— Públio — disse-lhe carinhosamente a voz amiga do duende — não te revoltes com a execução dos desígnios divinos, que hoje modificou todos os roteiros da tua vida!... Ouve-me bem! Falo-te com a mesma sinceridade e amor que nos une os corações, de ha longos séculos transcorridos!... Diante da morte, todas as nossas vaidades desaparecem... nas suas claridades sublimadas; nossos poderes terrenos são de uma fragilidade misérrima!... O orgulho, amigo meu, abre-nos além do túmulo uma porta de trevas densas, nas quais nos perdemos em nosso egoísmo e impenitência!... Volta á tua casa e sorve o conteúdo da taça amargurosa das provas rudes, com serenidade e valor espiritual, porque ainda estás longe de esgotar o cálice de tuas purificadoras amarguras, dentro das expiações redentoras e supremas... As grandes dores, sem remédio no mundo, hão de abrir para o teu raciocínio um caminho novo, nos eternos horizontes da crença!... Nossos deuses são expressões de uma fé respeitável e pura, mas Jesús de Nazaré é o Caminho, a Verdade e a Vida!... Enquanto as nossas ilusões sôbre Júpiter nos levam a render culto aos mais poderosos e aos mais fortes, considerados como prediletos de nossas divindades, pela expressão valiosa dos seus ricos sacrifícios, os ensinos preciosos do Messias Nazareno nos levam a considerar a miserabilidade de nossos falsos poderes á face do mundo, abraçando os mais pobres e os mais desventurados da sorte, como a impelir todas as criaturas á caminho do seu Reino, conquistado com o sacrifício e o esfôrço de cada um, em demanda da única vida real, que é a vida do Espírito...

Hoje sei que perdeste, um dia, a tua sublime oportunidade, mas o Filho de Deus Todo Poderoso, na sua piedade infinita e infinito amor, atende agora ao teu apêlo, permitindo que a minha velha afeição venha balsamizar as feridas dolorosas do teu coração atormentado!...

O senador deixou que todo o seu pensamento se perdesse na tempestade das mais abençoadas lágrimas de sua vida. Arfando nos soluços de sua compunção, suplicava, mentalmente:

— Sim, meu amigo e meu mestre, eu quero compreender a verdade e almejo o perdão das minhas faltas enormes!... Flamínio, inspiração de minha alma dilacerada, sê o meu guia na tormentosa noite do meu triste destino!... Vale-me com a tua ponderação e a tua bondade!... Toma-me, de novo, pelas mãos e esclarece-me o coração no tenebroso caminho!... Que fazer para alcançar do céu o esquecimento de minhas faltas?!...

A serena visão, como se se houvera comovido intensamente em recebendo aquele apêlo, tinha agora os olhos iluminados por uma lágrima piedosa e divina.

Aos poucos, sem que Públio pudesse compreender o mecanismo daquele fenômeno insólito, observou que a silhueta do amigo se diluia levemente na sombra, afastando-se da téla de suas contemplações espirituais; mas, ainda assim, percebeu que os seus lábios murmuravam, piedosamente, uma palavra: — Perdôa!...

Aquela suave recomendação caíu-lhe nalma como um bálsamo dulcificante. Sentiu, então, que seus olhos estavam agora abertos para as realidades materiais que o rodeavam, como se houvera acordado de um sonho edificante.

Sentiu-se algo aliviado de suas profundas dôres e levantou-se para retomar, com decidido valor, o fardo penoso da existência terrena.

Regressando á casa, por volta das vinte e duas horas, alí encontrou Plínio e Flávia, que o esperavam aflitos.

Vendo-lhe a fisionomia fundamente abatida e trans-

figurada, a filha, ansiosa o abraçou num transporte de ternura indefinível, exclamando em lágrimas:

— Meu pai, meu querido pai, até agora não nos foi possível obter qualquer notícia.

Públio Lentulus, porém, fixou nos filhos o olhar triste e desalentado, enlaçando-os silenciosamente.

Em seguida, chamou-os ao gabinete particular, para onde determinou, igualmente, a vinda de Ana e os quatro, em conselho de família, examinaram, emocionadamente, os inolvidáveis sucessos daquele dia de provações aspérrimas.

A' medida que o senador transmitia aos filhos as revelações penosas de Ana, que lhe acompanhavam as palavras extremamente comovida, via-se que Flávia e o espôso traduziam no rosto as emoções mais singulares e mais fortes, sob a angustiosa impressão daquela narrativa.

Ao fim do minucioso relato, Plínio Severus exclamou no seu orgulho irrefletido:

— Mas não poderiamos imputar toda a culpa dos fatos á esta mísera criatura que ha tantos anos serve indignamente em vossa casa?

Assim se pronunciando, o oficial apontava a serva, que baixou a cabeça humildemente, rogando a Jesús lhe fortalecesse o espírito para o testemunho daquele momento, que adivinhava penoso para os sentimentos mais delicados do seu coração.

Públio Lentulus pareceu participar da opinião do genro; contudo, figurou-se-lhe que as palavras de Flamínio ainda lhe ressoavam no ádito da conciência e respondeu com firmeza:

— Filhos, esqueçamos os julgamentos apressados e se bem reconheça a falta de Ana aceitando as vestes de sua senhora, quero venerar nesta serva a memória de Lívia, para sempre. Companheira fiél dos seus angustiosos martírios de vinte e cinco anos consecutivos, ela continuará nesta casa com as mesmas regalias que lhe foram outorgadas por sua beifeitora. Apenas exijo que o seu coração saiba guardar os nossos lúgubres segrêdos desta noite, porque desejo honrar publicamente a

memória de minha mulher, depois do seu tremendo sacrifício nesta festividade da infâmia.

Plínio e Flávia observaram-lhe, surpresos, a generosidade espontânea para com a criada que, por sua vez, agradecia a Jesús a graça do seu esclarecimento.

O senador pareceu profundamente modificado naquele choque terrível, experimentado por suas fibras espirituais.

Nêste comenos, interveiu Plínio Severus, esclarecendo:

— A vários amigos nossos, que aquí estiveram para cumprimentar-vos, esclareci que, em vista do nosso luto por minha mãe, não comemorareis o vosso triunfo político na data de hoje, informando mais, no intuito de justificar a vossa ausência, que a senhora Lívia se encontrava gravemente enfêrma, em Tibur, para onde fôra em busca de melhoras, notícias essas que, aliás, eram recebidas pelos nossos íntimos com o máximo de naturalidade, porque a vossa consorte nunca mais frequentou a sociedade desde a volta da Palestina, sendo natural que todos os nossos amigos a considerassem doente.

O senador ouviu essas explicações, com interêsse, como se houvera encontrado uma solução para o angustioso problema que o oprimia.

Ao cabo de alguns momentos, depois de examinar a possibilidade da execução da idéia que lhe aflorara no cérebro dolorido, exclamou mais animado:

— A tua idéia, meu filho, êste particular, veiu trazer-me a perspectiva de uma solução razoável para a angustiosa questão que me acabrunha.

— Cumpre-me defender a memória de minha mulher — continuava o senador de olhos humidos — e se fôra possível iria lutar corpo a corpo, com a mentalidade infame do govêrno cruél que atualmente nos conspurca as melhores conquistas sociais; mas, se eu fôsse bradar pessoalmente a minha indignação e a minha revolta, na praça pública, seria taxado de louco; e se fôsse desafiar Domício Nero seria o mesmo que tentar a imobilidade das águas do Tibre com o galho de uma flôr. Nêste sentido, pois, saberei agir nos bastido-

res políticos, para derrubar o tirano e seus asseclas, ainda que isso nos custe o máximo de tempo e paciência.

— Agora, o que me compete urgentemente é prestar todas as homenagens possíveis aos sentimentos imáculos da companheira arrebatada nos torvelinhos da insânia e da crueldade.

Plínio e Flávia escutavam-no, silenciosos e comovidos, sem lhe perturbarem o curso rápido das palavras, enquanto êle prosseguia sensatamente:

— Ha mais de dez anos que a sociedade romana via em minha pobre companheira uma enfêrma e uma demente. E já que os nossos amigos foram avisados de que Lívia se encontrava em Tibur, talvez aguardando a morte, partirei para lá ainda esta noite, levando Ana em minha companhia...

E, como se estivesse tomado por uma idéia fixa, com aquela preocupação de homenagear a morta inesquecível, Públio Lentulus continuou:

— Nossa casa em Tibur está agora deshabitada, porque, ha mais de vinte dias, Filopator foi á Pompéia, obedecendo a determinações minhas... Chegarei lá com Ana, levando uma urna funerária que, para todos os efeitos, encerrará os restos da minha pobre Lívia... Nossos servos devem partir amanhã, igualmente, quando então mandarei mensageiros á Roma, cientificando-lhes do acontecimento, por satisfazer as pragmaticas da vida social... Em Tibur, prestaremos á memória de Lívia todas as homenagens, transladando em seguida as suas cinzas publicamente para aquí, onde farei celebrar as mais solenes exéquias, na visitação pública, testemunhando, assim, embora tardiamente, minha veneração pela santa criatura que se sacrificou por nós a vida inteira...

— Mas e a incineração? — perguntou Plínio Severus prudentemente, ao conjecturar o êxito possível do projéto.

O senador, porém, não hesitou, resolvendo o assunto com a habitual energia das suas decisões:

— Se essa cerimônia necessita a presença dos sacerdtes, saberei conduzir-me, junto ao ministro do

culto, na cidade, com respeito ao assunto, alegando o meu desejo de tudo fazer no mais reduzido círculo da minha intimidade familiar.

O que resta, tão somente, é esperar de vocês que me ouvem, um silêncio tumular sôbre as providências dolorosas desta noite, afim-de não ferirmos as suscetibilidades do preconceito social.

Estranhando aquela energia em tão penosas circunstâncias, Plínio Severus fez-lhe companhia naquelas horas avançadas, para a aquisição da urna mortuária, que foi adquirida em poucos minutos, de um comerciante que nada indagou do estranho cliente, atendendo á circunstâcia da sua posição social e política, bem como á vultosa importância da compra, efetuada com significativas vantagens para o seu interêsse.

Naquela mesma noite, Públio Lentulus e Ana se dirigiram com alguns escravos para a cidade de repouso dos antigos romanos, vencendo em algumas horas as sombras espessas dos caminhos e chegando com a possível tranquilidade, de modo a ambientar as derradeiras homenagens á memória de Lívia.

Tôdas as providências foram adotadas com profunda surpresa para tôdos os servos, que não ousavam discutir as ordens recebidas, e mesmo para os patrícios da cidade, que sabiam doente a espôsa do senador, mas ignoravam o doloroso episódio da sua morte.

Flávia e Plínio foram chamados no dia seguinte, satisfazendo-se a tôdos os imperativos de ordem social, naquela penosa representação de condolências.

Um óbolo mais rico e mais generoso de Públio Lentulus ao culto de Júpiter conquistava-lhe a plena autorização do clero tiburtino, no referente á sua decisão de incinerar o cadaver da espôsa na intimidade da família, sendo a memória de Lívia homenageada com tôdos os cerimoniais do antigo culto dos deuses, invocando-se a proteção dos manes e divindades domésticas.

Numerosos portadores foram expedidos á Roma e daí a dois dias a urna funerária chegava á séde do Império, penetrando pomposamente no palácio do Aventino, onde a esperava um soberbo catafalco.

Durante três dias sucessivos, as cinzas simbólicas de Lívia estiveram expostas á visitação do povo, tendo o senador mandado distribuir vultosos donativos em alimentos e dinheiro, á plebe que viesse prestar as últimas homenagens á memória da sua morta querida. Longas romarias vizitaram a residência, dia e noite, dando-lhe o aspécto imponente de um templo aberto a todas as classes sociais. Toda a nobreza romana, inclusive o famigerado Imperador, se fez representar nas pompas faustosas daquelas exéquias, que representavam um sinônimo de remorso e uma tentativa de reparação da parte do espôso amargurado. Públio Lentulus considerava que, sómente assim, poderia agora penitenciar-se, publicamente, a respeito de sua mulher, que voltava a reocupar o lugar de veneração, no círculo numeroso de amizades aristocráticas da sua família.

Terminado o último número daquelas cerimônias, o senador fez questão de que a filha e o genro, bem como Agripa, passassem a residir no palácio do Aventino, em sua companhia, no que foi atendido, em caráter provisório,segundo asseverava Plínio á mulher, e, naquela mesma noite, com a alma dilacerada de saudade e de angústia, transportou, em companhia de Ana, todos os objetos de uso pessoal da espôsa para os seus aposentos particulares.

Terminada a tarefa, Públio Lentulus exclamou para a serva, com singular interêsse:

— Tudo pronto?

Recebendo resposta afirmativa, insistiu, como se faltasse ainda alguma cousa, referindo-se á cruz de Simeão, guardada cuidadosamente pela dedicação de Ana, como se mais ninguém pudesse apreciar a significação especial daquele tesouro:

— Onde está uma pequena cruz de madeira tosca, que minha mulher tanto venerava?

— Ah! é verdade!... — exclamou a serva satisfeita por observar a modificação daquela alma austera. E, retirando do seu quarto a modesta lembrança do apóstolo da Samária, entregou-lha com reverência afetuosa. O senador, então, colocou-a num móvel fechado.

Todavia, quem lhe acompanhasse a existência amargurada, poderia vê-lo, todas as noites, na solidão do seu aposento, junto do precioso símbolo das crenças da companheira.

Quando as luzes do palácio se apagavam, de leve, e quando todos buscavam o repouso no silêncio da noite, o orgulhoso patrício retirava a cruz de Simeão do cofre de suas lembranças mais queridas e, ajoelhado qual o fazia ela, parava a maquina do convencionalismo diuturno, para meditar e chorar amargamente.

VI

ALVORADA DO REINO DO SENHOR

Reportando-nos á dolorosa e comovedora cena do sacrifício dos mártires cristãos, na arena do circo, somos compelido a acompanhar a entidade de Lívia na sua augusta trajetória para o Reino de Jesús.

Nunca os horizontes da Terra foram gratificados com paisagens de tanta beleza, como as que se abriram nas esferas mais próximas do planeta, quando da partida em massa dos primeiros apóstolos do Cristianismo, exterminados pela impiedade humana, nos tempos áureos e gloriosos da consoladora doutrina do Nazareno.

Naquele dia, quando as féras famintas estraçalhavam os indefesos adeptos das idéias novas, toda uma legião de espíritos sábios e benevolentes, sob a égide do Divino Mestre, lhe rodeava os corações dilacerados no martírio, saturando-os de fôrça, resignação e coragem para o supremo testemunho de sua fé.

Sôbre as nefastas paixões desencadeadas, naquela assistência ignorante e impiedosa, desdobravam os poderes do céu o manto infinito de sua misericórdia, e além daquele vozerio sinistro e ensurdecedor havia vozes que abençoavam proporcionalmente aos martires do Senhor uma fonte de suaves e ditosas consolações.

Entardecia já, quando tombavam as últimas vítimas ao choque brutal dos leões furiosos e implacáveis.

Abrindo os olhos entre os braços carinhosos do seu velho e generoso amigo, Lívia compreendera, imediatamente, a consumação do angustioso transe. Simeão tinha nos lábios um sorriso divino e lhe acariciava os cabelos, paternalmente, com meiguice e doçura. Estranha emoção vibrava, porém, na alma liberta da espôsa do senador, que se viu prêsa de lágrimas dolorosas. A seu lado notou, com penosa surpresa, os despojos sangrentos do corpo dilacerado e entendeu, embora o seu amarguroso espanto, o doce mistério da ressurreição espiritual, de que falava Jesús nas suas lições divinas. Desejou falar, de modo a traduzir seus pensamentos mais íntimos e, todavia, tinha o coração repleto de emoções indefiníveis e angustiosas. Aos poucos, notou que, da arena ensanguentada erguiam-se entidades, qual a sua própria, ensaiando passos vacilantes, amparadas, porém, por criaturas graciosas, etéreas, aureoladas de graça incomparável, como jamais contemplára em qualquer circunstância da vida. Aos seus olhos desapareceu o cenário colorido e tumultuoso do circo da ignominia e aos ouvidos não mais ressoaram as gargalhadas irônicas e perversas dos espectadores cruéis e impiedosos. Notou que, do firmamento constelado, fluía uma luz misericordiosa e compassiva, afigurando-se-lhe que uma nova claridade, desconhecida na Terra, se acendêra maravilhosamente dentro da noite. Imensa multidão de sêres, que lhe pareciam alados, cercava-os a todos, enchendo o ambiente de vibrações divinas.

Deslumbrada, viu, então, que entre a Terra e o Céu se formava um radioso caminho...

Através de uma esteira de luz intraduzível, que não chegava a ofuscar o brilho caricioso e terno das estrêlas que bordavam, cintilando, o azul macio do firmamento, observou novas legiões espirituais que desciam, celeremente, das maravilhosas regiões do Infinito...

Empolgados com as sonoridades delicadas daquele ambiente indescritível, seus ouvidos escutaram, então,

melodias cariciosas do plano invisível, como se de envôlta com liras e flautas, harpas e alaúdes, cantassem no Alto as divinas toutinegras do paraiso, projetando as alegrias siderais nas paisagens escuras e tristes da Terra...

Seu espírito, como que impulsionado por energia misteriosa conseguiu, então, manifestar as emoções mais íntimas e mais queridas.

Abraçando-se ao velho e generoso amigo da Samária, pôde murmurar banhada em lágrimas:

— Simeão, meu benfeitor e mestre, roga comigo a Jesús para que esta hora me seja menos dolorosa...

— Sim, filha — respondeu o venerável apóstolo aconchegando-a ao coração, como se o fizesse á uma criança — o Senhor, na sua infinita misericórdia reserva o seu carinho a quantos lhe recorrem á magnanimidade, com a fé ardente e sincera do coração!... Acalma o teu espírito porque estás, agora, a caminho do Reino do Senhor, destinado aos corações que muito amaram!...

Naquele instante, porém, uma fôrça incompreensível parecia impelir para as Alturas quantos alí se conservavam sem a pesada indumentária da Terra...

Lívia sentiu que o terreno lhe faltava e que todo o seu sêr volitava em pleno espaço, experimentando estranhas sensações, embora fortemente amparada pelos braços generosos do venerando amigo.

Era, de fato, uma radiosa caravana de entidades purissimas, que se elevava em conjunto, através daquele cintilante caminho, traçado de luz em pleno éter!...

Experimentando singulares sensações de leveza, a espôsa do senador sentiu-se mergulhada num oceano de vibrações cariciosas e suavíssimas.

Todos os companheiros lhe sorriam e contemplando-os, igualmente amparados pelos mensageiros divinos, ela identificava um a um, quantos lhe haviam sido irmãos no cárcere, no martírio e na morte infamante. Em dado instante, todavia, como se a memória fôsse chamada a todos os pormenores da realidade ambiente, lembrou-se de Ana, sentindo-lhe a falta, naquela jornada de glorificação em Jesús Cristo.

Bastou que a recordação lhe aflorasse no íntimo, para que a voz de Simeão esclarecesse com a proverbial bondade:

— Filha, mais tarde poderás saber tudo... Na tua saudade, porém, inclina-te sempre aos desígnios divinos, inspirados em toda a sabedoria e misericórdia... Não te impressiones com a ausência de Ana nêste banquete de alegrias celestiais, porque aprouve a Jesús conservá-la ainda algum tempo na oficina de suas bençãos, entre as sombras do degredo terrestre...

Lívia ouviu e resignou-se, silenciosa.

Reconheceu que seguiam sempre pela mesma estrada maravilhosa, que, a seus olhos, parecia ligar o Céu e a Terra num carinhoso amplexo de luz, figurando-se-lhe que todos os divinos componentes da luminosa caravana flutuavam num movimento de ascensão, em pleno espaço, demandando regiões gloriosas e desconhecidas. No seio dos elementos aéreos, admirava-se de conservar todo o mecanismo de suas sensações físicas, através do eterizado e radioso caminho.

Ao longe, nos abismos do ilimitado, parecia divisar novos firmamentos estrelados, que se multiplicavam maravilhosamente no seio do Infinito, e, observava radiações fulgurantes que, por vezes, lhe ofuscavam os olhos deslumbrados...

De outras vezes, olhando furtivamente para trás, via um acervo de sombras compactas e movediças, onde se localizavam as esferas de vida na Terra distante.

Em todas as margens do caminho verificou a existência de flôres graciosas e perfumadas, como se os lírios terrestres, com expressões mais delicadas, se houvessem transportado aos jardins do paraiso...

A eternidade apresentava-se-lhe com encantos e venturas indizíveis!...

Simeão falava carinhosamente da sua adaptação á vida nova e das belezas sublimadas do reino de Jesús, recordando com alegria as penosas angústias da vida na Terra, quando aos seus ouvidos ecoaram vozes argentinas e harmônicas dos rouxinões siderais que festejavam, nas Alturas, a redenção dos mártires do Cristia-

nismo, como se estivessem chegando ás cercanias de uma nova Galiléia, saturada de melodias e perfumes deliciosos, erguida á luz plena do Infinito, qual ninho de almas santificadas e puras, balouçando aos ventos perfumados de uma primavera interminável, na árvore da criação, maravilhosa e sem fim...

Aquele hino suave e claro, ora se elevava ás alturas em sonoridades prodigiosas, como se fôra um incenso sutíl das almas procurando o sólio do Sempiterno em hosanas de amor, de alegria e de reconhecimento, ora descia em melodias arrebatadoras, demandando as sombras da Terra, como se fôsse um brado de fé e esperança em Jesús Cristo, destinado a acordar no mundo os corações mais perversos e mais empedernidos...

A linguagem humana não traduz fiélmente as harmoniosas vibrações das melodias do invisível, mas aquele cântico de glória, ao menos palidamente, deve ser lembrado por nós outros como suave reminiscência do paraiso:

— Glória a Ti, Senhor do Universo, Criador de todas as maravilhas!...

E' por tua sabedoria inacessível que se acendem as constelações nos abismos do Infinito e é por tua bondade que se desenvolve a erva tenra na crosta escura da Terra!...

Por Ti, Senhor, fez-se o verbo do princípio, ilimitado e sem fim!...

Por tua grandeza inapreciável e por tua justiça misericordiosa, abre o tempo os seus ilimitados tesouros para as almas!...

Por teu amor, sacrossanto e sublime, florescem todos os risos e todas as lágrimas no coração das criaturas!...

Abençôa, Senhor do universo, as sagradas esperanças dêste Reino! Jesús é para nós o teu Verbo de amor, de paz, de caridade e de beleza!... Fortalece as nossas aspirações de cooperar em sua Seara Santa!...

Multiplica as nossas energias e faze chover sôbre nós o fogo sagrado da fé para espalharmos, na Terra as divinas sementes do amor de teu Filho!...

Basta uma gôta do orvalho divino de tua misericórdia para que se purifiquem todos os corações, mergulhados no lodo dos crimes e das impenitências terrestres, e basta um raio só do teu poder para que todos os espíritos se convertam ao bem supremo!...

E agora, ó Jesús, Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, recebe as nossas súplicas ardentes e fervorosas!

Abençôa, ó Divino Mestre, os que chegam redimidos da terra da amargura, santifica-lhes as esperanças com o anelito criador de tuas bênçãos sacratíssimas!...

Vítimas da perversidade humana, cumpriram, valorosamente, os teus missionários, todas as obrigações que os prendiam ao cárcere do penoso degredo!...

O mundo, no torvelinho de suas inquietações e iniquidades, não lhes compreendeu o coração amantíssimo, mas, na tua bondade e misericórdia, abres aos mártires da verdade as portas sacrossantas do teu reino de luz!...

Estrofes de profunda beleza espalhavam nas estradas claras e sublimadas do éter universal as bênçãos da paz e das alegrias harmoniosas!

Os sêres inferiores, das esferas espirituais mais proximas do planeta, recebiam aqueles eflúvios sacrossantos do celeste banquete reservado por Jesús aos mártires da sua doutrina de redenção, como se fôssem também convidados pela misericórdia do Divino Mestre e muitos dêles, recebendo no íntimo aquelas vibrações maravilhosas, se converteram para sempre ao amor e ao bem supremos.

Harmonias suavíssimas saturavam todas as atmosferas espirituais, derramando sôbre a Terra claridades augustas e soberanas.

Naquela região de belezas ignotas e prodigiosas, intraduzíveis na pobreza da linguagem humana, Lívia retemperou as fôrças morais, depois do austero cumprimento de sua missão divina.

Alí, compreendeu a extensão do conceito de "muitas moradas", dos ensinamentos de Jesús, contemplando junto de Simeão as mais diversas esferas de trabalho localizadas nas cercanias da Terra, ou estudando a gran-

deza dos mundos disseminados pela sabedoria divina no oceano imensurável do éter, da imortalidade. Obedecendo ás tendências do seu coração, não se esqueceu das antigas amizades nos círculos espirituais, colocados nas zonas terrestres.

Depois de alguns dias de emoções suaves e carinhosas, todos os espíritos, reunidos naquela paisagem luminosa, se preparam para receber a visita do Senhor, como quando da sua divina presença na bucólica moldura da Galiléia.

Num dia de beleza maravilhosa e indefinível, em que uma claridade de cambiantes divinos entornava saboroso mél de alegria em todos os corações, descia o Cordeiro de Deus da esfera superior de suas glórias sublimes e, tomando a palavra naquele cenáculo de maravilhas, recordava as suas inesquecíveis pregações junto ás águas tranquilas do pequeno "mar" da Galiléia. De modo algum se poderia traduzir fiélmente, na Terra, a beleza nova da sua palavra eterna, substância de todo o amor, de toda a verdade e de toda a vida, mas constitúe para nós um dever, nêste esfôrço, lembrar a sua iliminada sabedoria, ousando reproduzir, imperfeitamente e de leve, a essência sagrada de suas lições divinas naquele momento inesquecível.

Figurava-se, a todos os presentes, a cópia fiél dos quadros graciosos e claros do Tiberíades. A palavra do Mestre derramava-se no ádito das almas, com sonoridades profundas e misteriosas, enquanto de seus olhos vinha a mesma vibração de misericórdia e de serena majestade.

— Vinde a mim, vós todos que semeastes com lágrimas e sangue, na vinha celeste do meu reino de amor e verdade!...

Nas moradas infinitas do Pai, ha luz bastante para dissipar todas as trevas, consolar todas as dôres, redimir todas as iniquidades...

Glorificai-vos, pois, na sabedoria e no amor de Deus Todo Poderoso, vós que já sacudistes o pó das sandálias miseráveis da carne, nos sacrifícios purificadores da Terra! Uma paz soberana vos aguarda, para

sempre, no reino dilatado e sem fim, prometido pelas divinas aleluias da Boa-Nova, porque não alimentastes outra aspiração no mundo, senão a de procurar o reino de Deus e de sua justiça.

Entre a Manjedoura e o Calvário, tracei para as minhas ovelhas o eterno e luminoso caminho... O Evangelho floresce, agora, como a seara imortal e inesgotável das bênçãos divinas. Não descansemos, contudo, meus amados, porque tempo virá na Terra, em que todas as suas lições hão de ser espesinhadas e esquecidas... Depois de longa éra de sacrifícios para consolidar-se nas almas, a doutrina da redenção será chamada a esclarecer o govêrno transitório dos povos; mas, o orgulho e a ambição, o despotismo e a crueldade hão de reviver os abusos nefandos de sua liberdade! O culto antigo, com as suas ruínas pomposas, buscará restaurar os templos abomináveis do bezerro de ouro. Os preconceitos religiosos, as castas clericais, os falsos sacerdotes, restabelecerão novamente o mercado das cousas sagradas, ofendendo o amor e a sabedoria de Nosso Pai, que acalma a onda minúscula no deserto do mar, como enxuga a mais recôndita lágrima da criatura, vertida no silêncio de suas orações ou na dolorosa serenidade de sua amargura indizível!...

Soterrando o Evangelho na abominação dos lugares santos, os abusos religiosos não poderão, todavia, sepultar o clarão de minhas verdades, roubando-as ao coração dos homens de boa vontade!...

Quando se verificar êste eclipse da evolução de meus ensinamentos, nem por isso deixarei de amar intensamente o rebanho das minhas ovelhas tresmalhadas do aprisco!...

Das esferas de luz que dominam todos os círculos das atividades terrestres, caminharei com os meus rebeldes tutelados, como outrora, entre os corações impiedosos e empedernidos de Israél, que escolhi, um dia, para mensageiro das verdades divinas entre as tribus desgarradas da imensa família humana!...

Em nome de Deus Todo Poderoso, meu Pai e vosso Pai, regosijo-me aquí convôsco, pelos galardões espiri-

tuais que conquistastes no meu reino de paz, com os vossos sacrifícios abençoados e com as vossas renuncias purificadoras! Numerosos missionários de minha doutrina ainda tombarão, exânimes, na arena da impiedade, mas hão de constituir convosco a caravana apostólica, que nunca mais se dissolverá, amparando todos os trabalhadores que perseverarem até o fim, no longo caminho da salvação das almas!...

Quando a escuridão se fizer mais profunda nos corações da Terra, determinando a utilização de tôdos os progressos humanos para o extermínio, para a miséria e para a morte, derramarei a minha luz sôbre tôda a carne e tôdos os que vibrarem com o meu reino e confiarem nas minhas promessas, ouvirão as nossas vozes e apêlos santificadores!...

Dentro das suaves revelações do Consolador, pela sabedoria e pela verdade, meu verbo se manifestará novamente no mundo, para as criaturas desnorteadas no caminho escabroso, através de vossas lições, que se perpetuarão nas páginas imensas dos séculos do porvir!...

Sim! amados meus, porque o dia chegará, no qual tôdas as mentiras humanas hão de ser confundidas pela claridade das revelações do céu. Um sôpro poderoso de verdade e vida varrerá toda a Terra, que pagará, então, á evolução dos seus institutos os mais pesados tributos de sofrimento e de sangue... Exausto de receber os fluídos venenosos da ignomínia e da iniquidade de seus habitantes, o próprio planeta protestará contra a impenitência dos homens, rasgando as entranhas em dolorosos cataclismos... As impiedades terrestres formarão pesadas nuvens de dôr que rebentarão, no instante oportuno, em tempestades de lágrimas na face escura da Terra e, então, das claridades de minha misericórdia, contemplarei meu rebanho desditoso e direi como os meus emissários: "O' Jerusalém, Jerusalém!..."

Mas, Nosso Pai que é a sagrada expressão de todo o amor e sabedoria, não quer se perca uma só de suas criaturas, transviadas nas tenebrosas sendas da impiedade!...

Trabalharemos com amor na oficina dos séculos

porvindouros, reorganizaremos todos os elementos destruídos, examinaremos detidamente todas as ruínas, buscando o material passível de novo aproveitamento e, quando as instituições terrestres reajustarem a sua vida na fraternidade e no bem, na paz e na justiça, depois da seleção natural dos espíritos a dentro das convulsões renovadoras da vida planetária, organizaremos para o mundo um novo ciclo evolutivo, consolidando com as divinas verdades do Consolador os progressos definitivos do homem espiritual."

A voz do Mestre parecia encher os âmbitos do próprio Infinito, como se Êle a lançasse qual balisa divina do seu amor, no ilimitado do espaço e do tempo, no seio radioso da Eternidade.

Terminando a exposição de suas profecias augustas, sua figura sublimada elevava-se ás Alturas, enquanto um oceano de luz azulada, de mistura aos sons de melodias divinas e incomparáveis, invadia aqueles domínios espirituais, com as tonalidades cariciosas das safiras terrestres.

Tôdos os presentes, genuflexos na sua doce emoção, choravam de reconhecimento e alegria, enchendo-se de santificada coragem para as elevadas tarefas que lhes competia levar a efeito, no curso incessante dos séculos terrestres. Flôres de maravilhoso azul-celeste choviam do Alto sôbre todas as frontes, desfazendo-se, todavia, ao tocarem nas delicadas substâncias que formavam o sólo daquela paisagem de soberana harmonia, como se fôssem lírios fluídos de perfumada neblina.

Lívia chorava de comoção indefinível, enquanto Simeão, com seus generosos ensinamentos, a instruia das novas missões de trabalho santificante, que lhe aguardavam a dedicação no plano espiritual.

— Meu amigo, — disse ela entre lágrimas — as agonias terrestres são um preço misérrimo para estas recompensas radiosas e imortais!... Se todos os homens tivessem conhecimento diréto de semelhantes venturas, não possuiriam outra preocupação além da de buscar o glorioso reino de Deus e de sua justiça.

— Sim, filha — murmurou Simeão, como se os seus

olhos pousassem serenamente nos quadros do futuro — um dia, todos os sêres da Terra hão de conhecer o Evangelho do Mestre, observando-lhe os ensinos!... Para isso, haveremos de sacrificar-nos pelo Cordeiro de Deus, quantas vezes fôrem necessárias. Organizaremos avançados postos de trabalho entre as sombras terrestres, buscaremos acordar tôdos os corações adormecidos nas reincarnações dolorosas, para as harmonias sublimes destas divinas alvoradas!...

Se fôr preciso, voltaremos de novo ao mundo, em missões santificadoras de paz e verdade... Sucumbiremos na cruz infamante, ou daremos o sangue em repasto ás féras da ambição e do orgulho, do ódio e da impiedade, que dormitam nas almas dos nossos companheiros da existência terrestre, convertendo todos os corações ao amor de Jesús Cristo!...

Nêsse instante, todavia, Lívia notou que um grupo gracioso de entidades angélicas distribuia as graças do Senhor naquela paisagem florida do Infinito, organizada no Além como estância de repouso, recompensando com as suas excelsitudes os que haviam partido das angústias terrenas, após o cumprimento de uma missão divina.

Tôdos os que haviam alcansado a vitória celeste com os seus esfôrços, nos martírios santificantes, retemperavam agora as fôrças morais e desejavam conhecer novas esferas de gôzo espiritual, novas expressões da vida noutros mundos, renovando conhecimentos nos templos radiosos e sublimes da Eternidade e restabelecendo. ao mesmo tempo, o equilíbrio de suas emoções mais queridas.

Junto á magnanimidade dos mensageiros de Jesús, sublimados planos fôram arquitetados. Novos cenários, novas oficinas de estudo, novas emoções no reencontro de afetos inesquecíveis, que haviam antecedido os missionários do Senhor na noite escura e fria da morte.

Mas, chegando-lhe a vez de externar os seus mais recônditos desejos, a nobre companheira do senador, depois de auscultar os seus sentimentos mais profundos,

respondeu entre lágrimas, ao emissário de Jesús que a interpelava:

— Mensageiro do Bem — as maravilhas do reino do Senhor teriam para mim uma nova beleza, se eu pudesse penetrar-lhes as excelsitudes, em companhia do coração que é metade do meu, da alma gêmea da minha, que a sabedoria de Deus, em seus profundos e doces mistérios, destinou ao meu modo de ser, desde a aurora dos tempos!...

"Não desejo menosprezar a glória sublime destas regiões de felicidade e de paz indivizíveis, mas, no meio de tôdas estas alegrias que me rodeiam, sinto saudades da alma que é o complemento da minha própria vida!... Dai-me a graça de voltar ás sombras da Terra e erguer o companheiro do meu destino do lodaçal do orgulho e das vaidades impiedosas!... Permití que possa protegê-lo em espírito, afim-de um dia trazê-lo aos pés de Jesús, igualmente, de modo que também receba as suas divinas bênçãos!...

A entidade angélica sorriu com profunda compreensão e terna complacência, exclamando:

— Sim — o amor é o laço de luz eterna que une todos os mundos e todos os sêres da imensidade; sem êle, a própria Criação Infinita não teria razão de ser, porque Deus é a sua expressão suprema... As perspectivas deslumbrantes das esferas felizes perderiam a divina beleza, se não guardássemos a esperança de participar, um dia, de suas ilimitadas venturas, junto dos nossos bem amados, que se encontram na Terra ou noutros círculos de provação, do Universo...

E, fixando o lúcido olhar nos olhos serenos e deslumbrados de Lívia, continuou como se lhe devassasse os pensamentos mais secretos e mais profundos:

— Conheço tôda a tua história e sei de tuas lutas incessantes e redentoras, nas incarnações do passado, justificando assim os teus propósitos de prosseguir, em espírito, trabalhando na Terra pelo aperçoamento daqueles a quem muito amaste!...

"Também o Cordeiro de Deus, por muito amar a

Humanidade, não desdenhou a humilhação, o martírio, o sacrifício...

"Vai, minha filha. Poderás trabalhar livremente entre as falanges radiosas que operam na face sombria do planeta terrestre. Voltarás aquí, sempre que necessitares de novos esclarecimentos e novas energias. Regressarás junto de Simeão, logo que o desejares. Ampara o teu infeliz companheiro na longa esteira de suas expiações rudes e amargas, mesmo porque o desventurado Públio Lentulus não está longe da sua mais angustiosa provação na atual existência, perdida, infelizmente, pelo seu desmarcado orgulho e pela sua vaidade fria e impiedosa!..."

Lívia sentiu-se tomada de indizível emoção, em face daquela revelação dolorosa, mas, simultaneamente, externou todo o seu reconhecimento á misericórdia divina, na intimidade do seu coração sensível e carinhoso.

Naquele mesmo dia, em companhia de Simeão, a generosa criatura voltava á Terra, afastando-se provisoriamente daqueles domínios esplendorosos.

Através da sua excursão espiritual, sublime e vertiginosa, observou as mesmas perspectivas encantadoras e deslumbrantes do caminho, recebendo elevados ensinamentos do venerando amigo da Samária, na sua admiração sublimada e comovedora.

Em pouco tempo, aproximavam-se ambos de uma larga mancha escura.

Já na atmosfera da Terra, Lívia experimentou a singular diversidade da natureza ambiente, experimentando os mais penosos choques fluídicos.

Num ápice, notou que se encontravam na mesma Roma da sua infância, da sua juventude e das suas amargas provações.

Era meia noite. Tôdo o hemisfério estava mergulhado nos abismos de sombra.

Amparada pelos braços e pela experiência de Simeão, chegou ao seu antigo palácio do Aventino, identificando-lhe os mármores preciosos.

Em lá penetrando, Lívia e Simeão se dirigiram

imediatamente ao quarto do senador, então iluminado por frouxa claridade.

Com exceção das ruas, onde se movimentavam ruidosamente os escravos, nos serviços noturnos de transporte, segundo os costumes do tempo, tôda a cidade repousava na sombra.

De joelhos ante a relíquia de Simeão, como de seu recente costume, Públio Lentulus meditava. Seu pensamento descia aos abismos tenebrosos do passado, onde buscava rever, angustiadamente, as afeições carinhosas que o haviam precedido nas sendas tristes da morte. Fazia mais de um mês que a espôsa havia demandado, igualmente, os mistérios do túmulo, em tragicas circunstâncias.

Mergulhado nas trevas do seu exílio de amargores e profundas saudades, o orgulhoso patrício serenava as inquietações dolorosas do dia, afim-de melhor consultar os mistérios do sêr, do sofrimento e do destino... Em dado instante, quando mais fundas e melancôlicas as penosas reminiscências, notou através do véu de suas lágrimas, que a pequena cruz de madeira como que emitia delicados fios de luz prateada, qual se fôra banhada de um luar misericordioso e brando.

Públio Lentulus, absorto nas vibrações pesadas e obscuras da carne, não viu a nobre silhueta de sua mulher, que alí se encontrava junto do venerável apóstolo da Samária, regosijando-se no Senhor, ao verificar as profundas e benéficas modificações espirituais da alma gêmea da sua na peregrinação iterativa das incarnações terrenas. Tomada de alegria e reconhecimento para com a Providência Divina, Lívia beijou-lhe a fronte num transporte de indefinível ternura, enquanto Simeão erguia aos céus uma prece de amor e agradecimento.

O senador não lhes viu, diretamente, a presença suave e luminosa, mas no íntimo dalma sentiu-se tocado por uma fôrça nova, ao mesmo tempo que o seu coração amargurado se viu envôlto na luz cariciosa de uma consolação inefável e até então desconhecida.

VII

TEIAS DO INFORTÚNIO

Parecia que o ano 58 estava destinado a assinalar os mais penosos incidentes para a vida do senador Lentulus e de sua família.

A morte de Calpurnia e o falecimento inesperado de Lívia, dolorosos acontecimentos que impuseram á casa um luto permanente, obrigaram Plínio Severus a conchegar-se um pouco mais ao ambiente doméstico, onde instituira uma trégua aos seus desatinos de homem ainda novo, para viver em relativa calma ao lado da espôsa.

Aurélia, contudo, na violência de suas pretensões, não descansava. Conseguindo introduzir uma serva astuta junto de Flávia, de conformidade com antigo projeto da sua mentalidade doentia, iniciou a sinistra execução de um plano diabólico, no sentido de envenenar, vagarosamente, a rival retraída e desditosa.

A princípio, observou a filha do senador que lhe surgiam algumas erupções cutâneas que, consideradas de somenos importância, foram tratadas tão sómente á pasta do miolo de pão misturado ao leite de jumenta, e havida na época, como específico dos mais eficazes para a conservação da péle. A espôsa de Plínio, todavia, queixava-se incenssantemente de fraqueza geral, apresentando o mais profundo desânimo.

Quanto a Plínio, o retomar a normalidade da vida pública e entregar-se, de novo, ao violento amor de Aurélia, foi questão de poucos dias, regressando á vida espectaculosa, com a amante e, agora, com a situação sentimental muito agravada pelas caluniosas denúncias de Saúl, acêrca-das relações afetuosas de Agripa com a espôsa.

Plínio Severus era generoso, embora impulsivo; mas, no regime familiar, seu espírito era o dêsses tiranos domésticos, que, adotando a conduta mais desregrada e incompreensível, não toleram a mínima falta no santuá-

rio da família. Embora a sua orientação errônea e condenável, passou a vigiar constantemente o irmão e a espôsa, com a feroz impulsividade de um leão ofendido.

Saúl de Gioras, por sua vez, despeitado com a sublime afeição fraternal entre Flávia e Agripa, o qual continuava com a dedicação silenciosa do seu amor de renúncia, não perdia ensejo para envenenar o coração impetuoso do oficial, levando-lhe ao espírito as calúnias mais torpes e injustificáveis.

Agripa, na sua generosidade e no seu sentimentalismo, não podia adivinhar as ciladas que o enredavam na vida comum e prosseguia com a preciosa atenção de sua amizade santificante, junto da mulher que não podia amá-lo senão com um sublimado amor fraterno.

O ex-escravo dos Severus não perdia, contudo, as esperanças. Procurando, frequentemente, o velho Araxes, que aumentava de cupidez e ambição á medida que se lhe multiplicavam os anos, aguardava ansiosamente o instante de realizar as suas apaixonadas esperanças.

Observando que Flávia Lentulia dispensava funda afeição á Agripa, não trepidou em ver sinceramente nos seus menores gestos uma prova de amor intenso e correspondido, procurando insinuar-se por tôdos os modos, afim-de captar-lhe, igualmente, o interêsse e a atenção.

Uma noite, depois de mais de dois mêses de espectativa ansiosa para atingir seus fins ignóbeis, conseguiu ficar só, absolutamente só, em companhia da jóvem senhora, que se mantinha em breve repouso, num largo divã do espaçoso terraço.

Do alto, contemplavam-se os mais belos panoramas da cidade, então clareada pelo brilho das primeiras estrêlas, na languidez suave do crepúsculo. As brisas cariciosas da tarde tranquila traziam sons de alaúdes e harpas, tangidos nas vizinhanças, como se fôssem vozes harmoniosas do seio imenso da noite.

Saúl fixou a mulher cobiçada, contemplando-lhe o formoso e delicado semblante de madona, de uma palidez de neve, sob o domínio de um langor doentio e inexplicável!... Aquela criatura representava o objeto de tôdas as suas aspirações violentas e rudes, a méta da sua felici-

dade impossível e impetuosa. Na materialidade dos seus sentimentos, não a podia amar como se fôra um irmão e sim com a brutalidade dos seus impuros desejos.

— Senhora — disse resoluto, depois de fitar-lhe o rosto demoradamente — ha muitos anos espero um minuto como êste, para poder confessar-vos a enorme afeição que vos dedico. Quero-vos acima de tudo, até da própria vida! Sei que para mim estais num plano inacessível, mas, que fazer, se não consigo dominar esta adoração, êste intenso amor de minhalma?

Flávia abriu demesuradamente os olhos serenos e tristonhos, tomada de penosa surpresa.

— Senhor Saúl — revidou corajosamente, triunfando da sua emoção — serenai o vosso ânimo... Se me tendes tamanha afeição, deixai-me no caminho dos meus deveres, onde precisa conservar-se tôda a mulher ciosa da sua virtude e do seu nome! Calai, portanto, as vossas emoções nêste sentido, porque o amor de vossas afirmativas não pode passar de um desejo violento e impuro!...

— Impossível, senhora! — ajuntou o liberto exasperado — já fiz tudo por esquecer-vos... Tenho feito tudo que era possível para afastar-me definitivamente de Roma, desde o dia infausto em que vos vi pela primeira vez!... Regressei para Massília decidido a nunca mais voltar, porém, quanto mais me apartava da vossa presença, mais se me enchia a alma de tédio e de amargura! Fixei-me aquí, novamente, onde tenho vivido da minha desventura e das minhas tristes esperanças!... Por mais de dez anos, senhora, tenho esperado pacientemente. Sempre tributei respeito ás vossas indiscutíveis virtudes, aguardando que um dia vos cansásseis do espôso infiél que o destino colocou, impiedosamente, no vosso caminho!...

Agora, pressinto que esgotastes o cálice das amarguras domésticas, porque não hesitastes em ceder ao aféto de Agripa... Desde que vos vi, na companhia de um homem que não é o vosso marido, tremo de ciúmes, porque sinto que fostes talhada apenas para mim... Ardo em zelos, senhora, e todas as noites sonho inten-

samente com os vossos carinhos e com a doce ternura de vossas palavras, que me enchem a alma tôda, como se de vós tão sómente dependesse tôda a felicidade da minha vida!...

Atendei aos apêlos de minha afeição interminável! Não me façais esperar mais tempo, porque eu poderia morrer!...

Flávia Lentulia ouvia-o, agora, entre surpreendida e aterrada. Quis levantar-se, mas faltou-lhe o ânimo precioso. Mesmo assim, teve a coragem necessária para responder-lhe:

— Enganai-vos! — entre mim e Agripa existe apenas uma afeição santificada e pura, de irmãos que se identificam nas provações e nas lutas da vida.

Não aceito as vossas insinuações acrimoniosas á vida particular de meu marido, porque, tenha êle a conduta que lhe aprouver na existência, eu devo ser a sentinela do seu lar e a honra do seu nome...

Se puderdes compreender o respeito devido a uma mulher, retirai-vos daqui, porque os vossos propósitos de traição me causam a mais funda repugnância!

— Deixar-vos?! Nunca!... — exclamou Saúl com terrível entono. Esperar tantos anos e nada conseguir? Nunca, nunca!...

E avançando para a senhora indefesa, que se levantára num esfôrço supremo, abraçou-lhe o busto, em ânsias apaixonadas, retendo-a nos braços impulsivos, por um rápido minuto.

Saúl, todavia, na sua excitação e terrível impulsividade, não teve ânimo para resistir á fôrça sobrehumana com que a pobre senhora se defendeu naquele transe penoso para a sua alma sensível, e perdeu a presa que se lhe escapou inopinadamente das mãos criminosas, descendo imediatamente aos seus aposentos, onde se recolheu chorando as lágrimas da sua indignidade ofendida, mas evitando qualquer nota escandalosa sôbre o incidente.

Só no dia seguinte, á noite, Plínio Severus veiu á casa, encontrando-a desalentada e abatida.

Censurando-lhe a ausência, na intimidade conjugal, o espôso infiél respondeu-lhe secamente:

— Mas uma cena de ciúmes? Bem sabes que isso é inútil!

— Plínio, meu querido — esclareceu entre lágrimas — não se trata de ciúme, mas da justa defesa de nossa casa!...

E, em rápidas palavras, a desventurada criatura o pôs ao corrente de todos os fatos; todavia, o oficial esboçou um sorriso de incredulidade, acentuando com certa indiferença:

— Se esta longa história é mais um artifício de mulher ciumenta, para me reter na insipidez do ambiente doméstico, todo o esfôrço é indispensável, porque Saúl é o meu melhor amigo. Ainda ontem, quando me encontrava em sérias aperturas financeiras para resgatar algumas dívidas, foi êle quem me emprestou oitocentos mil sestércios. Seria melhor, portanto, que prezasses melhor a honra do nosso nome, abandonando as tuas relações com Agripa, já excessivamente comentadas, para que eu alimente qualquer dúvida!

E, assim falando, retirou-se novamente para os prazeres da vida noturna, enquanto a consorte amargava, em silêncio, o seu inominável martírio moral, sentindo-se abandonada e incompreendida, sem qualquer esperança.

Alguns dias correram lentos, amargos, dolorosos.

Flávia, dado o seu natural retraímento feminino, não teve coragem de confiar ao pai, já de si tão acabrunhado pelos golpes da vida, a sua enorme amargura.

Agripa, contudo, observando-lhe o abatimento, buscava confortar-lhe o coração com generosas palavras, examinando as perspectivas de melhores dias no porvir.

A pobre senhora, todavia, definhava a olhos vistos, sob o domínio das moléstias inexplicáveis que lhe dominavam os centros de fôrça e sob a tortura íntima dos seus penosos segrêdos.

Saúl de Gioras, porém, como se tivesse tôdos os seus instintos açulados por aquele minuto em que tivera entre os braços impetuosos a mulher dos seus desejos impulsivos, jurava, intimamente, possuí-la a qualquer preço,

enchendo-se dos mais terríveis propósitos de vingança contra o filho mais velho de Flamínio. Foi assim que continuou a frequentar o palácio do Aventino, tomado das intenções mais sinistras.

Respeitando as antigas tradições da família Severus, que sempre fizera questões de proporcionar áquele liberto um perfeito tratamento de amigo íntimo, Públio Lentulus, embora a pouca simpatia que lhe inspirava, concedia-lhe o máximo de liberdade na sua residência, sem suspeitar de leve, dos seus propósitos condenáveis. Agora, porém, Saúl não buscava a intimidade da família nem se avistar, de modo algum, com a espôsa de Plínio ou com o pai, conservando-se em companhia dos servos da casa ou permanecendo nos aposentos particulares de Agripa ou do irmão, que nunca lhe haviam negado a mais sincera confiança.

Da sua permanência nas sombras, todavia, procurava observar os mínimos gestos do irmão mais velho de Plínio, que, atendendo á situação de abatimento de Flávia Lentulia, conservava-se horas a-fio, muitas vezes em companhia do velho senador, nos seus apartamentos privados, ora prolongando as suas tristes esperanças no futuro, com a possível compreensão do espôso, ora dando-lhe a conhecer os versos mais admirados da cidade, comentando-se, fraternalmente, as bagatelas encantadoras da vida social.

Diariamente, contudo, o sicofanta procurava o marido de Flávia, para colocá-lo ao corrente de fatos injustificáveis e inverosímeis, a respeito da vida íntima de sua mulher.

Plínio Severus dava tôdo o crédito aos desarrazoados do falso amigo, afervorando cada vez mais sua dedicação a Aurélia, que lhe empolgava o coração, assediado e enceguecido pelas mais torpes tentações da vida material.

Envenenado pelas intrigas criminosas e reiteradas de Saúl, licenciara-se o oficial, de modo a realizar uma viagem ás Gálias, com a amante, por satisfazer-lhe caprichosos desejos ha muito manifestados.

No dia da partida para Massília, de onde pretendia demandar o interior da província, foi procurado por

Saúl na residência de Aurélia, que ficava próximo do Fôrum, ouvindo-lhe, em febre de ódio, as mais tremendas afirmativas, terminadas com esta aleivosa sugestão:

— "Se quiseres verificar por ti mesmo a traição de Agripa e tua mulher, volta hoje á noite, furtivamente á tua casa e busca penetrar inesperadamente no teu quarto. Não precisarás, então, dos zêlos da minha dedicação amiga, porque encontrarás teu irmão em atitudes decisivas."

Naquele momento, Plínio Severus altimava os preparativos de viagem, tendo mesmo, pela manhã, apresentado as suas despedidas em casa, aos mais íntimos familiares e, para justificar os imperativos de sua ausência, alegára determinações imperiosas da chefia de suas atividades militares, embora fôssem muitos diversos os verdadeiros e inconfessáveis motivos da sua partida.

Ouvindo, entretanto, as graves denúncias do liberto judeu, o oficial preparou-se para enfrentar qualquer eventualidade, dirigindo-se, á noite, para o palácio do Aventino, com o espírito atormentado por tigrinos sentimentos.

O liberto, porém, que planejava executar seus projetos criminosos, nas suas intenções impiedosas e terríveis, postou-se, á noitinha, com a cumplicidade natural de tôdos os servidores da casa, nos apartamentos particulares de Agripa, procedendo de tal modo que os próprios escravos não poderiam atinar com a permanência de sua presença nos aposentos referidos.

A' noite, Plínio Severus procurou a casa, inopinadamente, com surpresa para alguns criados, que tinham ciência de suas despedidas e, sem dizer palavra, encequecido pelas calúnias injuriosas do falso amigo, penetrou cautelosamente no gabinete da espôsa, ouvindo a voz despreocupada do irmão, embora não conseguisse identificar as suas palavras.

Abrindo, um pouco, a cortina sedosa e delicada, viu Agripa nos seus gestos de carinho íntimo e fraterno, acariciando as mãos de sua mulher com um leve e doce sorriso.

Por muito tempo observou-lhes, ansioso, os meno-

res gestos, surpreendendo-lhes as recíprocas demonstrações de suave estima fraternal, representadas agora, aos seus olhos cégos de ódio e ciúme, como os mais francos indícios de prevaricação e de adultério.

No auge da deseperação, abriu as cortinas num gesto brusco, penetrando a câmara conjugal, como se fôra um tigre atormentado.

— Infames!... — gritou em voz baixa e enérgica, procurando evitar a escandalosa assistência dos criados. Então, é dêste modo que manifestam o respeito devido á dignidade do nosso nome?

Flávia Lentulia, com os seus padecimentos físicos fundamente agravados, fez-se pálida de neve, enquanto Agripa enfrentava o terrível olhar do irmão, singularmente surpreendido.

— Plínio, com que direito me insultas dessa forma? — perguntou êle energicamente. Saiamos daqui, imediatamente. Discutiremos as tuas injuriosas objeções no meu quarto. Aqui permanece uma nobre criatura enfêrma e abandonada pelo espôso, que lhe humilha o nome e os milindres com a vileza de um proceder criminoso e injustificável, que requer o nosso amparo e o nosso respeito!...

Os olhos de Plínio Severus fuzilavam de raiva, enquanto o irmão levantou-se serenamente, retirando-se para os seus aposentos, acompanhado do oficial que fremia de raiva, agravada pela humilhação que lhe infligia a calma superior do adversário.

Chegados, porém, aos aposentos de Agripa, o impulsivo oficial, depois de numerosas acusações e reprimendas, explodia em exclamações dêste jaez:

— Vamos! Explica-te, traídor!... Então, lanças a lama da tua ignominia sôbre o meu nome e te acovardas nesta serenidade incompreensível?!

— Plínio — exclamou Agripa ponderadamente, obrigando o interlocutor a calar por alguns momentos — é tempo de pôres termo aos teus desatinos.

Como poderás provar semelhante calúnia contra mim, que sempre te desejei o maior bem? Qualquer comentário menos digno, acêrca-da conduta de tua mu-

lher, é um crime imperdoável. Falo-te, nesta hora grave dos nossos destinos, invocando a memória irrepreensível de nossos pais e o nosso passado de sinceridade e confiança fraterna...

O impetuoso oficial quasi se imobilizára, como um leão ferido, ouvindo essas ponderações superiores e calmas, enquanto Agripa continuava a externar suas impressões mais íntimas e mais sinceras:

— E agora — prosseguia com serenidade — já que reclamas um direito que nunca cultivaste, em vista da sucessão interminável dos teus desatinos na vida social, devo afirmar-te que adorei tua mulher acima de tudo, em toda a vida!... Quando gastavas a tua mocidade junto do espírito turbulento de Aurélia, vimos Flávia, na sua juventude, pela primeira vez, logo após o seu regresso da Palestina e descobri nos seus olhos a claridade afetuosa e terna que deveria iluminar a placidez do lar que eu idealizei nos dias que se foram!... Mas, descobriste, simultaneamente, a mesma luz e eu não hesitei em reconhecer os direitos que te cabiam ao coração, porque ela correspondeu á intensidade do teu afeto, parecendo-me unida a ti pelos laços indefiníveis de um santificado mistério!... Flávia te amava, como sempre te amou, e a mim só competia esquecer, buscando ocultar as minhas ansiedades torturantes e angustiosas!...

Ao ensejo do teu casamento, não resistí vê-la partir nos teus braços e, depois de ouvir a palavra materna, amorosa e sábia, demandei outras terras com o coração esfacelado! Por dez anos amargurosos e tristes, peregrinei entre Massília e a nossa propriedade de Avênio, em aventuras loucas e criminosas, em se tratando dos sentimentos mais santos do coração... Nunca mais pude acarinhar a idéia da constituição de uma família, atormentado constantemente pelas recordações da minha desventura silenciosa e irremediável.

Ultimamente, voltei á Roma com os derradeiros resquícios de minha ilusão dolorosa e malograda...

Encontrei-te no abismo das afeições ilícitas e não te condenei os deslises injustificáveis.

Sei que gastaste três quartas partes dos nosso bens comuns, satisfazendo á louca prodigalidade de tuas aventuras infelizes e degradantes, e não te censurei o procedimento inesperado.

E aqui, nesta casa, sob êste této que constitúe para nós ambos o prolongamento carinhoso do této paternal, não tenho sido para a tua nobre mulher, senão um irmão dedicado e amigo!...

Vendo-se acusado, claramente, por suas faltas e sentindo-se ferido nas suas vaidades de homem, Plínio Severus reagiu com mais ferocidade, exclamando exaltadamente na sua desesperação:

— Infame, é inútil aparentares esta superioridade inacreditável! Somos iguais, nos mesmos sentimentos, e não creio na tua dedicação desinteressada nesta casa. Ha muito tempo vives com Flávia, ostensivamente, em aventuras criminosas, mas resolveremos, agora, tôda a nossa questão pela espada, porque um de nós deve desaparecer!...

E, arrancando a arma de que fôra munido para qualquer eventualidade, avançou decididamente para o irmão, que cruzou os braços, serenamente, esperando-lhe o golpe implacável.

— Então, onde se encontram os teus brios de homem? — exclamou Plínio exasperado. Esta serenidade expressa bem a tua covardia... Coloca-te em defesa da vida, porque quando dois irmãos disputam a mesma mulher, um dêles deve morrer!

Agripa Severus, porém, sorriu tristemente, exclamando:

— Não retardes muito a consumação dos teus propósitos, porque me prestarás o bem supremo da sepultura, já que a minha vida, com as suas torturas de cada instante, nada mais representa que um caminho escabroso e longo para a morte.

Reconhecendo-lhe a nobreza e o heroísmo, mas acreditando na infidelidade da mulher, Plínio guardou novamente a espada, exclamando:

— Está bem! Eu podia eliminar-te, mas não o faço, em consideração á memória de nossos pais inesquecíveis;

todavia, continuando a acreditar na tua infâmia, partirei daquí para sempre, levando no íntimo a certeza de que tenho em teu espírito de traídor o meu maior e piór inimigo.

Sem mais palavra, Plínio retirou-se a passos largos, enquanto o irmão caminhando até a porta, lançava-lhe um derradeiro apêlo afetuoso, para que não se fôsse.

Alguém, todavia, acompanhára a cena, detalhe por detalhe. Êsse alguém era Saúl de Gioras que, saíndo do seu esconderijo e apagando inopinadamente a luz do quarto, alcançou Agripa num salto certeiro, pelas costas, vibrando-lhe um violento golpe. O pobre rapaz caiu redondamente numa pôça enorme de sangue, sem que lhe fôsse possível articular uma palavra. Em seguida ao ato criminoso, fugiu o liberto afetando despreocupação, sem que ninguém pudesse atinar com a dolorosa ocorrência.

No seu quarto, porém, Flávia Lentulia se surpreendia com a demora da solução de um caso em que se via envolvida e também considerado, por ela, á primeira vista, como um acontecimento sem importância.

Levantou-se, depois de considerável esfôrço, dirigindo-se á porta que comunicava os apartamentos de Agripa com o peristilo, mas, surpreendida com a escuridão e silêncio reinantes, apenas escutou, vindo do interior um leve rumor, semelhante ao sons roucos de uma respiração fatigada e opressa.

Dominada por dolorosos pressentimentos, a desventurada criatura sentiu bater-lhe o coração descompassadamente.

A ausência de luz, aquele ruído de respiração estertorosa e, sobretudo, o profundo e pavoroso silêncio, fizeram-na recuar, buscando o socôrro e a experiência de Ana, que lhe seduzira igualmente o coração, pela dedicação e pela humildade, em todos os dias daquele amargurado período da sua existência.

Gozando do respeito e da estima de tôdos, a velha criada de Lívia era, agora, quasi a governanta da casa, a quem, por determinação dos senhores, todas as escravas do palácio do Aventino deviam obediência.

Chamada por Flávia aos seus aposentos particulares, a velha servidora dos Lentulus depois de ouvir a apressada confidência da senhora, compartilhando-lhe dos receios, acompanhou-a ao quarto de Agripa, em cuja porta de entrada também parou, pensativa, embora já não mais se ouvisse a respiração opressa, observada minutos antes pela espôsa de Plínio.

— Senhora — disse afetuosa — estais abatida e ainda necessitais de repouso. Voltai ao quarto; se algo houver que justifique os vossos receios, procurarei resolver o assunto junto de vosso pai, a quem cientificarei do que houver, lá no seu gabinete particular.

— Agradecida, Ana — respondeu a senhora visivelmente emocionada — concôrdo contigo, mas esperarei aqui no peristilo o resultado de tuas providências.

Com uma prece, a antiga criada penetrou no aposento, fazendo um pouco de luz e parando o olhar, quasi estarrecida.

No tapete, o cadaver de Agripa Severus, caído de bôrco, descansava numa pôça de sangue, que ainda corria do profundo ferimento aberto pela arma homicida de Saúl.

Ana precisou mobilizar todas as reservas de serenidade da sua fé, para não gritar escandalosamente, alarmando a casa inteira. Ela, porém, que tantos padecimentos havia já experimentado em tôdo o curso da vida, não tinha grande dificuldade em juntar mais uma nota angustiosa ao concêrto de suas amarguras, sofridas sempre com resignação e serenidade.

Todavia, sem poder dissimular a angústia e a profunda palidez, voltou novamente ao peristilo, exclamando algo inquieta, para Flávia Lentulia, que lhe observava as mínimas atitudes, ansiosamente:

— Senhora, não vos assusteis, mas o senhor Agripa está ferido...

E aos primeiros movimentos de curiosidade angustiosa da filha do senador, que lembrava a profunda desesperação do espôso momentos antes, Ana acalmou-a com estas palavras:

— Não temos tempo a perder! Procuremos o se-

nador, para as primeiras providências; contudo, suponho que devo cuidar sozinha dessa tarefa, aconselhando-vos a buscar a tranquilidade do vosso quarto.

Mas, silenciosas e inquietas, dirigiram-se as duas, apressadamente, ao gabinete de Públio, que descansava os olhos sôbre numerosos processos políticos, no seio tranquilo da noite.

— Agripa, ferido?! — perguntou altamente surpreendido o senador, depois de se inteirar da ocorrência pela palavra de Ana. Mas, quem teria sido o autor de semelhante atentado nesta casa?

— Meu pai — respondeu Flávia entre lágrimas — ainda ha pouco, Plínio e Agripa tiveram séria altercação no interior dos meus aposentos!...

Públio Lentulus percebeu o perigo das palavras confidenciais da filha em tal circunstância e, como não podia acreditar que os filhos de Flamínio, sempre tão unidos e generosos, fôssem ao extremo das armas, acentuou decisivamente:

— Minha filha, não acredito que Plínio e Agripa se abalançassem a tais extremos.

E, como estivessem na presença de Ana, que por mais conceituada que fôsse, agora, na sua confiança pessoal, não podia modificar a estrutura de suas rígidas tradições familiares, acrescentou como se quisesse prevenir o espírito da filha contra qualquer revelação inconveniente que pudesse envolver o seu nome, nos escândalos sociais, irremediáveis:

— Além disso, não me pareces muito certa em tuas lembranças, porque Plínio despediu-se de manhã, seguindo viagem para Massília. Não podemos esquecer esta circunstância.

Não se viu algum desconhecido nesta casa?

— Senhor — respondeu Ana, com humildade — ha alguns minutos vi que o senhor Saúl se retirava apressado lá do quarto do ferido. De acôrdo com as minhas observações e atento á sua familiaridade com os vossos amigos, suponho-o pessôa indicada para nos dar qualquer esclarecimento.

Os olhos do velho senador brilharam estranhamente, como se houvesse encontrado a chave do enigma.

Nêsse instante, porém, enquanto organizava os seus papéis, apressadamente, afim-de prestar os primeiros socorros ao ferido, Flávia Lentulia, como se as observações de Ana lhe suscitassem novas explicações, rompeu soluçante.

— Meu pai, meu pai, só agora me recordo de que vos deveria cientificar de cousas muito graves!...

— Filha, — acudiu com decisão — estás doente e fatigada. Recolhe-te ao quarto, procurarei a tudo remediar!... E' muito tarde para qualquer ponderação. As cousas graves são sempre más e o mal que não se corta pela raiz, com o esclarecimento necessário, é sempre uma semente de calamidade guardada em nosso coração, para rebentar em lágrimas de amargura, nas horas inesperadas da vida!... Falaremos, pois, mais tarde. Urge, agora, providenciar o que seja mais urgente e oportuno.

Retirando-se apressado, com a serva, em demanda dos apartamentos do rapaz, notou que Flávia obedecia, sem discussão, ás suas determinações, recolhendo-se ao quarto.

Penetrando nos aposentos de Agripa, em companhia da velha serva, Públio Lentulus conseguiu medir toda a extensão da tragédia alí desenrolada, sob o seu této respeitável.

Fechando a porta de acesso, o senador verificou que o filho mais velho do seu inesquecível Flamínio estava morto, restando saber os íntimos detalhes daquele drama doloroso, cujo fim angustiado era a única cena que ali se deparava...

Ajoelhando-se ao lado do cadáver, no que foi acompanhado pela serva e amiga leal, falou compungidamente:

— Ana, é muito tarde!... O meu pobre Agripa já não vive, nem haveria possibilidade de socôrro para um ferimento desta natureza!... Parece haver expirado ha poucos momentos!...

Alçando ao Alto o olhar marejado de lágrimas, exclamou amarguradamente:

— O' manes de meu desventurado filho, acolhei as nossas súplicas pelo descanso perpétuo de sua alma!...

Todavia, aquela prece morrera-lhe no íntimo. A voz tornara-se-lhe frouxa e oprimida. Aquele espetáculo hediondo abalara-o profundamente. Queria falar, sem o conseguir, porquanto tinha a garganta como que dilacerada e rebelde, sob a fôrça dos singultos do coração, que morriam latentes na soledade da sua imperiosa fortaleza espiritual.

Ana o contemplou aflita, porque seus olhos nunca o haviam observado em atitudes tão íntimas, em todo o longo tempo de serviço naquela casa.

Públio Lentulus, aos seus olhos era sempre o homem frio e impiedoso, em cujo peito pulsava um coração de ferro, que não podia timbrar senão para as loucas vaidades mundanas.

Naquele instante, contudo, entre assustada e comovida, observava que também o senador tinha lágrimas para chorar. De seus olhos sempre altivos, caíam lágrimas ardentes, que rolavam, silenciosas e tristes, sôbre a cabeça inerte do rapaz, também considerado por êle um filho, como se nada mais lhe restasse, além do consôlo supremo de abraçar carinhosamente os seus tristes despojos, através do véu escuro de suas dúvidas angustiosas.

Ana, profundamente tocada pela amargura daquela cena íntima, exclamou com humildade, desejosa de confortar a dôr imensa daquele mal sem remédio:

— Senhor, tenhamos coragem e serenidade. Nas minhas orações obscuras, peço ao profeta de Nazaré que vos ampare do céu, confortando-vos o coração sofredor e desalentado!

O pensamento do senador vagava no dédalo das dúvidas tenebrosas. Cotejando as observações da filha e as palavras de Ana, buscava descobrir, no íntimo, a intuição sôbre a culpabilidade do delito. A qual dos dois, Plínio ou Saúl, deveria imputar a autoria do atentado nefando? Êle, que decidira tantos processos difíceis

na sua vida, êle, que era senador e não perdia também ensejo de participar dos esforços da edilidade romana, sentia agora a dôr suprema de exercer a justiça em sua própria casa, na perspectiva da destruição de tôda a ventura dos seus filhos muito amados!...

Ouvindo, porém, as expressões consoladoras e carinhosas da serva, recordou a figura extraordinária de Jesús Nazareno, cuja doutrina de piedade e misericórdia a tantos fortalecia para afrontar as situações mais ríspidas da vida, ou para morrer, heróicamente, como sua própria mulher. Dirigindo-se, então, á criada, com uma intimidade imprevista, em gestos comovedores de simplicidade generosa, quais a serva jamais lhe observára, em qualquer circunstância da vida doméstica, disse:

— Ana, — sempre fui um homem enérgico, em tôda a vida, mas chega sempre um momento em que o nosso coração se sente acabrunhado diante da rudeza das lutas que o mundo nos oferece com as suas desilusões amargas e dolorosas! Se és tão sómente uma serva, eu sei hoje apreciar-te o coração, embora tardiamente!...

Uma lágrima espontânea embargava-lhe a voz, porém, o velho patrício continuava:

— Em tôda a minha existência, tenho julgado uma imensidade de processos de tôda natureza, relativos á justiça do mundo; mas, de tempos a esta parte, parece-me que estou sendo julgado pela fôrça incoercível de uma justiça suprema, cujos tribunais não se encontram na Terra!...

Desde a morte de Lívia, sinto o coração modificado, a caminho de uma sensibilidade para mim, até então desconhecida.

A aproximação da velhice parece uma ante-câmara da morte de tôdos os nossos sonhos e esperanças!...

Frente a êste cadáver, que, certamente, vai aumentar a sombra dos nossos segrêdos de família, sinto quão dolorosa é a tarefa de justificar os nossos entes amados e, já que te referes ao Mestre de Nazaré, cuja doutrina de paz e fraternidade a tantos tem ensinado a morrer com resignação e heroísmo supremos, pela vitória da cruz dos seus martírios terrestres, como procederia êle

num caso dêstes, em que as mais tremendas dúvidas me pairam no coração, quanto á culpabilidade de um filho muito amado?

— Senhor — respondeu Ana, com humildade, fundamente comovida ante aquela prova de consideração afetuosa — muitas vezes, Jesús nos ensinou que jamais devemos julgar para não sermos também julgados.

O senador se surpreendia, ao receber, de uma criatura tão simples e tão inculta aos seus olhos, essa maravilhosa síntese da filosofia humana, repassando, no espírito, o seu doloroso passado.

— Mas, — aventou como se quisesse justificar-se a si mesmo dos êrros profundos do seu passado de homem público — os que não julgam perdoam e esquecem; e, se mandam as leis da vida que sejamos agradecidos ao bem que se nos faça, não podemos perdoar o mal que se nos atira no caminho!...

Ana, porém, não perdeu o ensejo de consolidar o ensinamento evangélico, acrescentando com doçura:

— Mesmo na minha terra, a Lei antiga mandava que se cobrasse ôlho por ôlho e dente por dente, mas Jesús de Nazaré, sem destruir a essência dos ensinos do Templo, esclareceu que os que mais erram no mundo são os mais infelizes e mais necessitados do nosso amparo espiritual, recomendando, na sua doutrina de amor e caridade, não perdoassemos uma vez só, mas setenta vezes sete vezes.

Públio Lentulus admirava-se de aprender aqueles generosos conceitos da sua criada, dentro dos princípios do perdão irrestrito. Perdoar? Nunca o fizera em suas porfiadas lutas no mundo. Sua educação não admitia piedade ou comiseração para os inimigos, porque tôdo perdão e tôda humildade significavam, para os de sua classe, traíção ou covardia.

Lembrava-se, porém, agora, de que em numerosos processos políticos poderia haver perdoado e que, em muitas circunstâncias da sua vida, poderia ter fechado os olhos da sua severidade com amoroso esquecimento.

Sem saber a razão, como se uma energia ignorada lhe reconduzisse o pensamento aos tempos idos, suas

lembranças se transportaram ao período remoto de sua viagem á Judéia, revendo com os olhos da imaginação a cena em que, com o seu rigorismo, escravizára impiedosamente um mísero rapaz. Sim, também aquele jóvem se chamava Saúl e êle trazia agora o cérebro ralado por dúvidas amargosas, entre aquele Saúl, liberto dos seus amigos, e a figura de Plínio, sempre guardada no seu conceito num halo de amor e generosidade.

Perdoar?

E o pensamento do senador se quedava em meditações amargas e penosissimas, naqueles minutos angustiados e longos. Era, talvez, uma das poucas vezes na vida, em que o seu cérebro duvidava, receoso de fazer caír a austeridade do julgamento sôbre a fronte de um filho muito querido.

Mas, saíndo dessa apatia de alguns minutos, exclamou com resolução:

— Ana, o profeta Nazareno devia ser, de fato, uma figura divina aqui na Terra!... Eu, porém, sou humano e careço de fôrças novas para viver uma existência fóra de minha época... Quero perdoar e não posso... Quero julgar, todavia, nêste caso, e não sei como fazê-lo... Mas, hei de saber decidir, quanto á solução dêste angustioso problema! Farei o possível por observar os preceitos do teu mestre, guardando uma atitude de silêncio, até que venha a conhecer o verdadeiro culpado, quando, então, buscarei não julgar como os homens, mas pedir á essa justiça divina que se manifeste, amparando meus pensamentos e esclarecendo os meus atos...

E como se retomasse a sua energia usual para as lutas da vida, o velho patrício sentenciou:

— Agora, tratemos da vida nas suas realidades dolorosas.

Colocou o cadáver de Agripa no leito e recomendando á serva que preparasse o espírito da filha, amparando-lhe o coração no angustioso transe, abriu as portas do aposento, requisitou a presença de tôdos os fâmulos da casa, levando a ocorrência ao conhecimento das autoridades e procedendo, simultaneamente, a rigoroso inquérito, afim-de apurar a procedência do crime,

embora um episódio daquela natureza fôsse considerado vulgaríssimo nos dias atribulados da Roma de Domício Nero.

Alguns criados alegavam ter visto Plínio Severus com o irmão, durante a noite; mas a palavra do senador anulava-lhes as declarações, com a afirmativa de que o irmão da vítima havia partido, durante o dia, em demanda do pôrto de Massília.

Saúl era, dêsse modo, a pessoa naturalmente indicada para prestar declarações e, antes que se realizassem as cerimônias fúnebres, o senador supunha ter razões para crer na sua culpa, observando-lhe as evasivas e alusões descabidas, que não satisfaziam ás exigências da sua perquirição psicológica. Suas afirmações e indiretas não coincidiam com as asseverações incisivas de Ana, cuja retidão de palavra êle bem conhecia. Em alguns tópicos de suas informações, negou estivesse presente nos aposentos de Agripa e isso foi o bastante para que o senador verificasse que mentia.

Quanto a Plínio, não fôra de fato encontrado, obtendo-se tão sòmente a lacônica participação da sua partida para Massília, o que de fato ocorrera na mesma noite da tragédia, depois da sua altercação decisiva com o irmão, no palácio do Aventino.

Em companhia de Aurélia, demandava as Gálias, em suntuosa galera, singrando as águas calmas do antigo mar romano.

O senador, porém, apenas desejava ouvir melhor as confidências da filha, para arrancar a confissão suprema do mísero liberto de Flamínio, de cuja culpabilidade não tinha mais dúvida.

Procurou, dessarte, realizar com a maior discreção os funerais do filho do seu inesquecível amigo, aos quais Saúl de Gioras teve a desfaçatez de assistir, com tôda a serenidade venenosa do seu espírito mesquinho.

Flávia Lentulia, porém, sob o efeito pernicioso de tóxicos letais, que lhe haviam sido aplicados por Athéia, a serva traídora, paga por Aurélia, que, na sua inconciência, havia envenenado tôdos os cosmeticos do seu uso, destinados ao tratamento da péle e dos cílios, tinha,

agora, todos os seus padecimentos físicos singularmente agravados, além da terrível situação moral em face da penosa ocorrência e acabrunhada, igualmente, por dúvidas angustiosas.

Aquele mal da infância parecia reviver, porque o corpo novamente se abria em chagas dolorosas, enquanto os olhos pareciam sériamente atacados por moléstia implacável.

Três dias depois das exéquias de Agripa, Públio Lentulus fundamente penalizado, ouviu-lhe o depoimento íntimo e angustioso, com o máximo de atenção amorosa e interessada. Findo o relato minucioso da filha, cujas desventuras conjugais lhe tocavam o âmago do coração, o velho senador requereu novo interrogatório de Saúl, com a sua presença, mas, enviando emissários á procura do liberto de Flamínio, ficara atônito com uma nova surpresa.

Saúl de Gioras, depois de responder ás arguições particulares de Públio Lentulus, quando ainda não se haviam realizado os funerais de Agripa Severus, percebeu claramente a atitude mental do senador para consigo, concluindo que lhe não seria possível enganar o tacto psicológico do velho senador.

Dois dias após as cerimônias fúnebres, o liberto procurou Araxes no seu miserável refúgio do Esquilino, com o espírito exacerbado e inquieto.

Crendo sinceramente nas intervenções maravilhosas do mago, á vista das suas faculdades divinatórias, aproveitadas, aliás, por fôrças tenebrosas do plano invisível, ligadas ás suas sinistras ambições de dinheiro, notou Saúl que o adivinho o recebia com a misteriosa fleugma de sempre. Deixou bem ao alcance da vista, a bolsa volumosa e enorme, recheada de ouro, como a demonstrar-lhe as suas ricas possibilidades financeiras, para aquisição do talismã de sua ventura.

O velho feiticeiro, encarquilhado pelos anos, reconhecendo-lhe as disposições generosas, desfazia-se em sorrisos de benevolência ambiciosa e enigmática, parecendo devassar-lhe o olhar assustadiço e inquieto, com o fulgor estranho dos seus olhos móveis e penetrantes.

— Araxes — exclamou Saúl com voz quasi súplice — estou cansado de esperar o amor da mulher que adoro! Estou aflito e preocupado... Preciso serenar minhas penosas aflições. Ouve-me! Quero de tuas mãos o talismã da felicidade para o meu amor desventurado!...

O velho adivinho guardou por minutos a cabeça entre as mãos, no gesto que lhe era peculiar e depois, respondeu em voz quasi sumida:

— Senhor, dizem-me as vozes do invisível que as vossas aflições não são resultantes de um amor incompreendido e desesperado...

Mas, o liberto de Flamínio, que sofria o mais fundo desespêro de conciência por haver eliminado um amigo e benfeitor, em plena floração da juventude, cortou-lhe a palavra exclamando incisivamente:

— Como ousas contradizer-me, feiticeiro infame?

Araxes, todavia, com um brilho estranho nos olhos móveis, revidou com presteza:

— Julgais-me, então, um feiticeiro infame? Nem por isso, todavia, deixarei de falar a verdade, quando a verdade me convenha.

— Pois repito o que disse e a que verdades misteriosas aludes, em tuas vagas afirmatívas? — falou o liberto, fundamente exasperado.

— A verdade, meu amigo — dizia o mago com serenidade quasi sinistra — é que se estais tão perturbado é sómente porque sois um criminoso. Assassinastes, friamente, um benfeitor e um amigo, e a vossa conciência de celerado teme a implacável ação da justiça!

— Cala-te, miserável! Como o soubeste? — exclamou Saúl, excitadíssimo, ao mesmo tempo que arrancava de punhal de entre as dobras de suas vestes.

E avançando para o velho indefeso, acrescentava com voz cavernosa:

— Já que as tuas ciências ocultas te proporcionam conhecimentos perniciosos á tranquilidade alheia, deves também desaparecer!...

Araxes compreendeu que o momento era decisivo. Aquele homem arrebatado era capaz de eliminá-lo de um só golpe. Medindo a situação num relance e mo-

vimentando toda a sua argúcia para conservar os bens da vida, esboçou um sorriso fingido e complacente, exclamando:

— Ora, ora, se falei a verdade foi tão sómente para que possais avaliar os meus poderes espirituais, porquanto, se é do vosso desejo, poderei integrar-vos imediatamente, na posse do talismã que vos é necessário. De posse dêle, sereis profundamente amado pela mulher de vossas preferências... Com êle, modificareis os mais íntimos sentimentos dessa criatura que adorais e que vos fará, então, a felicidade de tôda a vida. Quanto ao mais, não sois o primeiro a tirar a vida de um semelhante, porque tôdos os dias me aparecem freguêses nas vossas condições, batendo a estas portas. Além disso, entre nós deve existir uma grande confiança recíproca, porque sois meu cliente ha mais de dez anos.

Ouvindo-lhe as palavras benevolentes e serenas, o liberto de Flamínio embainhou novamente a arma, considerando novas perspectivas de felicidade e concordando em tudo com o adivinho, que, fazendo-o sentar-se, lhe ocupou a atenção por mais de uma hora com a descrição de fatos idênticos aos que lhe ocorriam, demonstrando teoricamente a eficiência dos seus amulentos miraculosos. Ia a palestra em boa fórma, quando Saúl lhe solicitou a cessão imediata do talismã, porquanto, desejava experimentar-lhe o efeito naquele mesmo dia, ao que Araxes respondeu pressuroso:

— O vosso talismã está pronto. Posso entregar-vos esta preciosidade agora mesmo, dependendo tão sómente de vós mesmo, porque precisareis beber o filtro necessário, que vos colocará na situação espiritual requerida pelo cometimento.

Saúl não fez questão de submeter-se ás imposições do velho egípcio, nas suas manobras estranhas e misteriosas, penetrando uma câmara ornamentada de vários símbolos extravagantes, que lhe eram totalmente desconhecidos.

Araxes levava a efeito as encenações mais sugestivas. Vestiu-lhe sôbre a toga comum, larga túnica igual

á sua e, depois de fingidas posições de magia incompreensível, foi ao interior do pequeno laboratório, onde tomou de um tóxico violento, monologando intimamente de si para consigo: — "Vais receber o talismã que mais te convém nêste mundo".

Deitou algumas gôtas do perigoso filtro numa taça de vinho e, com largos gestos espetaculosos, como se estivesse obedecendo a um ritual ignorado, deu-lhe a beber o conteúdo, prosseguindo nos seus gestos exóticos, que eram bem as expressões pitorescas e sinistras de uma extravagante magia de morte.

Ingerindo o vinho na melhor intenção de guardar o amuleto da sua felicidade, o perigoso liberto sentiu que seus membros se relaxavam sob o império de uma fôrça desconhecida e destruidora, porquanto lhe faltava a própria voz para externar as emoções mais íntimas. Quis gritar, mas não conseguiu e inúteis foram todos os esfôrços para levantar-se. Aos poucos, os olhos turvaram-se lugubremente, como enevoados por uma sombra espessa e indefinível. Desejou manifestar o seu ódio ao mago assassino, defender-se daquela angústia que lhe sufocava a garganta, mas a lingua estava hirta e um frio penetrante invadiu-lhe os centros vitais. Deixando pender a cabeça sôbre os cotovelos apoiados ao longo da mesa ampla, compreendeu que a morte violenta lhe destruia tôdas as fôrças pletóricas do organismo.

Araxes fechou tranquilamente o quarto, como se nada houvesse acontecido, e voltou á sua loja, atendendo solícito á clientela numerosa, sem quebra da sua habitual serenidade.

Antes da noite, porém, penetrou na câmara mortuária e esvasiou a bolsa do cadáver, guardando-a silenciosamente entre as suas fartas reservas de avarento.

Depois das vinte e três horas, quando a cidade dormia, o velho feiticeiro do Esquilino misturava-se aos escravos que faziam o serviço noturno dos transportes, conduzindo uma pequena carroça de mão, dentro da qual ia um grande volume.

Após longo trajeto, ganhava as cercanias do Fôrum, entre o Capitólio e o Palatino, onde descansou,

esperando o derradeiro quarto da madrugada, quando, então, despejou a carga num ângulo escuro da via pública, voltando tranquilamente para o seu sono de cada noite.

No dia seguinte, o cadáver de Saúl foi facilmente identificado e, quando o senador buscava o liberto para declarações, recebeu a surpresa daquela notícia inesperada, inquirindo a si mesmo as razões daquela morte imprevista e estranha, aturdido com a entrosagem do mecanismo da justiça divina e perguntando, intimamente á própria conciência, se Saúl não seria um daqueles criminosos imediatamente justiçados pela lei das compensações, no caminho infinito dos destinos.

Seu coração, mais que nunca inclinado ao exame das profundas questões filosóficas, perdia-se num abismo de conjeturas, recordando a recomendação do espírito de Flamínio e as lições cariciosas de Ana, dentro de suas frases evangélicas, procurava, com a maior boa vontade, resolver o problema do perdão e da piedade. Desejoso de satisfazer á própria conciência nas atividades da vida prática, buscou contrariar as suas tradições e os seus costumes em face do acontecimento, e, dirigindo-se á residência do algoz de seus filhos, tomou todas as providências para que não lhe faltassem a decência e o respeito nas cerimônias fúnebres. Alguns escravos e servos de confiança estavam habilitados a solucionar tôdos os problemas atinentes aos negócios deixados pelo morto, mas, cooperando nas suas exéquias, Públio Lentulus se sentia satisfeito por vencer a aversão pessoal, homenageando, ao mesmo tempo, a memória de Flamínio.

Localizando-se com a sua nova companheira, em Avênio, Plínio Severus teve conhecimento, por intermédio de amigos, da tragédia que se desenrolára em Roma na noite de sua ausência, sendo igualmente cientificado das dúvidas penosas que pairavam a seu respeito. Profundamente tocado nas suas fibras emotivas, lembrando-se do irmão que, tantas vezes lhe testemunhára as mais altas provas de afeto, desejou regressar, de maneira a esclarecer convenientemente o assunto, vingando-lhe a morte; todavia, amolecido nos braços de

Aurélia e receoso do julgamento do velho senador, respeitado como um pai, além da suspeita que lhe causava a notícia da inexplicável enfermidade da espôsa, deixou-se ficar na sua vida incompreensível, através de Avênio, de Massília, de Arelate, de Antípolis e Nicæ, buscando esquecer no vinho dos prazeres as grandes responsabilidades que lhe cabiam.

Junto de Aurélia, a vida do oficial decorreu em tranquilidade condenável, por três longos anos, quando um dia teve a dolorosa surpresa de encontrar a companheira perfida e insensível nos braços do músico e cantor Sergio Acerronius, chegado á Massília com as ruidosas alegrias da capital do Império.

Nêsse dia amargurado da sua existência, o filho de Flamínio investiu a mulher traídora, de arma na mão, disposto a tirar-lhe a vida criminosa e dissoluta. No instante, porém, da sua desforra, considerou intimamente que o assassínio de uma mulher, ainda que diabolicamente perversa, não deveria entrar nos trâmites da sua vida, supondo ainda que, deixá-la viver no caminho escabroso de suas crueldades seria a melhor vindita do seu coração traído e desventurado.

Abandonou, então, para sempre, aquela mísera criatura, que foi eliminada mais tarde, em Antium, pelo punhal implacável de Sergio, que não lhe tolerou o adultério e a pervicácia no crime.

Sentindo-se só, Plínio Severus considerou, amarguradamente, os êrros clamorosos da sua vida. Reviu o passado de futulidades condenáveis e atitudes loucas. Quasi pobre, viu-se misérrimo para voltar ao ambiente romano, onde, por tantas vezes, brilhára na mocidade, em aventuras pródigas e felizes.

Debalde enviára-lhe o senador apêlos afetuosos. Chamado a brios pelas lições dolorosas do próprio destino, o oficial, amparado por alguns amigos de Roma, preferiu esforçar-se pela sua rehabilitação nas cidades das Gálias, onde permaneceria longos anos em trabalho silencioso e rude, pelo reerguimento do seu nome diante dos parentes e amigos mais íntimos.

Já entrado nas profundas reflexões da idade ma-

dura, grande foi o seu penoso esfôrço de rehabilitação, distante dos entes mais caros.

Quanto ao velho senador, resistiu, decididamente, dentro da sua rígida estrutura espiritual, aos golpes aspérrimos do destino. Fazendo da luta de cada dia o seu melhor caminho de esclarecimento, viu passar os anos sem desânimo e sem ociosidade, nas avançadas expressões da sua fortuna material.

Desde os trágicos acontecimentos em que Agripa e Saúl haviam perdido a vida misteriosamente, com o abandono definitivo do marido, Flávia Lentulia tinha a saúde abalada para sempre. Na epiderme, os venenos de Athéia haviam sido anulados e vencidos pelas substâncias medicamentosas aplicadas, mas a luz dos seus olhos fôra aniquilada para tôdo o sempre. Desalentada e cêga, encontrou, porém, no coração generoso de Ana, o carinho materno que lhe faltava em tão penosas circunstâncias da vida.

A constituição física do senador, contudo, resistia a todos os embates e infortúnios.

Entre os esfôrços de carinhosa assistência á filha e as lides políticas que lhe tomavam o máximo de atenção, seus dias decorreram cheios de lutas acerbas, mas silenciosos e tristes, como sempre. Em seu espírito, havia agora as melhores e mais sinceras disposições para apreender a essência sagrada dos ensinamentos do Cristianismo, e foi assim que o seu coração penetrou o crepúsculo da velhice, como se as suas sombras fôssem clarificadas por estrêlas cariciosas e suaves. No seu íntimo, permanecia uma serenidade imperturbável, mas, na vida do homem corria o sôpro inquieto do esfôrço pelas realizações do seu tempo. O coração estava resignado com as desilusões penosas e amargas do destino, porém, no poder supremo do Império estava um tirano, que precisava caír em benefício das construções do direito e da família, e por isso, junto de numerosos companheiros, entregou-se ao trabalho sutíl da política interna, para a quéda de Domício Nero, que prosseguia avassalando a cidade com os espectáculos odiosos do seu nefando reinado.

Caius Pisão, Seneca, bem como outras figuras veneráveis da época, mais exaltadas no seu patriotismo e amor pela justiça, caíram sob as mãos criminosas do celerado que cingia a corôa, mas Públio Lentulus, ao lado de outros irmãos de ideal que trabalharam no silêncio e na sombra da diplomacia secreta, junto dos militares e do povo, esperou pela morte ou pelo banimento do tirano, aguardando as claridades do futuro, surgidas com o efêmero reinado de Sérvio Sulpício Galba, que, no dizer de Tacito, era "considerado por tôdos, digno do govêrno supremo do Império, se não houvesse sido Imperador.

VIII

NA DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

Mais de dez anos correram, silenciosamente e amargurados, depois de 58, sôbre a vida comum dos personagens desta história.

Sómente em 68, conseguira a política conciliatória de grande número de patrícios, entre os quais Públio Lentulus, o definitivo afastamento de Domício Nero com as suas nefandas crueldades. Todavia, a ascensão de Galba durára poucos mêses e aquele ano de 69 ia definir grandes acontecimentos na vida do Império.

Lutas numerosas encheram a cidade de pavor e de sangue.

A terrível contenda entre Othão e Vitelino dividira todas as classes da família romana, em facções hostís, que se odiavam ao extremo.

Afinal, a famosa batalha de Bedriac dava o trôno a Vitellio, que inaugurou um novo círculo de crueldades em todos os sectores políticos.

A diplomacia interna, porém, vigiava na sombra, examinando atentamente a situação, de modo a não permitir a continuidade de um novo surto de extermínio e de infâmia.

Vitellio apenas conservou o govêrno por oito mêses e dias, porque no mesmo ano de 69, as legiões do território africano, trabalhadas pela orientação sutíl dos que haviam destronado Nero e seus asseclas, haviam proclamado Vespasiano para a suprema investidura do Império. O novo imperador, que ainda se encontrava no campo de seus feitos de armas, empenhado na pacificação da Judéia distante, satisfazendo as exigências mais avançadas de tôdas as classes civís e militares, sendo recebido em triunfo para o posto supremo e iniciando-se, assim, a era prestigiosa dos Flávios.

Vespasiano integrava aquele grupo de patrícios operosos que contribuira, sem alardes, para a quéda dos tiranos.

Amigo pessoal de Públio Lentulus, o imperador se tornára famoso, não só por suas vitórias militares, mas também pelo seu criterioso tirocínio político, evidenciado em Roma desde os dias turbulentos de Calígula.

Sob a sua orientação administrativa, ia abrir-se uma trégua nas imoralidades governamentais, inaugurar-se-ia um novo período de compreensão das necessidades populares e na róta de seus planos econômico-financeiros, o Império ia caminhar para os dias regeneradores de uma era-nova.

Públio recebeu tôdos os acontecimentos com a velada alegria possível aos seus 67 anos de lutas e fortes experiências da vida. Sob a claridade serena da velhice, todavia, sua fibra moral e resistência física continuavam as mesmas de sempre.

Dentro da perspectiva de melhores dias para as realizações patrióticas, considerava, agora, como bem empregado tôdo o tempo que roubara á filha céga, para atender ao trabalho do bem coletivo e foi nêsse estado de espírito, com a conciência satisfeita pelo dever cumprido, de conformidade com as suas concepções, que se dirigiu ao palácio para atender a um chamado especial do imperador, que, muitas vezes, não deixou de recorrer ao conselho dos seus mais antigos companheiros de ideal.

— Senador — disse-lhe Vespasiano na intimidade tranquila de um dos magníficos gabinetes da residência

imperial — mandei chamá-lo para me amparar com a sua tradicional dedicação ao Império, na solução de um assunto que julgo de suma importância (1).

— Dizei, Augusto!... — respondeu Públio comovido.

Mas o imperador, gentil, cortou-lhe a palavra:

— Não, meu caro, entendamo-nos com a velha intimidade de outros tempos. Deixemos, por um instante, os protocolos.

E, vendo que o senador esboçava um sorriso de reconhecimento á sua palavra fluente e generosa, continuou a expôr a questão que o interessava:

— Chamado á Roma para o cargo supremo, não ousei desobedecer ás sagradas injunções que me impeliam ao cumprimento dêsse grande dever, obrigado a deixar meu filho na obra de pacificação da Judéia amotinada, trabalho êsse que considerarei, em tôda a vida, como o meu melhor esfôrço pela vitalidade do Império, no desdobramento de suas gloriosas tradições.

"Acontece, todavia, que o cêrco de Jerusalém se vai prolongando demasiado, acarretando as mais sérias consequências para meus projetos econômicos, no programa restaurador que me propús realizar no govêrno. Suponho que o meu valoroso Tito está necessitando de um conselho de civís, além dos assistentes militares que o acompanham na arrojada empresa, e lembrei-me de organizá-lo tão sómente com os meus amigos mais íntimos, que conheçam Jerusalém e suas cercanias.

Quando das minhas primeiras incursões na edilidade, tive conhecimento dos seus processos na reforma administrativa da Judéia, sabendo, portanto, da sua permanência em Jerusalém ha mais de vinte anos.

Era, pois, meu desejo que aceitasse, com outros poucos companheiros nossos, a incumbência de orientar melhor a tática militar de meu filho. Tito está necessitando da cooperação política de quem conheça a cidade

---

(1) Nota de Emmanuel: — Vespasiano esteve em Roma logo após a sua proclamação.

nos seus menores recantos, bem como os seus idiomas populares, de maneira a vencer a situação que se vai tornando cada vez mais penosa.

Públio Lentulus pensou na filha doente, um instante, mas, recordando-se da dedicação absoluta de Ana, que poderia, perfeitamente, substituir os seus zelos por algum tempo, respondeu com decisão e energia:

— Meu nobre imperador, vossa palavra augusta é a palavra do Império. O Império manda e eu obedeço, honrando-me em cumprir vossas determinações e correspondendo aos impulsos generosos da vossa confiança.

— Muito agradecido! — revidou Vespasiano estendendo-lhe a mão, extremamente satisfeito — tudo estará pronto, de modo que sua partida e de mais dois ou três amigos nossos, se verifique dentro de duas semanas, o mais tardar.

Assim aconteceu.

Depois das dolorosas despedidas da filha, que ficára aos cuidados da serva dedicada, no palácio do Aventino, o senador tomava a suntuosa galéra que, largando de Óstia, penetrou depressa o mar largo, rumo á Judéia.

O velho patrício reviveu, com penosa serenidade as peripécias da viagem dos seus tempos de juventude venturosa, quando a felicidade era para êle incompreensível, em companhia da espôsa e dos dois filhinhos.

Sim, a pequenina figura de Marcus, o filho desaparecido, parecia surgir novamente a seus olhos, sob uma auréola de radioso e santificado enlêvo.

Um dia, em Cafarnaum, levado pelas palavras caluniosas de Sulpício Tarquinius, duvidou da honorabilidade da mulher, acreditando, mais tarde, que o rapto da criança fôsse uma consequência da sua infidelidade. Mas, Lívia, agora, estava redimida de tôdas as culpas, no tribunal da sua conciência. Seus sacrifícios domésticos e a morte heróica no circo constituiam a prova máxima da sublimada pureza do seu coração. Naqueles instantes de meditação, figurava-se-lhe que voltára ao passado com os seus sofrimentos intermináveis, esbarrando sempre na sombra pesada do mistério, quando

tentava reler as páginas dêsse doloroso capítulo da sua existência.

A que abismos insondáveis e desconhecidos teria sido levado o pequenino que lhe perpetuaria a estirpe nobre?

Suas emoções paternais pareciam alarmar-se de novo, depois de tantos anos e tantos padecimentos em família.

Mas, embora lhe flutuassem no íntimo as mais penosas dúvidas, o senador, na rigidez da sua enfibratura moral, preferia crer, consigo próprio, que Marcus Lentulus havia sido assassinado por malfeitores vulgares, dados ao roubo e ao terrorismo, para nunca mais requisitar os seus desvelos paternais.

Assim querería crer, mas aquela viagem figurava-se-lhe uma autópsia de suas lembranças mais queridas e mais pungentes.

De tarde, ao suave clarão do crepúsculo no Mediterrâneo, parecia-lhe ver ainda o vulto de Lívia acalentando o pequenino, ou falando-lhe ao coração em termos afetuosos de consolação cariciosa, supondo lobrigar, igualmente, a figura de Comênio, o servo de confiança, entre os subalternos e escravos.

Em companhia de três outros conselheiros civís, chegou sem maior dificuldade ao destino, colocando-se êsse reduzido conselho de íntimos do Imperador á imediata disposição de Tito, que lhe aproveitou carinhosamente os pareceres, utilizando com grande êxito as suas opiniões, filhas de uma grande experiência da região e dos costumes.

O filho do Imperador era generoso e leal para com todos os compatriotas, que o consideravam como um benfeitor e um amigo. Mas, para os adversários, Tito era de uma crueldade sem nome.

Em tôrno da sua figura ardente e desassombrada, desdobravam-se legiões numerosas de soldados que combatiam encarniçadamente.

O cêrco de Jerusalém, terminado em 70, foi um dos mais impressionantes da história da humanidade.

A cidade foi sitiada, justamente quando intermina-

veis multidões de peregrinos, vindos de todos os pontos da província se haviam reunido junto ao templo famoso, para as festas do pão ásimo. Daí, o excessivo número de vítimas e as lutas acérrimas da célebre resistência.

O número de mortos nos terríveis recontros elevou-se a mais de um milhão, fazendo os romanos quasi cem mil prisioneiros, dos quais onze mil foram massacrados pelas legiões vitoriosas, depois da escolha dos homens válidos, entre cenas penosas de saque e de selvajaria, por parte dos soldados romanos.

O velho senador sentia-se amargurado com aqueles pavorosos espetáculos de carnificina, mas cumpria-lhe desempenhar a palavra dada e era com o melhor espírito de coragem que dava pleno cumprimento ao seu dever.

Seus pareceres e conhecimentos foram, muitas vezes, utilizados com êxito, tornando-se íntimo conselheiro do filho do imperador.

Diariamente, em companhia de um amigo, o senador Pompílio Grasso visitava os postos mais avançados das fôrças atacantes, verificando a eficácia da nova orientação observada pela estrategia militar dos seus patrícios. Os chefes de operações, várias vezes lhes chamaram à atenção, para não avançarem muito em suas atitudes de desassombro, mas Públio Lentulus não manifestava o menor receio realizando, na sua idade, minuciosos serviços de reconhecimento topográfico da cidade famosa.

Afinal, na véspera da quéda de Jerusalém, já se lutava quasi corpo a corpo em todos os pontos de penetração, havendo incursões de parte a parte nos campos inimigos, com ataques recíprocos e recíprocas crueldades para tôdos os que tivessem a infelicidade de caír prisioneiros.

Apesar do zêlo de que eram cercados, Públio e o amigo, em virtude da coragem de que davam testemunho, caíram nas mãos de alguns adversários que, em lhes observando a indumentária de altos dignitários da côrte imperial, conduziram-nos imediatamente a um dos chefes da desesperada resistência, instalado num

casarão á guisa de quartel, próximo da Tôrre Antônia.

Públio Lentulus, observando as cenas de selvajaria e sangue, da plebe anônima e amotinada, que exterminava numerosos cidadãos romanos em trágicas circunstâncias, sob as suas vistas, lembrou a tarde dolorosa do Calvário, em que o piedoso profeta de Nazaré sucumbira na cruz, sob o vozerio terrificante das multidões enfurecidas e delinquentes. Enquanto caminhava tangido com brutalidade e aspereza, o velho senador considerava igualmente que, se aquele momento assinalasse a sua morte, deveria morrer heroicamente, como sua própria mulher, em holocausto aos seus princípios, embora houvesse fundamental diferença entre o reino de Jesús e o império de Cesar. A idéia de deixar Flávia Lentulia orfã do seu afeto, preocupava-lhe o íntimo e, todavia, ponderava que a filha teria no mundo a dedicação generosa e assídua de Ana, bem como o amparo material da sua fortuna.

Foi nêsse estado de espírito, surpreso com a sucessão dos acontecimentos, que atravessou, longas ruas cheias de movimento, de gritos, de impropérios e de sangue.

Jerusalém, tomada de assombro, mobilizava as derradeiras energias para evitar a ruína completa.

Ao cabo de algumas horas, extenuados de fadiga e de sêde, Públio e o amigo foram introduzidos no sombrio gabinete de um chefe judeu, que expedia as mais impiedosas ordens de suplício e morte para todos os romanos prêsos, revidando ás atrocidades do inimigo.

Bastou que Públio fitasse aquele velho israelita de traços característicos para procurar, sofregamente, na imaginação, uma figura semelhante no acervo de suas lembranças mais íntimas, e mais remotas.

Não pôde, porém, de pronto, identificar aquele personagem.

O velho chefe, contudo, pousou nêle o olhar astuto e fazendo um gesto espontâneo de admiração satisfeita, exclamou com uma chispa de ódio a lhe transparecer de cada palavra:

— Ilustríssimos senadores — acentuou com ironia e desprêzo — eu vos conheço de longos anos...

E, fixando Públio, acentuou com malícia:

— Sobretudo, honro-me com a presença do orgulhoso senador Públio Lentulus, antigo legado de Tiberio e de seus sucessores nesta província perseguida e flagelada pelas pragas romanas. Ainda bem que as fôrças do destino não me permitiram partir para a outra vida, na minha velhice trabalhosa, sem me desafrontar de uma injúria inolvidável.

Avançando para o velho patrício que o contemplava supinamente surpreendido, repetia com insistência irritante:

— Não me reconheceis?...

O senador, porém, tinha o semblante a evidenciar o seu penoso abatimento físico, em face daquela rude provação da sua vida; debalde, encarava a figura franzina e maquiavélica de Andre de Gioras, agora com elevado ascendente nos trabalhos do templo famoso, em vista da fortuna que conseguira amealhar.

Verificando a impossibilidade de ser identificado çelo prisioneiro, cuja presença ali mais o interessava e que lhe respondera a todas as perguntas com um silencioso gesto negativo, o velho judeu retornou com sarcasmo:

— Públio Lentulus, sou André de Gioras, o pai a quem insultaste um dia com o excesso da tua autoridade orgulhosa. Lembras-te agora?

O prisioneiro fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Vendo, porém, que os seus conceitos atrevidos não o intimidavam, voltava o chefe de Jerusalém a revidar exasperado:

— E por que não te humilhas nêste momento, diante da minha autoridade? Ignoras, porventura, que posso hoje decidir dos teus destinos?... Qual a razão por que não me pedes comiseração e piedade?

Públio estava exausto. Lembrou os seus primeiros dias em Jerusalém, recordou-se da visita daquele agricultor inteligente e revoltado. Procurou rememorar, intimamente, as providências que adotara na qualidade de homem público, afim-de que o filho do judeu voltasse ao lar paterno, não se lembrando de haver distilado tanto fél naquele coração irresignado. Deliberára nada

dizer, frente á sua figura exasperada e truculenta, atentendo ás suas íntimas disposições espirituais, mas, em face da ousada insistência, sem abdicar das antigas tradições de orgulho e vaidade que o coracterizavam noutros tempos e como se desejasse demonstrar o seu desassombro em tão penosas circunstâncias, replicou afinal com energia:

— Se vos julgais aquí no cumprimento de uma obrigação sagrada, acima de qualquer sentimento particular e menos digno, não espereis que se vos peça comiseração, pelo fato de cumprirdes o vosso dever.

André de Gioras franziu o sobrôlho, exasperado com a resposta imprevista, andando de um lado para outro no amplo gabinete, com se estivesse a cogitar o melhor meio de executar a tremenda vingança.

Depois de alguns momentos de sombrio silêncio como se houvesse chegado á uma solução condigna dos seus tigrinos projetos, chamou com voz soturna um dos guardas numerosos, ordenando:

— Vai depressa e dize a Italo, de minha parte, que deve aquí estar amanhã, ás primeiras horas, de modo a cumprir as minhas determinações.

E enquanto o emissário saía, dirigiu-se a ambos os prisioneiros nêstes termos:

— A quéda de Jerusalém está iminente, mas darei a última gôta de sangue da minha velhice para exterminar as víboras do vosso povo. Vossa raça maldita veiu cevar-se na cidade eleita, mas eu prezo a minha vingança em vós ambos, orgulhosos dignitários do império da impiedade e do crime! Quando se abrirem as portas de Jerusalém, terei executado meus implacáveis desígnios!

Calando-se, bastou um gesto para que os dois amigos fôssem atirados numa enxovia escura e humida, onde passaram uma noite terrível de conjeturas dolorosas, em amarguradas confidências íntimas.

Na manhã seguinte, eram chamados á prova suprema.

Já se ouviam na cidade, os primeiros rumores das

fôrças romanas vitoriosas, entregando-se ao terror e ao saque da população humilhada e inerme.

Por toda parte, o êxodo precipitado de mulheres e crianças em gritaria infernal e angustiosa; mas, naquele casarão de grossas paredes de pedra, refugiara-se considerável número de chefes e combatentes, para a resistência suprema.

Públio e Pompílio foram conduzidos a uma sala ampla, de onde podiam ouvir o ruído crescente do triunfo das armas imperiais, depois de lances horríveis e dramaticos, em tanto tempo de terror, de rapina e de luta; todavia, alí, naquele compartimento espaçoso e fortificado, viam á sua frente centenas de guerreiros armados e alguns chefes políticos da resistência israelita, que os contemplavam com supremo desprêzo.

Diante do avanço vitorioso das legiões romanas, era de notar a inquietação e o pavor dominando todos os semblantes, mas havia um interêsse geral pelos dois prisioneiros importantes do Império, como se êles representassem o último objeto em que se pudessem cevar o seu ódio e a sua vingança.

Modificando, todavia, aquela situação indecisa, André de Gioras tomou a palavra em voz estranha e sinistra, que retumbou por todos os ângulos da casa:

— Senhores, — estamos chegando ao fim da nossa desesperada defesa, mas temos o consôlo de guardar dois grandes chefes da amaldiçoada política de rapina do Império Romano!... Um dêles é Pompilio Grasso, que começou a sua carreira de homem público nesta província desventurada, inaugurando um longo período de terror entre os nossos compatriotas infelizes! O outro, senhores, é Públio Lentulus, orgulhoso legado de Tibério e de seus sucessores, na Judéia humilhada de todos os tempos; que escravizou nossos filhos ainda jóvens e organizou processos criminosos em todas as zonas provinciais, fomentando o pavor de nossos irmãos perseguidos e flagelados, lá da sua residência senhorial da Galiléia!... Pois bem! antes que os malditos soldados da pilhagem imperial nos aprisionem e aniquilem, cumpramos nossos desígnios!...

Todos os presentes ouviram-lhe a palavra, como se fôra a ordem suprema de um chefe a quem se devesse obedecer cegamente.

Os dois senadores foram, então, amarrados com pesadas peças de ferro aos postes do suplício, sem liberdade para qualquer movimento, restringindo suas expressões de mobilidade aos olhos silenciosos e serenos no sacrifício.

— Nossa vingança — voltava êle a explicar — deve obedecer ao critério da antiguidade. Primeiramente, deverá morrer Pompílio Crasso, por ser o mais velho e para que o vaidoso senador Públio Lentulus compreenda o nosso esfôrço para eliminar a vitalidade do seu Império maldito.

Pompílio fitou longamente o amigo, como se estivesse fazendo as suas despedidas angustiosas e mudas, na hora extrema.

— Nicandro, êste trabalho te compete — exclamou André, voltando-se para um dos companheiros.

E dando a um vigoroso soldado um espada sinistra, acrescentou com profunda ironia:

— Tira-lhe o coração para o amigo, que deverá conservar a cena de hoje na sua memória, para sempre.

Os olhos do condenado brilharam de intensa angústia, enquanto as faces descoravam ao extremo, acusando as emoções dolorosas que lhe iam na alma. Entre êle e o companheiro de amargura, foi trocado, então, um olhar inesquecível.

Em minutos rápidos, Públio Lentulus assistiu o desenrolar da operação terrível e nefanda.

A cabeça branca do supliciado pendeu ao primeiro golpe de espada e do seu tórax encarquilhado foi arrancado violentamento o coração palpitante, sangrento.

Entretanto, o senador sobrevivente ouvia já o rumor dos patrícios vitoriosos que se aproximavam, figurando-se-lhe que já se lutava corpo a corpo, ás portas daquela turbulenta assembléia da vindita e do crime. A monstruosa cena estarrecia-lhe o ânimo, sempre otimista e decidido, mas não perdeu a compostura altiva e rígida consigo mesmo, naquele angustioso transe.

Terminada a execução de Pompílio, feita ás pressas, porquanto todos os presentes tinham conciência da horrorosa situação que os esperava diante dos triunfadores, André de Gioras levantou novamente a voz:

— Meus amigos — afirmava soturnamente — ao mais velho a penalidade misericordiosa da morte; mas a êste patrício infame que nos ouve, concederemos a pena amarga da vida, dentro do sepulcro das suas ilusões desvairadas, de vaidade e de orgulho!... Públio Lentulus, o antigo emissário dos imperadores, deverá viver!... Sim, mas sem os olhos que lhe clarearam o caminho do egoísmo suprêmo sôbre os nossos grandes infortúnios!... Deixá-lo-emos com vida, para que nas trevas da sua noite busque ver, com os olhos dos escravos que êle espesinhou no decurso da vida inteira!...

Havia um penoso silêncio interior, embora se ouvisse, lá fóra, o patear dos cavalos e o tinir das armaduras, aliados ao rumor sinistro de vozes praguejantes no ataque e na resistência desesperada, do último reduto.

André de Gioras parecia, porém, embriagado com a volúpia de sua vingança e, mantendo o equilíbrio da assistência naquela hora trágica do destino que a todos aguardava, com a palavra magnética e persuasiva exclamou energicamente:

— Italo, compete ás tuas mãos a tarefa dêste momento.

Da assistência compacta e inquieta destacou-se um homem, aparentando quasi quarenta anos de idade, surpreendendo o senador pelos seus traços finos de patrício. Seus olhares encontraram-se e êle supôs descobrir naquela alma um laço de afinidade estranha e incompreensível.

Italo? Aquele nome não lhe recordava alguma cousa das proximidades da sua Roma inesquecida? Por que motivo estaria alí, aquele homem, evidentemente de sangue nobre, combatendo ao lado dos judeus amotinados e intoxicados de rebeldia? Por sua vez, o verdugo, indicado pela voz soberana de André, parecia inclinado á ternura e á piedade por aquele homem velho e sereno, de mãos e pés amarrados ao poste da injúria, parecendo

hesitar se devia ou não cumprir o sinistro e despiedado desígnio do seu chefe.

Daí a minutos, surgia de uma porta larga e sombria um guerreiro israelita, trazendo em ampla bandeja de bronze uma lamina arredondada, de ferro incandescente, cuja ponta mais aguçada repousava entre brasas vivas.

Contemplando com interêsse a enigmática figura de Italo, na vitalidade concentrada da sua idade adulta, o senador não podia dissimular a curiosidade silenciosa, em face do seu vulto eréto e delicado.

André, porém, gozando o quadro e percebendo a acurada atenção do condenado, arrancou-o daquele estado de conjetura e admiração, asseverando com ironia:

— Então, senador, estais admirando o porte nobre de Italo?... Lembrai-vos que se os patrícios se dão ao luxo de possuir escravos israelitas, os senhores da Judéia também apreciam os servos de tipo romano. Aliás, sou obrigado a considerar que é sempre perigoso guardarmos um escravo como êste, na cidade, em vista da praga do patriciado, hoje excessivo por toda a parte; mas eu consegui manter êste homem de trabalho no ambiente rural, até agora...

Públio Lentulus mal poderia decifrar o sentido oculto daquelas irônicas palavras, não lhe sobrando tempo, alí, para qualquer introspecção. Observou que André se calára, atendendo á urgência com que devia ser levada a efeito a operação em perspectiva, de modo a não se perder o vermelho incandescente da lámina fatidica. Diante de muitos olhares atônitos e desesperados, que não sabiam se fixavam a cena macabra ou se atentavam para a ruidosa penetração das fôrças de Tito, que quebravam naquele instante os obstáculos do último reduto, o algoz implacável entregou a Italo o terrível instrumento do sacrifício.

— Italo — recomendou com a máxima energia — êste minuto é precioso... Vamos, queimar-lhe as pupilas, de modo a lhe proporcionarmos uma sepultura de sombras eternas, dentro da vida.

O pobre rapaz, todavia, sensibilizado até as lágri-

mas, em face do suplício que deveria infligir por suas mãos, parecia indeciso e titubeante.

— Senhor... — disse súplice, sem conseguir formular as suas objeções.

— Por que hesitas?... — revidou André, tiranicamente, cortando-lhe a palavra. Será preciso o chicote para que me obedeças?

Italo tomou, então, da lâmina, humildemente. Aproximou-se de leve do condenado, exânime na sua resignação e na sua fortaleza interior. Antes do instante supremo, seus olhares se encontraram, trocando vibrações de simpatia recíproca e Públio Lentulus ainda fixou-lhe o porte, tocado de uma incontestável nobreza, esfacelada em suas linhas mais características pelos trabalhos mais impiedosos e mais rudes; e tão grande foi a atração que experimentou por aquele homem, fixado pelos seus olhos em plena luz, pela vez derradeira, que chegou a se recordar, inexplicavelmente, do seu pequenino Marcus, considerando que, se êle ainda vivesse num ambiente tão hostil, deveria ter aquele porte e aquela idade.

As mãos de Italo, todavia, trêmulas e hesitantes, aproximou-se dos seus olhos exaustos, como se o fizesse numa doce atitude de carinho; mas o ferro incandescente. com a rapidez de um relâmpago feriu-lhe as pupilas orgulhosas e claras, mergulhando-as na treva para tôdo o sempre.

Nisso, observou a vítima que uma gritaria infernal reboava em toda a sala.

Uma dôr indefinível irradiava-se da queimadura, fazendo-lhe experimentar atrozes padecimentos.

Êle nada mais divisava, além das trevas espessas que lhe cobriam o espírito, mas adivinhava que as fôrças vitoriosas chegavam tardiamente para a sua libertação.

No meio dos ruídos ensurdecedores, André de Gioras ainda se aproximou do condenado, falando-lhe ao ouvido:

— Poderia matar-te, senador infame, mas quero que vivas. Vou revelar-te, agora, quem é Italo, teu algoz do último instante!...

Mas um golpe mais forte de espada, brandida por

um legionário romano, fizera o velho israelita caír ao solo sem sentidos, enquanto uma punhalada certeira atingia Italo, indeciso na sua estupefação, que caíu pesadamente junto do supliciado, abraçando-se aos seus pés num gesto significativo e supremo.

Vozes amigas rodearam, então, Públio Lentulus, naquele ambiente tumultuário. Desataram-lhe imediatamente os pés e as mãos, restituindo-lhe a liberdade dos movimentos, enquanto outros legionários retiravam o cadaver de Pompílio Crasso, com o peito vasio, num quadro pavoroso de selvajaria e de sangue.

Serenados os primeiros tumultos e guardando as mais penosas dúvidas acêrca-das palavras reticenciosas do inimigo implacável, Públio Lentulus, antes de se dirigir pelo braço dos companheiros que o amparavam, ao comando das fôrças em operações, onde receberia os primeiros socorros, recomendou que tratassem com o máximo respeito o cadáver de Italo, que jazia ao lado de um montão de despojos sangrentos, no que foi atendido por um companheiro:

— Senador, antes de tudo, não vos esqueçais do vosso estado, que está requerendo de todos nós os mais urgentes cuidados.

E como se quisesse provocar uma explicação espontânea do ferido, quanto ao seu interêsse pelo morto, acentuou delicadamente:

— Não foi êsse homem que vos infligiu o horrendo suplício:

A' vista da pergunta inopinada e necessitando justificar a sua atitude perante os compatriotas que o ouviam, Públio exclamou com voz pungente:

— Enganai-vos, meus amigos. Êsse homem, cujo cadaver agora não vejo, era nosso conterrâneo, prisioneiro de muito tempo pela sanha vingativa de um poderoso senhor de Jerusalém. Observai-lhe os traços nobres e concordareis comigo!...

E, enquanto se retirava amparado pelos amigos, afim-de receber socorros imediatos e imprescindíveis, supôs haver cumprido um dever, em pronunciando aquelas palavras, porque misteriosas vozes lhe falavam

ao coração, acêrca daquele olhar generoso que pousára em seus olhos pela vez derradeira.

Vários dias esteve Jerusalém entregue ao saque e á desordem, levados a efeito pela soldadesca do Império, faminta de prazeres e envenenada no vinho sinistro do triunfo. Todos os chefes da resistência israelita foram prêsos, de modo a comparecerem em Roma para o último sacrifício, em homenagem ás festas comemorativas da vitória. Entre êles incluia-se André de Gioras, que restabelecido das escoriações recebidas, representava um dos que deveriam ser exterminados para gáudio da assistência festiva na capital do Império.

Depois da matança de onze mil prisioneiros feridos ou inválidos, massacrados pelas legiões vencedoras; depois dos pavorosos espetáculos da destrução e saque do templo magnífico, no qual Israél julgava contemplar a sua obra eterna e divina, para todas as gerações da sua posteridade prolífica, voltou a caravana compacta dos vencidos e vencedores, cheia de riquezas ilícitas e troféus maravilhosos, de modo a exibir em Roma todos ornamentos ilustrativos da vitória, entre vibrações tumultuárias e cânticos de triúnfo.

Numa galéra confortável e tranquila, viajou Públio Lentulus, resignado dentro da noite compácta da sua cegueira, rodeado de amigos prestigiosos que tudo faziam por minorar-lhe os sofrimentos morais.

Antes de chegar á Roma, muitas vezes cogitou da melhor maneira de se dirigir diretamente a André, para arrancar-lhe a verdade e serenar as suas dúvidas íntimas, quanto á identidade do escravo de tipo romano, que o ferira para sempre, nos preciosos dons da vista. Êle, porém, agora, estava cégo e para realizar êsse desejo, teria de se valer de um largo processo de providências, da colaboração estranha, e, assim não havia atinado com a melhor maneira de ouvir o judeu sem ferir as suas tradições de dignidade pessoal, mantida de todos os tempos na vida pública.

Foi, ainda, nêsse impasse que chegou, novamente, ao palácio do Aventino, acompanhado de numerosos companheiros de labores políticos, surpreendendo amar-

guradamente o coração da filha, com a notícia trágica e dolorosa da sua cegueira.

Ana, como um anjo fraterno, valorosa irmã de todos os infortunados, sincera discípula do Cristianismo, esperou, carinhosamente, o seu senhor, junto de Flávia que exclamava, cheia de incoercível desalento:

— Meu pai, meu pai, mas que desgraça!...

O velho patrício, todavia, no seu otimismo, confortava-lhe o espírito, obtemperando:

— Filha, não te dês ao trabalho de conjeturar á fundo os problemas do destino. Em tôdos os acontecimentos da vida temos de louvar os soberanos desígnios dos céus e espero que te encorajes de novo, porque sómente assim viverei agora, junto de ti, em consolação afetuosa e recíproca! Foi o próprio destino que me afastou compulsoriamente das lides do Estado, afim-de viver doravante sómente por ti.

Abraçaram-se então efusivamente, fundiram-se em beijos do mesmo infortúnio, vibrações cariciosas de duas almas presas aos mesmos padecimentos.

Públio Lentulus, porém, embora o necessário descanso nos penates e apesar da cegueira que lhe impossibilitava as iniciativas, não perdeu a esperança de ouvir a palavra do inimigo implacável, ainda uma vez, e, para isso, aguardou o dia ansiosamente esperado pelo povo romano, das soberanas festas do triúnfo.

Convém acentuar que o velho senador foi conduzido á cidade imediatamente, em virtude da sua situação especialíssima, mas o vencedor e as suas legiões infindáveis entrariam em Roma, com todos os faustosos protocolos dos triunfadores, de conformidade com os numerosos e antigos regulamentos da própria república.

No dia aprazado, toda a capital, com a sua população de um milhão e meio de habitantes, aproximadamente, aguardava as magníficas comemorações da vitória.

Desde as primeiras horas do dia, começaram a grupar-se ás portas da cidade as legiões vencedoras, desarmadas, vestindo delicadas túnicas de sêda, ostentando soberbas auréolas de louro. Transpondo as portas da cidade, sob os aplausos estrondosos de multidões sem

fim, foi-lhes oferecido um banquete esplêndido, presidido pelo próprio imperador e seu filho.

Vespasiano e Tito, logo após as cerimônias do Senado, no pórtico de Otavia, encaminharam-se para a porta Triunfal. Alí, ofereceram um sacrifício aos deuses e tomaram os símbolos do triunfo nas grandes e aparatosas festividades imperiais. Realizada essa cerimônia, pôs-se em marcha o grande cortêjo, ao qual Públio Lentulus não faltou, com a secreta intuição de ouvir a palavra reveladora do chefe prisioneiro, cujo cadaver, depois dos sacrifícios daquele dia, seria atirado ás águas do Tibre, de acôrdo com as tradições vigentes.

Todos os troféus das batalhas sanguinolentas e todos os vencidos, em número considerável, eram levados igualmente em procissão, na festa indescritível.

A' frente do cortêjo imenso, seguia incalculável quantidade de obras de ouro puro, enfeitadas de côres variadas e berrantes, acompanhadas das pedras preciosas em número incontável, não só em corôas de fulgurante beleza, como também em estofos que maravilhavam os espectadores pela sua variedade, sendo de notar que todos êsses tesouros eram carregados por jóvens legionários trajando túnicas de púrpura, com graciosos ornamentos dourados.

Logo após as demonstrações dos tesouros conquistados pelo triunfador, vinham ás centenas, as estátuas dos deuses, talhadas em marfim, em ouro, em prata, de tamanhos prodigiosos.

Em seguida aos deuses, todo um exército de animais, das mais variadas espécies, e dos quais de destacavam, notadamente, numerosos dromedários e elefantes cobertos de magníficas pedrarias.

Acompanhando os animais, a multidão compacta e acabrunhada dos prisioneiros vulgares exibindo sua miséria e olhares tristes, procurando ocultar dos espectadores impiedosos e irreverentes os ferros pesados que os manietavam.

Após os prisioneiros sucumbidos, passavam os simúlacros das cidades vencidas e humilhadas, confeccionados com grande esmero, sustentados nos ombros de soldados

numerosos, semelhando os modernos carros alegóricos das festas carnavalescas. Havia simúlacros de todas as cidades destruidas e saqueadas, de batalhas vitoriosas, sem faltar o arrazamento dos campos, a quéda de muralhas e os incêndios desvastadores.

Depois dêsses símbolos, eram os despojos riquíssimos dos povos vencidos e das cidades conquistadas, principalmente os de Jerusalém, carregados com muito desvelo pelos legionários. Sob os aplausos gritantes e irreverentes da turba que se apinhava por tôda parte, desfilaram as estátuas representando as figuras de Abraão e Sára, bem como de tôdas as personalidades reais da família de David, e mais todos os objetos sagrados do famoso templo de Jerusalém, tal a Mesa dos Pães de Proposição, feita de ouro massiço, de valor incalculável, as trombetas do Jubileu, o castiçal de ouro com sete braços, os paramentos de alto valor intrínseco, os véus sagrados do Templo e, por fim, a Lei dos judeus, que seguia atrás de todos os despojos materiais, pilhados pelas fôrças triunfadoras. Cada objeto era carregado em andores preciosos e bem ornamentados, ao ombro dos legionários romanos, coroados de louros.

Após os textos da Lei, seguia Simão, o desventurado chefe supremo de todos os movimentos da resistência de Jerusalém, acompanhado dos seus três auxiliares diretos , inclusive André de Gioras. Tôdos êsses chefes da longa e desesperada resistência vestiam de preto e caminhavam solenemente para o sacrifício, depois de haverem servido de adôrno em todas as comemorações festivas do triúnfo.

Em seguida, vinham os carros soberbos e magníficos dos triunfadores. Após a passagem deslumbrante de Vespasiano, passava Tito num oceano de púrpura, de sêdas e de vermelhão, simbolizando o próprio Júpiter na embriaguez da sua vitória.

No sequito de honra, passava igualmente o senador valetudinario e cégo, não mais pelo prazer festivo das homenagens, mas com o secreto desejo de ouvir a palavra de André, antes do trágico momento em que o seu corpo balançasse sôbre as águas lodosas do Tibre, no

instante da consumação do seu derradeiro suplício, sob os aplausos delirantes do povo.

Após os carros imperiais dos vencedores e seus áulicos mais íntimos, vinha o exército compacto, entoando os hinos da vitória, enquanto todas as ruas e praças, fôros e pórticos, terraços e janelas, se pejavam de incalculáveis multidões curiosas e ávidas.

O cortejo movimentou-se solenemente, desde o Territorium Triumphale até o Capitólio. Longas horas foram gastas no trajeto, através do longo e sinuoso caminho, porquanto a festividade era consumada de molde a levar os seus esplendores pelos recantos mais aristocráticos do patriciado romano.

Em dado instante, todavia, antes de se elevar á colina, todo o cortejo parou e os olhos ansiosos da multidão convergiam para Simão e seus três companheiros, auxiliares diretos da sua chefia, na resistência da cidade famosa.

Públio Lentulus, embora cégo, mas afeito ao tradicionalismo daquelas comemorações, compreendeu que era chegado o instante supremo.

Em virtude do seu caso especialissimo e considerando a deferência que a autoridade julgava dever-lhe, o Imperador preocupava-se com a sua situação no cortejo, recomendando ao filho Domiciano, atender a quaisquer providências de que viesse a precisar em tais circunstâncias.

Naquele momento, debaixo das vibrações ruidosas do delírio popular, procedia-se ao flagício de Simão, diante de toda a Roma embriagada e vitoriosa, enquanto André de Gioras e os dois companheiros eram conduzidos á Prisão Mamertina, onde aguardariam o chefe, após a flagelação, para a morte em conjunto, de maneira que os cadaveres pudessem ser arrastados através das Gemonias e sob as vistas do povo, atirados ás correntes do Tibre.

De alma ansiosa, mas disposto a realizar seus desígnios, o senador chamou o príncipe a cuja assistência fôra recomendado, expressando-lhe o desejo de dirigir a palavra a um dos prisioneiros em particular, e em

condições secretas, no que foi imediatamente atendido.

Domiciano tomou-lhe do braço com atenção e conduzindo-o á uma dependência da prisão sinistra, determinou a vinda de André a um cubículo isolado e secreto, conforme o desejo de Públio, aguardando o fim da entrevista numa sala próxima, juntamente com alguns guardas, tão logo penetrou o condenado para o interrogatório do antigo político do Senado.

Defrontando-se, os dois inimigos sentiram uma estranha sensação de penoso mal-estar. Públio Lentulus não mais podia vê-lo, mas se os seus olhos já não tinham expressão emotiva, crestadas para sempre as pupilas claras e enérgicas, seu perfil erecto manifestava, num largo gesto de aprumo, as emoções decisivas que o dominavam.

— Senhor André — exclamou o senador profundamente emocionado — contra todos os meus hábitos provoquei êste encontro secreto, de modo a esclarecer minhas dúvidas sôbre as palavras reticenciosas em Jerusalém, no dia em que consumastes vossas impiedosas determinações a meu respeito. Não quero, agora, entrar em pormenores sôbre a vossa atitude, mas tão sómente informar-vos, nêste momento em que a justiça do Império vos toma á sua conta, que tudo fiz por devolver-lhe o filho prisioneiro, cumprindo um dever de humanidade, em recebendo as vossas súplicas. Lamento que as milhas providências tardias não alcançassem o efeito desejado, fermentando-se tão violenta odiosidade no vosso coração. Agora, porém, não mais ordeno. Um cégo não póde determinar providências de qualquer natureza, em face das penosas injunções da sua própria vida, mas solicito o vosso esclarecimento, acêrca da personalidade do escravo que me crestou a vista para sempre!...

André de Gioras estava igualmente abatidíssimo na sua decrepitude enfermiça e avançada. Comovido pela atitude daquele pai humilhado e infeliz e fazendo o íntimo retrospecto dos seus atos criminosos, naquelas horas supremas de sua vida, respondeu amargamente compungido:

— Senador Lentulus, a hora da morte é diferente de todas as outras que o destino assinala em nossa exis-

tência á face dêste mundo... E' por isso, talvez, que experimento o meu ódio agora transformado em piedade, avaliando o vosso sofrimento amargo e rude. Desde que fui prêso, venho considerando os êrros da minha vida criminosa... Trabalhando no Templo e vivendo para o culto da Lei de Moiséz, só agora reconheço que Deus concede liberdade de ação a todos os seus filhos, mórmente aos seus sacerdotes, tocando-lhes, porém, a conciência no momento da morte, quando nada mais resta senão a apresentação da alma falida, diante de um tribunal a que ninguém pode mentir ou subornar!... Sei que é tarde para regredir no caminho percorrido, afim-de refazer os nossos atos, mas um sentimento novo me faz falar-vos aquí com a sinceridade do coração, que já não pode enganar a ninguém, acicatado pelo julgamento divino, no âmago da conciência!...

Ha quasi quarenta anos, vossa austeridade orgulhosa determinou a prisão do meu único filho, remetendo-o impiedosamente para as galeras e debalde implorei a vossa clemência de homem público, para o meu espírito desamparado... Das galeras, contudo, meu pobre Saúl foi remetido para Roma, onde foi vendido, miseravelmente, num mercado de escravos, ao senador Flamínio Severus...

Nêsse instante, o cégo, que escutava atenta e eminentemente emocionado, ao identificar o algoz da sua filha, cortou-lhe a palavra perguntando:

— Flamínio Severus?

— Sim, era também, como vós, um senador do Império.

Profundamente emocionado, ao ligar os fatos dolorosos de sua família á pessôa do antigo liberto, mas necessitando de todas as energias morais para dominar-se, o senador recalcou no íntimo a sua amargura, conservando-se em atude de expressivo silêncio, enquanto o condenado prosseguia:

— Saúl, todavia, foi feliz... Alcansou a liberdade e fez fortuna, voltando, de vez em quando a Jerusalém, onde me ajudou a prosperar; mas, devo revelar-vos que, não obstante os textos da Lei por mim pregada muitas

vezes, que nos manda desejar para o próximo o que desejariamos para nós mesmos, não cruzei os braços ante a vossa arbitrariedade criminosa, jurando vingar-me a qualquer preço, razão pela qual, numa noite tranquila, roubei o vosso pequenino Marcus na vossa residência de Cafarnaum, de cumplicidade com uma de vossas servas, que mais tarde tive de envenenar, para que não viesse a revelar o segrêdo e tolher meus sinistros propósitos, quando a vossa ansiedade paterna instituiu, em Jerusalém, o prêmio de um Grande Sestércio a quem descobrisse o paradeiro do pequenino... Lembrareis, por certo, da criada Semele, que morreu repentinamente em vossa casa...

Enquanto o condenado fazia pausa na sua triste confissão, que lhe tocava as fibras mais íntimas da alma, representando cada palavra um estilete de amargura a lhe retalhar o coração, Públio Lentulus chegava tardiamente ao conhecimento de todos os fatos, recordando os angustiosos martírios da companheira, como espôsa caluniada e mãe carinhosa.

Impressionado, porém, com o seu silêncio doloroso. André continuava:

— Pois bem, senador; obedecendo aos meus sentimentos condenáveis, raptei vosso filhinho, que cresceu humilhado nos mais rudes trabalhos da lavoura... aniquilei-lhe a inteligência... favorecí-lhe o ingresso nos vícios mais despreziveis, pelo prazer diabólico de humilhar um romano inimigo, até que culminei na minha vindita em nosso encontro inesperado! Mas, agora, estou diante da morte e não sei enxergar mais a nossa situação, senão como pais desventurados... Sei que vou comparecer breve no tribunal do mais íntegro dos juízes, e, se vos fôsse possível, eu desejava que me désseis um pouco de paz com o vosso perdão!

O velho senador do Império não saberia explicar as suas profundas dôres, escutando aquelas revelações angustiosas e amargas. Ouvindo André, sentia ímpetos de perguntar pelo filhinho em criança, por suas tendências, pelas suas aspirações da mocidade; desejava inteirar-se

dos seus trabalhos, das suas predileções, dos seus motivos prediletos, mas cada palavra daquela confissão amargurosa era uma punhalada nos seus sentimentos mais sagrados. Qual estátua muda do infortúnio, ainda ouviu o prisioneiro repetir, quasi em lágrimas, arrancando-lhe o espírito das suas divagações escuras e tormentosas:

— Senador, insistia André, suplicando tristemente — perdoai-me! Quero compreender o espírito da minha Lei, apesar do último instante!... Relevai o meu crime e dai-me fôrças para comparecer diante da luz de Deus!...

Públio ouvia-lhe a voz súplice, enquanto uma lágrima de dôr indescritível rolava dos seus olhos tristes e apagados.

Perdoar? Mas, por que? Não fôra êle o ofendido e a vítima de uma existência inteira? Singulares emoções abalavam-lhe o íntimo, enquanto numerosos soluços lhe morriam na garganta opressa.

Diante de si, estava o inimigo implacavel que êle procurára, por consecutivos e longos anos de infelicidade. Mas, na sua introspecção, sabia entender, igualmente, as suas próprias culpas, recordando os excessos da sua severidade vaidosa. Também êle estava alí como um cadaver ambulante, no seio das sombras espessas. De que valeram as honrarias e o orgulho desenfreado? Tôdas as suas esperanças de ventura estavam mortas. Tôdos os seus sonhos aniquilados. Senhor de uma fortuna considerável, não viveria mais, no mundo, senão para carregar o esquife negro de suas ilusões despedaçadas. Todavia, seu íntimo se recusava ao perdão da hora extrema. Foi então que se lembrou de Jesús e de sua doutrina de amor e piedade pelos inimigos. O mestre de Nazaré perdoára a tôdos os seus algozes e ensinára aos discípulos que o homem deve perdoar sententa vezes sete vezes. Recordou, igualmente, que, por Jesús, sua espôsa imaculada morrera nas ignomínias do circo infamante; por Jesús voltara Flamínio do reino das sombras, para imcliná-lo, um dia, ao perdão e á piedade...

Os ruídos de fóra denunciavam que a hora derra-

deira de André estava próxima. O próprio Simão já caminhava vacilante e ensanguentado, depois do açoite, para o interior da prisão, epilogando o suplício.

Foi então que Públio Lentulus abandonando todas as tradições de orgulho e vaidade, sentiu que no íntimo dalma brotava uma fonte de linfa cristalina. Copiosas lágrimas desceram-lhe ás faces rugosas e macilentas, das órbitas sem expressão, dos olhos mortos e, como se desejasse fitar o inimigo com os olhos espirituais, afim-de mostrar-lhe a sua comiseração e a sua piedade, exclamou em voz firme:

— Estais perdoado...

Voltando imediatamente á sala contígua e sem esperar qualquer resposta, compreendeu que era chegada a última hora do inimigo.

Daí a minutos, o cadaver de André de Gioras era arrastado ás Gemonias, para ser atirado ao Tibre silencioso.

O senador nada mais percebeu do restante das numerosas cerimônias no Templo de Júpiter.

O cortejo era agora iluminado pela claridade de mil fachos colocados pelos escravos em quarenta elefantes, por ordem de Tito, ao cair das primeiras sombras da noite, mas o senador, acabrunhado nos seus padecimentos morais, regressava em liteira ao palácio do Aventino, onde se fechou nos seus apartamentos particulares, alegando grande cansaço.

Tacteando na sua noite, abraçou-se á cruz de Simeão, que lhe fôra deixada pela crença da espôsa, molhando-a com as lágrimas da sua desventura.

Em meditações amargas e dolorosas, pôde então compreender que Lívia vivera para Deus e êle para Cesar, recebendo ambos compensações diversas na estrada do destino. E enquanto o jugo de Jesús fôra suave e leve para sua mulher, seu altivo coração estava prêso ao terrível jugo do mundo, sepultado nas suas dôres irremissíveis, sem claridade e sem esperanças.

IX

LEMBRANÇAS AMARGAS

Logo após os penosos acontecimentos de 70 e de conformidade com os desejos de Flávia, o senador passou a residir na sua vivenda confortável de Pompéia, longe dos bulícios da capital. Lá poderia entregar-se melhor ás suas meditações.

Para lá transportára então, o velho político, todo o seu volumoso arquivo, bem como as lembranças mais carinhosas e mais importantes da sua vida.

Dois libertos gregos, extremamente cultos, foram contratados para os trabalhos de escrita e leitura, e assim é que no seu retiro se mantinha êle ao corrente de tôdas as novidades políticas e literárias de Roma.

Nêsses tempos recuados, quando o homem se encontrava ainda longe dos benefícios preciosos da invenção de Gutemberg, os manuscritos romanos eram raros e sumamente disputados pelas elites intelectuais da época. Uma casa editora, quasi sempre dispunha de uma centena de escravos calígrafos, inteligentes, que confecionavam mais ou menos mil volumes comuns, aproximadamente.

Públio, porém, possuia em Roma sinceras e numerosas amizades ao seu serviço, recebendo em Pompéia todos os écos dos acontecimentos da cidade que lhe absorvera as melhores energias da vida.

Amiudadamente, recebia também notícias de Plínio Severus, por intermédio de amigos desvelados, confortando-se intimamente com as informações dignas, da sua nova conduta, porquanto, pelos méritos conquistados nas Gálias, fôra transferido, depois de 73, para Roma, onde, pela correção do proceder, embora tardiamente, conquistára posição respeitável e brilhante, prosseguindo nas tradições da probidade paterna, nos cargos administrativos do Império.

Plínio, todavia, não mais voltára a procurar a es-

pôsa ou aquele que o destino o compelia a considerar como um pai dedicado e carinhoso, embora não ignorasse o supremo infortúnio dos seus familiares. No íntimo, o antigo oficial romano não desdenhava a idéia de regressar ao seio dos entes queridos; todavia, desejava fazê-lo em condições de dissipar todas as dúvidas quanto ao considerável esfôrço próprio, de sua regeneração. Galgando postos de confiança na administração dos Flavianos, queria uma posição de maiores vantagens morais, de maneira a levar aos seus íntimos a certeza da sua rehabilitação espiritual.

Corria o ano de 78, na placidez das paisagens formosas da Campânia. Enquanto Tibur representava uma estação de cura e descanso regenerador para os romanos mais ricos, Pompéia era bem a cidade dos romanos mais sadios e mais felizes. Em suas vias públicas encontravam-se, a cada passo, os mármores soberbos e o bom gôsto das mais belas contruções da capital aristocrática do Império. Em seus templos suntuosos, aglomeravam-se assembléias brilhantes, de patrícios educados e cultos, que se instalavam na cidade linda, povoada de cantores e poetas, ao pé do Vesúvio e iluminada por um céu de maravilhas, cheio de sol harmonioso ou bordado de estrêlas cariciosas.

Públio Lentulus, agora, apreciava, sobremaneira, a palavra simples e convincente de Ana, que envelhecera ao lado de Flávia, qual bela figura de marfim antigo. Era de ver-se o seu interêsse comovido e a sua alegria íntima em a ouvindo sôbre a excelência dos princípios cristãos, quando se entretinham em recordações da Judéia distante.

Nessas amáveis palestras, entre os três, logo após o jantar, discutia-se a figura do Cristo e as sublimadas ilações da sua doutrina, conseguindo o senador, pela fôrça das circunstâncias, meditar melhor os grandiosos postulados do Evangelho, ainda fragmentário e quasi desconhecido, para ligar os princípios generosos e santos do Cristianismo á personalidade do seu divino fundador.

Longas horas ficavam alí no terraço amplo, aquelas três criaturas em cujas frontes se vincavam as experiên-

cias dos anos, como se as brisas da noite fôssem sôpros suaves de inspirações celestes, sob a luz branda das estrêlas.

Por vezes, Flávia fazia um pouco de música, que saía da sua harpa como fulgurante gemido de dôr e de saudade, alcansando o coração paterno mergulhado no abismo de suas dolorosas reminiscências. E' que a música dos cégos é sempre mais espiritualizada e mais pura, porque, na sua arte, fala a alma profunda, sem as emoções dispersas dos sentidos materiais.

Uma noite, obedecendo ao hábito de muitos anos, vamos encontrar aquelas três criaturas no espaçoso terraço da vila de Pompéia, em rememorações carinhosas e amigas.

Havia mais de sete anos que quasi todas as palestras versavam, alí, sôbre a personalidade do Messias e a excelsa pureza da sua doutrina, observada, antes de tudo, a precisa discreção, porquanto os adeptos do Cristianismo ainda continuavam perseguidos, embora com menos crueldade.

Em tôdo caso, invariavelmente, a conversação era de enfêrmos e de velhos, sem provocar o interêsse dos amigos mais moços e mais felizes.

Depois de algumas lembranças e comentários de Ana, a respeito da angustiosa tarde do Calvário, exclamava o velho senador em tom convencido:

— De mim para comigo, tenho a certeza de que Jesús ficará para sempre no mundo como o mais elevado símbolo de consolação e fortaleza moral para tôdos os sofredores e para todos os tristes!...

Desde os primeiros dias de minha cegueira material procuro, intimamente, compreender-lhe a grandeza e não consigo apreender toda a extensão da sua excelsitude e dos seus ensinos.

Lembro-me, como se fôsse ontem, do crepúsculo formoso em que o vi pela primeira vez, ao longo das margens do Tiberíades...

— Eu também — murmurou Ana — não consigo olvidar aquelas tardes deliciosas e claras em que tôdos os servos e sofredores de Cafarnaum nos reuniamos á

margem do grande lago, esperando o suave enlêvo das suas palavras.

E, como se estivesse contemplando o desfile de suas recordações mais queridas, com os olhos da imaginação a velha serva continuava:

— O Mestre apreciava a companhia de Simeão e dos filhos de Zebedeu e, quasi sempre, era em uma de suas barcas que êle vinha, carinhoso, atender ás nossas rogativas...

— O que mais me assombra — dizia Públio Lentulus impressionado — é que Jesús não era, ao que se soubesse, um doutor da Lei ou um sacerdote formado pelas escolas humanas. Sua palavra, entretanto, estava como que ungida de uma graça divina. O olhar sereno e indefinível, penetrava o fundo da alma e o sorriso generoso tinha a complacência de quem, possuindo tôda a verdade sabia compreender e perdoar os êrros humanos. Seus ensinos, diariamente meditados por mim, nêstes últimos anos, são revolucionários e novos, pois arrazam tôdos os preconceitos de raça e de família, unindo as almas num grande amplexo espiritual de fraternidade e tolerância. A filosofia humana jamais nos disse que os aflitos e pacíficos são bem-aventurados no céu; entretanto, com as suas lições renovadoras, modificamos o conceito de virtude, que, para o Deus soberano e misericordioso das Alturas, não está no homem mais rico e poderoso do mundo, mas no mais justo e mais puro, embora humilde e pobre.

Sua palavra compassiva e carinhosa espalhou ensinamentos que sómente hoje posso compreender, na sombra espessa e triste dos meus sofrimentos...

— Meu pai — exclamou Flávia Lentulia, extremamente interessada na conversação — chegaste a ver o profeta muitas vezes?...

— Não, filha. Antes do dia nefasto de sua morte infamante na cruz, sómente o vi uma vez, ao tempo em que eras pequenina e doente. Isso bastou, contudo, para que eu recebesse nas suas palavras sublimes, luminosas lições para tôda a vida. Só hoje entendo as suas exortações compassivas e carinhosas, compreendendo que a mi-

nha existência foi bem uma oportunidade perdida!... Aliás, já naquele tempo, sua profunda palavra me dizia que eu defrontava, no minuto do nosso encontro, o maravilhoso ensejo de todos os meus dias, acrescentando, na sua extraordinária benevolência, que eu poderia aproveitá-lo naquela época ou daí a milênios, sem que me fôsse possível apreender o sentido simbólico de suas palavras...

— Tôdas as concessões de Jesús eram a Verdade santificada e consoladora, acrescentou Ana, agora gozando de tôda a intimidade com os seus senhores.

— Sim — exclamou Públio Lentulus, concentrado nas suas reminiscências — minhas observações pessoais autorizam-me a crer da mesma fórma.

Se eu tivesse aproveitado a exortação de Jesús naquele dia, talvez houvesse alijado mais de metade das provações amargas que a Terra me reservava... Se houvesse buscado compreender sua lição de amor e humildade, teria procurado André de Gioras, pessoalmente, reparando o mal que lhe havia feito, com a prisão do filho ignorante, demonstrando-lhe o meu interêsse individual, sem confiar tão somente nos funcionários irresponsaveis que se encontravam a meu serviço.. Guiado por êsse interêsse, teria encontrado Saúl facilmente, pois Flamínio Severus seria, em Roma, o confidente dos meus desejos de reparação, evitando dessa maneira a dolorosa tragédia da minha vida paternal.

Se houvesse entendido bastante a sua caridade, na cura de minha filha, teria conhecido melhor o tesouro espiritual do coração de Lívia, vibrando com o seu espírito na mesma fé, ou caíndo juntamente com ela na arena ignominiosa do circo, o que seria suave, em comparação com as lentas agonias do meu destino; teria sido menos vaidoso e mais humano, se lhe houvesse entendido a preceito a lição de carinho e fraternidade...

— Meu pai — exclamava, porém, a filha, de molde a confortar-lhe as agruras do coração — se Jesús é a sabedoria e a verdade, de qualquer modo êle saberia compreender as razões da vossa atitude, sabendo que fostes forçado pelas circunstâncias a manter êsse ou aquele princípio em vossa vida.

— Minha filha, nêstes últimos anos — revidou Públio, ponderadamente — tenho a presunção de haver chegado ás mais seguras conclusões, a respeito dos problemas amargos da dôr e do destino...

"Acredito hoje, com a experiência própria, que as atividades penosas do mundo me ofertaram, que nós contribuímos, sobretudo, para agravar ou atenuar os rigores da situação espiritual, nas tarefas desta vida. Admitindo, agora, a existência de um Deus Todo Poderoso, fonte de tôda a misericórdia e tôdo o amor, creio que a sua lei é a do bem supremo para tôdas as criaturas. Êsse código de solidariedade e de amor deve reger tôdos os sêres e, dentro dos seus dispositivos divinos, a felicidade é o determinismo do céu para todas as almas. Toda vez que caímos ao longo do caminho, favorecendo o mal ou praticando-o, efetuamos uma intervenção indébita na lei de Deus, com a nossa liberdade relativa, contraíndo uma dívida com o pêso dos infortúnios...

Não me referindo aos meus atos pessoais, que agravaram as minhas angustiosas dores íntimas, e considerando Jesús como medianeiro entre nós e Aquele que a sua profunda palavra chamava Pai Nosso, fico hoje a pensar se não cometi um êrro, forçando a sua misericórdia com a minha súplica paternal, afim-de que continuasses a viver nêste mundo, para o nosso amor em família, quando eras pequenina!...

Flávia Lentulia e Ana, que acompanhavam os raciocínios do senador, desde muitos anos, lhe seguiam as conclusões morais, cheias de surpresa, em face da facilidade íntima com que sabia aliar as lições penosas do seu destino aos princípios pregados pelo profeta nazareno.

— Na verdade, meu pai — disse Flávia Lentulia depois de longa pausa — tenho a impressão de que as fôrças divinas haviam deliberado arrebatar-me do mundo, considerando as dôres penosas que me esperavam na estrada escabrosa do meu destino desventurado...

— Sim — ajuntou o senador, cortando-lhe a palavra — ainda bem que me compreendeste as referências. A vida e o sofrimento nos ensinam a entender melhor o plano das determinações de ordem divina.

Antigos iniciados das religiões misteriosas do Egito e da India acreditam que nós voltamos várias vezes á Terra, noutros corpos!...

Nêsse instante, o velho patrício fez uma pausa.

Lembrando-se dos seus antigos sonhos, quando, em se vendo com a indumentária de Cônsul dos tempos de Catilina, infligia aos inimigos políticos o suplício da cegueira, a ferro incandescente, quando se chamava Públio Lentulus Sura.

Nos seus pensamentos caía como que uma torrente de ilações novas e sublimadas, como se fôssem renovadoras inspirações da sabedoria divina.

Mas, depois de alguns instantes, como se o relógio da imaginação houvesse parado alguns minutos para que o coração pudesse escutar o tropél das lembranças no deserto do seu mundo subjetivo, murmurava, confortado, na posse do tardio roteiro do seu amargurado destino:

— Hoje creio, minha filha, que, se as energias sábias do céu haviam decidido a tua morte, em pequenina; determinação essa que eu possivelmente contrariei com a minha súplica angustiosa no recôndito do meu orgulho e infeliz coração — é que deverias ficar livre do cárcere que te prendia, de modo a te preparares melhor para a resignação, para a fortaleza e para os sofrimentos. Certamente, renascerias mais tarde e encontrarias as mesmas circunstâncias e os mesmos inimigos, mas terias um organismo mais forte para resistir aos embates penosos da existência terrestre.

Reconhecemos hoje, portanto, que ha uma lei soberana e misericordiosa a que devemos obedecer, sem interferir no seu mecanismo feito de misericórdia e sabedoria...

Quanto a mim, que tive um organismo resistente e uma fibra espiritual saturada de energia, sinto que, em outras vidas, procedí mal e cometí crimes nefandos.

Minha atual existência teria de ser um imenso rosário de infindas amarguras, mas vejo tardiamente que, se houvesse ingressado no caminho do bem, teria resgatado um montão de pecados do pretérito obscuro e delituoso.

Agora entendo a lição do Cristo, como sendo o ensinamento imortal da humanidade e do amor, da caridade e do perdão, caminhos seguros para tôdas as conquistas do espírito, longe dos círculos tenebrosos do sofrimento!

E lembrando o sonho que relatára a Flamínio, nos tempos idos, concluia:

— A expiação não seria necessária no mundo, para burilamento da alma, se compreendessemos o bem, praticando-o por atos, palavras e pensamentos. Se é verdade que nasci condenado ao suplício da cegueira, em tão trágicas circunstâncias, talvez tivesse evitado a consumação desta prova, se abandonasse o meu orgulho para ser um homem humilde e bom.

Um gesto de generosidade de minha parte teria modificado as íntimas disposições de André de Gioras; mas, a realidade é que, não obstante todos os preciosos alvitres do Alto, continuei com o meu egoísmo, com a minha vaidade e com a minha criminosa impenitência. Agravei, dêsse modo, meus débitos clamorosos perante a Justiça Divina, e não posso esperar magnamidade dos juizes que me aguardam...

O velho Públio Lentulus tinha uma lágrima dolorosa no canto dos olhos apagados, mas, Ana que ansiosa lhe escutára as palavras e conceitos, e que se regosijava intimamente verificando que o orgulhoso senhor atingira as mais justas conclusões de ordem evangélica, ilações a que também ela havia chegado nas meditações da velhice, esclarecia, bondosamente, como se as suas afirmativas simples e incisivas chegassem no momento justo para a consolação de todos:

— Senador, — todas as vossas observações são criteriosas e justas. Essa lei das vidas multiplas, em favor do nosso aprendizado nas lutas penosas do mundo, eu a aceito plenamente, pois, nas suas divinas lições, Jesús asseverou que "ninguém poderá penetrar o reino dos céus sem renascer de novo". Presumo, todavia, que apesar-da vossa cegueira material e dos vossos padecimentos, que sei compreender em tôda a sua angustiosa intensidade, deveis trazer a alma plena de crença e de esperanças no futuro espiritual, porque também o Cristo

nos afiançou que Nosso Pai não quer que se perca uma só de suas ovelhas!...

Públio Lentulus sentiu que uma fôrça inexplicável lhe brotava no íntimo, como se fôra um manancial desconhecido, de estranho conforto, preparando-o para enfrentar dignamente todos os amargores.

Sim — murmurou de leve — sempre Jesús!... Sempre Jesús!... Sem êle e sem os ensinos de suas palavras que nos enchem de coragem e de fé para alcançar um reino de paz no porvir da alma, não sei bem o que seria das criaturas humanas, agrilhoadas ao cárcere dos sofrimentos terrestres... Sete anos de padecimentos infindos na soledade dos meus olhos mortos, figuram-se-me sete séculos de aprendizado cruél e doloroso! Sómente assim, porém, poderia chegar a entender a lição do Crucificado!

O velho patrício, todavia, em pronunciando a palavra "crucificado", reconduziu o pensamento a Jerusalém, na Páscoa do ano 33. Recordou que tivera em mãos o processo do Emissário Divino, e só então ponderou a tremenda responsabilidade em que se vira envolvido naquele dia inolvidável e doloroso, exclamando depois de longa pausa:

— E pensar que, para um espírito como aquele, não houve siquer uma gesto decisivo de defesa, da nossa parte, no angustioso momento da cruz infamante!... Para mim, que agora vivo tão sómente das minhas recordações amargas, parece-me vê-lo ainda á frente dos meus olhos, com os tristes estigmas da flagelação!...

"Nêle, concentrava-se tôdo o amor supremo do céu para redenção das misérias da Terra e, entretanto, não vi pessoa alguma trabalhar pela sua liberdade, ou agir ativamente em seu favor!...

— Menos alguém... — exclamou Ana, inopinadamente.

— Quem chegou a ter êsse gesto nobre? — perguntou o velho cégo, admirado. "Não me constou que alguém o defendesse.

— E' porque ignorastes, até hoje, que vossa digna consorte e minha inesquecível benfeitora, atendendo aos

nossos rogos, se dirigiu imediatamente a Pôncio Pilatos, tão logo o triste cortejo havia saído da côrte provincial romana, para interceder pelo Messias de Nazaré, injustamente condenado pela multidão enfurecida. Recebida pelo governador no seu gabinete particular, foi em vão que a nobre senhora implorou compaixão e piedade para o Divino Mestre.

— Então Lívia chegou a dirigir-se a Pilatos para suplicar por Jesús? — perguntou o senador interessado e perplexo, recordando aquela tarde angustiosa da sua vida e rememorando as calúnias injuriosas de Fúlvia, a respeito de sua mulher.

— Sim — respondeu a serva — por Jesús, seu coração magnânimo desprezou tôdas as convenções e tôdos os preconceitos, não vacilando em atender ás nossas súplicas, tudo fazendo por salvar o Messias da morte infamante!...

Públio Lentulus sentiu, então, grande dificuldade para externar seus pensamentos, com a garganta sufocada de emoção, dentro de suas amargas lembranças, e com os olhos mortos, mareados de lágrimas...

Ana, porém, recordou todos os pormenores daquele crepúsculo doloroso, relatando suas passadas emoções, enquanto o senador e a filha lhe escutavam a palavra, tomados de pranto no caminho da dôr, da gratidão e da saudade.

E era dêsse modo que, ao fim de cada dia, sob o céu brilhante e perfumado de Pompéia, aquelas três almas se preparavam para as realidades consoladoras da morte, dentro da claridade terna e triste das lições amargas do destino, na esteira das recordações amigas e carinhosas.

X

NOS DERRADEIROS MINUTOS DE POMPÉIA

Em radiosa manhã do ano de 79, tôda Pompéia despertou em rumores festivos.

A cidade havia recebido a visita de um ilustre questor do Império e, naquele dia, todas as ruas se movimentavam em alacridade barulhenta, aguardando-se, para breves horas, as festas deslumbrantes do anfiteatro, com que a administração desejava celebrar o evento, em meio da alegria geral.

Para o velho senador Públio Lentulus, o acontecimento se revestia de importância especial, porquanto, o distinto hóspede de Pompéia lhe trazia uma significativa mensagem, bem como honrosas deferências de Tito Flávius Vespasiano, então imperador, na sucessão de seu pai.

Ainda mais.

No séquito do questor ilustre, vinha, igualmente, Plínio Severus, em plenitude de maturidade, totalmente regenerado e considerando-se agora redimido, no conceito da espôsa e daquele que o seu coração considerava como pai.

Nêsse dia, enquanto Ana comandava, verbalmente, as atividades domésticas nos preparativos da recepção, mobilizando os escravos e servos numerosos. Públio e filha se abraçavam comovidos, em face da cariciosa surpresa que o destino lhes reservára, embora tardiamente. Avisados por mensageiros da caravana de patrícios ilustres, davam larga ás emoções mais gratas do espírito, na doce perspectiva de acolherem o filho pródigo, tantos anos distante de seus braços carinhosos e amigos.

Antes do meio dia, um deslumbramento de viaturas, de cavalos ajaezados e de jóias faiscantes sôbre vestiduras reluzentes, se deparava ás portas da vila plácida e graciosa, provocando a admiração e o interêsse curioso das vizinhanças. E, em seguida, foi um turbilhão de abraços, carinhos, palavras confortadoras e generosas.

Quasi tôdos os patrícios em excursão pela Campânia, conheciam o senador e sua família, representando êsse acontecimento um suave encontro de corações.

Públio Lentulus abraçou Plínio, demoradamente, como se o fizesse a um filho bem amado, que voltasse de longe e cuja ausência houvera sido excessivamente prolongada, embora experimentasse no íntimo um complexo

de emoções carinhosas que o seu coração dominou, para não provocar a admiração injustificada dos circunstantes.

— Meu pai, meu pai! — disse o filho de Flamínio em tom discreto e quasi imperceptível aos seus ouvidos, quando lhe beijava a fronte encanecida — já me perdoastes?

— O' filho, como tardaste tanto?!... Quero-te como sempre e que o céu te abençôe!... — respondeu o velho cégo emocionado.

Daí a instantes, após o doce encontro entre Plínio e sua mulher, exclamou o questor em meio do silêncio geral:

— Senador, honro-me em trazer-vos preciosa lembrança de César, acompanhada de uma mensagem de reconhecimento da alta administração política do Império, um dos mais fortes e mais justos motivos de minha permanência em Pompéia, e incumbo o nosso amigo Plínio Severus de vos entregar, nêste momento, estas relíquias que representam uma das mais significativas homenagens do Império, ao esfôrço de um dos seus mais dedicados servidores!...

Públio Lentulus sentia bem a suprema emoção daquela hora.

A homenagem do imperador, a carinhosa presença dos amigos, a volta do genro aos seus braços paternos, representavam para o seu coração uma alegria entontecedora.

Seus olhos, entretanto, nada podiam ver. Do seio da sua noite, ouvia aqueles apêlos generosos, como um desterrado da luz, de quem se exumassem as recordações mais carinhosas e mais doces.

— Amigos — disse, enxugando uma lágrima furtiva nos olhos apagados — tudo isso é para mim a maior recompensa de uma vida inteira. Nosso imperador é um espírito excessivamente generoso, porque a verdade é que nada fiz para merecer o reconhecimento da pátria. Minhalma, todavia, exulta de contentamento convosco, meus patrícios, porque a nossa reunião nesta casa é

símbolo de união e de trabalho, nos elevados encargos do Império!...

Nêsse instante, contudo, alguém tomava-lhe as mãos encarquilhadas, levando-as aos lábios húmidos, deixando, porém, nas pequeninas conchas das rugas duas lágrimas ardentes.

Plínio Severus, num gesto espontâneo, ajoelhara-se e, osculando-lhe as mãos, dava expansão ao seu afeto e reconhecimento, ao mesmo tempo que lhe fazia entrega da mensagem imperial, que o velho senador não mais podia lêr.

Públio Lentulus chorava comovido, sem poder pronunciar uma única palavra, tal a emoção que lhe avassalava o íntimo, enquanto os circunstantes lhe acompanhavam as atitudes com os olhos rociados de pranto.

Nêsse interim, o filho de Flamínio não mais se conteve e consagrando a sua regeneração espiritual, exclamava enternecido:

— Meu querido pai, não choreis, se aqui nos achamos tôdos para comungar da vossa alegria!... Diante de tôdos os nossos amigos romanos, com a homenagem do Império, eu vos entrego o meu coração regenerado para sempre!... — Se estais agora cégo, meu pai, não o estais pelo espírito, que sempre procurou dissipar as sombras e remover tropeços do nosso caminho!... Continuareis guiando os meus e os nossos passos, com as vossas antigas tradições de sinceridade e de esfôrço, na retidão do proceder!... Voltareis comigo para Roma e junto de vosso filho rehabilitado, reorganizareis novamente o palácio do Aventino... Serei, então, para tôdo o sempre, uma sentinela do vosso espírito, para vos amar e proteger!... Tomarei minha espôsa a meu inteiro cuidado e, dia a dia, tecerei para nós três uma auréola de venturas novas e indefiníveis, com os milagres da minha afeição imorredoura! Em nossa casa do Aventino florescerá uma alegria nova, porque hei de prover tôdas as vossas horas com o amor grande e santo de quem, conhecendo tôdas as duras experiências da vida, sabe agora valorizar seus próprios tesouros!...

O velho senador, alquebrado pelos anos e pelos mais

rudes sofrimentos, conservava-se de pé, acariciando os cabelos do genro, igualmente prateados pelos invernos da vida, enquanto pesadas lágrimas rompiam a muralha da sua noite para enternecer o coração de tôdos, numa angustiosa e infenível emotividade. Flávia Lentulia chorava, igualmente dominada por íntimas sensações de felicidade, ao cabo de tão longas e desalentadas esperanças!... Alguns amigos desejavam quebrar a solénidade dolorosa daquele quadro imprevisto, mas o próprio questor, que chefiava a caravana de patrícios ilustres, se ocultára num recanto, sensibilizado até ás lágrimas.

Públio Lentulus, contudo, compreendendo que somente êle próprio poderia modificar as disposições daquela paisagem sentimental, reagiu ás emoções, exclamando:

— Levanta-te, meu filho!... Nada fiz para me agradeceres de joelhos... Por que me falas dêste modo?... Voltaremos para Roma, sim, em breves dias, pois todos os teus desejos são os nossos... Regressaremos á nossa casa do Aventino, onde, juntos viveremos para relembrar o pretérito e venerar a memória dos nossos antepassados!

E, depois de uma pausa, continuou, em exclamações quasi otimistas:

— Meus amigos, sinto-me comovido e grato á gentileza carinhosa de todos vós! Mas, que é isso? Tôdos silenciosos? Lembrem-se que não vos vejo senão através das palavras. E a festa de hoje?...

As exclamações do senador quebraram o silêncio geral, voltando-se aos intensos ruídos de minutos antes. A torrente das palestras casava-se ao tinir das taças de vinho, em seus pesados estilos da época.

Enquanto as visitas se reuniam no triclínio espaçoso para libações ligeiras, Plínio Severus e a espôsa trocavam confidências cariciosas e ternas, ora sôbre os projetos em perspectiva para os anos que ainda lhes restavam no mundo, ora quanto ás recordações dos dias lentos e amargurados do passado distante.

Insistentes chamados, porém, requeriam a presença do questor e comitiva, no local dos festejos.

O circo fôra preparado a rigor e não se perdera nenhuma oportunidade para a revelação das menores minudências, próprias das grandes festividades romanas.

E, ao mesmo tempo que tôdos se despediam do senador e da filha, num deslumbramento de felicidade mundana, Plínio Severus dirigia-se a Públio nêstes termos, depois de abraçar ternamente a companheira:

— Meu pai, levado pelas circunstâncias, sou compelido a acompanhar o questor nas festividades populares, mas estarei de regresso em breves horas, para ficar convosco um mês, de modo a tratarmos do nosso regresso á Roma.

— Muito bem, meu filho — respondia o velho senador sumamente confortado — acompanha os nossos amigos e representa-me junto das autoridades. Dize a tôdos da minha emoção e do meu agradecimento sincero.

A sós novamente, o senador sentiu que aquelas comoções cariciosas e alegres eram, talvez, as últimas da sua vida. No velho peito, o coração batia-lhe descompassado, como se pesada nuvem de pensamentos tristes o envolvesse. Sim, a volta de Plínio aos seus braços paternos era a alegria suprema da sua velhice desalentada. Sabia, agora, que a filha poderia contar com o espôso, nas estradas do seu tormentoso destino e que a êle sómente lhe competia aguardar a morte resignado. Ponderando as palavras afetuosas do filho de Flamínio e os seus carinhosos apêlos ao passado remoto, Públio Lentulus considerou, intimamente, que era muito tarde para regressar ao Aventino e que a volta á Roma apenas devia significar, para o seu espírito precito, o símbolo da sepultura.

Em pleno espetáculo, Plínio Severus, já no outono da vida, arquitetava os seus planos para o futuro. Procuraria resgatar tôdas as faltas antigas, perante os seus parentes afetuosos e queridos; assumiria a direção de tôdos os negócios do velho pai pelo coração, aliviando-o de tôdas as angustiosas preocupações da vida material.

De vez em quando, os aplausos da multidão lhe interrompiam os devaneios. A maioria da população de Pompéia ali estava em plena festa, ovacionando os triunfadores. Gente de tôda a redondeza e muito particularmente de Herculanum, acorrera pressurosa ao divertimento predileto daquelas épocas recuadas. De permeio com os atletas e gladiadores, estavam os músicos, os cantores e os dansarinos. Tudo era um farfalhar de sêdas, um delicioso espoucar de alegrias ruidosas, ao som de flautas e alaúdes.

Em dado instante, porém, a atenção geral foi solicitada por um fato estranho e incompreensível. Do cimo do Vesúvio eleva-se grossa pirâmide de fumo, sem que ninguém atinasse com a causa do fenômeno insólito.

Continuavam os jôgos animadamente, mas, agora, no seio da coluna fumarenta que se elevava em caprichosos rolos para o alto, surgiam impressionantes labaredas...

Plínio Severus, como tôdos os presentes, se surpreendia com o fenômeno estranho e inexplicável.

Em minutos breves, no entanto, estabeleciam-se no anfiteatro a confusão e o terror.

Em meio da perturbação geral e imprevista, o filho de Flamínio ainda teve tempo de se aproximar do questor, então rodeado dos seus familiares, que residiam na cidade, o qual lhe falou com otimismo, embora não conseguisse dissimular, de tôdo, as suas íntimas inquietações:

— Meu amigo, tenhamos calma! Pelas barbas de Júpiter!... Então, por onde andarão a nossa coragem e a nossa fibra?

Mas, em breves instantes, a terra lhes tremia sob os pés, em vibrações desconhecidas e sinistras. Algumas colunas tombavam ao solo, pesadamente, enquanto, numerosas estátuas rolavam dos nichos improvisados, recamados de ouro e pedrarias.

Abraçando-se, então, á filha e cercado de numerosas senhoras, o questor lhes disse altamente preocupado:

— Plínio, demandemos as galéras, sem demora!...

Mas, o oficial romano não mais ouviu os apêlos.

Ansiosamente, atirou-se á faina de romper a multidão, que desejava retirar-se em massa, do circo, motivando o esmagamento de crianças e pessoas mais idosas.

Ao cabo de sobrehumano esfôrço, conseguiu alcançar a rua, mas tôdos os lugares estavam tomados pela massa que saía de casa, desarvorada, aos gritos de "Fogo... Fogo!... O Vesúvio!...

Plínio verificou que tôdas as vias públicas estavam repletas de gente desesperada, de viaturas e de animais espavoridos.

Com enorme dificuldade, vencia todos os obstáculos, mas o Vesúvio lançava agora, para o céu, uma fogueira indescritível e imensa, como se a própria terra houvera incendiado as entranhas mais profundas.

Uma chuva de cinza, a princípio quasi imperceptível, começou a cair, enquanto o solo continuava a tremer, com ruídos surdos, inexplicáveis.

De instante a instante, ouvia-se o estrondo pavoroso de colunas derribadas ou de edifícios desmoronados pelos abalos sísmicos, ao mesmo tempo que o fumo do vulcão ia enclipsando a confortadora claridade solar.

Mergulhada em penumbra espêssa e tomada de terror indizível, Pompéia assistia aos seus últimos instantes, numa aflição desesperada... (1)

Na vila dos Lentulus, os escravos perceberam imediatamente o perigo próximo. Nos primeiros momentos, os cavalos relinchavam estranhamente e as aves inquietas fugiam em desespêro.

Após a quéda das primeiras colunas que sustentavam o edifício, todos os servos do senador abandonaram precipitadamente os postos, desejosos de conservar noutra parte os bens preciosos da vida. Sómente Ana ficara junto dos amos, dando-lhes conhecimento dos horrores do ambiente.

---

(1) Nota do editor: êste trecho desperta interêsse e atenção do leitor curioso e inteligente, pela similitude que oferece com a descritiva de outro romance mediúnico e também precioso, qual o *Herculanum*, do Conde de Rochester.

Os três, numa justificada inquietude, escutaram o rumor horrível da inolvidável catástrofe do Império. A própria vila, em parte, estava já meio destruída, penetrando as cinzas pelos telhados derruidos e começando a sua obra de lenta sufocação. Ansiava todos pelo regresso imediato de Plínio, afim-de resolverem as providências a adotar, mas o velho senador, cujo coração não se iludia nos seus amargurados presentimentos, exclamou em tom quasi resignado:

— Ana, traze a cruz de Simeão e vamos á prece que te foi ensinada pelos discípulos do Messias!... Diz-me o coração que é chegado o fim da nossa romagem pela Terra!

Enquanto a serva buscava apressadamente a relíquia do ancião da Samária, afrontando o perigo das paredes oscilantes, Públio Lentulus ouvia o surdo rumor da terra dilacerada e os gritos apavorantes e sinistros do povo, misturados ao barulho tremendo do vulcão que, transformado em fornalha imensa e indescritível, enchia tôda a cidade de cinzas e lavas comburentes. Lembrou-se, então, o senador, das afirmativas de Cristo nos dias idos da Galiléia, quando lhe asseverava que tôda a grandeza romana era bem miserável e num minuto breve poderia o império ser reduzido a um punhado de pó. O coração batia-lhe descompassado naquele minuto extremo, mas a velha serva havia regressado e ajoelhára-se, serena, guardando nas mãos a lembrança de Simeão e de Lívia, orando em voz comovedora e profunda:

"Pai Nosso, que estais no céu... santificado seja o vosso nome... venha a nós o vosso reino... seja feita a vossa vontade... assim na terra, como nos céus..."

Nêsse instante, porém, a voz da serva emudeceu subitamente, enquanto seu corpo rolava sob novos escombros, sentindo-se ela amparada, espiritualmente, pelo venerável samaritano que a conduziu, imediatamente, ás mais elevadas esferas espirituais, tal a pureza do seu coração lucificado nas dores e testemunhos mais angustiosos do aprendizado terrestre.

— Ana!... Ana!... — exclamava o senador e

Flávia soluçantes, sentindo ambos pela primeira vez o infortúnio do isolamento supremo, sem uma luz e sem um guia, em pleno desamparo!

Alguém, contudo, rompera todos os destroços e chegava, rápido, até aquela câmara interior e, abraçando Públio e sua filha, gritava em voz opressa: — "Flávia, meu pai, aqui estou...

Plínio chegava, afinal, para o instante derradeiro. Flávia Lentulia apertou-o carinhosamente nos braços, enquanto o velho senador semi-asfixiado tomava as mãos do filho, abraçando-se os três num amplexo caricioso e derradeiro.

Flávia e Plínio quiseram falar, mas uma grossa camada de cinzas penetrava o interior, pelas fendas enormes da vila meio destruida...

Mais um estremeção do sólo e as colunas que ainda restavam de pé se abateram sôbre os três, roubando-lhes as últimas energias e fazendo-os caír assim, enlaçados para sempre, sob um montão de escombros...

Naquelas sombras espêssas, todavia, pairavam criaturas aladas e leves, em atitudes de prece, ou confortando ativamente o coração abatido dos míseros condenados á destruição.

Sôbre os três corpos soterrados permanecia a entidade radiosa de Lívia, junto de numerosos companheiros que cooperavam, com devotamento e precisão, nos serviços de desprendimento total dos moribundos.

Pousando as mãos luminosas e puras na fronte abatida do companheiro exausto e agonizante, Lívia elevou os olhos ao firmamento enegrecido e orou com a suavidade da sua fé e dos seus sentimentos diamantinos:

— Jesús, meigo e divino Mestre — esta hora angustiosa é bem um símbolo dos nossos êrros e crimes, através de avatares tenebrosos; mas, vós, Senhor, sois tôda a esperança, tôda a sabedoria e tôda a misericórdia!... Abençoai nosso espírito nêste momento ríspido e doloroso!... Suavizai os tormentos da alma gêmea da minha, concedendo-lhe nêste instante o alvará da liberdade espiritual!... Aliviai, magnânimo Salvador do

mundo, tôdas as suas mágoas pungentes, suas desoladoras amarguras!... Concedei-lhe repouso ao coração angustiado e dolorido, antes do seu novo regresso á trama escura das reincarnações no planeta do exílio e das lágrimas dolorosas... Êle já não é mais, Senhor, o vaidoso déspota de outrora, mas um coração inclinado ao bem e á piedade pregados pela vossa doutrina de amor e redenção, sob o pêso das provações amargas e remissoras, seus pendores se lucificaram á caminho da vossa Verdade e da vossa Vida!...

E, enquanto Lívia orava, o senador abraçado aos filhos, já cadaveres, desferia o último gemido, com uma pesada e grossa lágrima a lhe cintilar nos olhos mortos...

Numerosas legiões de sêres espirituais evolutiram, por vários dias, nos céus caliginosos e tristes de Pompéia.

Ao cabo de longas perturbações, Públio Lentulus e seus filhos despertaram, ali mesmo, sôbre o túmulo nevoento da cidade morta.

Em vão, o senador chamou pela presença de Ana ou de algum outro servo, na penosa ilusão da vida material, persistindo em seu organismo psíquico as impressões da cegueira material, que representára o longo suplício dos seus anos derradeiros, na indumenta da carne.

Contudo, após as primeiras lamentações, ouviu uma voz cariciosa que lhe dizia brandamente:

— Públio, meu amigo, não apeles mais para os recursos do planeta terreno, porque tôdos os teus poderes terminaram com os teus despojos, na face escura e triste da Terra! Apela para Deus Todo Poderoso, cuja misericórdia e sabedoria nos são dadas pelo amor do seu Cordeiro, que é Jesús Cristo!...

Públio Lentulus não chegou a lobrigar o interlocutor, mas identificou a voz de Flamínio Severus, desabafando, então, numa torrente de preces e de lágrimas fervorosas e ardentes.

Embora as dedicações constantes de Lívia, havia já alguns dias que seu espírito se encontrava prêsa de

pesadêlos angustiosos, nos primeiros instantes da vida do Além, assistido, porém, continuamente por Flamínio e outros companheiros abnegados, que o aguardavam no plano espiritual.

Contudo, depois daquelas súplicas sinceras que lhe fluiam do mais recôndito do coração, sentiu que seu mundo interior se desanuviára... Junto dos filhos queridos, recobrou a visão e reconheceu os seus entes queridos, com lágrimas de amor e reconhecimento, nos pórticos do além-túmulo.

Alí se conservavam numerosos personagens desta história, como Flamínio, Calpurnia, Agripa, Pompílio Crasso, Emiliano Lucius e muitos outros; mas, em vão, os olhos angustiosos do ex-senador procuravam alguém na assembléia afetuosa e amiga.

Depois de tôdas as expansões de carinho e alegria dirigiu-se-lhe Flamínio, intencionalmente:

— Estranhas a ausência de Lívia — dizia êle com o seu olhar complacente e generoso — mas, não poderás vê-la, enquanto não conseguires despir, pela prece e pelos bons desejos, tôdas as impressões penosas e nocivas da Terra. Ela se tem conservado junto do teu coração, em rogativas sinceras e fervorosas pelo teu reerguimento, mas o nosso grupo ainda é de espíritos muito apegados ao orbe, e esperavamos o regresso dos seus últimos componentes, ainda na Terra, para podermos, em conjunto, estabelecer um novo roteiro ás reincarnações vindouras... Séculos de trabalho e de dôr nos esperam na senda da redenção e do aperfeiçoamento, mas precisamos, antes de tudo, buscar a fortaleza precisa, em Jesús, fonte de tôdo o amor e de tôda a fé, para as elevadas realizações do nosso pensamento!...

Públio Lentulus chorava, tocado por emoções estranhas e indefiníveis...

— Meu amigo — continuou Flamínio carinhoso — pede a Jesús, por tôdos nós, a misericórdia dessa claridade de um novo dia!...

Públio, então, ajoelhou-se e, banhado em lágrimas, concentrou o coração em Jesús numa rogativa ardente e silenciosa... Alí, na soledade da sua alma intrépida

e sincera, apresentava ao Cordeiro de Deus o seu arrependimento angustioso, suas esperanças para o porvir, suas promessas de fé e de trabalho para os séculos porvindouros!...

Tôdos os presentes lhe acompanharam a oração, tomados de pranto e mergulhados em vibrações cariciosas de uma consolação indefinível...

Viram então, rasgar-se um caminho luminoso e florido nos céus escuros e tristes da Campânia, e, por êle, como se descessem dos jardins fulgurantes do paraiso, surgiram Lívia e Ana abraçadas, como se ainda alí enviasse Jesús um ensinamento simbólico áquelas almas prisioneiras da Terra, de modo a lhes revelar que, em qualquer posição, pode a alma incarnada buscar o seu reino de luz e de paz, de vida e de amor, tanto na libré do escravo, como na pomposa indumentária dos senhores.

O velho patrício contemplou a figura radiosa da companheira e, extasiado, fechou os olhos banhados no pranto da compunção e do arrependimento, mas, em breve, dois lábios de névoa pousavam-lhe na fronte, qual o leve roçar de um lírio divino. E, enquanto seu coração maravilhado se lavava nas lágrimas da alegria e do reconhecimento a Jesús, tôda a caravana, ao impulso poderoso das preces fervorosas daquelas duas almas redimidas, elevava-se á esferas mais altas, para repouso e aprendizado, antes de novas etapes de regeneração e de trabalhos purificadores, a lembrar um grupo maravilhoso de luminosas falenas do Infinito!...

FIM

ANTOINETTE BOURDIN

ENTRE DOIS MUNDOS

Historia original de um Espirito que, sob o golpe de um desgosto profundo, se desprende, mas não consegue libertar-se inteiramente do corpo.

Nesse estado de letargia quasi absoluta, graças à disposição de sua propria mãe, uma espirita virtual, tem êle a faculdade de recobrar periodicamente a palavra e narrar a sua situação no espaço, decorrente das provas da familia terrena.

Essas provas é que tonalizam a feição romantica da obra, para ensejar-lhe o merecimento precipuo de relevantes ensinos doutrinarios.

Antoinette Bourdin, contemporanea de Kardec e autora de varias obras desse genero, revela-se sempre uma alma bem feminina, que sabe tocar os corações.

Entre dois mundos é, assim, desses livros cuja leitura nos fica a brincar na memoria com suavidades e doçuras de luar. Quem o lê uma vez jamais o esquece, ainda porque nele a ficção não chega a infirmar a hipotese de uma realidade possivel.

Broch., 6$000. — Enc., 9$000.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação — AVENIDA PASSOS, 30 — Rio de Janeiro. —

Porte de um livro, 1$000; diversos $500 por exemplar.

Enviamos graciosamente nosso catalogo.

Deus na Natureza

Camilo Flammarion, justamente cognominado o poeta da Astronomia, foi tambem um espiritista de alto teôr científico, qual, em definitiva, se revelou em *A morte e o seu mistério*.

Antes, porém, de o confessar direta e objetivamente, procurou fazê-lo por indução filosófica, e dentro dos postulados mesmos da ciencia dita experimental.

Neste livro, dos mais formosos da sua coletanea opulenta, o autor passa em revista todas as teorias científicas, filosóficas e religiosas, armadas á exploração da genese cósmica, para concluir pela realidade de um Principio imanente, incognoscivel.

Livro de combate cerrado ao materialismo corruptor, tanto quanto ao nubívago misticismo estarrecente, contêm páginas da mais sadía racionalidade, servida por uma imaginação fulgurante de verdadeiro artista. Destarte, os mais arduos teoremas se alhanam, acessiveis a todas as inteligencias, por familiarizá-los com as questões mais transcendentes que já preocuparam a humanidade, na ansia incoercivel de conhecer-se e explicar-se a si mesma.

Não é, portanto, uma obra grandemente instrutiva apenas, mas recreativa tambem, porque pejada de episódios curiosos e comentários argutos, artisticamente burilados.

Deus na Natureza é, enfim, do número das obras que gozam do raro privilégio de uma atualidade perene, com a perenidade dos principios mesmos que a estruturam.

A velha edição portuguesa, ha muito esgotada, deu azo a uma tradução inteiramente nova e escoimada dos defeitos daquela, com o que presumimos prestar um bom serviço á bibliografia espírita, maximé á nova geração dos nossos leitores, numa fase que se auspicia de franca reação espiritualista, expurgada dos prejuizos da tradicional dogmatica.

Broch. 9$000 — Enc. 12$000.

A EVOLUÇÃO ANÍMICA

GABRIEL DELANNE

Esta é uma obra que se poderia dizer clássica e indispensável a quantos pretendem reter uma visão panorâmica da doutrina. De fato, para os estudiosos, servindo-nos de um conceito do Dr. Becourt atinente a outro livro do General Fix — "Evolução Anímica equivale a uma enciclopedia, que abrange todos os problemas da vida pensante, em sua mais alta expressão. Seu autor, engenheiro civil de renome e, portanto, inteligência afeita às disciplinas matemáticas, fez, ao escrevê-la, da clareza dos raciocínios e do método expositivo a sua divisa de triunfo. E assim é que, através do amálgama compacto e completo das questões mais difíceis da Biologia, da Física, da Química, da Astronomia, da Mecânica, consegue dar-nos uma síntese grandiosa da Vida Universal.

Seu objetivo principal é demonstrar a realidade tangivel do elemento perispirital, como agente de ligação do Espírito à matéria, e, daí, todo o progresso individual e coletivo. Doutrina monístico espiritualista, dir-se-ia, mas decalcada em métodos positivos, rigorosamente científicos, induzidos da própria ciência materialista. Mas não é apenas uma opima provisão de conhecimentos filosoficos e cientificos, que o leitor recolhe desta obra, porque o cientista, em todas as suas páginas, não traiu o literato erudito e amável, ilustrando-as de episódios interessantes, que são como painéis recreativos de um artista da palavra.

No estudo das fórmas individualizadas, a partir da cristalografia e a terminar na anatomia humana, vê-se que não ha como iludir o ascendente de um dinamismo superior, inteligente, só êle capaz de explicar a evolução dos sêres e das coisas. E' o determinismo divino, por excelência, ao demais ratificado pelas manifestações do Além, que o autor aproveita para coroamento luminoso da sua tése.

Br. 9$; enc. 12$000.

Dr. J. A. NOGUEIRA

AMOR IMORTAL

Transcrevemos algumas apreciações de criticos eminentes, que revelam a superioridade dêsse precioso livro.

O tom simbólico dos contos dá-lhes um sabor exquisito e elevado. As idéias reveladas exaltam sempre, deixam-nos entrever uma beatitude "post mortem" consoladora e excelsa.

Nos dias aflitos de hoje, em que toda a humanidade sofre como nunca, essas vozes de promessa nos alentam, embora mentirosas. E quem nos pode garantir a inveracidade da metempsicose ou do panteismo?

Tal como o vemos no seu livro, o sr. Nogueira é uma alma afeita ao super-natural, ás emotividades superiores, aos lances de bondade verdadeira que só têm os corações iluminados de uma filosofia cuja moral riscou dos seus preceitos castigos e mercês. — JOSE' OITICICA.

(Crônica Literária d'*A Rua,* de 1-8-1915).

Póde-se dizer do autor o que Hugo disse de Beaudelaire — deu-nos um novo aspecto do Belo, um novo modo de sentir. A leitura de "AMOR IMORTAL" mergulha-nos numa atmosfera estranha, numa irrealidade transcendente, que é um deleite para os cultores das finas estesias. — GODOFREDO RANGEL.

Queria exprimir a impressão de deslumbramento que me ficou da leitura de "AMOR IMORTAL", ao mesmo tempo assaltava-me o receio de dizer sandices indignas dêle e da minha admiração. — RICARDO GONÇALVES.

J. A. Nogueira, com o seu estranho romance "AMOR IMORTAL" é citado como um dos nossos escritores de mais forte personalidade, profundo na intenção filosófica, ousado na concepção, feliz na realização, "capaz de grandes coisas", na frase de Alberto de Oliveira. — HILARIO TACITO.

(Prólogo da "Vida Ociosa", de Godofredo Rangel).

Broch. 6$000 — Enc. 8$000

GEORGES DEJEAN

A NOVA LUZ

Com essa obra o Sr. Dejean nos traz uma contribuição extremamente interessante, do ponto de vista filosófico e espiritualista. Primeiramente, êle examina com singular lucidez o último livro de Maeterlink — *"Antes do grande silencio"*, sôbre o qual, em seguida, borda comentários originais e de todo surpreendentes, que despertarão interesse em quantos, e êstes são em grande número, têm paixão pelos trabalhos do notavel escritor.

Por outro lado, o livro do Sr. Dejean contém historietas inéditas, de raro sabor, que o leitor apreciará imensamente. Ressaltam dessas magnificas páginas uma convicção tão persuasiva, uma emoção reprimida, mas tão sincera, que licita se torna a previsão de que *"A Nova Luz"* triunfará da indiferença de muitos e suscitará animadas controversias.

Não é possivel haja quem se não sinta tocado pelo cunho de bôa fé que se evidencia dessa obra forte, de alta inspiração, a traduzir a nobreza dos mais belos sentimentos humanos.

O Sr. Jorge Dejean está persuadido da sobrevivência e da imortalidade da alma, porém, não procura impôr a sua crença. Deixa que falem os fatos e nos convida a tirarmos, nós mesmos, as conclusões que comportem as suas narrativas, bem figuradas e de empolgante eloquência, em sua simplicidade.

Não se podem explicar as riquezas espirituais que se amontôam nessas páginas de soberbos remigios. A leitura de uma dezena delas basta a prender o leitor e obrigá-lo a ir até à ultima. E êle depõe o volume convicto de que perlustrou uma obra superior que o tesouro da moderna filosofia se enriqueceu de mais uma joia.

Professor Carlos Bailly
(Substituto de literatura)

Broch., 7$000. — Enc., 10$000.

J. Candido Xavier

Ha Dois Mil Anos...

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO